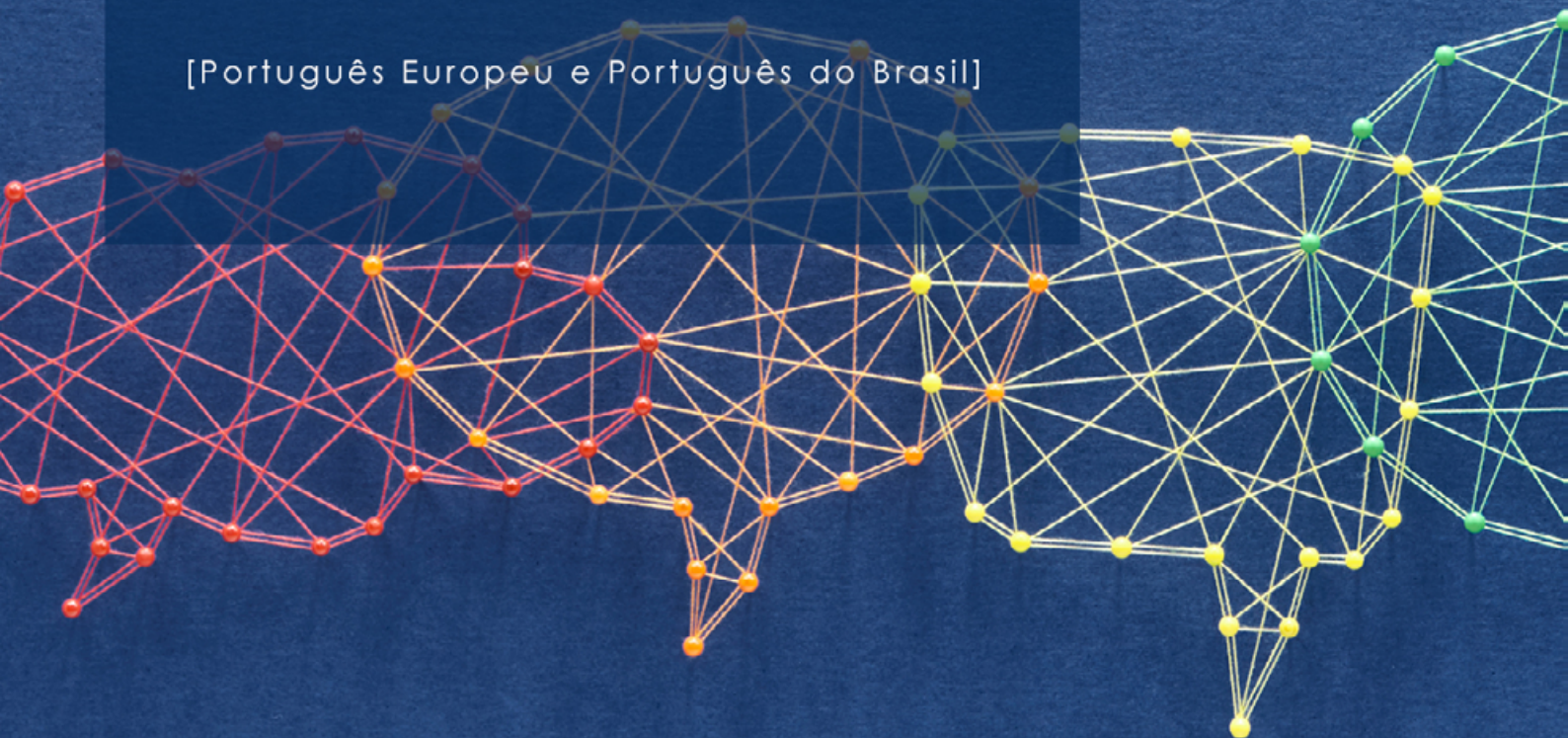


LINGUAGEM- COGNIÇÃO- CULTURA:

Teorias, aplicações
e diálogos com foco
na Língua Portuguesa

[Português Europeu e Português do Brasil]



APOIOS

*A preparação do livro foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto **UIDB/03213/2020** – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa.*

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia


CLUNL
CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

 **NOVAFCSH**
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

TÍTULO

LINGUAGEM – COGNIÇÃO – CULTURA:

**Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa
(Português Europeu e Português do Brasil)**

COORDENAÇÃO

Hanna Batoréo

PRODUÇÃO

Serviço de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual

EDIÇÃO

Universidade Aberta 2022

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 17

ISBN

978-972-674-922-6

DOI

<https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-SA 4.0.
De acordo com os seguintes termos:
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

7	<u>PREFÁCIO</u> Heliana Mello
11	<u>INTRODUÇÃO</u> Hanna Batoréo
25	1. <u>COGNIÇÃO E LINGUAGEM: PROPOSTAS E ABORDAGENS TEÓRICAS</u>
26	1.1. <u>LINGUÍSTICA COGNITIVA E LINGUÍSTICA CULTURAL</u>
27	<u>A Linguística Cognitiva e o Mito da Linguagem como Instinto</u> Hanna Batoréo
46	<u>Emoções, cognição e variação intralinguística e cultural</u> Augusto Soares da Silva
84	<u>Intersubjetividade, figuratividade e multimodalidade</u> Lilian Ferrari
97	<u>Imagem linguística do mundo na perspectiva da Metalinguagem Semântica Natural (NSM) e Etnolinguística Cognitiva</u> Zuzanna Bułat-Silva
113	<u>Significado, léxico e usos: as mais-valias de uma abordagem cognitiva</u> José Teixeira
130	1.2. <u>ESTUDO DA LINGUAGEM-EM-USO: ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA, A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E A LINGUÍSTICA FUNCIONAL</u>
131	<u>Linguagem e Cognição em interação: diálogos interdisciplinares entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Interacional</u> Carla Aurélia de Almeida
147	<u>Criando pontes entre a Linguística Funcional e a Cognitiva: articulação do espaço em construções da gramática do Português</u> Mariangela Rios de Oliveira

159	1.3. <u>ABORDAGEM À LITERATURA: POÉTICA COGNITIVA</u>
160	<u>Poética Cognitiva: Avanços e Desafios da abordagem cognitiva à literatura</u> Ana Margarida Abrantes
177	2. <u>LINGUÍSTICA COGNITIVA: INTERDISCIPLINARIDADE, APLICAÇÕES, PONTES E DIÁLOGOS</u>
178	2.1. <u>APLICAÇÕES E DIÁLOGOS LINGUÍSTICOS</u>
179	<u>Entre alinhavos e alfinetes: a metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal</u> Lilian Ferrari
191	<u>Cores, significado linguístico e cognição: das imagens mentais e sinestesia à “sintonímia”</u> José Teixeira
213	<u>A campanha eleitoral de 2018 no Brasil e o sistema metafórico da moral a ela subjacente</u> Marcos António Costa
227	<u>Atratores e veículos metafóricos na guerra contra a Covid-19: evidências de um estudo de caso</u> Ana Cristina Pelosi & Antenor Teixeira de Almeida Júnior
251	<u>“É com imenso prazer que verei todos aqueles náufragos agarrados ao seu salva-vidas...”:</u> <u>criatividade numa interação num programa de rádio sobre futebol</u> Carla Aurélia de Almeida
267	2.2. <u>PONTES PARA MULTIMODALIDADE</u>
268	<u>Análise do Dêitico “Aqui” em dados multimodais: de usos prototípicos a usos metafóricos</u> Maíra Avelar & Hayat Pinheiro
284	<u>Tradução e interpretação do Português do Brasil para LIBRAS: conceitos abstratos de autonomia</u> Flávia Medeiros Álvaro Machado

310

311

330

2.3. DIÁLOGOS COM LITERATURA E TRADUÇÃO LITERÁRIA

Do retrato à imagem mental: A écrase na obra *Die Ästhetik des Winderstands* de Peter Weiss | Ana Margarida Abrantes

Cenas e guiões na oficina do tradutor literário – estudo de caso | Teresa Fernandes Swiatkiewicz

PREFÁCIO

Heliana Mello¹

O presente volume nos brinda com uma coletânea de artigos escritos por pesquisadores brasileiros e portugueses dentro do escopo da Linguística Cognitiva. A obra, editada por Hanna Batoréo, significa um marco na produção acadêmica de pesquisas voltadas para os pilares da linguística de base cognitivo-funcionalista de expressão lusófona. Esta tradição teórica, que associa a pesquisa linguística a capacidades cognitivas do ser humano, cresce desde os anos 80 e mantém-se cada vez mais relevante com a sua constante atualização e diálogo com as neurociências e as ciências de tratamento de dados. Esta tradição de pesquisa linguística chegou a Portugal e ao Brasil na segunda metade dos anos 1980 e começou a ampliar-se nos anos 1990. Já em Silva (1997)², o autor indica os trabalhos mais desenvolvidos já realizados àquela altura em Portugal. No Brasil, uma das precursoras da Linguística Cognitiva foi Maria Margarida Salomão com a sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Berkeley (Salomão, 1990)³.

A Linguística Cognitiva conta, tanto em Portugal quanto no Brasil (cf. Silva, 2007)⁴, com um contingente significativo de pesquisadores de destacada produção, que, no presente volume, contribuem com textos originais enfocando duas vias fundantes desta abordagem teórica: suas bases teóricas e interfaces com outras visões teóricas correlacionadas, bem como a interdisciplinaridade que a ancora e suas aplicações teóricas.

A Linguística Cognitiva emergiu como arcabouço teórico, que abriga teorias convergentes em seus princípios, no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, a partir das propostas de George Lakoff, Ronald

¹ Heliana Mello é Professora Titular (Catedrática) de Linguística e Inglês da Universidade Federal de Minas Gerais e docente colaboradora da UCP-Braga. Seu foco de pesquisa atual é o estudo da fala sob o aporte da Linguística Cognitiva, sobretudo aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Adota metodologia de cunho empírico em seus estudos, utilizando dados provenientes de corpora. É especialista em metodologia de compilação e tratamento de corpora e interessa-se por métodos analíticos de base quantitativa.

² Silva, A. (1997). *A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 1, 59-101.

³ Salomão, M. (1990). *Verb, Aspect, Modality and Polysemy in Brazilian Portuguese*. (Master's thesis). University of California, Berkeley.

⁴ Silva, A. (2007). *Os estudos de Linguística Cognitiva do português*. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 11(1), 51-83.

Langacker e Leonard Talmy, a quem se juntaram outros nomes de grande importância para a linguística mundial. Como uma opção teórica em direto contraste com as propostas gerativistas formalistas daquele período histórico, a Linguística Cognitiva explicita o seu compromisso de entender a linguagem humana como um processo que emerge de diversas capacidades cognitivas humanas, refutando a proposta de um “instinto da linguagem” inato e especializado.

As análises linguísticas propostas pela Linguística Cognitiva têm como elemento comum a base semântica do conhecimento linguístico, esta ancorada em processos de categorização. O significado linguístico é de base enciclopédica, criando-se, portanto, uma interface entre o conhecimento linguístico e a experiência de mundo, desta forma eliminando-se a total arbitrariedade do significado, ou a absorção de uma representação direta e objetiva do mundo ao ancorá-lo nas experiências do sujeito e em sua inserção cultural, perspectivando-o.

A Linguística Cognitiva no mundo lusófono foi avaliada em Silva (2007) num artigo que traça o histórico da área em Portugal e no Brasil, em que apresenta seus principais representantes e traça metas de trabalho, apontando áreas prioritárias para a pesquisa no escopo da Linguística Cognitiva de expressão portuguesa. Além disso, Silva (2007) aponta a necessária colaboração entre linguistas portugueses e brasileiros para o avanço do arcabouço teórico – tal meta é ora contemplada neste volume, vindo somar às muitas publicações já disponíveis tanto em Portugal como no Brasil.

As bases da Linguística Cognitiva são representadas no presente volume através de textos com um foco prioritário em questões teóricas em sua primeira parte (*Cognição e Linguagem: Propostas e abordagens teóricas*), na qual interfaces com a linguística cultural (*Linguística Cognitiva e Linguística Cultural*), com a língua em uso (*Estudo da Linguagem-em uso: Entre a Linguística Cognitiva, a Pragmática Linguística e a Linguística Funcional*) e a poética cognitiva (*Abordagem à Literatura: Poética Cognitiva*) são exploradas.

Na segunda parte do volume (*Linguística Cognitiva: Interdisciplinaridade, Aplicações, Pontes e Diálogos*), as pontes interdisciplinares e aplicações teóricas são investigadas, com uma notável e relevante inclusão de estudos majoritariamente de base metafórica (*Aplicações*

e diálogos linguísticos), aporte da multimodalidade (*Pontes para Multimodalidade*) e da tradução literária (*Diálogos com Literatura e tradução literária*).

A diversidade de temas estudados pelos autores do volume soma-se ao excelente primeiro artigo, por Hanna Batoréo, em que é problematizado o mito da linguagem como instinto, abrindo o espaço para a discussão das bases epistemológicas e teóricas da Linguística Cognitiva, e seu compromisso com o estudo tanto do uso linguístico quanto de suas bases cognitivas.

Conforme os pilares da Linguística Cognitiva, todos os textos do volume abordam o significado e a sua função nuclear na expressão dos fenômenos linguísticos. O significado é explorado nos textos de proposição teórica da obra, sob temas diversos como o estudo da variação linguística e cultural nos lexemas ligados à emoção, ou o foco nas construções – colocando em interface a Gramática de Construções e a Teoria dos Espaços Mentais, estudo do léxico propriamente dito, explorando-se os protótipos e metáforas conceituais. Outro viés estudado é o das interfaces teóricas, como o encontrado na Linguística Cultural, associando-se a Semântica Natural e a Etnolinguística Cultural, bem como a possível associação entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística Interacional. Para além dessas interfaces, são exploradas as contribuições da Linguística Cognitiva para a Linguística Funcional e a produção de sentido na obra literária a partir da Poética Cognitiva.

Também mantendo o significado como o elemento fundante nas análises propostas, os textos que enfocam questões aplicadas revelam aspectos da análise metafórica no domínio do corte-e-costura, a sinestesia entre linguagem (significado) e cores, a conceptualização metafórica da moralidade em campanha política, a empregabilidade do modelo de Sistema Adaptativo Complexo ao estudo metafórico, a exploração de metáforas que expressam emoção no discurso futebolístico. O estudo do significado é também utilizado em uma análise multimodal, associando-se protótipos e metaforicidade, bem como em um estudo da tradução e interpretação do português brasileiro para a língua brasileira de sinais e sua aplicação nos estudos da tradução.

Em um momento histórico, em que os estudos sobre a cognição humana alçam voos cada vez mais altos e abrangentes, incorporando

avanços nas neurociências e nas metodologias empíricas de base computacional, *Linguagem – Cognição – Cultura: Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa* oferece ao mundo lusófono uma perspectiva contemporânea da pesquisa realizada em nossa língua, tratando temas atuais e de relevância teórica e aplicada, utilizando-se do arcabouço oferecido pela Linguística Cognitiva.

INTRODUÇÃO

Hanna Batoréo¹

(Universidade Aberta e Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL)

O livro, que se apresenta em forma de *E-book*, intitulado *Linguagem – Cognição – Cultura: Teorias, Aplicações e Diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)*, publicado agora pela Universidade Aberta, resulta, maioritariamente, da investigação desenvolvida no âmbito do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). A sua preparação contou com o financiamento de fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/03213/2020 – e Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa.

O livro é constituído por dezassete artigos da autoria de 15 investigadores, sendo que a parte nuclear da publicação – doze dos dezassete textos constituintes – é fruto da investigação desenvolvida pelo **Grupo de Cognição, Linguagem e Comunicação Multimodal – CLCM**, durante a sua vigência entre 2017 e 2020, no âmbito do CLUNL. O CLCM contava com oito membros: uma investigadora integrada e coordenadora do Grupo (Hanna Batoréo), da Universidade Aberta, e sete investigadores colaboradores provenientes de diversas universidades nacionais e internacionais: três de universidades portuguesas (Universidade Católica Portuguesa, Universidade do Minho e Universidade Aberta), três de universidades brasileiras (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal Fluminense), assim como uma investigadora de uma universidade polaca (Universidade de Wrocław). Os investigadores colaboradores referidos são: Ana Cristina Pelosi, Ana Margarida Abrantes, Carla Aurélia de Almeida, José Teixeira, Lilian Ferrari, Mariangela Rios de Oliveira e Zuzanna Bułat-Silva. O enquadramento teórico do trabalho desenvolvido no Grupo

¹ A Autora escreve segundo a grafia antiga.

era abordado na **perspectiva Cognitiva**², na qual se defende que a Linguagem é uma capacidade cognitiva humana que se encontra em interacção com as outras capacidades cognitivas, constituindo um meio de conhecimento em ligação com a experiência humana do mundo e abrangendo tanto a linguagem verbal como a não-verbal (p. ex., gestual, pictórica e a comunicação multimodal). O trabalho do Grupo focava o estudo da **Língua Portuguesa como uma língua pluricêntrica**³, observada e analisada em multiplicidade de registos, contextos sociais e culturais diferenciados, bem como níveis e tipos de variação linguística.

Dado o carácter luso-brasileiro do grupo de investigadores reunidos no CLCM, a pesquisa nele desenvolvida centrava-se nas **Variedades Dominantes (VD) do Português de carácter nacional**⁴: o **Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB)**. O livro que se apresenta segue este paradigma pré-estabelecido que se propõe estudar o PE e o PB, havendo no *E-book* dois contributos centrados na linguagem literária (da literatura estrangeira) que não seguem estritamente o mesmo perfil. O Grupo CLCM tinha por objectivo desenvolver investigação em diferentes áreas⁵ de análise linguística, tais como Semântica Cognitiva, Gramática de Construções ou Análise do Discurso e Texto,

² Batoréo, H. (2004). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*. CD-ROM. Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9350>

Silva, A. (2004). Introdução: Linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Eds.). *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, 1-18. Almedina.

Silva, A. (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.

Silva, A., & Batoréo, H. (2010). Gramática Cognitiva: Estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In Brito, A. (Org.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 229-251. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf>

Ferrari, L. (2011). *Introdução à Linguística Cognitiva*. Contexto.

Batoréo, H. (2015). Linguagem centrada no uso e o conhecimento linguístico: Linguística cultural, linguística cognitiva e os estudos linguísticos. In Fiéis, A., Lobo, M., & Madeira, A. (Orgs.). (2015). *Universal e o Particular – Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*, 39-59. Colibri.

³ Silva, A. (Ed.). (2014). *Pluricentricity. Language variation and sociocognitive dimensions*. De Gruyter Mouton. Muhr, R. (Ed.). In collaboration with Eugênia Duarte, Amália Mendes, Carla Amóros Negre and Juan A. Thomas. (2016): *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide: Vol. 2: The pluricentricity of Portuguese and Spanish: New concepts and descriptions*. Wien/Frankfurt a. Main. Peter Lang Verlag, p. 286 [Series Österreichisches Deutsch-Sprache der Gegenwart (19)], 137-152.

⁴ Batoréo, H. (2015). Linguística Cultural e o Estudo do Léxico da Língua Portuguesa (PE e PB): A linguagem-em-uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivização conceptual. In: Almeida, A., Santos, E., & Soledade, J. (Orgs.). *Saberes Lexicais: Mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 217-254.

⁵ Silva, A. (2004). Semântica Cognitiva e Análise do Discurso. In Oliveira, F., & Duarte, I. (Orgs.), *Da Língua e do Discurso*, 601-622. Campo das Letras.

mas também na área da Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem⁶ (Psicolinguística). Centrando o foco de investigação no uso linguístico (e não no sistema), isto é, tendo como fundamento a base pragmática e experiencial da linguagem-em-uso, o enquadramento da **Linguística Cognitiva**⁷ constituía o núcleo teórico privilegiado do CLCM, criando, simultaneamente, **pontes com outros enfoques teóricos** no sentido da Linguística Cultural, Pragmática Linguística, Sociolinguística, Linguística Funcional e Semiótica Cognitiva. Criado em 2015, em finais de 2016 o Grupo CLCM foi totalmente reorganizado e reorientado cientificamente para o estudo da Linguagem na sua dimensão cognitiva, funcional, social e cultural, centrando-se no estudo da construção do significado. O Grupo passou, na altura, a contar com Augusto Soares da Silva, professor catedrático da Universidade Católica Portuguesa de Braga, especialista de renome internacional na área, como consultor científico externo.

Quatro dos oito investigadores do CLCM inicialmente mencionados e autores de um total de doze artigos – Lilian Ferrari, Ana Margarida Abrantes, José Teixeira e Carla Aurélia de Almeida – contribuíram com dois trabalhos cada: um de perfil teórico e um outro de carácter aplicado. Estes doze artigos reflectem a produção científica dos membros do CLCM em dois encontros científicos internacionais realizados em Outubro de 2018: (i) *Quarta Conferência sobre a Linguagem e o Pensamento Figurados*⁸, organizada na Universidade Católica Portuguesa, em Braga, de 23 a 26 de Outubro de 2018 e (ii) *Jornadas de Cognição e Linguagem*⁹, organizadas a 27 de Outubro de 2018, no CLUNL (Universidade Nova de Lisboa).

Os restantes cinco dos dezassete contributos para o presente livro são de autoria de investigadores cognitivistas ou outros colaboradores que criaram pontes com a área, mas que, formalmente, não pertenciam ao CLCM: Augusto Soares da Silva (UCP, Braga), Flávia Machado (UFES, Vitória), Maíra Avelar (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia),

⁶ Batoréo, H. (2018). Metaphorical Competence in Multilingual Context of Language Acquisition and Learning. In: *Psychology of Language and Communication*, 22 (2). (Special issue In Honor of Professor Barbara Bokus - Developmental Psycholinguistics: Old Questions, New Answers), 534-556. De Gruyter. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9334>.

⁷ Vejam-se os textos seminais da autoria dos "pais da Linguística Cognitiva":

Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we Live by*. University of Chicago Press.

Langacker, R. (2008). *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford University Press.

Talmy, L. (2003). *Toward a Cognitive Semantics* (Vols. 1-2). A Bradford Book. MIT Press.

⁸ [FTL4 \(ucp.pt\)](https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9334)

⁹ [Jornadas de Cognição e Linguagem - Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa \(unl.pt\)](https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9334).

Marcos António Costa (UFRN, Natal) e Teresa Fernandes Swiatkiewicz (CLEPUL, Lisboa), assim como dois co-autores: Antenor Teixeira de Almeida Júnior (Centro Universitário da Grande Fortaleza, Fortaleza, Ceará) e Hayat Pinheiro (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).

Tendo em consideração o foco do livro na investigação desenvolvida, escrita em Português, sobre as variedades nacionais da Língua Portuguesa (PE e PB), procurou-se encontrar um equilíbrio entre os respectivos contributos, por um lado, da parte portuguesa e, por outro, da parte brasileira. Por conseguinte, entre o total dos quinze autores que contribuíram para o *E-book*, além de uma investigadora cognitivista polaca, surgem seis autores portugueses e oito brasileiros. Todos os artigos foram escritos em Português (PE ou PB, conforme a opção do respectivo autor), podendo contar com a revisão por pares (*peer reviewers*), do painel luso-brasileiro, constituído por dezassete investigadores: dez portugueses e sete brasileiros. Na última fase da preparação do livro, a edição e revisão dos textos contou com contribuições inestimáveis de Margarida Casadinho, para o Português, e Margarida Martins, para o Inglês.

Os dezassete artigos do E-book, da autoria de 15 investigadores, encontram-se organizados **em duas partes** – uma de carácter **teórico** e outra de carácter **aplicado** –, comportando três capítulos cada uma destas partes, sendo que cada um destes capítulos pode abranger um número variado de artigos (entre um e cinco). **A parte teórica** é intitulada *Cognição e Linguagem: Propostas e abordagens teóricas* e abrange os três primeiros capítulos: (i) *Linguística Cognitiva e Linguística Cultural*, (ii) *Estudos da Linguagem-em-Uso: Linguística Cognitiva, Pragmática Linguística e Linguística Funcional* e (iii) *Poética Cognitiva*. A segunda parte do livro, de carácter aplicado, tem por título *Linguística Cognitiva: Aplicações, Pontes e Diálogos* e abrange os três capítulos seguintes: (i) *Aplicações e Diálogos linguísticos*, (ii) *Pontes para Multimodalidade* e (iii) *Diálogos com Literatura e Tradução Literária*. O livro conta também com a presente *Introdução*, da autoria da organizadora da publicação, bem como com o *Prefácio* da especialista brasileira em Linguística Cognitiva de renome internacional, Heliana Mello.

Os contributos teóricos propostos para a área em estudo encontram-se na primeira parte do *E-book* intitulada *Cognição e Linguagem: Propostas e Abordagens teóricas*, que abrange **três capítulos**. **O primeiro**

capítulo da parte teórica, *Linguística Cognitiva e Linguística Cultural*, abrange artigos de cinco investigadores: Hanna Batoréo, Augusto Soares da Silva, Lilian Ferrari, Zuzanna Bułat-Silva e José Teixeira. No primeiro destes artigos, “**A Linguística Cognitiva e o Mito da Linguagem como Instinto**”, **Hanna Batoréo** aborda o mito da *Linguagem como Instinto*, inerente à tese chomskiana da Linguagem e da respectiva *Gramática Universal* (cf. Chomsky, 1986¹⁰; Pinker, 1994¹¹). De entre todos os mitos linguísticos com que lidamos no dia-a-dia (cf. Bauer & Trudgill, 1998¹²), a Linguística Cognitiva considera-o o maior mito linguístico de sempre, tal como demonstrado por Evans (2014¹³). Na sequência da discussão deste mito, propõe-se uma reflexão teórica que foca a caracterização da Linguística Cognitiva na qualidade de uma abordagem englobante¹⁴ e plural quer do estudo da Linguagem baseada no uso quer da interacção entre Linguagem e a Cognição, no trinómio Cognição – Linguagem – Cultura. No segundo texto de cunho teórico, intitulado “**Emoções, cognição e variação intralinguística e cultural**”, **Augusto Soares da Silva**¹⁵ explora a conceptualização cultural das emoções de RAIVA, ORGULHO e AMOR, nas duas variedades nacionais do português (PE e PB), partindo do pressuposto de as emoções terem uma base biológica, mas serem social e culturalmente construídas, o que significa que são (i) condicionadas pela cultura, (ii) permeáveis à variação social e (iii) a influências culturais para, depois, (iv) se manifestarem intersubjectivamente. Assumindo uma perspetiva sociocognitiva da linguagem e implementando uma metodologia baseada em *corpus* e em perfis, o estudo integra uma análise qualitativa multifactorial e uma subsequente análise quantitativa multivariada. Na terceira contribuição teórica do primeiro capítulo, **Lilian Ferrari** escreve sobre a “**Intersubjetividade, figuratividade e multimodalidade**”, defendendo que existe uma relação entre, por um lado, a estrutura linguística e, por outro, a construção do significado. Partindo da articulação entre a Teoria dos Espaços Mentais

¹⁰ Chomsky, N. (1986). *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. Greenwood Publishing Group.

¹¹ Pinker, S. (1994). *The Language Instinct*. William Morrow.

¹² Bauer, L. & Trudgill, P. (Eds.). (1998). *Language Myths*. Penguin Books.

¹³ Evans, V. (2014). *The Language Myth: Why language is not an instinct?*. Cambridge University Press.

¹⁴ Gibbs, R. (2006). *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge University Press.

¹⁵ Silva, A. (2021). Measuring the impact of (non)figurativity in the cultural conceptualization of emotions in the two main national varieties of Portuguese. In Silva, A. (Ed.), *Figurative language – Intersubjectivity and Usage* (pp. 387-438). John Benjamins.

(Fauconnier, 1994¹⁶, 1997¹⁷) e a Gramática de Construções (Goldberg, 2006¹⁸; Langacker, 1987¹⁹, 1991²⁰, 2009²¹), a Autora argumenta que as propriedades formais podem ser descritas em termos de um modelo baseado no uso, enquanto o significado pode ser analisado com base nas noções cognitivas de (i) *ponto de vista* (Dancygier & Sweetser, 2012²²), (ii) *(inter)subjetividade* (Verhagen, 2005²³), (iii) *figuratividade* (Dancygier & Sweetser, 2014²⁴) e (iv) *multimodalidade* (Steen & Turner, 2013²⁵). O quarto contributo teórico é apresentado por **Zuzanna Bułat-Silva** no texto “**Imagem linguística do mundo na perspectiva da Metalinguagem Semântica Natural (NSM) e Etnolinguística Cognitiva**”, no qual a Autora demonstra como se pode analisar a imagem linguística do mundo no âmbito da Linguística Cultural, utilizando duas teorias independentes, mas estreitamente relacionadas: a Metalinguagem Semântica Natural (Wierzbicka & Goddard, 2002²⁶, 2014²⁷) e a Etnolinguística Cognitiva (Bartmiński, 2009²⁸). A última das cinco abordagens teóricas propostas no primeiro capítulo é apresentada por **José Teixeira** no texto “**Significado, léxico e usos: As mais-valias de uma abordagem cognitiva**”. O Autor situa-se no âmbito das Ciências Cognitivas a fim de reflectir sobre a relação existente entre a Linguagem e a Cognição, focando-se no significado lexical. Um destaque especial é dado à noção de *Protótipo*

¹⁶ Fauconnier, G. (1994). *Mental spaces*. Cambridge University Press.

¹⁷ Fauconnier, G. (1997). *Mappings in thought and language*. Cambridge University Press.

¹⁸ Goldberg, A. (2006). *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford University Press.

¹⁹ Langacker, R. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar -Theoretical Prerequisites*. (vol. I). Stanford University Press.

²⁰ Langacker, R. (1991). *Foundations of cognitive grammar. Descriptive Application*. (vol. II). Stanford University Press.

²¹ Langacker, R. (2009). *The English present: Temporal coincidence vs. Epistemic Immediacy*. Geeraerts, D., Dirven, R., Taylor, J. (Eds.). (2009). *Investigations in Cognitive Grammar*. (7), (pp. 185-218). Mouton de Gruyter.

²² Dancygier, B., & Sweetser, E. (Eds.). (2012). *Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge University Press.

²³ Verhagen, A. (2005). *Constructions of Intersubjectivity. Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford University Press.

²⁴ Dancygier, B., & Sweetser, E. (2014). *Figurative language*. Cambridge University Press.

²⁵ Steen, F., & Turner, M. (2013). *Multimodal Construction Grammar*. Borkent, M., Dancygier, B., & Hinnell, J. (Eds.). *Language and the Creative Mind*, 255-274. CSLI Publications.

²⁶ Goddard, Cl., & Wierzbicka, A. (Eds.). (2002). *Meaning and Universal Grammar. Theory and Empirical Findings, 1-2*. John Benjamins.

²⁷ Goddard, Cl., & Wierzbicka, A. (2014). *Words and Meanings. Lexical Semantics Across Domains, Languages, and Cultures*. Oxford University Press.

²⁸ Bartmiński, J. (2009). *Aspects of Cognitive Ethnolinguistics*. Equinox.

na Linguística Cognitiva²⁹, bem como à revolução que o conceito³⁰ de *Metáfora Conceptual* veio nela desencadear.

O segundo capítulo da parte teórica tem por título *Estudos da Linguagem-em-Uso: Linguística Cognitiva, Pragmática Linguística e Linguística Funcional* e procura reflectir sobre o modo como várias vertentes da Linguística centrada no uso interagem entre si, contando com dois contributos, o de Carla Aurélia de Almeida e o de Mariangela Rios de Oliveira, respectivamente. A primeira destas investigadoras, **Carla Aurélia de Almeida**, no texto “**Linguagem e Cognição em interação: Diálogos interdisciplinares entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Interacional**”, cruza os percursos pragmáticos e sociolinguísticos com os cognitivos, partindo do pressuposto que a conceptualização do mundo e a sua expressão linguística se fundamentam³¹ na análise dos fatores interaccionais, sociais e culturais que condicionam as produções discursivas dos falantes no processo da interacção verbal. Por outro lado, o foco de interesse de **Mariangela Rios de Oliveira** está na Linguística Funcional Centrada no Uso, tese que a Autora defende no texto “**Criando pontes entre a Linguística Funcional e a Cognitiva: Articulação do espaço em construções da gramática do Português**”. Fundamentando o seu raciocínio em Traugott e Trousdale (2013³²) e em Bybee (2010³³; 2015³⁴), a Autora procura compatibilizar³⁵ a vertente funcionalista norte-americana e a cognitivista, com foco nos estudos sobre a construção gramatical. A partir dos dados do uso do PB, estuda-se o emprego dos pronomes deícticos espaciais do tipo “aqui”, “aí”, “ali”,

²⁹ Geeraerts, D. (2006) Methodology in Cognitive Linguistics. In Kristiansen, G., Achard, M., Dirven, R., & Mendoza, F. (Eds.), *Cognitive Linguistics. Current applications and future perspectives*, 21-49. De Gruyter Mouton.

Geeraerts, D., & Grondelaers, St. (1995). Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In Taylor, J. & MacLaury, R. (Eds.), *Language and the construal of the world* (pp. 153-180). De Gruyter Mouton.

³⁰ Goossens, L. (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323-340.

³¹ Almeida, C. (2019). Discourse strategies of mitigation in an oral corpus of narratives of life experience collected in interviews. Roulston, K. (Ed.), *Interactional Studies of Qualitative Research Interviews*, 239-268. John Benjamins.

³² Traugott, E., & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford.

³³ Bybee, J. (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press.

³⁴ Bybee, J. (2015). *Language Change*. Cambridge University Press.

³⁵ Batoréo, H., Rios de Oliveira, M., & Torres de Aguiar, M. (2021). Apresentação de «Funcionalismo e Cognitivismo: O viés cognitivista da gramática funcional». In: Rios de Oliveira, M., Batoréo, H., & Aguiar, M. (Orgs.). (2021). *Funcionalismo e Cognitivismo: O viés cognitivista da gramática funcional*. Revista *Soletras* (número temático) (41). São Gonçalo (Rio de Janeiro, Brasil): Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. SOLETRAS online. Disponível em: [n. 41 \(2021\) \(uerj.br\)](https://doi.org/10.1177/198040012110112). 1-12.

“lá” e “cá” (considerados “afixóides”) na formação e na instanciação de construções de marcadores discursivos específicos, conforme observado no caso das expressões tais como “espera aí” e “sei lá”, bem como de intensificadores de grau que se observam em construções de carácter fixo, que surgem, por exemplo, nas expressões como “pra lá de animada” ou “pra lá de charmoso”.

O **terceiro capítulo da parte teórica** tem como título *Abordagem à Literatura: Poética Cognitiva* e conta com uma única contribuição, a de **Ana Margarida Abrantes**, autora do artigo “**Poética Cognitiva: Avanços e Desafios da abordagem cognitiva à literatura**”. Partindo de uma revisão de publicações fundadoras do campo de estudo em que a literatura é analisada do ponto de vista cognitivo³⁶, propõe-se uma abordagem ao texto literário que parte da análise da linguagem que o constitui, entendida quer na sua base conceptual e experiencial quer na sua dimensão estética e intencional. Esta perspectiva torna o texto literário não apenas mais uma ocorrência de comunicação linguística, mas uma forma simbólica de expressão estética intencional, o que – na perspectiva da Autora – constitui uma mais-valia no âmbito dos estudos literários.

A **segunda parte do livro**, que se segue à parte teórica, é de carácter **aplicado** e tem por título *Linguística Cognitiva: Interdisciplinaridade, Aplicações, Pontes e Diálogos*, sendo constituída por três capítulos.

No **primeiro capítulo da parte com perfil aplicado**, *Aplicações e Diálogos linguísticos*, surgem cinco artigos da autoria de Lilian Ferrari, José Teixeira, Marcos António Costa, Ana Cristina Pelosi e Antenor Teixeira de Almeida Júnior, assim como de Carla Aurélia de Almeida. No primeiro destes estudos, intitulado “**Entre alinhavos e alfinetes: A metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal**”, **Lilian Ferrari** analisa o papel da metáfora na Cognição e na Linguagem, centrando-se na metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE DE CORTE-E-COSTURA, que defende ser recorrente no PB. A Autora postula que a metáfora de corte-e-costura se traduz em duas construções transitivas: uma transitiva prototípica, como, por exemplo, no caso dos verbos *alfinetar* e *tesourar*, e uma transitiva resultativa, como no caso dos verbos do tipo *alinhar*, *costurar*, *tecer* e *tricotar*. No segundo artigo, da autoria de **José Teixeira**, sobre “**Cores,**

³⁶ Turner, M. (1991). *Reading Minds: The Study of English in the Age of Cognitive Science*. Princeton Univ. Press.

significado linguístico e cognição: Das imagens mentais e sinestesia à <intonímia>", o investigador propõe sistematicidade sinestésica no processamento linguístico-cognitivo de associação entre a cor e o significado. Os resultados do estudo dos provérbios não diretamente ligados a cor, obtidos com base em inquéritos realizados em Portugal e no Brasil, mostram uma sistematicidade entre o valor que os falantes atribuem aos provérbios e às cores que os mesmos evocam. Os resultados apurados levam o Autor a defender que não existe descontinuidade entre os processos metonímicos, metafóricos e sinestésicos estudados. No terceiro estudo, da autoria de **Marcos António Costa** e intitulado: "**A campanha eleitoral de 2018 no Brasil e o sistema metafórico da moral a ela subjacente**", parte-se do Sistema Metafórico da Moral (Lakoff & Johnson, 1999³⁷) a fim de analisar o processo de conceptualização metafórico da moralidade no Português do Brasil. A base empírica do estudo é constituída por um *corpus* verbo-pictórico de banda desenhada que foca os conceitos de *coxinha* e *mortadela*, isto é, dois tipos de petisco que simbolizam duas facções políticas opostas no contexto da campanha eleitoral para a presidência da república no Brasil, em 2018. No quarto estudo do mesmo capítulo, "**Atratores e veículos metafóricos na guerra contra a Covid-19: Evidências de um estudo de caso**", apresentado em co-autoria por **Ana Cristina Pelosi** e **Antenor Teixeira de Almeida Júnior**, os Autores focam a análise na produção metafórica³⁸ relativa à situação pandémica desencadeada pelo Covid-19, desenvolvendo-a com base nas trajetórias discursivas, em espaços de interações em *sites* de notícias da *internet*. A análise efectuada é apresentada no escopo da teoria do Sistema Adaptativo Complexo³⁹. O quinto artigo, dedicado a aplicações e diálogos linguísticos, intitula-se "**É com imenso prazer que verei todos aqueles naufragos agarrados ao seu salva-vidas...»: Criatividade numa interação num programa de rádio sobre futebol** e é da autoria de **Carla Aurélia de Almeida**. O estudo foca a expressão da emoção, procurando conciliar uma análise cognitiva inspirada pela teoria de integração conceptual ("blending") de Fauconnier e Turner

³⁷ Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.

³⁸ Cameron, L., & Maslen, R. (2010). *Metaphor Analysis: Research Practice in Applied Linguistics, Social Sciences, and the Humanities*. Equinox.

³⁹ Larsen-Freeman, D., & Cameron, L. (2008). *Complex systems and applied linguistics*. Oxford University Press.

(2002⁴⁰) com um trabalho interaccional na linha de Goffman (1981⁴¹). A análise é desenvolvida com base no *corpus* oral constituído pelas conversas telefónicas de um programa de rádio sobre futebol português (Almeida, 2012⁴²), com foco no mecanismo discursivo baseado na expressão metafórica.

O segundo capítulo com perfil aplicado aborda *Pontes para Multimodalidade* e conta com dois artigos. O primeiro destes textos é da autoria conjunta de **Maíra Avelar** e **Hayat Pinheiro** e intitula-se “**Análise do Dêitico ‘aqui’ em dados multimodais: De usos prototípicos a usos metafóricos**”. A investigação conduzida pelas Autoras parte do conceito de Modelos Cognitivos Idealizados aplicado à deixis⁴³, centrando-se no estudo do deíctico locativo “aqui”, propondo a distinção entre os usos locativos, considerados mais prototípicos, e os usos metafóricos, considerados menos prototípicos. Propõe-se, deste modo, discutir a inter-relação entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gesto⁴⁴, explorando, mais especificamente, a inter-relação entre os deícticos locativos e os Gestos de Apontar. O material empírico em que o estudo se fundamenta é constituído por ocorrências verbo-gestuais do deíctico “aqui” em dados videogravados, provenientes de telejornais dos canais televisivos brasileiros *Band*, *Globo* e *Record*, que foram disponibilizados a partir do *Distributed Little Red Hen Lab*⁴⁵, uma biblioteca de dados multimodais composta por telejornais. O segundo texto dedicado à Multimodalidade é de **Flávia Medeiros Álvaro Machado** e tem por

⁴⁰ Fauconnier, G., & Turner, M. (2002). *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Basic.

⁴¹ Goffman, E. (1974). *Les rites d'interaction*. Minuit.

⁴² Almeida, C. (2012). *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*. Afrontamento.

⁴³ Cienki, A. (2007). Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In Geeraets, D., & Cuyckens, H. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, 1079-1098. Oxford University Press.

⁴⁴ Cienki, A. (2013). Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: Müller, C., Cienki, A., Fricke, E., Ladewig, S., McNeill, D., & Tessendorf, S. (Eds.). *Body – Language – Communication*, 1, 1079-1098. De Gruyter Mouton.

Cienki, A. (2017). Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: E. Semino, & Z. Demjén (Eds.). *The Routledge handbook of metaphor and language*, 131-147. Routledge.

Ferrari, L. (2017). Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59(1), 73-89.

Bressemer, J. (2013). A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: Müller, C., Cienki, A., Fricke, E., Ladewig, S., McNeill, D., & Tessendorf, S. (Eds.), *Body - Language – Communication*, 1, 1079-1098. De Gruyter Mouton.

⁴⁵ Joo, J., Steen, F.F. & Turner, M. (2017). Red Hen Lab: Dataset and Tools for Multimodal Human Communication Research. *Künstl Intell* 31, 357–361 <https://doi.org/10.1007/s13218-017-0505-9>

título “**Tradução e interpretação do Português do Brasil para Libras: Conceitos abstratos de autonomia**”. O texto foca a *Língua Brasileira de Sinais (Libras)*⁴⁶, bem como o trabalho específico dos tradutores e intérpretes simultâneos – denominados *Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais (TILS)*⁴⁷ –, efectuado entre as duas línguas: a Língua Portuguesa, na sua variedade brasileira (PB), e a *Libras*. O objectivo específico da investigação é analisar o conceito abstracto de *autonomia* no âmbito das actividades TILS, identificadas num estudo empírico em situação controlada, utilizando recursos a filmagem. O estudo experimental foi desenvolvido em duas fases: primeiro sem conhecimento do microtexto pelo tradutor e, depois, com este conhecimento. Os resultados revelam que a *performance* do TILS, quando efectuada com o conhecimento do microtexto, permite alcançar mais referências sobre as escolhas feitas cognitivamente no acto tradutório e seleccionar melhor o material lexical na actividade interpretativa.

O terceiro capítulo da segunda parte do livro apresenta dois artigos que focam a especificidade da interacção entre a Linguagem literária, a Cognição e a Cultura e tem por título **Diálogos com Literatura e Tradução Literária**. Este capítulo é o único que não aborda directamente as questões inerentes ao estudo do Português, mas levanta questões muito pertinentes para a aplicação do enquadramento cognitivo aos estudos literários, abrindo novos caminhos e novas possibilidades de investigação futura no âmbito da literatura da Língua Portuguesa. O primeiro artigo deste capítulo é da autoria de **Ana Margarida Abrantes**, que apresenta uma perspectiva cognitiva do texto literário intitulada “**Do retrato à imagem mental: A éfrase na obra “Die Ästhetik des Winderstands”, de Peter Weiss**”. A Autora do artigo estuda a *éfrase*, entendida como uma forma de representação intermedial, ou seja, uma estratégia relevante para a análise da construção de sentido⁴⁸ quer a partir de uma perspectiva cognitiva de ver “com os olhos da mente” numa obra de arte real ou imaginada quer a partir de uma descrição simbólica durante

⁴⁶ Quadros, R., & Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. Artmed.

Quadros, R., & Pizzio, A. (2009). *Língua Brasileira de Sinais IV*. Curso de graduação de Letras Libras. CCE/UFSC.

⁴⁷ Quadros, R. (2002). *O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa*. MEC. https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/acessibilidade/tradutor_libras_mec_2004.pdf

McClearly, L., & Viotti, E. (2007). Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In Salles, H. (Org.). *Bilingüismo e surdez: Questões lingüísticas e educacionais*. Cãnone Editorial, 73-96.

⁴⁸ Brosch, R. (2015). Images in Narrative Literature: Cognitive experience and Iconic Moments. In Rippl, G. (2015). *Handbook of Intermediality. Literature – Image – Sound – Music*, 343-360. Walter de Gruyter.

o processo de leitura. O exemplo⁴⁹ apresentado pela Investigadora parte da análise da éfrase no romance *Die Ästhetik des Widerstands* (*A Estética da Resistência*), do escritor alemão Peter Weiss⁵⁰, em que o processo de construção de sentido emerge da continuidade entre a situação retratada na obra visual, da percepção dessa obra narrada na representação escrita, assim como da contextualização situacional do próprio leitor. A autora defende que, do ponto de vista cognitivo, e, sobretudo, no processo de construção de sentido, a éfrase retrata não apenas uma representação, mas toda uma reconstituição da experiência de percepção da própria representação visual. O segundo artigo deste capítulo, “**Cenas e guiões na oficina do tradutor literário – Estudo de caso**”, da autoria de **Teresa Fernandes Swiatkiewicz**, aborda os aspectos cognitivos do trabalho de tradutor de literatura com base no trabalho tradutório efectuado a partir da literatura polaca para a Língua Portuguesa (Português Europeu)⁵¹. No estudo apresentado, parte-se dos conceitos formais de *cena* e *guião* (*Scenes-and-frames semantics – SFS*) de Fillmore (1977⁵², 2001⁵³, 2012⁵⁴), explorando a ideia de Hejwowski (2004)⁵⁵ de aplicar a SFC à teoria e prática da tradução. O *corpus* literário em que o estudo se baseia é constituído por quatro poemas da prémio Nobel polaca, Wisława Szymborska, traduzidos para PE. Nas traduções apresentadas, observam-se opções lexicais que deixam transparecer uma conceptualização deficiente da *cena*, o que conduz a desvios do *guião* e resulta em erros de tradução, sendo alguns deles percebidos pelo próprio leitor, mas outros impeditivos da compreensão integral dos textos, tornando-os opacos. A Autora defende a importância da componente cognitiva no trabalho do tradutor literário não só ao nível de análise de culturas e mundividências autorais, mas também no que diz respeito à tradução de cenas e dos respectivos guiões no sentido fillmoreano.

⁴⁹ Abrantes, A. M. (2010). *Meaning and Mind. A Cognitive Approach to Peter Weiss' Prose Work*. Peter Lang.

⁵⁰ Weiss, P. (1991). *Die Ästhetik des Widerstands*. In: *Werke in Sechs Bänden*, 3. Suhrkamp Verlag.

⁵¹ Swiatkiewicz, T. F. (2017). *Normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

⁵² Fillmore, Ch. (1977). *Scenes-and-frames semantics*. In Zampolli, A. (Ed.), *Linguistics Structures Processing*, 55-81. North Holland Publishing Company.

⁵³ Fillmore, Ch., & Baker, C. (2001). *Frame semantics for text understanding*. In *Proceedings of WordNet and Other Lexical Resources Workshop*. North American Chapter of the Association for Computational Linguistics (NAACL).

⁵⁴ Fillmore, Ch. (2012). *Encounters with language*. *Computational Linguistics*, 38(4), 701-718. https://doi.org/10.1162/COLI_a_00129

⁵⁵ Hejwowski, K. (2004). *Kognitywno-komunikacyjna teoria przekładu* [Teoria cognitivocomunicativa da tradução]. Wydawnictwo Naukowe PWN, Polónia.

Com a publicação do *E-book*, intitulado *Linguagem – Cognição – Cultura: Teorias, Aplicações e Diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)*, pretende-se prestar tributo a todos os que, ao longo dos últimos 25 anos, têm vindo a desenvolver investigação científica de carácter cognitivo nos dois lados do Atlântico, onde o Português é a variedade nacional, a fim de contribuir para o estudo da construção do sentido no uso da Linguagem, seja ao nível do pensamento, da interacção verbal e não-verbal, da emoção, seja, ainda, do raciocínio expresso linguisticamente. Na primeira metade de 2022, terão passado, precisamente, 25 anos da defesa das duas primeiras teses de doutoramento elaboradas e escritas em Português – de Hanna Batoréo⁵⁶, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e de Augusto Soares da Silva⁵⁷, na Universidade Católica Portuguesa, de Braga –, apresentadas no enquadramento teórico-metodológico de cunho cognitivo, no âmbito da Linguística da Língua Portuguesa, que abrem caminho para vários outros investigadores, criando novos percursos e viabilizando novas perspectivas de pesquisa. Este reconhecimento é prestado aos investigadores de Portugal e do Brasil, tanto aos cognitivistas como, também, aos colegas das outras áreas dos Estudos da Linguagem com os quais a Linguística Cognitiva estabelece pontes e cria diálogos, privilegiando os estudos interdisciplinares no âmbito do trinómio *Linguagem – Cognição – Cultura*.

AUTORES DOS ARTIGOS⁵⁸:

1. Ana Cristina Pelosi (UFC, Fortaleza, Ceará)
2. Ana Margarida Abrantes (UCP, Lisboa) [com duas contribuições]
3. Augusto Soares da Silva (UCP, Braga)
4. Carla Aurélia de Almeida (UAb, Porto) [com duas contribuições]
5. Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES, Vitória, ES)
6. Hanna Batoréo (UAb, Lisboa) [com artigo e Introdução]

⁵⁶ A Tese de Doutoramento de Hanna Batoréo (1996), defendida, em 1997, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – FLUL, em Lisboa, deu origem à publicação: Batoréo, H. (1996/2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. na série: *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*. FCT e Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵⁷ Silva, A. S. da (1997). *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Braga. O texto foi publicado, em 1999, na série: *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*. FCT e Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵⁸ A filiação contempla apenas a instituição universitária de cada autor, referida por sigla ou uma denominação curta. A filiação completa (com o nome da universidade por extenso e a indicação do respectivo centro de investigação) encontra-se indicada no artigo de cada um dos participantes.

7. José Teixeira (UMinho, Braga) [com duas contribuições]
8. Lilian Ferrari (UFRJ, Rio de Janeiro) [com duas contribuições]
9. Maíra Avelar (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia)
10. Marcos António Costa (UFRN, Natal, RN)
11. Mariangela Rios de Oliveira (UFF, Niterói, RJ e UERJ, São Gonçalo, RJ)
12. Teresa Fernandes Swiatkiewicz (CLEPUL, Lisboa)
13. Zuzanna Bułat-Silva (UWrocław, Polónia)
14. Hayat Pinheiro (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia) – co-autora
15. Antenor Teixeira de Almeida Júnior (Centro Universitário da Grande Fortaleza, Fortaleza, Ceará) – co-autor

MEMBROS DO PAINEL CIENTÍFICO DE REVISÃO POR PARES (PEER-REVIEWERS)⁵⁹

Hanna Batoréo (UAb, Lisboa) – Coordenação do painel científico

Portugal

1. Ana Mineiro (UCP, Lisboa)
2. Maria Armanda Costa (UL, Lisboa)
3. Augusto Soares da Silva (UCP, Braga)
4. Maria Filomena Gonçalves, (UÉvora, Évora)
5. Helena Topa Valentim (UNOVA, Lisboa)
6. Henrique Barroso (UMinho, Braga)
7. Luísa Magalhães (UCP, Braga)
8. Matilde Gonçalves (UNOVA, Lisboa)
9. Miguel Gonçalves (UCP, Braga)
10. Rosa Lídia Coimbra (UA, Aveiro)

Brasil

11. Adriana Tenuta (UFMG, Belo Horizonte, MG)
12. Angélica Furtado (UFRN, Natal, RN)
13. Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa, MG)
14. Heliana Mello (UFMG, Belo Horizonte, MG)
15. Ivo Rosário (UFF, Niterói, RJ)
16. Leonor Scliar Cabral (UFSC, Florianópolis, SC)
17. Maíra Avelar (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia).

⁵⁹ A filiação contempla apenas a instituição universitária de cada membro do painel, referida por sigla ou uma denominação curta.

1. COGNIÇÃO E LINGUAGEM: PROPOSTAS E ABORDAGENS TEÓRICAS



1.1. LINGÜÍSTICA COGNITIVA E LINGÜÍSTICA CULTURAL



A LINGUÍSTICA COGNITIVA E O MITO DA LINGUAGEM COMO INSTINTO¹

Hanna Batoréo

Departamento de Humanidades da Universidade Aberta &

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL, Lisboa

RESUMO

De entre todos os mitos linguísticos com que lidamos no dia-a-dia (cf. Bauer & Trudgill, 1998), o do mito da *Linguagem como Instinto*, inerente à tese chomskiana da Linguagem² e da respectiva *Gramática Universal* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994), é considerado pela Linguística Cognitiva como o maior mito linguístico de sempre, tal como demonstrado por Evans (2014). No presente artigo, partimos da argumentação utilizada por Evans para refutar este mito, propondo, a seguir, uma reflexão teórica que foca a caracterização da Linguística Cognitiva na qualidade de uma abordagem englobante e plural quer do estudo da Linguagem baseada no uso quer da interacção entre Linguagem e a Cognição.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Linguagem e Cognição; mitos linguísticos; Linguagem como Instinto; Mito da Linguagem como Instinto; Linguagem-em-uso.

ABSTRACT

Of all the linguistic myths used in our everyday language practice (cf. Bauer & Trudgill, 1998), the myth of the Chomsky's thesis of *Language Instinct* rooted in the postulate of *Universal Grammar* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994) is considered by Cognitive Linguistics as the most outstanding myth of all times. We focus our attention on the discussion of this myth proposed and developed by Evans (2014), parting from this anchorage towards the characterisation of Cognitive Linguistics as a global and plural study of Language-in-use resulting from interaction of Language and Cognition.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Language and Cognition; Linguistic myths; Language Instinct; the Myth of Language Instinct; Language-in-use.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objectivo uma reflexão teórica conducente à caracterização global da Linguística Cognitiva, resultante

¹ A autora escreve segundo a grafia antiga.

² No presente artigo, destacamos a palavra '*Linguagem*' com maiúscula, quando nos referimos à linguagem verbal humana.

da interacção entre a Linguagem e a Cognição, como uma abordagem plural do estudo da Linguagem baseada no uso. O ponto de partida para esta reflexão é constituído pela discussão da tese da *Linguagem como Instinto*, inerente à teoria chomskiana da Linguagem e da sua *Gramática Universal* (cf. Chomsky, 1986; Pinker, 1994), mas refutada e apelidada como o maior mito linguístico de sempre pela Linguística Cognitiva, em Evans (2014).

O artigo é constituído por quatro capítulos, dos quais o segundo e o terceiro constituem a parte nuclear do texto. No capítulo 2, discutimos o *Mito da Linguagem como Instinto*, tal como ele surge abordado em Evans (2014). No capítulo 3, partindo da discussão apresentada por Evans na refutação dos postulados chomskianos, argumentamos a favor da existência da Linguística Cognitiva na qualidade de uma abordagem global e plural do estudo da Linguagem-em-uso efectuado em interacção com a Cognição, que nos permite entender (i) como a Linguagem se organiza e estrutura, (ii) como funciona, (iii) como se relaciona com a mente humana e (iv) como constitui uma janela para percebermos o modo como conceptualizamos o mundo que nos rodeia.

2. OS MITOS LINGUÍSTICOS E O MITO DA LINGUAGEM COMO INSTINTO (EVANS 2014)³

Todos os dias nos confrontamos com os mitos linguísticos. Essa questão não constitui um tema novo nem no discurso diário dos utentes de uma dada língua nem nos confrontos científicos da Linguística (cf. Bauer & Trudgill, 1998). Ela aparece ciclicamente nas discussões académicas sobre a Linguagem, em geral, e, especificamente, no âmbito das línguas particulares, questionando o que se entende pelo uso linguístico, pela natureza e aprendizagem da Linguagem, pelo seu desenvolvimento, mudança e variação. As discussões deste tipo propõem combater os juízos de valor populares muito disseminados entre os falantes, maioritariamente fruto de preconceito e ignorância, tais como observamos, em baixo, no Exemplo 1:

Exemplo 1.

- (i) *A gramática da língua A é mais fácil do que a gramática da língua B;*
- (ii) *É mais fácil aprender a língua C do que a língua D;*

³ No presente capítulo, desenvolvemos a discussão apresentada unicamente em Batoréo (2016).

- (iii) *Existem línguas sem gramática;*
- (iv) *As pessoas da classe social mais baixa falam mal;*
- (v) *Todos os falantes da nossa língua materna têm sotaque menos nós (eu);*
- (vi) *A língua E é uma língua lógica e bem organizada, a F é bela e a H é feia;*
- (vii) *Fala-se melhor a língua X na área L do que nas áreas M, N ou P; etc.*

Estas constatações, fruto de culturas e línguas diferentes (cf. Bauer & Trudgill, 1998), surgem igualmente nas sociedades que falam o Português, dando origem aos *slogans* como os que costumam ouvir-se em Portugal, conforme ilustrado no Exemplo 2:

Exemplo 2.

- (i) *Fala-se mal o Português!*
- (ii) *Estão a assassinar o Português!*
- (iii) *O Português falado em Coimbra é o melhor;*
- (iv) *O Português falado em África é o pretuguês;*
- (v) *Os portugueses são muito dotados para as línguas e falam os idiomas estrangeiros muito melhor do que, por exemplo, os espanhóis;*
- (vi) *Os portugueses têm mais facilidade em entender o português do Brasil do que os brasileiros o Português Europeu;*
- (vii) *“A língua (i.e., o Português) é minha; o sotaque é seu” (afirmação do prémio Nobel português, José Saramago, dirigida a um brasileiro); etc.*

De entre todos estes mitos, o mais destacado e o mais discutido nas últimas décadas é o que diz respeito à tese da *Linguagem como Instinto*, popularizada pelo mediático tratado da autoria do académico Vyvyan Evans, em 2014, *The Language Myth: Why language is not an instinct?* O livro tornou-se um *bestseller* linguístico no mundo inteiro, causando um aceso debate tanto nos *sites da internet* como ao nível das publicações especializadas da área da Linguística. Sendo, em termos latos, um livro que se insere no grupo dos tratados sobre os mitos linguísticos, é, na verdade, muito mais do que apenas mais uma abordagem sobre um tema conhecido. Ao debater o que considera o maior mito linguístico

de sempre – e que denomina de o *Mito da Linguagem como Instinto*⁴, referindo o postulado da *Gramática Universal* de Noam Chomsky⁵ –, o Autor ousa questionar as ideias estabelecidas há muitas décadas em Linguística pela vertente da Gramática Generativa. A temática, o foco e a força da argumentação utilizados constituem a originalidade quer do livro quer de toda a polémica por ele suscitada (Adger, 2015a, 2015b; Behme & Evans, 2015, Evans 2015b, 2015c, 2016, entre outros), já que antes de Vyvyan Evans ninguém ousou questionar de modo tão veemente e acutilante as ideias propostas por um dos pais da Linguística moderna, igualmente desenvolvidas e acerrimamente defendidas por uma legião dos seus seguidores no mundo inteiro.

Vyvyan Evans (2014) parte da perspectiva da Linguística Cognitiva, uma abordagem que nasceu originalmente há meio século da insatisfação com as correntes formais do estudo da Linguagem⁶. Nesta linha de insatisfação já antiga, o Autor constrói no seu tratado uma forte, apaixonante e minuciosa refutação dos argumentos chomskianos acerca da *Gramática Universal*, bem como da natureza, origem e uso linguísticos, criando um antídoto não só à teoria generativa ao nível académico, mas também aos populares livros escolares e universitários, nos quais se propaga, há mais décadas, a tese da *Gramática Universal* e da linguagem como instinto. Evans argumenta contra estas “verdades eternas”, desmascarando a concepção da Linguagem como inata, concebida como um tipo de instinto unicamente humano e a de um Homem pré-programado biologicamente ou, até, portador de um órgão com dispositivo específico para a aquisição da Linguagem⁷, demonstrando que essa tese nunca chegou a ser cientificamente confirmada, nem pode ser entendida com base na evidência empírica

⁴ “A myth, for my purposes, is an unproven account of a linguistic phenomenon that appears to be at odds with actual findings relating to language, the mind, and so on.” (Evans, 2014, p.13)

⁵ Vejam-se, a título de exemplo, as obras de Noam Chomsky: *Aspects of the Theory of Syntax* (1965); *Knowledge of Language: Its Nature Origin, and Use* (1986), assim como, posteriormente, a de Steven Pinker: *The Language Instinct* (1994).

“Chomsky famously proposed a Universal Grammar, which he dubs «a general principle of linguistic structure on the basis of observation of a single language»: English” (Evans, 2014, p. 93).

⁶ “Cognitive linguistics is a relatively new school of linguistics, and one of the most innovative and exciting approaches to the study of language and thought that has emerged within the modern field of interdisciplinary study known as cognitive science.” (Evans & Green, 2006, p. 5.).

“Cognitive linguistics is a modern school of linguistic thought that originally emerged in the early 1970s out of dissatisfaction with formal approaches to language. Cognitive linguistics is also firmly rooted in the emergence of modern cognitive science in the 1960s and 1970s, particularly to work relating to human categorisation, and earlier traditions such as Gestalt psychology. (...)” (Evans & Green, 2006, p.3.).

⁷ Em termos chomskianos: LAD – *Language Acquisition Device* (cf. Chomsky, 1986).

existente de carácter linguístico. Evans defende ainda que a tese de *Linguagem como Instinto*, nuclear à *Gramática Universal*, nem pode ser considerada como um pressuposto linguístico; trata-se, antes, de uma hipótese contextualizada num novo ramo de assim chamada *Biolinguística*, o que faz dela uma suposição de carácter mais biológico do que propriamente linguístico. Por conseguinte, o livro de Evans (2014) constitui uma verdadeira pedrada no charco das ideias sobre a origem e natureza da Linguagem, cristalizadas com base na hegemonia institucionalizada da teoria chomskiana, estabelecida ao longo de mais de meio século, sem, no entanto, dispor da base empírica substancial que a comprovasse⁸. Os argumentos da tese da *linguagem-em-uso* de Evans constituem uma poderosa alternativa às verdades adquiridas do “credo linguístico” estabelecido da tese da *linguagem-como-instinto*. Esta alternativa permite uma perspectiva renovada e bem fundamentada no que na ciência mais recente e desenvolvida de modo interdisciplinar se tem descoberto sobre o funcionamento linguístico do Homem, da sua mente e da Linguagem humana.

No tratado de Evans, a discussão acerca do mito principal da *Linguagem como Instinto* desdobra-se, ao longo do texto, em seis mitos parciais mais específicos, proporcionando-se um debate que permite interligar várias áreas das Ciências Cognitivas: Linguística, Biologia, Neurociências, Antropologia, Filosofia, etc., promovendo uma abordagem interdisciplinar. Em função dos seis mitos parciais acima referidos, o Autor formula seis questões globais e fundamentais para serem discutidas, que considera as mais pertinentes no que diz respeito à Linguagem humana:

- (i) A Linguagem humana não está ligada aos sistemas de comunicação desenvolvidos por animais?
- (ii) Os universais da Linguagem existem?
- (iii) A Linguagem é inata?
- (iv) A Linguagem constitui um módulo distinto da mente?
- (v) Existe uma Linguagem universal da mente?

⁸ “(...) the language-as-instinct thesis, which today remains the single largest ‘school’ in Anglo-American linguistics, has little empirical basis sustaining itself in an institutional hegemony which, in the view of some, seeks to maintain the status quo, regardless of the actual facts: reputations have been built upon the idea of the language-as-instinct thesis; for these researchers, the prospect of the Universal Grammar thesis being wrong doesn’t bear thinking about.” (Evans, 2014, pp. 140-141).

“(...) the myth of language modularity – of a language faculty – has become institutionalised via retellings which are now immune to counterevidence” (Evans, 2014, p. 159).

(vi) O pensamento é independente da Linguagem?

Baseando-se na mais recente investigação científica desenvolvida nas Ciências Cognitivas, sobretudo na Psicolinguística Cognitiva e nas Neurociências, Evans demonstra, desenvolve e defende a sua tese de Linguística como sendo uma área que *emerge* de diversos paradigmas científicos que competem entre si. Procurando fornecer respostas às questões (i) a (vi) acima formuladas, o Autor argumenta contra a tese da *Linguagem como Instinto*, defendendo o que considera os *alicerces da Linguística Cognitiva*, conforme se pode observar nos pontos de (a) a (d), em baixo:

- (a) a Linguagem humana está ligada às outras formas de comunicação animal, não sendo, por isso, unicamente humana, nem autónoma em relação às outras capacidades cognitivas;
- (b) a Linguagem e, por conseguinte, as línguas particulares são objecto de mudança, variação e variabilidade, não se tratando de fenómenos regulares nem lineares;
- (c) a Linguagem é adquirida com base nas capacidades gerais da mente humana e não com base numa pré-programada capacidade universal;
- (d) a Linguagem e a mente por um lado reflectem e, por outro, influenciam o modo como interagimos com o mundo e com os outros.

Ao longo do seu tratado, Evans (2014) utiliza uma exemplificação linguística proveniente do uso corrente da Linguagem, ancorando a sua argumentação nos alicerces acima referidos, a fim de desenvolver uma tese alternativa da *Linguagem-como-Instinto*, na qual se destacam pelo menos *quatro ideias fundamentais*.

Em primeiro lugar, o Autor argumenta que o Homem é dotado de uma *inteligência cultural*, graças à qual desenvolve comportamento *cooperativo* e *pro-social*, que o distingue do comportamento social menos elaborado, observado nas outras espécies. O Autor defende que, ao longo da evolução, esta inteligência cultural facilitou, por um lado, o desenvolvimento de comportamentos simbólicos mais avançados, sendo a Linguagem humana o seu exemplo paradigmático, facilitando, por outro, uma competência mental adicional, a *inteligência interaccional*.

Em segundo lugar, Evans defende que existem *universais ao nível da experiência humana*⁹, que, por sua vez, exercem restrições sobre o funcionamento da linguagem. Estes universais não se encontram dentro da Linguagem (conforme defendido na tese inatista da *Gramática Universal*), mas emergem da experiência humana comum, que – em termos latos – é determinada pelo meio físico em que nos movemos e depende das estruturas neuroanatômicas dos nossos cérebros, comuns a todos os humanos.

Na sequência da argumentação apresentada, e em terceiro lugar, Evans caracteriza a *gramática mental* do ser humano¹⁰ como sendo constituída por unidades linguísticas de diferentes níveis de complexidade, que são provenientes do *input* linguístico, formando construções e organizando-se em redes¹¹. É com base nas unidades de aprendizagem provenientes do *input* linguístico que rodeia o falante – e não em função de um pré-determinado sistema universal de regras da tese chomskiana – que emerge e se constitui o processo da *aquisição da Linguagem*. O processo fundamenta-se, por conseguinte, nas capacidades gerais da mente humana e não numa suposta pré-programada capacidade universal específica. A primeira destas capacidades gerais é a de *reconhecer e definir padrões*¹² encontrada igualmente entre os primatas¹³. A segunda capacidade tem a ver com o reconhecimento e imitação por parte da criança da intenção comunicativa do outro¹⁴, que é determinada culturalmente, o que implica a adaptação de carácter cultural e simbólico de quem adquire a Linguagem¹⁵. A aquisição da linguagem emerge¹⁶, por conseguinte, com base em unidades de uso linguístico chamadas ‘*chunks*’, provenientes do *input* linguístico, às quais o falante se encontra exposto, num processo

⁹ (Evans, 2014, pp. 250-252).

¹⁰ (Evans, 2014, pp. 242-249).

¹¹ “*The language-in-use thesis claims that linguistic units – constructions – are organised in an individual’s mind as a network, with more abstract schemas being related to more specific instances of language.*” (Evans, 2014, p. 249).

¹² No original: “*pattern-finding ability*” (Evans, 2014, p. 118).

¹³ (Evans, 2014, pp. 118-123).

¹⁴ No original: “*intention-reading ability*”, (Evans, 2014, p. 123).

Evans analisa várias propostas cognitivistas de como se processa a aquisição da linguagem – p. ex., a de Langacker (Evans, 2014, pp. 123-124), Bybee (Evans, 2014, pp. 125-126) ou Goldberg (Evans, 2014, pp. 126-127) – contrastando-as com a dos inatistas (cf. Bickerton, na sua teoria sobre formação das línguas crioulas (Evans, 2014, pp. 128-129).

¹⁵ (Evans, 2014, pp. 123-124).

¹⁶ (Cf. Bowerman, 1989, 1994).

feito gradativamente e com esforço de aprendizagem¹⁷. Neste processo baseado no uso, dependente da frequência dos itens que ocorrem no *input*, a criança adquire a linguagem com base em 'chunks', para passar progressivamente com o uso (que exige tempo, esforço e maturação) para a fase de abstracção, na qual começa a criar padrões, tornando-se também competente em reconhecer intenções de comunicação determinadas social e culturalmente dos outros falantes. É deste modo – defende o Autor – que os factores determinados pelo uso do *input* linguístico determinam a construção da gramática da criança ao longo do processo da aquisição¹⁸. A experiência humana, como não é dada, precisa de ser aprendida; no caso da Linguagem, a experiência provém do *input* linguístico no qual estamos imersos e que nos permite a aquisição/aprendizagem da(s) nossa(s) língua(s) materna(s). Na sequência desta refutação, Evans defende que a oposição do que é conhecido na literatura anglo-saxónica como o fenómeno *nature vs nurture*, isto é, inatismo vs experiência, não pode ser indevidamente polarizado, visto que as nossas capacidades gerais inatas definem e viabilizam o processo de aprendizagem, que emerge da experiência.

E por fim, e em quarto lugar, Evans (2014) postula o modo como uma determinada língua particular codifica domínios como, por exemplo, espaço, tempo, cor ou género e exerce, de facto, influência sobre o entendimento que os seus falantes têm sobre o mundo, sendo conhecida como a teoria do *relativismo linguístico*¹⁹. Segundo esta teoria, o modo como construímos o nosso pensamento e nos apercebemos do que nos circunda é influenciado pelas diferenças (muitas delas estruturais) que existem entre as línguas particulares que falamos. A teoria do relativismo linguístico conhecida como a hipótese whorfiana (Whorf, 1956) foi, depois, reformulada como a hipótese de Sapir-Whorf (cf. Sapir, 1985) e, posteriormente, desenvolvida como a teoria neo-whorfiana. O relativismo linguístico foi consubstanciado ao longo dos anos por muita evidência linguística, da qual se destacou, primeiro, a discussão sobre a expressão linguística do domínio da cor (desenvolvida a partir do tratado de Berlin e Kay, de 1969), e, depois, no domínio do espaço (cf.

¹⁷ (Evans 2014, pp. 131-132).

¹⁸ "The child is adept at pattern-finding, and comes equipped with a species-specific ability to recognize communicative intentions, and, moreover, a pro-social desire to communicate. And, finally, usage-based factors guide the construction of a grammar in the mind of the child". (Evans, 2014, p. 132).

¹⁹ (Evans, 2014, pp. 193-228).

Batoréo, 1996/2000; Levison, 2003). Evans demonstra que o relativismo linguístico é um fenómeno que tem a ver com o impacto que a língua que é utilizada pelo falante exerce sobre o seu aparelho cognitivo, o que significa que existem diferenças entre as mentes dos falantes de diversas línguas, dada a experiência linguística que cada um dos falantes tem²⁰. Segundo a perspectiva defendida por Evans (2014), a Linguagem humana (tal como observada com base no uso efectuado em diferentes idiomas particulares) e a mente humana estão interconectadas, vivendo em simbiose.

3. LINGUÍSTICA COGNITIVA COMO ABORDAGEM PLURAL DO ESTUDO DA LINGUAGEM-EM-USO²¹

A crítica ao *Mito da Linguagem como Instinto* apresentada por Evans (2014), discutida no capítulo anterior, enquadra-se na abordagem teórica da Linguística Cognitiva, adoptada previamente pelo mesmo Autor, em Evans e Green (2006). Trata-se de uma perspectiva plural, desenvolvida em linhas de pensamento independentes, radicadas, sobretudo, desde os anos oitenta do século passado, nas correntes teóricas elaboradas por três grandes vultos da Linguística Cognitiva: George Lakoff, Leonard Talmy e Ronald Langacker, bem como pelos seus seguidores e discípulos. Não se trata de uma teoria única e coesa, mas, antes, de uma abordagem muito abrangente, com os denominadores comuns subjacentes a todos os enquadramentos por ela englobados²². Do mesmo modo que acontece nas outras vertentes linguísticas, o estudo no âmbito desta abordagem foca tanto a Linguagem como as diferentes línguas particulares, tendo em consideração a sua sistematicidade, estrutura e funcionalidade. No entanto, a Linguística Cognitiva vai além do estudo da estrutura do sistema e do modo como este funciona: nesta abordagem parte-se do pressuposto que a Linguagem reflecte padrões do modo como o Homem pensa, permitindo acesso à natureza e organização do pensamento humano e, especialmente, ao modo como o Homem conceptualiza o mundo em que vive, funcionando a

²⁰ (Cf. Wierzbicka, 1992, 1996).

²¹ No presente capítulo, desenvolvemos a discussão apresentada inicialmente em Batoréo (2015).

²² "Cognitive linguistics is described as a 'movement' or an 'enterprise' because it is not a specific theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of guiding principles, assumptions and perspectives which have led to a diverse range of contemporary, overlapping (and sometimes competing) theories." (Evans & Green, 2006, p. 3).

Linguagem como uma janela de acesso à mente humana²³.

Tendo em conta a inscrição plural da sua origem, não é surpreendente que o campo da Linguística Cognitiva assuma hoje perspectivas múltiplas, reunidas em um conglomerado de abordagens teóricas que compartilha hipóteses centrais a respeito da Linguagem humana, como é o caso do papel fundamental atribuído a questões relacionadas ao significado, ainda que cada uma dessas abordagens destaque aspectos distintos dos desdobramentos possíveis dessas hipóteses. Vale a pena ressaltar ainda - embora a Linguística Cognitiva não seja a única abordagem linguística que confere *status* especial ao significado - o modo particular como são tratadas as questões semânticas e pragmáticas. Este foco permite que se estabeleça um recorte relativamente bem delimitado da área, distinguindo-a, por um lado, de abordagens de orientação funcionalista e, por outro, do referencial teórico da semântica formal (Ferrari, 2009, p. 13).

Na abordagem conjunta das diferentes vertentes da Linguística Cognitiva, parte-se de um conjunto de constructos teóricos que fundamenta a análise teórica desenvolvida na área (como, por exemplo, a das bases conceituais e experienciais das categorias linguísticas) e estudam-se as unidades e as estruturas da Linguagem não pelo seu carácter autónomo, mas na sua qualidade de manifestações de capacidades cognitivas gerais, da sua organização conceptual, de mecanismos de processamento e conceptualização, bem como da experiência cultural, social e individual. A Linguagem surge, assim, como um repositório significativo e estruturado de conhecimento do mundo, construído com base nas experiências adquiridas, vividas e partilhadas, cujo registo é retrospectivamente guardado para podermos lidar, prospectivamente, com experiências novas. A Linguagem assume-se como um *fenómeno mental*, cuja interacção no mundo é medida por estruturas informativas na mente, e que serve como meio para organizar,

²³ "Cognitive linguistics, like other linguistics, study language for its own sake; they attempt to describe and account for its **systematicity**, its structure, the **functions** and how these functions are realised by the language system. However, an important reason behind why cognitive linguists study language stems from the assumption that language reflects patterns of thought. Therefore, to study language from this perspective is to study its patterns of **conceptualisation**. Language offers a window into cognitive function, providing insights into the nature, structure and organisation of thoughts and ideas. The most important way in which cognitive linguistics differs from other approaches to the study of language (...) is that language is assumed to reflect certain fundamental properties and design features of the human mind." (Evans & Green, 2006, p. 5), (destaque em negrito é da autoria dos autores.).

processar e transmitir informação²⁴.

Ao estudar cientificamente a Linguagem, a Linguística Cognitiva circunscreve a investigação desenvolvida na área em função das *cinco premissas fundamentais* (cf. Ferrari, 2009, Cap. 1):

- (i) categorização linguística (abrangendo prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos idealizados, metáfora e imagens mentais); defende-se, assim, que o significado linguístico é relativizado a domínios linguísticos e que os sistemas cognitivos não são autónomos;
- (ii) princípios funcionais da organização linguística (iconicidade, naturalidade e perspectivação); defende-se, por conseguinte, que o significado linguístico reflecte processos de perspectivação;
- (iii) natureza dinâmica da gramática (o que implica, por exemplo, a existência de uma interface conceptual entre sintaxe e semântica);
- (iv) base pragmática e experiencial da linguagem-em-uso (o que implica que o significado linguístico é baseado no uso e na experiência);
- (v) relação entre Linguagem e Mente/Pensamento (a hipótese de relativismo e/ou universais conceptuais/linguísticos).

A Linguística, tal como acima definido, que estuda cientificamente a conceptualização efectuada, simultaneamente, *a partir, através e dentro do* escopo da Linguagem, é, necessariamente, uma *linguística cognitiva*, na medida em que o seu objecto de investigação é a Linguagem como *sistema de conhecimento*²⁵.

²⁴ "It is a fact that languages systematically direct attention to certain facets of our existence, while systematically ignoring other facets, and that the way each language shapes attention in language-specific. It is also a fact that language is one of the primary identifiers of ethnic groups, and the means by which much of their culture is expressed." (Janda, 2008, p. 26).

²⁵ É de salientar que também outras correntes linguísticas – tal como, aliás, acontece no caso da Gramática Generativa de Chomsky (cf., a título exemplificativo, Chomsky, 1986) – ou mesmo outros *sistemas de conhecimento* no paradigma das Ciências Cognitivas (como, entre outros, Psicologia Cognitiva, Neurociências, Inteligência Artificial, Antropologia, Etnografia, etc.) – apontam para a necessidade da existência de uma *linguística cognitiva*. Chomsky demonstrou, de modo definitivo, a importância dos fenómenos de natureza cognitiva para a compreensão da linguagem, ou seja, a importância dos fenómenos relativos ao modo como a nossa mente interage com o mundo que nos cerca, bem como dos processos que permeiam essa interacção. Entretanto, limitou a sua abordagem a questões relacionadas ao desenvolvimento ou à maturação de uma capacidade biológica, postulando uma estrutura racional e universal inerente ao organismo humano (cf. Martelotta, 2008, p. 177).

No entanto, e ao contrário do que acontece no caso da linguística chomskiana, conforme discutido no capítulo 2., com base em Evans (2014), a Linguística Cognitiva não partilha da existência de uma Faculdade da Linguagem totalmente autónoma, independente de outras faculdades mentais, nem do conhecimento da Linguagem modular autónomo em relação a outros tipos de conhecimento. O respectivo enquadramento teórico não implica exclusivamente o conhecimento *da* Linguagem, mas aponta, antes, para o conhecimento *através* da Linguagem, na direcção ao conhecimento do mundo. Ao alterar-se, assim, o sentido da direcção da pesquisa, altera-se, basicamente, o objecto da relação epistemológica adoptada pelos estudos linguísticos estabelecidos na segunda metade do século XX. Quer na vertente estruturalista quer na generativista, a relação epistemológica dos estudos linguísticos é entendida como o estudo do sistema *que se basta a si próprio* e que se abstrai, por conseguinte, do mundo extralinguístico que representa e que conhece através da Linguagem. Na óptica da Linguística Cognitiva, pelo contrário, esbate-se a distinção entre o *intra* e o *extralinguístico*, defendendo-se a importância do conhecimento enciclopédico do mundo e o estudo englobante não-modular da linguagem numa *visão holística* de um *todo conceptual e simbólico*. A gramática de uma língua caracteriza-se, assim, pela sua natureza simbólica, existindo nela um *contínuo de léxico-gramática* – ou, melhor, de *sintaxe-semântica-pragmática* – responsável pela representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente dos falantes²⁶.

Além de se pautar pelas cinco premissas acima apresentadas, a Linguística Cognitiva organiza-se à volta de *quatro princípios* fundamentais:

- (i) primazia da semântica na análise linguística;
- (ii) natureza enciclopédica do conhecimento linguístico;
- (iii) natureza perspectivista do significado linguístico;
- (iv) historicidade do significado linguístico.

cruzando-se estes quatro princípios com as respectivas orientações metodológicas. Estas orientações, por sua vez, enquadram-se no âmbito

²⁶ (Cf. R. Langacker. *Gramática Cognitiva*, 1987/1991, 2000): as categorias e construções gramaticais são entendidas, assim, como entidades simbólicas convencionais, tal como acontece no caso das categorias lexicais, estruturando-se pelos mesmos princípios de categorizações prototípicas e por modelos cognitivos e culturais idênticos (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Talmy, 2003).

do *experientialismo*²⁷ (isto é, do *não-objectivismo*), tal como defendido em Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987).

O *experientialismo* defendido pela Linguística Cognitiva postula que a categorização se processa na base de protótipos. Assim, os vários elementos de uma categoria apresentam diferentes graus de saliência, agrupam-se por *semelhanças-de-família* e as fronteiras entre diferentes categorias são geralmente vagas e difusas. Se a função fundamental da Linguagem é a categorização, então a *significação será o fenómeno linguístico primário* (cf. o primeiro princípio fundamental, referido acima). A função categorizadora da Linguagem é estudada sistematicamente numa perspectiva que abrange as seguintes vertentes: *a teoria do protótipo* (Taylor, 1995; Geeraerts, 1997), *a teoria da metáfora conceptual* (Lakoff e Johnson, 1980; Sweetser, 1990), *a semântica do enquadramento linguístico* ('*frame semantics*' de Fillmore, 1985), *a teoria de espaços mentais* e *a teoria da integração conceptual* (Fauconnier, 1985) e *modelos culturais* (cf. Discussão em Batoréo, 2015, sobre *Linguística Cultural*).

O *experientialismo* da Linguística Cognitiva postula, também, que o pensamento se fundamenta na experiência do mundo. Esta experiência não é dada, mas é construída através de estruturas cognitivas informativas, tais como a Linguagem. Consequentemente, esta estrutura não pode ser considerada um módulo separado, mas apenas parte integrante da Cognição, em que não existe distinção entre conhecimento *linguístico* e conhecimento *enciclopédico* (cf. atrás, o segundo princípio fundamental). O significado linguístico encontra-se intimamente ligado ao conhecimento do mundo na relação com a função categorizadora da Linguagem. Em vez de espelhar a realidade, a Linguagem é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que reflectem as experiências e as culturas, o que aponta para a *natureza perspectivista do signo linguístico* (cf. o terceiro princípio fundamental, referido acima). Esta característica está intimamente ligada à *historicidade do significado*, visto que a própria experiência humana é um fenómeno histórico sujeito a mudanças. Esbate-se, assim, a divisão saussureana estanque entre a linguística

²⁷ A fim de definir as linhas de *orientação metodológica* de trabalho em Linguística Cognitiva, tendo sempre presentes os quatro princípios fundamentais acima definidos, parte-se da análise das respostas a três grupos de perguntas (Silva, 2004, p. 79; cf. Batoréo, 2004).

sincrónica e diacrónica, entendendo-se que o estudo linguístico do significado deverá, naturalmente, combinar ambas as perspectivas: a sincrónica e a diacrónica (cf. o quarto princípio fundamental referido acima).

O experiencialismo postulado pela Linguística Cognitiva defende, ainda, que, no nosso dia-a-dia, é comum pensarmos e falarmos figurativamente. Assim, não existindo uma posição fundamental entre o literal e o figurado, a metáfora e outros tipos de linguagem tradicionalmente encarados como figurados são fenómenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos naturais dos actos de pensar e de falar.

As premissas teóricas, os princípios fundamentais e as linhas de orientação metodológica acima apresentadas constituem os alicerces não só da Linguística Cognitiva, mas também da *Linguística Cultural* nela radicada (cf. Batoréo, 2015, 2017), assim como da área da *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*, no âmbito da Psicolinguística (cf. Batoréo 2017, 2018a, 2018b, 2020a, 2020b).

4. NOTAS FINAIS

O objectivo do presente artigo foi uma reflexão teórica conducente à caracterização global da Linguística como uma abordagem plural do estudo da Linguagem baseada no uso. No capítulo 2. do presente estudo, iniciamos esta discussão partindo de Evans (2014), obra em que o Autor demonstra, com base na mais recente investigação interdisciplinar desenvolvida nas últimas décadas, que a tese da *Linguagem como Instinto*, inerente à teoria chomskiana da Linguagem e da respectiva *Gramática Universal*, constitui o maior mito linguístico de sempre por não reunir provas factuais que a possam consubstanciar.

Tendo por base a discussão inicial, no capítulo 3., argumentámos a favor da existência da Linguística Cognitiva, na qualidade de uma abordagem englobante e plural do estudo da Linguagem-em-uso e da sua interacção com a Cognição, que nos permite entender o modo como (i) a Linguagem se organiza e estrutura, (ii) funciona e se relaciona com a mente humana e (iii) nos permite conceptualizar e construir a imagem do mundo que nos rodeia.

A discussão apresentada permite-nos entender que – tal como

acontece nas outras vertentes linguísticas – o estudo no âmbito da abordagem da Linguística Cognitiva foca tanto a Linguagem humana como as diferentes línguas particulares, tendo em consideração a sua sistematicidade, estrutura e funcionalidade. No entanto, a Linguística Cognitiva vai além do estudo da estrutura do sistema e do modo como este funciona: nesta abordagem defende-se que a Linguagem reflecte padrões do pensamento, permitindo acesso à sua natureza e organização e, especialmente, ao modo como o Homem conceptualiza o mundo em que vive, funcionando a Linguagem como uma janela de acesso à mente humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adger, D. (2015a). Mythical myths: Comments on Vyvyan Evans *The Language Myth*. In *Lingua*, 158, 76-80.

Adger, D. (2015b). *More misrepresentation: A response to Behme & Evans.* (2015). *Lingua*, 162, 160-166.

Batoréo, H. (1996/2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição.* Dissertação de Doutoramento, FLUL, Lisboa, 1996. *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.* FCT, Fundação Calouste Gulbenkian.

Batoréo, H. (2004). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva.* CD-ROM em PDF. Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9350>

Batóreo, H. (2015). Linguagem centrada no uso e o conhecimento linguístico: linguística cultural, linguística cognitiva e os estudos linguísticos. In Fiéis, A., Lobo, M. & Madeira, A. (orgs). (2015). *Universal e o Particular – Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*, 39-59. Colibri. ISBN 978-989-689-477-1.

Batoréo, H. (2016). Recensão crítica de Evans, V., *The Language Myth: Why language is not an instinct?*, (2014), 304. University Press. ISBN 978-1-107-61975-3. In *Linguística*, 12 (1), 21-32.

Batoréo, H. (2017). On Ironic Puns in Portuguese Authentic Oral Data. How does multiple meaning make irony work?,. In A. Athanasiadou & H. Colston (eds.). (2017). *Irony in Language Use and Communication*, 109-126. John Benjamins. ISBN 9789027209856. Electronic edition ISBN

9789027264824. <http://doi.org/10.1075/ftl.1>. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9332>

Batoréo, H. (2018a). Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. In: Barroso, H. (coord.). (2018). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, 53-80. Humus Lda. ISBN: 978-989-755-348-6. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9324>.

Batoréo, H. (2018b). Metaphorical Competence in Multilingual Context of Language Acquisition and Learning. In: *Psychology of Language and Communication*, 22 (2). (Special issue *In Honor of Professor Barbara Bokus – Developmental Psycholinguistics: Old Questions, New Answers*), 534-556. De Gruyter. ISSN: 2083-8506. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9334>

Batoréo, H. (2000, Julho, 22). Aquisição da Linguagem e a Linguística Cognitiva: Que competências para o falante não-nativo? (*online*). *Abralin ao Vivo: linguists on-line* –, Associação Brasileira de Linguística – Abralin. Brasil. <https://aovivo.abralin.org/lives/hanna-batoreo/> <https://www.youtube.com/watch?v=UNzKXUDKqFI>

Batoréo, H. (2020, Agosto, 6). Competência metafórica em Português Língua Não-Materna: Reestruturação e adequação conceptuais do falante não-nativo (*online*). *Primeiro ciclo de conferências/ 1st Cycle of Lectures on Cognitive Linguistics: Research and Trends*, do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento/ Cognição e Linguística – GELP-COLIN, (em colaboração com VII International Conference on Metaphor in Language and Thought – VII CIMLP), Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal do Maranhão, Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=h1UcM5EFs>

Bauer, L. & Trudgill, P. (eds.). (1998). *Language Myths*. Penguin Books.

Behme, C. & Evans, V. (2015). Leaving the myth behind: A reply to Adger (2015). In *Lingua*, 162, 149-159.

Berlin, B. & Kay, P. (1969). *Basic Colour Terms: Their Universality and Evolution*. Cambridge University Press.

Bickerton, D. (1981). *Roots of Language*. Karoma Publishers.

- Bickerton, D.** (1984). The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(2), 173-221.
- Bowerman, M.** (1989). Learning a Semantic System: What Role Do Cognitive Predispositions Play?. In Rice, M. & Schiefelbusch, R. (eds.). (1993). *The Teachability of Language*. Paul H. Brooks. In *Bloom*, 329-363.
- Bowerman, M.** (1994). Linguistic and Nonlinguistic Determinants of Spatial Semantic Development: A Crosslinguistic Study of English, Korean, and Dutch. Comunicação apresentada na *Boston University Conference on Language Development*, Boston.
- Bybee, J.** (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press.
- Chomsky, N.** (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT Press.
- Chomsky, N.** (1986). *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. Greenwood Publishing Group.
- Evans, V.** (s/d). Language in the Mind. The evolution of language and cognitive linguistics. *Psychology Today*. <https://www.psychologytoday.com/blog/language-in-the-mind>
- Evans, V.** (2014). *The Language Myth: Why language is not an instinct?*. Cambridge University Press.
- Evans, V.** (2015). *The Crucible of Language: How Language and Mind Create Meaning*. Cambridge University Press.
- Evans, V.** (2015a). The structure of Scientific Revolutions. Reflections on radical fundamentalism in language science. <https://www.psychologytoday.com/blog/language-in-the-mind/201504/the-structure-scientific-revolutions>.
- Evans, V.** (2015b). A Paradigm Shift in Linguistics? Ill-conceived Dogma and The Language Myth. [603cc2_725915ba0c5e4630a9fa4b5f6387aaae.pdf \(filesusr.com\)](https://www.filesusr.com/603cc2_725915ba0c5e4630a9fa4b5f6387aaae.pdf).
- Evans, V.** (2016). Open Letter, regarding my invited response article on The Language Myth, solicited by *Language*. <http://www.vyvevans.net/openletter.pdf>
- Evans, V. & Green, M.** (2006). *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Routledge.

- Evans, V. & Pickering, L.** (In press). *Language Learning, Discourse and Cognition*. John Benjamins.
- Ferrari, L. (org.)** (2009). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Imprinta.
- Ferrari, L.** (2010). Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição, 41*, 149-165. <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo7.pdf>.
- Ferrari, L.** (2011). *Introdução à Linguística Cognitiva*. Contexto.
- Fauconnier, G.** (1985). *Mental Spaces*. MIT Press.
- Fillmore, C.** (1985). Frames and Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica, 6*, 222-254.
- Fodor, J.** (1983). *Modularity of Mind*. MIT Press.
- Geeraerts, D.** (1997). *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Clarendon Press.
- Gibbs, R. & Orden, G. van** (2010). Adaptive cognition without massive modularity. *Language & Cognition, 2*, 149-176.
- Goldberg, A.** (1995). *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press.
- Janda, L.** (2008). From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics. In *Slovo a smysl/ Word and Sense, 8*. <http://slovoasmysl.ff.cuni.cz/node/222>
- Lakoff, G. & Johnson, M.** (1980). *Metaphors we Live by*. University of Chicago Press.
- Langacker, R.** (2008). *Cognitive Grammar: a Basic Introduction*. Oxford University Press.
- Levison, S.** (2003). *Space in Language and Cognition: Explorations in Cultural Diversity*. Cambridge University Press.
- Martellota, M. (Org.)**. (2008). *Manual de Lingüística*. Contexto.
- Pinker, S.** (1994). *The Language Instinct*. William Morrow.
- Pinker, S.** (2002). *The Blank Slate*. Pinguin.

- Sapir, E.** (1985). *Selected Writings in Language, Culture and Personality*. Edited by Mandelbaum, D.. University of California Press.
- Silva, A.** (2004). Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento. In Dinis, A. & Curado, A. (Orgs.). (2004). *Consciência e Cognição*. Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 79-96.
- Silva, A. & Batoréo, H.** (2010). Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In Brito, A. (Org.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 229-251. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf>
- Sweester, E.** (1990). *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press.
- Talmy, L.** (2003). *Toward a Cognitive Semantics* (Vols. 1-2). A Bradford Book. MIT Press.
- Taylor, J.** ([1989]/1995). *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Clarendon Paperbacks. Oxford University Press.
- Whorf, B.** (1956). *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Edited by John B. Carroll. MIT Press.
- Wierzbicka, A.** (1992). *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*. Oxford University Press.
- Wierzbicka, A.** (1996). *Semantics, Primes and Universals*. Oxford University Press.

EMOÇÕES, COGNIÇÃO E VARIAÇÃO INTRALINGUÍSTICA E CULTURAL¹

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

RESUMO

A hipótese central do presente estudo é a ideia de que as emoções têm uma base biológica, mas são social e culturalmente construídas. Como experiências fisiológicas condicionadas pela cultura e intersubjetivamente manifestadas, as emoções são permeáveis à variação social e a influências culturais. O modo como as emoções são conceptualizadas, percebidas, experienciadas, comunicadas, (não) controladas e avaliadas pode diferir entre sociedades e culturas e não só entre línguas diferentes como também dentro da mesma língua. Este estudo explora a conceptualização cultural das emoções nas duas principais variedades nacionais do português, isto é, português europeu (PE) e português brasileiro (PB). Assumindo uma perspetiva sociocognitiva da linguagem e implementando uma metodologia baseada em *corpus* e em perfis, o estudo integra uma análise qualitativa multifatorial, em termos de perfis onomasiológicos de traços semânticos e de metáforas conceptuais, de mais de um milhar de exemplos de RAIVA, ORGULHO e AMOR, extraídos de um *corpus* de blogues, e uma subsequente análise quantitativa multivariada. As diferenças na estruturação conceptual e na representação metafórica destas emoções entre PE e PB correlacionam-se com a cultura relativamente mais individualista e emocionalmente mais expressiva do Brasil e a cultura portuguesa, comparativamente mais coletivista. Os resultados do presente estudo trazem evidências empíricas sobre a variabilidade cultural das emoções numa mesma língua pluricêntrica e, num plano mais geral, sobre a interação entre emoção, linguagem, cognição e cultura e a importância da chamada “viragem social e empírica” da Linguística Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: emoções, variação linguística, língua pluricêntrica, metáfora conceptual, corporização, cognição social, coletivismo vs. individualismo, metodologia multifatorial e multivariada, análise de *corpus*, português europeu e brasileiro

¹ Este estudo foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Projeto “Comparando a conceptualização de emoções no português europeu e brasileiro”, e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, como parte do Projeto UIDB/00683/2020 do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

ABSTRACT

The main hypothesis of the present study is the idea that even though emotions have a biological foundation, they are socially and culturally constructed. As physiological experiences conditioned by culture and intersubjectively manifested, emotions are permeable to social variation and cultural influences. The way emotions are conceptualised, understood, experienced, communicated, (not)controlled and evaluated can differ between societies and cultures and, not only between different languages, but also within the same language. This study explores the cultural conceptualization of emotions in the two main national varieties of Portuguese, namely European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP). By adopting a sociocognitive view of language and by applying a corpus-based and profile-based methodology, this study combines a multifactorial usage-feature and metaphorical profile analysis of over one thousand examples of ANGER, PRIDE and LOVE from a corpus of personal-experiential blogs with their subsequent multivariate statistics modeling. The differences in the conceptual structuring and metaphorical representation of these emotions between EP and BP are consistent with the more individualistic, indulgent, and emotionally expressive culture of Brazil and the more collectivistic and restrained culture of Portugal. The results of the present study carry empirical evidence on the cultural variability of emotions in the same pluricentric language, more generally, on the interaction between emotion, language, cognition and culture, as well as on the importance of the so-called “social and empirical turn” in Cognitive Linguistics.

KEYWORDS: emotions, language variation, pluricentric language, conceptual metaphor, embodiment, social cognition, collectivism vs. individualism, multifactorial and multivariate methodology, corpus analysis, European and Brazilian Portuguese

1. EMOÇÕES, COGNIÇÃO E CULTURA

Nas três últimas décadas, a importantíssima dimensão humana que designamos por *emoções* e *sentimentos* tem sido objeto de vários estudos em diferentes áreas científicas, como as neurociências, a psicologia, a antropologia, a sociologia e, naturalmente, também a linguística. Estes estudos têm desenvolvido teorias diversas e até opostas sobre a natureza fisiológica, mental ou cultural das emoções, sobre a existência ou não das chamadas emoções *básicas*, sobre a universalidade ou a diversidade cultural das emoções e sobre o significado das emoções.

O principal debate sobre a natureza e o significado das emoções opõe a concepção universalista e psicofisiológica à concepção relativista e cultural das emoções. De um lado, estão os que argumentam que, uma vez que os seres humanos têm o mesmo corpo e, conseqüentemente, as mesmas experiências corporais fundamentais, é expectável que haja uma base universal na conceptualização das emoções (psicólogos como Ekman (1972, 1992), e Izard (1977, 1994); linguistas como Lakoff e Johnson (1980, 1999), Kövecses (1986, 1990, 2000) e Wierzbicka (1999). Defende-se, assim, que a universalidade da experiência corporal humana motiva a existência de conceptualizações universais das emoções e do pensamento abstrato em geral. Do outro lado, estão os que consideram que as emoções são construções culturais estabelecidas por determinado grupo social, pelo que não são universais nem inatas, mas construídas e adquiridas na interação social (antropólogos como D'Andrade, 1987; e Lutz, 1987; psicólogos como Mesquita, *et al.*, 1997; e Russel, 1991; linguistas como Geeraerts & Grondelaers, 1995; e Yu, 1995).

Um exemplo paradigmático deste debate encontramos-lo na área da linguística e entre linguistas do mesmo enquadramento teórico – a Linguística Cognitiva. Kövecses (1986, 1990) e Lakoff e Kövecses (1987) consideram que metáforas de emoções, como, por exemplo, RAIVA É CALOR, se fundamentam em aspetos universais da fisiologia e percepção humanas, pelo que esta metáfora conceptual da raiva é universal. Todavia, Geeraerts e Grondelaers (1995) contrapõem à aparente universalidade desta metáfora da raiva uma motivação fundamentalmente cultural e histórica, especificamente a grande influência da teoria popular medieval dos quatro humores (fluidos do corpo humano) e dos quatro temperamentos básicos (bílis amarela > colérico, bílis negra > melancólico, fleuma > fleumático e sangue > sanguíneo), que dominou o pensamento médico na Europa ocidental durante vários séculos, na conceptualização de raiva e de outras emoções. E Yu (1995) mostrou a importância da teoria popular das emoções baseada nos cinco elementos da natureza (madeira, fogo, terra, metal e água) na medicina chinesa.

A emoção interage com a cognição, a cultura e a linguagem. Os estudos neurobiológicos de Damásio (1995, 2000) demonstram como a cognição interage com a emoção. E Damásio (2004, 2017) evidencia em termos neurobiológicos a importância das emoções e dos sentimentos na

interação social e na criação de culturas. São as emoções e os sentimentos – distinguindo-se aquelas pela sua espontaneidade e exterioridade e estes pela sua permanência e interioridade – os mecanismos que impulsionam o intelecto humano na direção da cultura (Damásio, 2017). Nos seus estudos sobre o *cérebro emocional*, Ledoux (1996) mostra como as experiências emocionais têm o seu ponto de partida em partes do cérebro. Os recentemente descobertos neurónios em espelho revelam-se essenciais para a comunicação empática, naturalmente emotiva, e a própria emoção é o vetor neurobiológico da criação metafórica (ver Mc Geoch, 2007; e Castro-Caldas *et al.*, 2009). A estreita relação entre emoção/sentimento e cognição constitui uma das evidências do princípio epistemológico da *corporização* (“embodiment”) ou mente/cognição corporizada (“embodied mind/cognition”), fundador das ciências cognitivas de segunda geração, a partir dos anos 90. Mais especificamente, a psicologia cognitiva (e.g. Varela, Thompson & Rosch, 1991), a neurociência cognitiva (Edelman, 1992; Damásio, 1995, 2000), a fenomenologia contemporânea e a filosofia da mente (e.g. Gallagher, 2005, 2012) e a linguística cognitiva (Lakoff & Johnson, 1999; Gibbs, 2006), entre outras ciências cognitivas, convergiram na hipótese da *cognição corporizada*, no sentido de que o sistema conceptual está integrado no *corpo* do indivíduo, em todos os seus aspetos, tanto os físicos como os funcionais e os sociais. Mais recentemente, as ciências cognitivas têm reunido evidências convergentes sobre a *situacionalidade* (“situatedness”) *sociocultural* da cognição ou *corporização sociocultural* (“sociocultural embodiment”) e, assim, a interpretação da cognição como *cognição situada* ou *cognição social*, isto é, mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais (ver, entre outros, Augoustinos, *et al.*, 2006; Bernárdez, 2008; Frank, *et al.*, 2008; Zlatev, *et al.*, 2008; Pishwa, 2009; Fiske & Macrae, 2012; Fusaroli, *et al.*, 2012; Gallagher, 2017). A perspetiva da *cognição social* faz, assim, a síntese do individual e do coletivo, do pensamento e da ação, do neuronal e do cultural, do cognitivo e do social, da mente e da comunidade.

A emoção está intrinsecamente presente na linguagem e a sua presença está patente em todos os domínios do funcionamento da língua: não apenas no léxico, mas também na gramática (fonologia, morfologia, sintaxe) e no discurso. Foolen (2012) aponta três domínios de relevância da emoção para a linguagem e a linguística: (i) a conceptualização

das emoções, através de diversas categorias linguísticas (não só nomes e verbos, mas também palavras funcionais, como preposições, como em *amor por, ódio contra*) quer em sentido literal quer, especialmente através da metáfora e da metonímia, em sentido figurado; (ii) a expressão das emoções, em todos os níveis do funcionamento da língua, donde a linguagem expressiva, também chamada emotiva ou afetiva; e (iii) a própria fundamentação da linguagem, no sentido de a emoção ser uma das pré-condições para o funcionamento de uma língua e o seu surgimento dar-se tanto ontogenética quanto filogeneticamente. Estudos psicolinguísticos mostram que o processamento da linguagem emocional é diferente do processamento da linguagem neutra (e.g. Glenberg *et al.*, 2005). Tomasello (2005) reúne provas psicolinguísticas e filogenéticas de como o desejo de partilhar emoções e/ou atitudes com os outros é um dos três motivos básicos para a cooperação característica da comunicação humana (os outros dois motivos são os desejos de solicitar e de informar).

O estudo da linguagem das emoções permite evidenciar como se condicionam, reciprocamente, linguagem, cultura e cognição e como a linguagem manifesta mecanismos cognitivos, processos de conceptualização e aspetos da experiência humana em todas as suas dimensões – individual, social, cultural e histórica. A Linguística Cognitiva muito tem contribuído para o estudo da linguagem das emoções e para o que estas revelam sobre a cognição e a linguagem (e.g. Niemeier e Dirven, 1997; Athanasiadou e Tabakowska, 1998; Palmer e Occhi, 1999; Kövecses, 1990, 2000; Soriano, 2005; Foolen *et al.*, 2012).

A hipótese central do presente estudo é a ideia de que as emoções têm uma base biológica, mas são social e culturalmente construídas. Como experiências corporalmente fisiológicas condicionadas pela cultura e intersubjetivamente manifestadas, as emoções são naturalmente permeáveis à variação social e a influências culturais. O modo como as emoções são conceptualizadas, percebidas, experienciadas, comunicadas, (não)controladas e avaliadas pode diferir entre sociedades e culturas. Diferenças na conceptualização e expressão de emoções mais facilmente se encontram entre línguas diferentes e, mais ainda, entre línguas tipologicamente distintas. Mas elas existem também intralinguisticamente, isto é, entre variedades de uma mesma língua. São essas diferenças, bem como as semelhanças,

entre o português europeu e o português brasileiro que pretendemos estudar, na sequência de estudos anteriores (Silva, 2000, 2021).

2. VARIABILIDADE CULTURAL DAS EMOÇÕES: INFLUÊNCIAS INDIVIDUALISTAS E COLETIVISTAS E OUTRAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Estudos psicológicos, sobretudo da área da psicologia social, e estudos linguísticos, especialmente de linguística cognitiva, têm mostrado que a cultura influencia as emoções em vários aspetos (ver, entre outros, os estudos psicológicos de Markus e Kitayama, 1991; Russell, 1991; Mesquita, *et al.*, 1997; Eid e Diener, 2001; Matsumoto, *et al.*, 2010, e os estudos linguísticos de Geeraerts e Grondelaers, 1995; Glynn, 2014; Ogarkova e Soriano, 2014). A obra coletiva organizada por Fontaine, Scherer e Soriano (2013) reúne vários estudos de psicologia social e alguns de linguística cognitiva sobre o modelo componencial GRID de análise do significado emocional numa perspetiva intercultural e interlinguística.

Um dos modos mais eficientes de a cultura influenciar as emoções tem a ver com a oposição, bem conhecida nos estudos culturais, entre individualismo e coletivismo. Esta oposição constitui uma das seis dimensões através das quais Hofstede (1980, 2001) desenvolveu, nos anos 80, um modelo de comparação e medição das culturas do mundo (as restantes dimensões culturais são distância hierárquica, masculinidade/feminilidade, controlo da incerteza, orientação a longo/curto prazo e tolerância).

As sociedades podem ser caracterizadas e diferenciadas do ponto de vista da importância que atribuem ao indivíduo (*individualismo*) ou à comunidade como um todo (*coletivismo*), donde o próprio conceito de identidade, definido ora pelas escolhas e pelos resultados individuais (*eu independente*) ora pelo comportamento de grupos coletivos a que um indivíduo pertence (*eu interdependente*). Embora individualismo e coletivismo estejam presentes em qualquer sociedade, há sociedades mais individualistas e sociedades mais coletivistas. As sociedades mais *individualistas* caracterizam-se por conferirem maior importância ao indivíduo, às características singulares de cada um, do que ao grupo a que esse indivíduo pertence. Nas sociedades *coletivistas*, o interesse do grupo prevalece sobre o interesse do indivíduo e as pessoas identificam-se como membros interdependentes de uma organização social estabelecida por um conjunto de direitos e deveres.

Considerando, por exemplo, a emoção de raiva, nas culturas coletivistas a raiva é predominantemente vista como uma emoção (mais) negativa, disruptiva da ordem social e da harmonia, devendo, por isso mesmo, ser (mais) controlada e contida a sua manifestação. Pelo contrário, as culturais individualistas veem a raiva como uma emoção relativamente mais positiva e socialmente mais aceitável, sendo aí, conseqüentemente, menos controlada e mais exteriorizada. Orgakova e Soriano (2014) desenvolveram um estudo de *corpus*, cognitivamente orientado, sobre a conceptualização metafórica da raiva em inglês, espanhol e russo, mostrando que as metáforas que enfatizam a negatividade e a necessidade de controlo da raiva são mais salientes nas sociedades russa e espanhola, mais coletivistas, do que na cultura inglesa, mais individualista. Tomando uma emoção distinta, a experiência do orgulho tende a orientar-se para as realizações e os êxitos pessoais em sociedades mais individualistas, sendo aí o orgulho socialmente mais aceitável e positivo, e até desejável. As sociedades mais coletivistas tendem, em contrapartida, a orientar o orgulho para os êxitos do grupo ou da comunidade e a considerar o orgulho pessoal como uma emoção mais negativa e disruptiva. Van Osch *et al.*, (2013) concluíram que o orgulho se caracteriza por uma frequência e intensidade menores e por uma avaliação mais negativa nas culturas asiáticas, por natureza mais coletivistas, do que em culturas mais individualistas como a norte-americana.

Outra dimensão cultural influente nas emoções é a distância hierárquica, que se relaciona com as desigualdades e com as diferenças na repartição do poder. Em sociedades de maior distância hierárquica, experienciar ou manifestar raiva para com pessoas de classes altas é socialmente reprovável. E quanto mais aceitáveis forem as desigualdades sociais, mais negativamente experienciado e avaliado é o orgulho. Uma outra dimensão cultural, particularmente influente em relação ao orgulho, é a religião, nomeadamente o cristianismo, que vê o orgulho como um pecado mortal, em oposição à humildade, considerada a maior virtude humana.

3. VARIAÇÃO CULTURAL DAS EMOÇÕES NUMA MESMA LÍNGUA: METODOLOGIA MULTIFATORIAL E MULTIVARIADA PARA A COMPARAÇÃO ENTRE PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS BRASILEIRO

Portugal e Brasil representam ambas culturas coletivistas. Há, porém, diferenças no coletivismo cultural dos dois países. O modelo de comparação intercultural de Hofstede (2001) aponta diferenças entre Portugal e Brasil nas seis dimensões culturais em análise, como representado na Figura 1: diferenças de distância hierárquica, grau de individualismo (ou coletivismo), grau de masculinidade (ou feminilidade), controlo da incerteza, orientação a longo/curto prazo e tolerância. São particularmente interessantes, para a comparação da conceptualização das emoções nos dois países, as dimensões culturais de individualismo, tolerância e distância hierárquica.

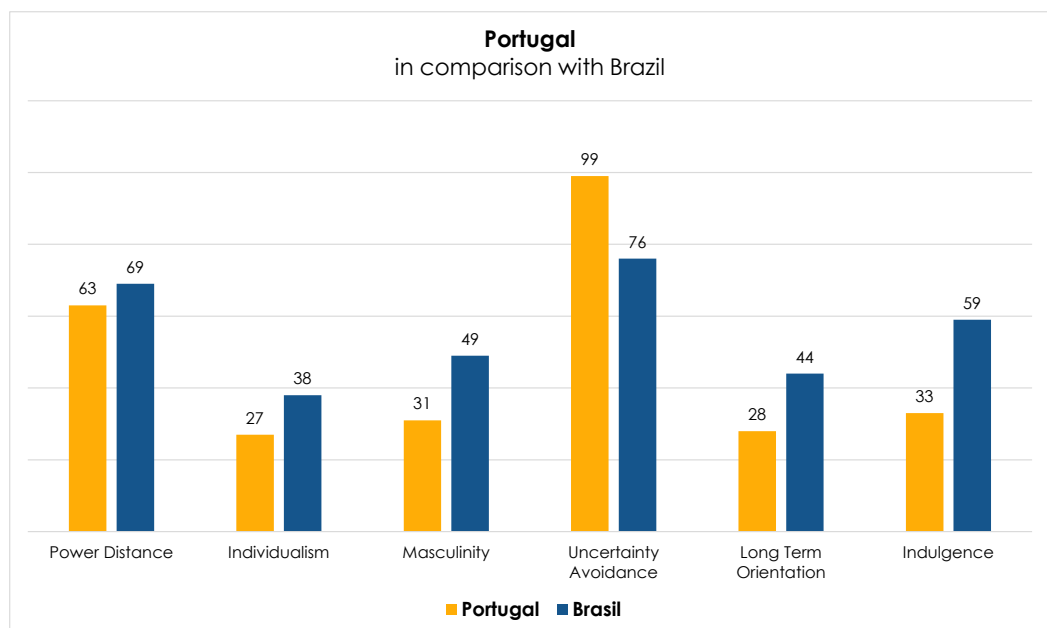


Figura 1. Portugal vs. Brasil (<https://geert-hofstede.com/portugal.html>)

Com a pontuação de 27 na escala de individualismo, Portugal é mais coletivista do que o Brasil, pontuado com 38 na mesma escala. De acordo com os resultados dos estudos de Hofstede, o coletivismo português manifesta-se num compromisso maior e mais duradouro com o grupo, seja a família de sangue ou outras “famílias” a que o indivíduo pertence. Além disso, a lealdade é considerada fundamental e prevalece sobre outras normas e regulamentações sociais. Outra dimensão cultural relevante na comparação é a tolerância, entendida

como grau baixo de controlo de desejos e impulsos. A pontuação elevada de 59 nesta dimensão é um indicador de que o Brasil é uma sociedade mais tolerante do que Portugal, com apenas 33. Quanto à dimensão da distância hierárquica, as diferenças entre os dois países são menores, recebendo o Brasil uma pontuação ligeiramente superior (69) à de Portugal (63).

Estes resultados devem, no entanto, ser considerados com reservas, sobretudo pelo facto de esta comparação cultural entre Portugal e o Brasil ter sido originariamente feita nos anos 80, numa altura em que a sociedade portuguesa era bastante diferente da atual.

Não obstante estas reservas, estudos culturais, sociológicos e antropológicos apontam também para um grau elevado de coletivismo na cultura portuguesa. Numa visão panorâmica da cultura portuguesa e integrando quer visões míticas quer teses modernistas e pós-modernistas, Real (2017, pp. 193-201) identifica, como “traços fundamentais da cultura portuguesa”, características coletivistas como os valores de gregarismo, generosidade, solidariedade e companheirismo, espírito de sacrifício, cultura do diálogo, em síntese, a procura do outro como aspeto definidor da própria identidade (ver também Santos, 1993). Um outro atributo do povo português é, de acordo com Real (1997, pp. 198-200), o seu temperamento lírico-sentimental e emocional, bem expresso na longa e rica história da literatura portuguesa.

A expressão das emoções é, porém, mais extrovertida e direta no povo brasileiro do que no povo português. Sociólogos, antropólogos e historiadores brasileiros, desde os clássicos, como Freyre (1933) e Holanda (1936), até aos mais recentes, como o estudo de antropologia das emoções de Rezende e Coelho (2010) e o estudo sociológico de Almeida (2007) sobre a “cabeça do brasileiro”, destacam a emotividade como uma característica definidora da identidade e da cultura brasileiras. Os brasileiros tendem a exprimir as suas emoções mais fácil e abertamente, de modo mais explícito e espontâneo, em comparação com outras sociedades e culturas.

Para analisar diferenças (e semelhanças) de conceptualização de emoções entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), propomos três métodos complementares: (i) dados empíricos de um *corpus* paralelo das duas variedades nacionais do português, (ii) métodos

qualitativos multifatoriais, especialmente a análise baseada em perfis onomasiológicos e (iii) métodos quantitativos de estatística multivariada, quer exploratórios (como a análise de correspondências múltiplas) quer confirmatórios (como a regressão logística). Um aspeto fundamental do estudo da conceptualização das emoções e da sua variação tem a ver com a linguagem figurada das emoções, especialmente as metáforas das emoções, porque reveladoras de aspetos cognitivos, culturais e variacionais das emoções. O estudo da linguagem figurada das emoções não pode, porém, deixar de lado o estudo da linguagem literal das emoções. Apresentaremos nas secções seguintes alguns resultados da aplicação destes métodos ao estudo das diferenças de conceptualização de três emoções no PE e no PB. Vejamos, de seguida, mais especificamente estes métodos e a sua operacionalização.

Como *corpus* adequado para o estudo das emoções, selecionamos blogues, especialmente de diários pessoais acerca de eventos pessoais, amor, sexo, família, amigos, trabalho, opiniões acerca de política, futebol ou outros desportos, religião, livros, filmes. Blogues literários e filosóficos são menos adequados. Os blogues com as características de diários pessoais são particularmente úteis para o estudo das emoções, porque as emoções são aí mais comunicadas e discutidas a nível pessoal e experiencial e porque o discurso desses blogues é narrativo e mais abertamente emocional.

Embora a expressão linguística das emoções seja transversal aos diversos domínios do funcionamento de uma língua, como referimos anteriormente, o domínio mais adequado para o estudo dos *conceitos de emoção* é o léxico e, de entre as categorias lexicais, são os nomes os que melhor concentram as respetivas emoções ou sentimentos.

Para a comparação da conceptualização de emoções no PE e no PB, contruímos um *corpus* de blogues (diários pessoais) das duas variedades nacionais, dos anos 2013-2015, com a extensão de 750.000 palavras. Selecionamos três emoções de natureza diferente: raiva, como uma das emoções consideradas “básicas” e uma emoção prototipicamente negativa; orgulho, como uma emoção autoconsciente, que implica consciência social e esforço cognitivo, e mais tipicamente social; e amor, como emoção, mais propriamente sentimento, mais específica, elaborada e complexa. Analisamos a emoção de RAIVA onomasiologicamente expressa em cinco nomes, que se distinguem entre

si quer conceptualmente (intensidade e manifestações da emoção) quer socialmente (registro de língua), nomeadamente *raiva*, *fúria*, *ira*, *cólera* e *irritação*. Deixamos de lado *aborrecimento*, *indignação* e *frustração* porque exprimem conceitos mais específicos. Para **ORGULHO**, analisamos *orgulho* e *vaidade*, procurando dar conta quer do orgulho mais genuíno quer do orgulho excessivo ou arrogante, e excluímos *altivez*, *presunção*, *arrogância* e *soberba*, porque exprimem conceitos mais morais do que emocionais e são de registro muito formal. Em relação a **AMOR**, foram analisados os lexemas *amor* (e seus derivados *amorzinho*, *mor*, *morzinho*) e *paixão*. A Tabela 1 apresenta o número de ocorrências contextualizadas das três emoções no *corpus* de blogues.

Tabela 1. Frequência de **RAIVA**, **ORGULHO** e **AMOR** no *corpus*

		PE	PB	TOTAL
RAIVA	<i>cólera</i>	9	15	24
	<i>fúria</i>	106	103	209
	<i>ira</i>	20	28	48
	<i>irritação</i>	29	23	52
	<i>raiva</i>	138	139	277
	Total	302	308	610
ORGULHO	<i>orgulho</i>	167	171	342
	<i>vaidade</i>	71	77	146
	Total	238	248	486
AMOR	<i>amor</i>	260	270	530
	<i>paixão</i>	77	73	150
	Total	337	343	680

Para a análise qualitativa das ocorrências das três emoções, utilizamos a metodologia dos perfis onomasiológicos (conhecida como “behavioral profile approach”: e.g. Geeraerts *et al.*, 1994; Gries, 2003, 2010; Divjak, 2010). O *perfil onomasiológico* de um determinado conceito é o conjunto de expressões alternativas que o designam, juntamente com as suas frequências relativas no *corpus*. São assim analisadas as escolhas conceptuais que os falantes de diferentes regiões e diferentes contextos sociais, culturais e comunicacionais efetivamente fazem de

entre diferentes expressões lexicais para nomear determinado significado ou conceito.

Todas as ocorrências das três emoções no *corpus* foram manualmente anotadas através de um conjunto de fatores (ou traços) semânticos, pragmáticos e socioculturais que compõem o significado das emoções. Para esta análise multifatorial dos conceitos de emoção, são particularmente úteis os estudos seminais de Kövecses (1986), de abordagem lexical da estrutura das emoções, e o modelo componencial GRID desenvolvido em psicologia social para o estudo intercultural das emoções com base em questionários (Fontaine, *et al.*, 2013). Determinados modelos descritivos desenvolvidos pela Semântica Cognitiva, como a semântica do protótipo (Geeraerts, 1989; e Taylor, 1995) e a semântica dos quadros conceptuais (“frame semantics”, Fillmore, 1985), são igualmente úteis.

O quadro conceptual (“frame”) de um evento de emoção compreende geralmente quatro argumentos: o Experienciador, ou pessoa que experiencia a emoção; a Causa da emoção, tipicamente um evento ou situação; o Responsável, tipicamente um argumento humano associado à Causa; e o Recetor, que pode ou não coincidir com o Responsável. Por exemplo, X (Experienciador) tem raiva de Y (Responsável) porque Y deu cabo do computador (Causa) e comunica essa raiva a Y (Recetor) ou a Z (Recetor). O Responsável é um argumento opcional, donde X (Experienciador) experiencia raiva por alguma razão (Causa) e manifesta essa emoção a Y (a outrem ou a si mesmo). Cada um destes argumentos é analisável em diferentes fatores: por exemplo, identidade (sexo, idade, classe social, locutor ou não, etc.), manifestações (fisiológicas, comportamentais), regulação (controlo) e intensidade emocional do Experienciador; tipo, natureza e previsibilidade da Causa. Um outro fator é a avaliação (positiva, negativa, neutra) do evento de emoção, sendo que outros fatores podem ser identificados em conformidade com a emoção específica. O modelo componencial GRID das emoções (modelo de psicologia social) analisa o significado das emoções com base em quatro dimensões: *valência* (polo positivo vs. negativo), *excitação* (ou intensidade), *regulação* e *poder*. Destas quatro dimensões resultam 142 componentes ou traços semânticos, que compõem os questionários para a análise do significado das emoções (ver Fontaine e Scherer, 2013). Kövecses (2000, pp. 40-46) identifica cinco

dimensões semânticas no significado (especialmente metafórico) das emoções e da afetividade em geral: *avaliação, regulação, intensidade, expressão* (externa vs. interna) e *somatização* (manifestação física, corporal das emoções).

A Tabela 2 apresenta um conjunto (incompleto) de fatores e correspondentes traços para a análise do significado das emoções que aplicamos às emoções de raiva, orgulho e amor. A análise de uma emoção em particular poderá ser complementada com outros fatores e traços mais específicos.

Tabela 2. Fatores e traços de conceitos de emoção

	FATOR	TRAÇOS
EXPERIENCIADOR	identidade	locutor M, locutor F, locutor-nós, M, F, coletivo, etc.
	reações fisiológicas	identificação de efeitos fisiológicos expressos em diversas partes (externas ou internas) do corpo
	reações comportamentais	identificação de atitudes ou comportamentos físicos, psicológicos, sociais, morais
	intensidade	alto, médio, baixo
	controlo	sim, não
CAUSA	tipo	física, psicológica, moral; comportamento, qualidade (física, psicológica, mental, moral); evento; inconveniência; objeto não animado; etc.
	controlo	controlável, não controlável
	previsível	sim, não
RESPONSÁVEL	identidade	Experienciador, outro, pessoa conhecida, pessoa não conhecida, estado de coisas, objeto não animado, etc.
	estatuto social	superior, inferior, igual
	intencional	sim, não
	participante	Causa, outro

RECETOR	identidade	Experienciador, outro, conhecido, não conhecido, etc.
	estatuto social	superior, inferior, igual
	comportamento	reação comportamental (física, psicológica, moral), sem expressão
	participante	Responsável, outro
AVALIAÇÃO		positivo, negativo, neutro

Vamos ilustrar a análise qualitativa multifatorial com alguns exemplos de RAIVA retirados do corpus de blogues.

- (1) *João saiu desvairado, vermelho como um pimentão, a bufar e a praguejar como nunca ouvira. Suava em bica e gesticulava dando murros no ar, pontapés nos pneus, em profunda **cólera**. [...]. Fomos roubados! (Portugal, twihistorias.txt)*
- (2) *Estou com muita **raiva** da dona do luartizados eu sei que ela tem a vida dela mais vc ta pensando que so pq essa menina que ta ai que vamos combinar que a web é horrivel mais vc tem que saber que nem todo mundo le a web dela a gente entra aqui e so ve aviso e web dessa matraca porra (Brasil, luartizados.txt)*
- (3) *Fiquei vermelho de **raiva**, pensei até em dar um pequeno sermão sobre o assunto, mas depois ponderei e percebi que ele também se empenha em mudar (Brasil, jornaldecaruaru.txt)*
- (4) *Alice vê no computador o seu extrato bancário, ficando muito nervosa por ver que tem pouco dinheiro. [...] Cada vez mais irritada, decide ligar para Romão, mas sem sucesso. Alice grita, num acesso de **fúria** (Brasil, novelasebiografias.txt)*
- (5) *Lembra-te daqueles dias em que estavas naquele inferno [violência doméstica] e não tinhas como escapar. Agora és livre, goza estes momentos pois são de vitória... E para seguir em frente, transforma a tua **raiva** em força... e serás o que sempre foste... uma mulher!!! ((Portugal, albergueespanhol.txt)*
- (6) *Agora estava simplesmente com **raiva** de mim própria por ultimamente ter um dom especial para me pôr em perigo eminente (sic). (Portugal, andrusca95.txt)*

A manifestação comportamental do Experienciador da raiva é a violência verbal, gestual e física em (1) e (4); o protesto verbal em (2);

a expressão social, falando sobre a sua raiva sem violência, em (3) e, potencialmente, em (5); e a autodepreciação em (6). Manifestações fisiológicas da raiva encontram-se nos exemplos (1), (3) e (4), respetivamente, não contenção ou explosão, rubor na face e grito. O Experienciador está envolvido com o Responsável da raiva em (2), (3) e (6), ao contrário dos restantes exemplos, porque o Responsável não é aí especificado ou é desconhecido. O grau de agressão do Experienciador da raiva é alto em (1) e (4), médio em (2) e (6) e mínimo em (3) e (5). O Experienciador procura controlo ou de algum modo tem controlo, no sentido de poder mudar a causa da raiva, em (5) e potencialmente em (1), mas o mesmo não acontece em (2), (3) e (4).

A causa da raiva é o comportamento imoral do Responsável (1, 5), uma qualidade intrínseca (6, 3, 2), um objeto não animado (4 e, parcialmente, 2), podendo ser também alguma inconveniência. A causa da raiva configura uma violação de normas em (1) e (5). É imprevisível em (1)-(4) e previsível, no contexto de violação continuada de uma norma, em (5). Em (6) não é possível determinar a previsibilidade da causa.

O Responsável pelo evento de raiva é alguém não conhecido ou não especificado em (1), um objeto não animado em (4) e uma pessoa conhecida nos restantes exemplos. O Responsável é de estatuto superior ao Experienciador em (5) e (2), igual em (3) e (6) e o seu estatuto é desconhecido em (1). O Responsável é a causa da raiva em todos os exemplos, exceto em (4), porque não conhecido. Recetor e Responsável sobrepõem-se em todos os exemplos, exceto em (4) e, parcialmente, em (5). Finalmente, a experiência de raiva é positivamente avaliada em (5) e negativamente avaliada nos restantes exemplos.

Os dados extraídos do *corpus* (totais de ocorrências das três emoções, indicados na Tabela 1) e anotados em termos da análise qualitativa multifatorial de fatores e traços (Tabela 2) são submetidos a modelação estatística, especialmente métodos de estatística multivariada. A *análise de correspondências múltiplas* permite identificar e visualizar associações de traços (semânticos, pragmáticos, socioculturais ou outros) com base na sua frequência, isto é, *clusters* semânticos que descrevem a estruturação conceptual de determinada emoção e que correspondem a *significados* dessa emoção. A *análise de regressão logística* serve para determinar a precisão descritiva e o poder preditivo dos resultados obtidos através da análise de correspondências múltiplas. No presente

estudo, a regressão logística permite identificar os preditores da variação entre PE e PB.

4. ESTRUTURAÇÃO CONCEPTUAL DE EMOÇÕES E VARIAÇÃO PE VS. PB

O método estatístico exploratório de análise de correspondências múltiplas aplicado às 610 ocorrências de RAIVA, 486 ocorrências de ORGULHO e 680 ocorrências de AMOR do corpus de blogues PE-PB (Tabela 1, acima), anotadas com base num conjunto de traços semânticos, pragmáticos e socioculturais (Tabela 2 e exemplos de anotação, na secção anterior), revelou *clusters* de traços de estruturação conceptual de cada uma das emoções estudadas (para os respetivos mapas de análise de correspondências múltiplas e os detalhes técnicos da aplicação deste método estatístico às emoções de orgulho e raiva, ver Silva, 2020, 2021).

A emoção de RAIVA mostra-se conceptualmente estruturada em três principais *clusters* de traços. O primeiro associa os traços 'comportamento imoral' e 'violação de normas' como causas específicas da raiva, 'pessoa não especificada' como Responsável, reação do Experienciador de 'violência' e 'controlo' do Experienciador em ordem a alterar a causa moral ou socialmente inaceitável de raiva. Esta associação de traços representa o que podemos designar como *raiva violenta* causada por comportamentos imorais e violação de normas. O segundo associa os traços 'inconveniência' (especificamente, doença, excesso de trabalho, mau tempo, azar, privação de algo ou outra inconveniência) como causa mais saliente da emoção, e 'evento' e 'objeto não animado' como causas alternativas, 'queixa, reclamação' como resposta do Experienciador, 'estado de coisas' e 'objeto não animado' como Responsável pelo evento emocional e ainda 'avaliação positiva', justificando, assim, a experiência de raiva face a inconveniências ou adversidades. Designemos este tipo de raiva como *queixume* ou irritação, causado por inconveniências. Finalmente, um terceiro *cluster*, situado entre os dois anteriores, mas mais próximo do primeiro, associa os traços de 'expressão social' como resposta do Experienciador, 'sentimentos' e 'injustiça' como causas da raiva e membro da 'família' ou 'namorado/a, cônjuge, amigo' do Experienciador como Responsável do evento emocional. Este grupo representa a *raiva interpessoal*, porque causada pelo comportamento de pessoas da esfera íntima do Experienciador (familiares, namorados, amigos). Um quarto *cluster*, menos saliente e

mais limitado em número de traços, associa 'eu' como Responsável, 'autodepreciação' como resposta do Experienciador e 'qualidade intrínseca' do Experienciador como causa da emoção. Os cinco nomes de raiva analisados estão próximos dos três primeiros *clusters*, com algumas diferenças, embora subtis. Os lexemas *fúria* e *ira* estão mais próximos, como se esperava, do *cluster* da raiva violenta, mas é mais *cólera* do que *irritação* que está mais próximo do *cluster* da raiva-queixume. O hiperónimo *raiva* mostra-se mais associado aos *clusters* de raiva não controlada, isto é, à raiva interpessoal e à raiva-queixume.

A análise estatística revelou dois *clusters* de traços de ORGULHO. De um lado, o *cluster* com os traços 'orientação para si próprio' (Experienciador), 'satisfação (pessoal)' e 'avaliação negativa' e outros traços também associados, como 'qualidade do próprio' e 'posição/estatuto social' como causas do orgulho, 'sucesso do próprio' e 'qualidades do próprio' ("sou bom") como Responsável pelo sucesso pessoal, 'manifestações comportamentais' do Experienciador e 'intensidade alta'. Trata-se do *orgulho de si próprio*. Do outro lado, o *cluster* do *orgulho pelo outro*, associando os traços opostos de 'orientação para o outro', 'admiração (pelo outro)', 'avaliação positiva' e também 'qualidade do outro', 'realização do outro', 'pertença a um grupo' como causa do orgulho, 'outro' como Responsável pelo sucesso e 'papel indireto' do Experienciador na causa do orgulho. O lexema *vaidade* está claramente mais próximo do *orgulho de si próprio*, ao passo que o lexema *orgulho* se situa associado aos dois *clusters*, o que valida o uso do nome *orgulho* como sinónimo de *vaidade*.

Quanto a AMOR, o mapa de análise de correspondências múltiplas apresenta três *clusters* de traços. Um é constituído pelos traços 'comportamento amoroso visual' e 'comportamento sexual íntimo' como reações comportamentais, e ainda 'carinho', 'ternura', 'amizade', 'admiração', 'respeito', 'proteção' como atitudes emocionais do Experienciador. É o *cluster* do *amor apaixonado*. Um outro associa os traços 'desejo sexual' como atitude emocional, 'manifestação sexual' como efeito fisiológico e 'sexo' como reação comportamental do Experienciador. É o *cluster* do *amor erótico*. O terceiro *cluster* agrega os traços 'passividade' comportamental, 'sacrifício' como atitude emocional, 'não controlo' do Experienciador, 'não harmonia' e 'avaliação negativa', constituindo o *amor triste* ou *trágico*.

Como é que PE e PB se posicionam em relação a estes *clusters* de traços das três emoções analisadas? Mais precisamente, que traços ou *clusters* de traços das emoções de raiva, orgulho e amor são preditores da variação entre PE e PB? A resposta é dada pela análise de regressão logística. A Tabela 3 identifica os preditores da variação PE/PB, apresentando-os de forma simplificada (ver valor de *p*); todos os restantes traços semânticos, pragmáticos e socioculturais não têm significância estatística (valor de *p* estatisticamente não significativo).

Tabela 3. Análise de regressão logística de RAIVA, ORGULHO e AMOR: preditores da variação PE vs. PB

		B	S.E.	p
RAIVA	controlo do Experienciador_sim	1.562	.213	<.001
	atitude do Experienciador_ expressão social	1.219	.389	.002
	causa_objeto	-1.225	.618	.047
	avaliação_positiva	-1.992	.794	.012
ORGULHO	causa_pertença a um grupo	-1.035	.496	.037
	causa_família	-1.420	.622	.023
	causa relevante para Experienciador	.581	.273	.033
AMOR	reação do Experienciador_ comportamento sexual íntimo	1.050	0.535	.049
	reação do Experienciador_ comportamento visual amoroso	1.911	0.696	.006

Nota: PE foi codificado como 1 e PB como 0 em RAIVA; PE foi codificado como 0 e PB como 1 em ORGULHO e AMOR.

Quatro traços de RAIVA emergem como preditores da variação entre PE e PB: 'controlo' do Experienciador sobre o evento emocional e 'expressão social' como resposta emocional do Experienciador são preditores de PE; 'objeto não animado' como causa da raiva e 'avaliação positiva' são preditores de PB. Estes resultados confirmam que o PE está mais associado aos *clusters* de raiva violenta, causada pelo comportamento imoral e violação de normas, e de raiva interpessoal, causada pelo comportamento de pessoas íntimas. Esta associação está em linha com a cultura portuguesa, relativamente mais coletivista, restritiva e de maior controlo de impulsos. Por sua vez, o PB mostra-se mais associado a causas não animadas de raiva e a uma avaliação positiva

de uma emoção prototipicamente negativa, o que se correlaciona com uma cultura relativamente mais individualista, mais tolerante e emocionalmente muito expressiva, como é a cultura brasileira.

Em relação a ORGULHO, temos três preditores: 'pertença a um grupo' e 'família', como causas de orgulho, são preditores de PE e 'relevância da causa para o Experienciador' é o preditor de PB. O PE está, assim, mais conectado com o *cluster* do *orgulho pelo outro*, o que combina com uma cultura mais coletivista, ao passo que o PB está mais próximo do *orgulho de si mesmo*, o que se adapta a uma cultura mais individualista.

A regressão logística mostra apenas dois preditores da variação PE/PB em amor: 'comportamento visual amoroso' e 'comportamento sexual íntimo' como reações comportamentais do Experienciador são preditores de PB. Quer isto dizer que o PB está mais associado ao *amor-paixão*, pondo mais ênfase na própria experiência emocional e no momento presente do que na relação entre os amantes e no seu desenvolvimento futuro. Esta associação condiz com uma cultura mais individualista e emocionalmente mais expressiva e aberta. Embora a regressão logística não tivesse produzido mais nenhum preditor, uma análise complementar, isolando os traços dos conceitos de 'amor feliz' e 'amor triste', como na Tabela 4, mostrou que o PE está mais associado ao *amor triste* ou *amor trágico* do que o PB (o resultado do teste do qui-quadrado χ^2 é elucidativo: $p < .0001$).

Tabela 4. AMOR triste vs. feliz e variação PE vs. PB

	AMOR triste		AMOR feliz			
		PE	PB	PE	PB	
RELAÇÃO	não-harmonia	74	58	harmonia	186	212
RELAÇÃO TEMPORAL	acabar	73	45	começar, manter	187	225
DIRECIONALIDADE	para baixo	56	46	para cima	204	224
INTENSIDADE	baixo	12	12	alto	248	258
COMPORTAMENTO	passividade	14	10	atividade	246	260
PRAZER	não+dor	12	4	sim	248	266
ATITUDE EMOCIONAL	sacrifício	5	2	felicidade, etc.	255	268

MUTUALIDADE	não	82	60	sim	178	210
AVALIAÇÃO	negativa	14	5	positiva	246	265
TOTAL		342	242		1998	2188

	PE	PB
AMOR triste	342 14,62%	242 9,96%
AMOR feliz	1998 85,38%	2188 90,04%
$\chi^2=23,63$, $df=1$, $p=.0001$, <i>Cramer's V</i> =0,071		

5. METÁFORAS DAS EMOÇÕES E VARIAÇÃO PE VS. PB

A mesma metodologia baseada em perfis onomasiológicos foi aplicada às metáforas de emoções. O *perfil metafórico* de um conceito de emoção é o conjunto de padrões metafóricos alternativos usados para designar esse conceito, juntamente com as suas frequências relativas no *corpus*. Para a identificação de metáforas de emoções seguimos o método de análise de padrões metafóricos proposto por Stefanowitsch (2006). Este método consiste em procurar expressões metafóricas que contenham palavras do domínio alvo do mapeamento metafórico. A identificação de um *padrão metafórico* baseia-se na construção sintático-semântica em que o lexema alvo ocorre. Por exemplo, a expressão metafórica *ataques de fúria* pertence ao padrão metafórico "ataques SP", no qual podem ocorrer outros lexemas do domínio alvo como *ataques de raiva* ou do domínio origem como *ataques de armas*. O padrão *ataques de fúria/raiva* instancia a metáfora conceptual RAIVA É ARMA.

Para a classificação das metáforas conceptuais de raiva, orgulho e amor, seguimos as classificações seminais de Kövecses (1986) e de Lakoff e Kövecses (1987) e, no caso de raiva, a revisão do inventário original proposta por Soriano (2005, 2013) e Ogarkova e Soriano (2014).

Os padrões metafóricos de RAIVA, ORGULHO e AMOR foram manualmente extraídos do *corpus* e classificados em metáforas conceptuais. De todas as ocorrências dos nomes das três emoções, cujas frequências absolutas no *corpus* apresentamos acima, na Tabela 1, isolamos as que instanciam padrões metafóricos e classificamos cada uma em termos de metáfora

conceptual. Na presente fase do desenvolvimento da investigação, restringimos a análise da conceptualização figurativa das emoções à metáfora, não incluindo, pois, a metonímia nem outras expressões figurativas (está ainda em curso a análise de metáforas de amor). Convém, no entanto, notar que a conceptualização figurativa das emoções combina metáfora e metonímia (ver a metonímia geral EFEITOS FISIOLÓGICOS DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO), constituindo um caso paradigmático de *metafonímia* (Goossens, 1990). Os resultados que apresentamos a seguir, ao longo desta secção, retomam a análise detalhada e desenvolvida de Silva (2021).

A Tabela 5 apresenta a frequência dos usos literais e metafóricos dos cinco nomes de RAIVA e dos dois nomes de ORGULHO analisados no corpus de blogues do PE e do PB. A conceptualização metafórica das duas emoções é claramente mais frequente do que a sua expressão literal, exceto no caso de *orgulho* no PB. Verifica-se também que o PE é mais permeável à estruturação metafórica das duas emoções do que o PB e as metáforas de RAIVA são mais frequentes dos que as metáforas de ORGULHO. A divergência maior entre PE e PB diz respeito à (não) figuratividade de ORGULHO.

Tabela 5. Usos literais e metafóricos de RAIVA e ORGULHO NO CORPUS

		PE			PB		
		tokens	literal	metafórico	tokens	literal	metafórico
RAIVA	<i>cólera</i>	9	0	9	15	0	15
	<i>fúria</i>	106	8	98	103	7	96
	<i>ira</i>	20	3	17	28	6	22
	<i>irritação</i>	29	13	16	23	7	16
	<i>raiva</i>	138	25	113	139	48	91
	Total	302	49 16,2%	253 83,8%	308	68 22,1%	240 77,9%
ORGULHO	<i>orgulho</i>	167	56	111	171	116	55
	<i>vaidade</i>	71	9	62	77	38	39
	Total	238	65 27,3%	173 72,7%	248	154 62,1%	94 37,9%

As Tabelas 6 e 7 apresentam as frequências de todas as metáforas

conceptuais de RAIVA e de ORGULHO, expressas pelos lexemas indicados na Tabela 5, encontradas no *corpus*. Na tabela 7, referente a ORGULHO, simplificamos a primeira metáfora conceptual, fazendo a distinção entre fluido (ainda) DENTRO e (já) FORA do corpo.

Tabela 6. Frequência das metáforas conceptuais de RAIVA no *corpus*

METÁFORAS CONCEPTUAIS	PE	PB
RAIVA É...		
FLUÍDO PRESSURIZADO	62 (24.51)	54 (22.50)
Quente	5	0
Subida	8	5
Pressão	24	7
Contrapressão	1	0
Contenção	6	9
Para Fora	3	0
Explosão	15	33
FOGO	4 (1.58)	2 (0.83)
DOENÇA	3 (1.19)	1 (0.42)
INSANIDADE	19 (7.51)	35 (14.58)
ANIMAL AGRESSIVO	6 (2.37)	10 (4.17)
OPONENTE NUMA LUTA	14 (5.53)	24 (10.00)
FORÇA DA NATUREZA	2 (0.79)	2 (0.83)
ARMA	19 (7.51)	12 (5.00)
FORÇA	10 (3.96)	5 (2.08)
ENTIDADE FÍSICA	29 (11.46)	42 (17.50)
Objeto (In) Visível	3	14
Posse	9	4
Objeto movido	0	1
Objeto movente	5	11
Objeto	3	0
Comida	1	2
Intensidade é tamanho	4	3
Substância	3	5
Veneno	1	1
Intensidade é qualidade	0	1
ORGANISMO VIVO	12 (4.74)	7 (2.92)
Planta	2	0
Animal	0	0
Humano	10	7
LUGAR	3 (1.19)	0 (0.00)

PERIGO/AMEAÇA	1 (0.40)	2 (0.83)
DIABO	3 (1.19)	0 (0.00)
IDEIA	7 (2.77)	5 (2.08)
O CORPO É RECIPIENTE DE RAIVA	59 (23.32)	39 (16.25)
Peito	0	1
Grito	11	5
Olhos	8	4
Face	16	11
Mãos	2	1
Cabeça/Mente	1	2
Boca	1	0
Pele	1	0
Cheiro	0	1
Voz	19	14
Total	253	240

Consideramos expressões como *ter raiva/orgulho*, *estar/ficar com raiva/orgulho*, *causar raiva/orgulho*, *muita raiva/muito orgulho*, *(ai) que raiva!* como não metafóricas (nem metonímicas). Embora estes usos possam ser classificados como metafóricos – instanciando as metáforas RAIVA/ORGULHO É UMA ENTIDADE FÍSICA, INTENSIDADE É QUANTIDADE E O CORPO É UM RECIPIENTE DE RAIVA/ORGULHO –, são expressões fortemente generalizadas e convencionalizadas e, mais do que isso, não contêm nenhuma palavra que possa desencadear a interpretação metafórica, ao contrário de expressões como *estar cheio de raiva/orgulho* e *ter uma raiva/um orgulho enorme*. Além disso, procuramos evitar inflacionar a frequência de metáforas de raiva e orgulho. Convém, por outro lado, notar que há metáforas de raiva e orgulho instanciadas em expressões que não contêm os lexemas nominais selecionados, como *cabeça quente* (que instancia a mesma metáfora que *vermelho de raiva* e *a ferver de raiva*) ou *peito inchado* (instanciando a mesma metáfora que *inchado de orgulho*). Estas expressões metafóricas não foram incluídas na análise.

Tabela 7. Frequência das metáforas conceptuais de ORGULHO no corpus

METÁFORAS CONCEPTUAIS	PE	PB
ORGULHO É...		
FLUÍDO PRESSURIZADO	9 (5.20)	10 (10.64)
Dentro	4	7
Fora	5	3

FOGO	1 (0.58)	0 (0.00)
OPONENTE NUMA LUTA	11 (6.36)	11 (11.70)
FORÇA DA NATUREZA	1 (0.58)	1 (1.06)
FORÇA	7 (4.05)	2 (2.13)
Energia	3	1
Luz	4	1
ENTIDADE FÍSICA	51 (29.48)	37 (39.36)
Posse	16	16
Valor económico	14	5
Objeto (In) Visível	12	6
Objeto movente	2	0
Roupa	2	0
Comida	0	1
Jogo	0	1
Mecanismo	0	1
Espelho	0	1
Substância	1	5
Símbolo	4	1
PESSOA	65 (37.57)	22 (23.40)
Má	0	4
Cego	0	1
Justo	0	1
Fama	1	0
Honra	35	3
Doença	0	1
Ilusão	4	0
Princesa	2	0
Correto	5	0
Sensual	4	0
Pecado	3	0
Snob	1	0
Estúpido	2	1
Superior	2	2
Não especificado	0	6
Vítima	6	3

O CORPO É UM RECIPIENTE DE ORGULHO	28 (16.18)	11 (11.70)
Costas	0	1
Sangue	2	0
Peito	0	1
Olhos	2	2
Face	3	0
Gesto	2	1
Mãos	0	0
Cabeça/Mente	4	1
Coração	2	1
Dor	1	0
Costelas	1	0
Cheiro	1	0
Alma	1	0
Não especificado	1	0
Voz	8	4

Vamos analisar algumas destas metáforas com base em exemplos contextualizados do *corpus* de blogues. Por limites de espaço, a análise é necessariamente parcial. Uma das conceptualizações mais salientes de raiva e orgulho é a metáfora do FLUIDO dentro do corpo, como exemplificado em (7)-(12). Quando a emoção aumenta de intensidade, o fluido aquece e começa a ferver (7), sobe dentro do corpo do Experienciador (8) até que não haja mais espaço e o corpo incha. O Experienciador pode resistir à pressão, exercendo uma contrapressão ou contendo o fluido e impedindo que ele saia, como em (9) e (10). Caso contrário, o Experienciador perde controlo (ou não pretende exercer controlo) sobre a emoção e, conseqüentemente, o fluido sai de dentro do corpo ou explode, como em (11) e (12).

- (7) *De cada vez que o meu sangue começa a **borbulhar de irritação** por alguma malfeitoria, mentira, distorção ou golpe baixo [...] (Portugal, albergueespanhol.txt)*
- (8) *Senti uma **raiva a crescer dentro de mim**, como nunca tinha sentido por ninguém. (Portugal, andrusca95.txt)*
- (9) *apesar dos flavienses, e dos restantes portugueses, estarem animados de uma **fúria contida**, ela não vai permanecer assim indefinidamente (Portugal, jmadureira.txt)*
- (10) *O silêncio esconde o **orgulho** e a prece: “**Prendo-te** óh irreverente sentimento? **Guardo-te dentro de mim** ou não?” (Portugal, amartinsr.txt)*
- (11) ***Descarreguei** meus sentimentos de **raiva**, dor e medo que represava desde criança, devido a uma educação*

preconceituosa! (Brasil, amoscaqueperturbaoteusono.txt)

- (12) *Eu, euzinha, estou a **rebentar de orgulho** – e nem estava muito à espera de tal isto... A rebentar de orgulho! E sabem quando ficamos assim inchadíssimos de orgulho? Pois e assim que eu estou.* (Portugal, donadecasa.txt)

Raiva e orgulho podem ser conceptualizados também como fogo dentro do Experienciador, como em (13) e (14).

- (13) *Sua pose arrogante **atíça a ira** do espectador* (Brasil, cineugenio.txt)

- (14) *Os homens são **clarões de orgulho e raiva** e prometem combater sem descanso contra o inimigo.* (Portugal, jmadureira.txt)

Ainda dentro do mesmo modelo cognitivo metonímico dos efeitos fisiológicos das emoções, a raiva pode ser metaforicamente conceptualizada como DOENÇA (15), mais tipicamente como distúrbio psicológico que conduz ao comportamento irracional e violento, especificamente COMO INSANIDADE, frequentemente expressa como loucura ou cegueira (16) e na forma de *ataques de raiva/fúria*. A irracionalidade e a violência da raiva podem também ser conceptualizadas pela metáfora do ANIMAL AGRESSIVO e perigoso, como em (17). A ideia de perigo é também conceptualizada pela metáfora do Oponente numa luta que tem que ser combatido (18). Também associada à ideia de não controlo ou descontrolo está a metáfora da poderosa e destruidora FORÇA DA NATUREZA que, tipicamente, pode ajudar o Experienciador a vencer outras forças (19). O grande poder da raiva é mais frequentemente conceptualizado pela metáfora da ARMA (20).

- (15) *Seguravam-no no cargo arames apenas – institucionalmente o Presidente, aliás **não imune** aos protestos e à temida **fúria** das gentes.* (Portugal, corta-fitas.txt)

- (16) *Viu nos olhos dele uma **loucura** que nunca tinha visto antes. Uma **raiva incontrolável**. Viu nos olhos do filho uma **cegueira** sem retorno.* (Portugal, falarsobretudoemaisalgumacoisa.txt)

- (17) *Com isto a **fúria** dobrou de tamanho. E o delegado escumava pela boca feito **fera do mato**.* (Brasil, jornaldecuaru.txt)

- (18) *Apaixona-se por Carlos Daniel, onde **enfrentará a fúria** de Estephanie, a rivalidade com Leda e principalmente o ódio de Paola Bracho.* (Brasil, novelasebiografias.txt)

- (19) *Você tem que ter a força de um leão e a **fúria de um***

vulcão para vencer, ou você acaba cedendo a eles. (Brazil, amoscaqueperturbaoteusono.txt)

(20) **Os alvos de seus ataques de fúria** são qualquer pessoa que se atreva a contestar suas *idéias mirabolantes e criticar sua maneira estapafúrdia de governar*. (Brasil, raimari9.txt)

A metáfora do Oponente numa luta serve também para conceptualizar orgulho, quer uma luta que deve ser combatida (21) quer uma luta a travar para vencer os oponentes (22). Também a metáfora da poderosa Força Física serve a conceptualização de orgulho, como em (23).

(21) *Em cada história há um apelo para que não esqueçamos os outros e para que não nos deixemos **tomar pela vaidade***. (Portugal, e-cultura.txt)

(22) É verdade que o post não era brilhante, talvez apenas mau, mas falta aqui um certo **orgulho lutador**: *quando se insulta há que insultar com pertinácia, com arrojo, com bravura* (Portugal, sinusitecronica.txt)

(23) *A tal **vaidade** e petulância vêm todas da mesma origem. De uma **nascente** que verte lama disfarçada, mas que se penetra em todos os cantos deste mundo* (Portugal, milrazoes.txt)

A conceptualização metafórica pode incidir não estritamente na emoção de raiva ou de orgulho, mas numa parte saliente da emoção, como é o caso do Corpo entendido como recipiente de raiva/orgulho e, por especificação, uma das suas partes, visível (olhos, rosto, voz, etc.), como nos exemplos dados acima (16), (17) e (12), ou interna (mente, peito, veias, etc.), como em (7) e (8).

Fazendo a análise da regressão logística das metáforas encontradas no corpus e sumariadas nas Tabelas 6 e 7 e tomando como variável dependente as duas variedades nacionais do português, a Tabela 8 apresenta as metáforas conceptuais de RAIVA e de ORGULHO que são estatisticamente preditores (cf. valor de *p*) da variação entre PE e PB. De notar que as metáforas RAIVA/ORGULHO É UM FLUIDO PRESSURIZADO E O CORPO É UM RECIPIENTE DE RAIVA/ORGULHO foram divididas entre metáforas FLUIDO_DENTRO, que conceptualizam o fluido dentro do corpo (QUENTE, SUBIDA, PRESSÃO, CONTRAPRESSÃO, CONTENÇÃO, DENTRO E ALMA, CORAÇÃO, COSTELAS, DOR, MENTE, SANGUE das Tabelas 6 e 7) e metáforas FLUIDO_FORA, que conceptualizam a saída ou explosão do fluido (as restantes submetáforas das duas metáforas conceptuais). Relativamente a ORGULHO, os exemplos de metáforas

personificadas foram divididos em dois grupos: pessoa positivamente avaliada (PESSOA_POSITIVO), correspondente a CORRETO, JUSTO, HONRA, PRINCESA e VÍTIMA da Tabela 7, e pessoa negativamente avaliada (PESSOA_NEGATIVO), correspondente às restantes submetáforas da mesma metáfora conceptual da Tabela 7.

Tabela 8. Análise de regressão logística das metáforas de RAIVA e ORGULHO: preditores da variação PE vs. PB

METÁFORA CONCEPTUAL		B	S.E.	p
RAIVA	fluído_fora	-.993	.489	.042
	insanidade	-1.050	.501	.036
	objeto	-1.008	.477	.035
	oponente	-1.067	.529	.044
ORGULHO	pessoa_positivo	1.118	.548	.041

Nota: PE foi codificado como 1 e PB como 0.

As quatro metáforas conceptuais de RAIVA estatisticamente significativas são preditores de PB. Raiva como FLUIDO que não pode ser contido dentro do corpo do Experienciador e, conseqüentemente, sai do corpo (PARA FORA), por vezes de forma violenta (EXPLOÇÃO); como loucura, distúrbio mental ou qualquer INSANIDADE; como Oponente perigoso; e como entidade física ou OBJETO, particularmente objeto VISÍVEL OU MOVENTE destacam três dimensões semânticas e culturais da emoção de raiva (mais precisamente, as três primeiras metáforas reforçam as duas primeiras dimensões e todas as quatro metáforas reforçam a terceira dimensão): (i) a não/des- regulação (não ativada ou malsucedida) do Experienciador sobre a sua própria emoção de raiva; (ii) o elevado grau de *intensidade* da emoção de raiva; e (iii) a expressão aberta, externamente perceptível (visível, audível) da emoção de raiva. Estas três dimensões combinam-se perfeitamente com o maior individualismo da cultura brasileira. Quer isto dizer que a cultura brasileira, por ser relativamente menos coletivista, é mais favorável à não contenção ou não repressão e à manifestação aberta, sem restrições e externamente perceptível de emoções intensas como a raiva. Embora a regressão logística não tenha indicado nenhuma metáfora como preditor de PE, é expectável que o maior coletivismo da cultura portuguesa leve os portugueses a regular e controlar mais a sua emoção de raiva para

assim evitar ou diminuir o conflito interpessoal e garantir a ordem e a harmonia sociais.

Em relação a orgulho, a metáfora conceptual *ORGULHO É UMA PESSOA BOA* é preditor de PE. Como se pode verificar na Tabela 7, acima, as submetáforas *PESSOA HONRADA (35/65)* e *PESSOA CORRETA (5/65)* são frequentes e produtivas no PE, em contraste com apenas 3/22 ocorrências no PB. É, pois, o PE quem mais se associa à conceptualização metafórica (e metonímica) de orgulho em termos de honra e dignidade e, dessa forma, a um orgulho justificável e bom, porque centrado não no eu, mas no outro. Quer isto dizer que o maior coletivismo da cultura portuguesa tende a associar orgulho, honra e dignidade e, deste modo, a avaliar positivamente o *orgulho pelo outro*.

6. IMPLICAÇÕES PARA O ESTUDO DAS EMOÇÕES E DAS LÍNGUAS

Destacamos três resultados principais do presente estudo empírico sustentado numa metodologia qualitativa e quantitativa multifatorial e multivariada sobre conceitos de emoção: (i) a variabilidade cultural de três diferentes emoções dentro de uma mesma língua pluricêntrica, nas suas duas principais variedades nacionais (PE e PB); (ii) a importância da metáfora conceptual na conceptualização e na variação intralinguística e cultural de emoções; e (iii) a influência de dimensões culturais, especialmente coletivismo vs. individualismo, distância hierárquica e honra, na conceptualização e na variação de conceitos de emoção.

PE e PB apresentam os mesmos *clusters* de traços semânticos de estruturação conceptual das emoções de raiva, orgulho e amor e as mesmas metáforas conceptuais de raiva e orgulho. No entanto, existem diferenças conceptuais e estas diferenças são culturalmente motivadas. O PB está mais associado ao tipo de raiva-queixume ou irritação, incontrolável por natureza, e às metáforas da raiva como fluido que sai de dentro do corpo e explode, como insanidade e como objeto visível, as quais acentuam a não regulação (ou desregulação) do Experienciador sobre a sua experiência emocional, o grau elevado de intensidade e a manifestação exteriorizada da emoção de raiva. O PB está mais próximo do orgulho de si mesmo, dando mais ênfase às realizações pessoais, aos atributos pessoais e às situações de êxito pessoal, e das metáforas do orgulho como objeto visível e valioso e como fluido externamente perceptível. O PB está mais associado ao amor-

-paixão, dando mais importância à própria experiência emocional e ao momento presente do que à relação amorosa e ao seu desenvolvimento no futuro. Estas associações são culturalmente motivadas pelo grau comparativamente maior de individualismo da cultura brasileira e pela emotividade característica do povo brasileiro: individualismo e emotividade que facilitam, e até promovem, a manifestação não restringida e aberta de emoções intensas e tipicamente negativas como a raiva e o orgulho e a afirmação do impulso, do desejo, do sucesso e do prazer individuais.

Em contrapartida, o PE está mais conectado com a raiva violenta causada por comportamentos imorais e violação de normas, com a raiva interpessoal resultante do comportamento de pessoas íntimas e com metáforas somáticas da raiva como fluido pressurizado dentro do corpo, mais controlável e de manifestação mais interna. O PE está mais associado ao orgulho pelo outro (membro da família ou do grupo) e a metáforas do orgulho como pessoa honrada e correta. O PE está mais associado ao amor triste ou trágico. Estas correlações estão em harmonia com a cultura portuguesa, relativamente mais coletivista e gregária, uma “cultura de fronteira” marcada pela procura de um Outro (Santos, 1993).

Esta variação cultural das emoções de raiva, orgulho e amor nas variedades PE e PB, que inclui quer a estruturação em *clusters* de traços quer a representação metafórica dos conceitos destas três emoções, traz uma evidência empírica à hipótese do condicionamento cultural das emoções, por natureza experiências fisiológicas corporais. Alguns estudos de psicologia social e de linguística cognitiva têm mostrado o papel importante da cultura na conceptualização das emoções em diferentes línguas. O presente estudo mostra que variação conceptual das emoções culturalmente influenciada ocorre também dentro da mesma língua e, assim, em realidades linguísticas em que as diferenças de conceptualização cultural são mais subtis. Quer isto dizer que o estudo da natureza social e cultural das emoções deve considerar não apenas a variação interlinguística, mas também a variação intralinguística e a diversidade sociolingüística. Num plano de maior problematização dos estudos linguísticos, psicológicos ou outros sobre as emoções, não só a comparação entre línguas (muito) distintas como também a comparação entre variedades nacionais (ou locais) de

uma mesma língua podem linguisticamente evidenciar a natureza *culturalmente específica* das emoções e, pelo menos, questionar a hipótese tradicional, continuamente reafirmada, da universalidade dos conceitos de emoção.

Um segundo contributo do presente estudo é a comprovação empírica, através de métodos estatísticos multivariados, da interação entre emoção, linguagem, cognição e cultura e, num plano mais geral, da interdependência entre linguagem, cognição e cultura, que tem sido explorada pela Linguística Cognitiva. Estudar a linguagem das emoções permite compreender melhor quer a linguagem quer a cognição. As emoções mostram como a linguagem manifesta e se fundamenta em capacidades cognitivas gerais, processos de conceptualização e na experiência humana tanto individual como social, cultural e histórica. As emoções mostram também como a cognição é não só *corporizada* (“embodied cognition”) como também socioculturalmente *situada* (“situated cognition”), isto é, mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais. A variabilidade cultural das emoções, ou a situacionalidade sociocultural das experiências emocionais, é, assim, uma excelente evidência para as hipóteses mais recentes das neurociências e das ciências cognitivas, especialmente as hipóteses do *cérebro social*, da *mente coletiva* e da *cognição social*. Mais especificamente, as experiências emocionais, a sua conceptualização, a sua variação cultural e a sua expressão linguística mostram como se faz a síntese entre o individual e o coletivo, o neuronal e o cultural, o cognitivo e o social, a mente e a comunidade.

Finalmente, o presente estudo de *corpus* e de perfis onomasiológicos, aplicando métodos multifatoriais e estatísticos multivariados, sobre a variação intralinguística e cultural de emoções pretende acrescentar um contributo a dois desenvolvimentos complementares da Linguística Cognitiva na última década: a chamada *viragem social*, defendida por Geeraerts (2005, 2016), Croft (2009), Harder (2010), Dąbrowska (2016), Schmid (2016), entre outros, que tem levado a Linguística Cognitiva a integrar na sua agenda todas as formas de variação linguística e cultural, com destaque para a variação intralinguística e o desenvolvimento da Sociolinguística Cognitiva (Kristiansen e Dirven, 2008; Geeraerts, *et al.*, 2010; Silva, 2014), e a designada *viragem empírica* (Geeraerts, 2006; Gries e Stefanowitsch, 2006) assumida como consequência inevitável

do modelo de linguagem em uso e implementada através de métodos quantitativos avançados quer de *corpus* quer de experimentação e de uma análise multifatorial e multivariada dos fenômenos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. (2007). *A cabeça do brasileiro*. Record.

Athanasiadou, A., & Tabakowska, E. (Eds.). (1998). *Speaking of emotions: Conceptualisation and expression*. De Gruyter Mouton.

Augoustinos, M., Walker, I., & Donaghue, Ng. (2006). *Social cognition: An integrated introduction*. Sage.

Bernárdez, E. (2008). *El Lenguaje como cultura. Una crítica del discurso sobre el lenguaje*. Alianza Editorial.

Castro-Caldas, A., Mineiro, A., Nunes, M., Silva, A., & Fernandes, S. (2009). A emoção: Um vector neurobiológico a motivar a emergência das metáforas náuticas dos marinheiros dos descobrimentos. In Soares, M., Venturinha, N., Costa Santos, G., & Faustino, M. (Eds.), *Expressões da Analogia* (pp. 83-91). Edições Colibri.

Croft, W. (2009). Toward a social cognitive linguistics. In Evans, V., & Pourcel, St. (Eds.), *New directions in cognitive linguistics* (pp. 395–420). John Benjamins.

D'Andrade, R. (1987). A folk model of the mind. In Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 112-147). Cambridge University Press.

Damásio, A. (1995). *O Erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si. O corpo, a emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2004). Emotions and feelings: A neurobiological perspective. In Manstead, A., Frijda, N., & Fischer, A. (Eds.), *Studies in emotion and social interaction. Feelings and emotions: The Amsterdam Symposium* (pp. 49-57). Cambridge University Press.

Damásio, A. (2017). *A estranha ordem das coisas. A via, os sentimentos e as culturas humanas*. Círculo de Leitores.

- Dąbrowska, E.** (2016). Cognitive Linguistics' seven deadly sins. *Cognitive Linguistics*, 27 (4), 479–491.
- Divjak, D.** (2010). *Structuring the lexicon: A clustered model for near-synonymy*. De Gruyter Mouton.
- Edelman, G.** (1992). *Bright air, brilliant fire: On the matter of the mind*. Basic Books.
- Eid, M., & Ed D.** (2001). Norms for experiencing emotions in different cultures: Inter- and intranational differences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(5), 869–885.
- Ekman, P.** (1972). Universals and cultural differences in facial expressions of emotions. In Cole, J. (Ed.). (1971). *Nebraska Symposium on Motivation* (pp. 207-283). University of Nebraska Press.
- Ekman, P.** (1992). An argument for basic emotions. *Cognition and Emotion*, 6 (3/4), 169-200.
- Fillmore, Ch.** (1985). Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6, 222-254.
- Fiske, S., & McCrae, N. (Eds.)**. (2012). *The Sage Handbook of Social Cognition*. Sage.
- Foolen, Ad.** (2012). The relevance of emotion for language and linguistics. In Foolen, Ad., Lüdtke, U., Racine, T., & Zlatev, J. (Eds.), *Moving ourselves, moving others: Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language* (pp.347-368). John Benjamins.
- Foolen, Ad., Lüdtke, U., Racine, T., & Zlatev, J. (Eds.)**. (2012). *Moving ourselves, moving others. Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. John Benjamins.
- Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.)**. (2013). *Components of emotional meaning. A sourcebook*. Oxford University Press.
- Fontaine, J., & Scherer, K.** (2013). From emotion to feeling: The internal structure of the feeling component. Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 129-148). Oxford University Press.
- Frank, R.; Dirven, R.; Ziemke, T., & Bernárdez, E. (Eds.)**. (2008). *Body, language, and mind, 2. Sociocultural situatedness*. De Gruyter Mouton.

- Freyre, G.** (1933). *Casa-Grande & Senzala*. Record.
- Fusaroli, R., Demuru, P., & Borghi, A. (Eds.)**. (2012). The intersubjectivity of embodiment. Thematic issue of *Journal of Cognitive Semiotics*, 4, 1–250.
- Gallagher, Sh.** (2005). *How the body shapes the mind*. Oxford University Press.
- Gallagher, Sh.** (2012). *Phenomenology*. Palgrave-MacMillan.
- Gallagher, Sh.** (2017). *Enactivist interventions. Rethinking the mind*. Oxford University Press.
- Geeraerts, D.** (1989). Prospects and problems of prototype theory. *Linguistics*, 27, 587-612.
- Geeraerts, D.** (2005). Lectal variation and empirical data in cognitive linguistics. In Mendoza, F., & Cervel, S. (Eds.), *Cognitive Linguistics. Internal dynamics and interdisciplinary interactions* (pp. 163-189). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D.** (2006). Methodology in Cognitive Linguistics. In Kristiansen, G., Achard, M., Dirven, R., & Mendoza, F. (Eds.), *Cognitive Linguistics. Current applications and future perspectives* (pp. 21-49). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D.** (2016). The sociosemiotic commitment. *Cognitive Linguistics*, 27 (4), 527–542.
- Geeraerts, D., Grondelaers, St., & Bakema, P.** (1994). *The structure of lexical variation. Meaning, naming, and context*. De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D., & Grondelaers, St.** (1995). Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In Taylor, J. & MacLaury, R. (Eds.), *Language and the construal of the world* (pp. 153-180). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D., Kristiansen, G., & Peirsman, Y. (Eds.)**. (2010). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. De Gruyter Mouton.
- Gibbs, R.** (2006). *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge University Press.
- Glenberg, A., Havas, D., Becker, R. & Rinck, M.** (2005). Grounding language in bodily states: The case for emotion. In Pecher, D., & Zwaan, R. (Eds.),

Grounding cognition: The role of perception and action in memory, language, and thought (pp. 115-128). Cambridge University Press.

Glynn, D. (2014). The social nature of ANGER. Multivariate corpus evidence for context effects upon conceptual structure. In Blumenthal, P., Novakova, I., & Siepmann, D. (Eds.), *Les émotions dans le discours. Emotions in discourse* (pp. 69-82). Peter Lang.

Goossens, L. (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323–340.

Gries, St. (2003). *Multifactorial analysis in corpus linguistics: A study of particle placement*. Continuum Press.

Gries, St. (2010). Behavioral profiles. A fine-grained and quantitative approach in corpus-based lexical semantics. *The Mental Lexicon*, 5(3), 323–346.

Gries, St. & Stefanowitsch, A. (Eds.). (2006). *Corpora in Cognitive Linguistics. Corpus-based approaches to syntax and lexis*. De Gruyter Mouton.

Harder, P. (2010). *Meaning in mind and society. A functional contribution to the social turn in cognitive linguistics*. De Gruyter Mouton.

Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Sage.

Hofstede, G. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations*. Sage.

Hollanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. José Olympio.

Kövecses, Z. (1986). *Metaphors of Anger, Pride, and Love. A lexical approach to the structure of concepts*. John Benjamins.

Kövecses, Z. (1990). *Emotion concepts*. Springer.

Kövecses, Z. (2000). *Metaphor and emotion: Language, culture, and body in human feeling*. Cambridge University Press.

Kristiansen, G., & Dirven, R. (Eds.). (2008). *Cognitive Sociolinguistics: Language variation, cultural models, social systems*. De Gruyter Mouton.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press.

- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.
- Lakoff, G., & Kövecses, Z.** (1987). The cognitive model of anger inherent in American English. In y Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 195-221). Cambridge University Press.
- Ledoux, J.** (1996). *The emotional brain. The mysterious underpinnings of emotional life*. Simon & Schuster.
- Lutz, C.** (1987). Goals, events, and understanding in Ifaluk emotion theory. In Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 290-312). Cambridge University Press
- Izard, C.** (1977). *Human emotions*. Plenum Press.
- Izard, C.** (1994). Innate and universal facial expressions: Evidence from developmental and cross-cultural research. *Psychological Bulletin*, 115(2), 288–299.
- Markus, H., & Kitayama, Sh.** (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224–253.
- Matsumoto, D., Yoo, S., & Chung, J.** (2010). The expression of anger across cultures. In Potegal, M., Stemmler, G., & Spielberger, Ch. (Eds.), *International Handbook of Anger: Constituent and concomitant biological, psychological, and social processes* (pp. 125-138). Springer.
- Mesquita, B., Frijda, N., & Scherer, K.** (1997). Culture and emotion. In Berry, J., Dasen, P., & Saraswathi, T. (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology. (Vol. 2) Basic processes and human development* (pp. 255-297). Allyn & Bacon.
- McGeoch, P.** (2007). Apraxia, metaphor and mirror neurons. *Medical Hypothesis*, 69(6), 1165-1168.
- Niemeier, S., & Dirven, R. (Eds.).** (1997). *The Language of emotions: Conceptualization, expression, and theoretical foundation*. John Benjamins.
- Ogarkova, A., & Soriano, Cr.** (2014). Variation within universals: The 'metaphorical profile' approach and ANGER concepts in English, Russian and Spanish. In Musolff, A., MacArthur, F., & Pagani, G. (Eds.), *Metaphor in intercultural communication*, 93-116. Continuum.

- Palmer, G., & Occhi, D.** (1999). *Languages of Sentiment: Cultural Constructions of Emotional Substrates*. John Benjamins.
- Pishwa, H. (Ed.)**. (2009). *Language and Social Cognition. Expression of the social mind*. De Gruyter Mouton.
- Real, M.** (2017). *Traços fundamentais da cultura portuguesa*. Planeta.
- Rezende, Cl., & Coelho, M. Cl.** (2010). *Antropologia das emoções*. Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Russel, J.** (1991). Culture and the categorization of emotions. *Psychological Bulletin* 110(3), 426–450.
- Santos, B.** (1993). Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Tempo Social*, 5 (1/2), 31–52.
- Schmid, H.-J.** (2016). Why Cognitive Linguistics must embrace the social and pragmatic dimensions of language and how it could do so more seriously. *Cognitive Linguistics*, 27(4), 543–557.
- Silva, A.** (2020). Exploring the cultural conceptualization of emotions across national language varieties: A multifactorial profile-based account of PRIDE in European and Brazilian Portuguese. *Cognitive Linguistics*, 18(1), 42–74.
- Silva, A.** (2021). Measuring the impact of (non)figurativity in the cultural conceptualization of emotions in the two main national varieties of Portuguese. In Silva, A. (Ed.), *Figurative language – Intersubjectivity and Usage* (pp. 387-438). John Benjamins.
- Silva, A. (Ed.)**. (2014). *Pluricentricity. Language variation and sociocognitive dimensions*. De Gruyter Mouton.
- Soriano, Cr.** (2005). *The conceptualization of anger in English and Spanish: A cognitive approach*. (Dissertação de Doutorado, Universidade de Múrcia, Espanha).
- Soriano, Cr.** (2013). Conceptual metaphor theory and the GRID paradigm in the study of anger in English and Spanish. In Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 410-424). Oxford University Press.
- Stefanowitsch, A.** (2006). Corpus-based approaches to metaphor and metonymy. In Stefanowitsch, A., & Gries, St. (Eds.), *Corpus-based*

approaches to metaphor and metonymy (pp. 1-16). De Gruyter Mouton.

Taylor, J. (1995). *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory* (2nd ed). Clarendon Press.

Tomasello, M. (2008). *Origins of human communication*. MIT Press.

van Osch, Y., Breugelmans, S., Zeelenberg, M., & Fontaine, J. (2013). The meaning of pride across cultures. In Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 377-387). Oxford University Press.

Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1991). *The embodied mind*. MIT Press.

Wierzbicka, A. (1999). *Emotions across languages and cultures: Diversity and universals*. Cambridge University Press.

Yu, N. (1995). Metaphorical expressions of anger and happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, 10(2), 59–92.

Zlatev, J., Racine, T., Sinha, Cr., & Esa Itkonen, E. (Eds.). (2008). *The shared mind: Perspectives on intersubjectivity*. John Benjamins.

INTERSUBJETIVIDADE, FIGURATIVIDADE E MULTIMODALIDADE

Lilian Ferrari¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

RESUMO

Este artigo enfoca a relação entre estrutura linguística e construção do significado. O principal ponto aqui desenvolvido é o de que a articulação entre a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e a Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Langacker, 1987, 1991, 2008) pode levar a novos *insights* sobre a natureza das construções gramaticais. O artigo argumenta, por um lado, que propriedades formais podem ser descritas em termos de um modelo baseado no uso, que estabelece que a gramática é uma rede construcional e, por outro lado, que o significado pode ser analisado com base nas noções cognitivas de ponto de vista (Sweetser, 2012), (inter)subjetividade (Verhagen, 2005), figuratividade (Dancygier & Sweetser, 2014) e multimodalidade (Steen & Turner, 2013).

PALAVRAS-CHAVES: construções gramaticais; ponto de vista; intersubjetividade; figuratividade; multimodalidade.

ABSTRACT

This paper focuses on the relation between linguistic structure and meaning construction. The main point to be advanced here is that the combination of Mental Spaces Theory (Fauconnier, 1994, 1997) and Construction Grammar (Goldberg, 2006; Langacker, 1987, 1991, 2008) may lead to new insights into the nature of grammatical constructions. On one side, it is argued that formal properties may be described in terms of a usage-based model which states that grammar constitutes a constructional network. On the other side, it is shown that meaning may be analyzed based on the cognitive notions of viewpoint (Sweetser, 2012), (inter)subjectivity (Verhagen, 2005), figurativity (Dancygier & Sweetser, 2014) and multimodality (Steen & Turner, 2013).

KEYWORDS: grammatical constructions; viewpoint; intersubjectivity; figurativity; multimodality

¹ Endereço electrónico: lilianferrari@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva é composta por vertentes teóricas inter-relacionadas, baseadas em premissas comuns, mas com programas de pesquisa específicos. O programa de pesquisa descrito neste trabalho conjuga a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier & Turner, 2002), incluindo seus desenvolvimentos mais recentes (Verhagen, 2005; Sanders, T., Sanders, J., Sweetser, 2009; Dancygier & Sweetser, 2012; Ferrari & Sweetser, 2012), e a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 1987, 1991), para investigar as relações entre estrutura linguística e processos figurativos e multimodais, que contribuem para a sinalização da perspectiva (inter) subjetiva do falante na construção cognitiva do significado.

A apresentação do programa de pesquisa aqui descrito será subdividida em cinco seções. A seção 2 traça um breve panorama do conjunto de premissas que caracteriza o paradigma da Gramática das Construções. Em seguida, a seção 3 apresenta os principais constructos que compõem o arcabouço da Teoria dos Espaços Mentais, detalhando o tratamento de construções condicionais no âmbito do modelo. Na seção 4, os conceitos de *subjetividade* e *intersubjetividade* são apresentados a partir de estudos cognitivistas sobre esses fenômenos (Langacker, 1990; Sanders *et al.*, 2009; Ferrari & Sweetser, 2012; Verhagen, 2005). As seções 5 e 6 abordam, respectivamente, os processos de figuratividade e multimodalidade, enfocando principalmente as inter-relações entre esses processos e construções gramaticais específicas na sinalização de (inter)subjetividade.

2. GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

O paradigma da Gramática das Construções abarca uma ampla gama de propostas teóricas sobre o *status* das construções gramaticais (Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 1987, 1991). Em que pesem diferenças referentes a aspectos específicos dos modelos propostos, todos partem da premissa de que construções gramaticais são pareamentos forma-significado em todos os níveis da gramática, formando um *continuum* léxico-sintaxe denominado '*constructicon*'.

Em seu trabalho, Goldberg (1995, 2006) enfoca, em especial, construções de estrutura argumental, tais como a Construção de Movimento Causado (ex. *Pat pushed the piano into the room*), a

Construção Resultativa (ex. *He hammered the metal flat*), a Construção Bitransitiva (ex. *She gave him a cake*), entre outras. Além do pressuposto geral de que há um pareamento de forma e de significado/uso, a noção de construção envolve as premissas de que: (i) padrões sintagmáticos (sentenças, sintagmas, palavras, etc) e morfemas são construções gramaticais; (ii) não existe uma delimitação rígida entre o léxico e outras áreas da gramática, embora construções sintagmáticas difiram dos itens lexicais em termos de complexidade interna; (iii) aspectos da forma ou aspectos do significado/uso não são estritamente preditíveis a partir das partes componentes da construção (não-composicionalidade) ou de outras construções já estabelecidas na língua; (iv) as construções podem ser mais ou menos lexicalmente preenchidas (cf. construção *What's X doing Y?*).

Para detalhar o polo semântico associado às diferentes construções, as pesquisas normalmente recorrem a modelos semântico-pragmáticos. Em especial, a Teoria dos Espaços Mentais permite captar nuances da construção cognitiva do significado, como será descrito a seguir.

3. TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

A Teoria dos Espaços Mentais postula que espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve, destacando que a configuração de espaços mentais relacionada a qualquer fluxo discursivo conta com alguns primitivos cognitivos que ajudam falantes e ouvintes na tarefa de não perder o “fio da meada”. São eles: Base (espaço de ‘realidade’ do falante)², Ponto de Vista (espaço a partir do qual outros espaços são criados), Foco (espaço ao qual se adiciona conteúdo) e Evento (espaço passado ou futuro, no qual se desenrolam determinadas ações). Por exemplo, nas estruturas condicionais [Se P, Q], a conjunção “se” é tratada como um “introdutor de espaços mentais”, que ativa a construção de dois espaços encadeados (Fauconnier, 1994, 1997). A estrutura global da construção assevera a relação condicional e causal entre a prótase P e a apódose Q, a partir de três níveis de causalidade: conteúdo, epistêmico e pragmático (Sweetser, 1990; Dancygier, 1993; Dancygier & Sweetser, 2005).

² O espaço de realidade não é o mesmo para todos os falantes, já que não há uma realidade geral que caracterize uma visão de mundo plenamente compartilhada por todos. Entretanto, os falantes podem compartilhar aspectos de suas experiências e/ou situações que acreditam fazer parte da realidade, em termos de um espaço Base, a partir do qual outros espaços são construídos.

Em especial, as condicionais de conteúdo são normalmente associadas à realização de uma atividade cognitiva extremamente importante para o raciocínio humano, que é a predição (Dancygier, 1993, 1998). Mais especificamente, essas construções podem estabelecer uma correlação de parâmetros que estruturam espaços mentais alternativos, possibilitando escolhas sobre cursos apropriados de ação. Para ilustrar esse fenômeno, consideremos uma condicional de conteúdo preditiva:

(1) Se o e-mail chegar a tempo, os dados serão transferidos.

A condicional em (1) apresenta dois conjuntos de espaços alternativos, conforme ilustrado na Figura 1. Ambas as alternativas representam futuros potenciais em relação ao espaço de realidade do falante: uma contém o espaço introduzido por 'se', no qual o e-mail chega a tempo e os dados são transferidos; a outra tem espaços nos quais o e-mail não chega a tempo e os dados não são transferidos.

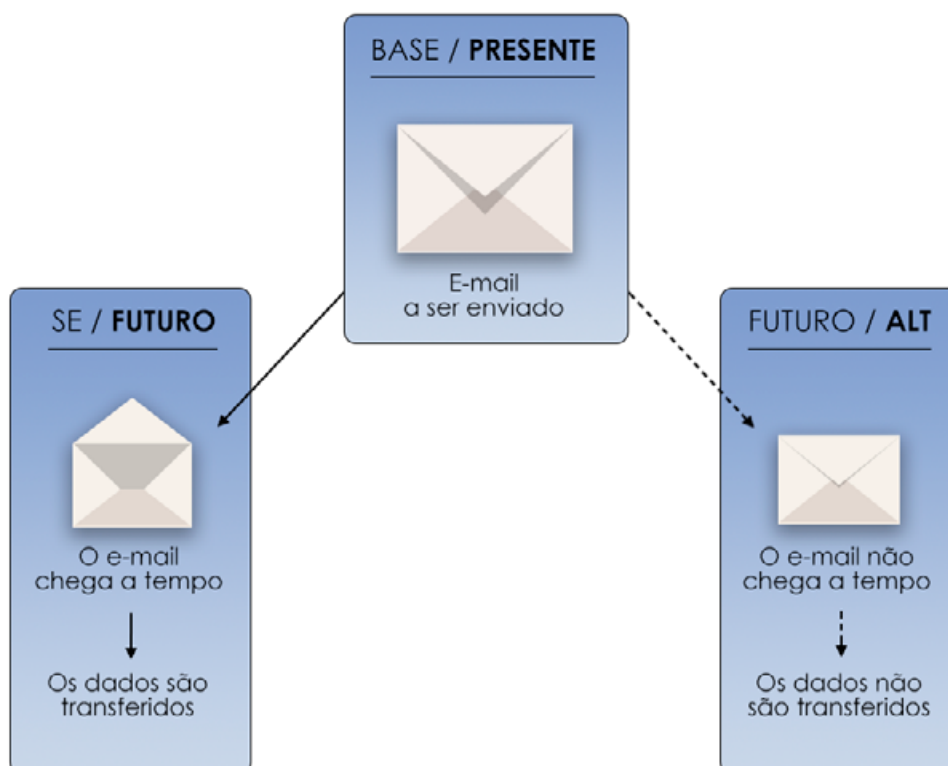


Figura 1. “Se o e-mail chegar a tempo, os dados serão transferidos”

É importante notar que os espaços alternativos apresentados na Figura 1 são mutuamente exclusivos, ou seja, são construídos em contexto como desenvolvimentos temporais e causais do mesmo espaço Base. Além disso, os espaços diretamente mencionados na predição

condicional (ex. o e-mail chegar a tempo e os dados serem transferidos) são construídos de forma mais saliente do que a alternativa implícita (i.e, o e-mail não chegar a tempo e os dados não serem transferidos). Entretanto, ambas as alternativas são interpretadas como espaços futuros possíveis, permitindo inferências sobre a desejabilidade de um espaço ou outro.

Quanto aos aspectos formais, Dancygier e Sweetser (2005) destacam o papel da estrutura sintática [Se P, Q] e das combinações modo-temporais no estabelecimento do significado condicional. Em linhas gerais, o contraste semântico-pragmático entre diferentes classes de condicionais tem sido considerado importante fator de determinação das escolhas modo-temporais, e, mais especificamente, das restrições temporais em cada uma delas. Nesse sentido, as restrições temporais em condicionais de conteúdo têm sido descritas como mais estritas do que nos níveis epistêmico ou de ato de fala (Dancygier, 1998)

Em desdobramentos posteriores da teoria, o mecanismo de *integração conceptual* ou *mesclagem* ("*blending*") foi identificado e amplamente estudado, promovendo resultados que comprovaram sua atuação fundamental na habilidade cognitiva humana de transferência e processamento de significados (Fauconnier, 1997). Mais especificamente, as pesquisas demonstraram que determinadas construções sintáticas podem acionar mecanismos complexos de integração conceptual (Fauconnier & Turner, 2002; Mandelblit, 2000). No caso das condicionais, Ferrari (2014) aponta a existência de uma relação estreita entre essas construções e pronomes dêiticos, envolvendo integração conceptual. Em especial, condicionais genéricas, cujas prótase e apódose refletem compressão temporal resultante do processo de mesclagem conceptual, apresentam estreita relação com pronomes pessoais genéricos, que também envolvem mesclagem. Essa compatibilidade pode ser percebida na sentença '*Se você machuca uma perna e vai para o hospital, ocupa uma vaga só para receber três pontos*', em que o falante reclama de serviços hospitalares. Assim, o uso do presente do indicativo na condicional reflete imediatividade epistêmica, e não cronológica (Langacker, 2009), ou seja, sinaliza uma conceptualização do falante concomitante ao evento de fala (i.e., a observação de que *todas as vezes que alguém vai para o hospital em função de um problema simples precisa ocupar uma vaga.*). Analogamente, o uso de 'você' genérico

não se refere apenas ao interlocutor, mas possibilita uma compressão de falante, ouvinte e demais usuários do sistema de saúde. Por refletirem implicitamente a conceptualização do falante e permitirem usos dêiticos que 'aproximam' falante e ouvinte, condicionais desse tipo podem ser consideradas intersubjetivas (Verhagen, 2005). Com relação a esse último fenômeno, a Gramática Cognitiva e a Teoria dos Espaços Mentais abrem caminhos promissores de análise, como veremos a seguir.

4. SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE

No âmbito da Gramática Cognitiva, Langacker (1990) enfoca o conceito de subjetividade a partir da noção de *Ground*, definido como o conjunto de parâmetros que integram o evento de fala: seus participantes (falante e ouvinte), momento e local. Segundo o autor, a perspectiva subjetiva depende do tipo de envolvimento do *Ground* no significado das expressões linguísticas. Assim, o papel do falante é totalmente subjetivo, quando o *Ground* está completamente fora do escopo da predicação (ex. nomes e verbos isolados). Outra possibilidade é que o *Ground* esteja incluído no escopo da predicação como um ponto de referência implícito; por exemplo, artigos, demonstrativos e quantificadores promovem a ancoragem do nome ao *Ground*. Por fim, o *Ground* pode ser objetificado, tendo uma de suas facetas sido colocada em foco (ex. *eu, você, hoje, etc.*)

Partindo da proposta de Langacker (1990), Verhagen (2005) sugere que a relação de *construal* envolve, na verdade, maior complexidade, já que qualquer uso linguístico inclui dois conceptualizadores: o responsável pela produção linguística e aquele que a interpreta de um modo particular. Assim, o autor argumenta que os sujeitos da conceptualização se engajam em *coordenação cognitiva* com relação a um objeto de conceptualização por meio da produção linguística. Nos termos de Verhagen (2005), *coordenação cognitiva* ocorre quando o primeiro conceptualizador (Falante) convida o segundo (Ouvinte) a observar conjuntamente um objeto de conceptualização de uma forma específica, atualizando o '*common ground*' (modelo compartilhado de conhecimento e da situação discursiva).

O detalhamento do *Ground*, proposto por Verhagen (2005), foi posteriormente aprofundado por Sanders *et al.* (2009), no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais. Os autores argumentam que o espaço Base

(correspondente ao *Ground* no modelo) não é um todo indivisível, mas constitui uma rede conceptual – BCSN (*Basic Communicative Spaces Network*). O BCSN inclui, além da Base ou *Ground* que representa os modelos espacial e temporal de realidade relevantes para Falante e Ouvinte, os seguintes espaços: (1) o Espaço de Ato de Fala (ou de interação conversacional), em que Falante e Ouvinte participam de ações comunicativas; (2) um ou mais Espaços Epistêmicos, contendo processos de raciocínio do Falante, e possivelmente do Ouvinte; (3) o Espaço Metalinguístico, em que se estabelecem correspondências de forma-significado compartilhadas; (4) o Espaço Metatextual, que contém os registros do discurso compartilhado.

Sanders *et al.* (2009) argumentam que essa Base estendida, o complexo BCSN constitui, em última análise, o ponto de referência para a interpretação do espaço Foco (ou de Conteúdo); ou seja, embora os participantes da conversa possam não estar falando do *Ground*, eles precisam do *Ground* para ancorar referencialmente suas falas.

Partindo desse modelo, Ferrari e Sweetser (2012) investigaram processos de subjetificação em inglês, argumentando que expressões subjetivas ativam projeção ascendente de informação no BCSN. A subjetificação consiste, portanto, na adição de significado aos espaços que se situam acima do Espaço Foco (que abriga o significado referencial) na rede de espaços mentais. Em especial, uma das formas através das quais o processo pode ocorrer é através da adição de estrutura semântica convencional aos espaços pertencentes ao *Ground*, mantendo o Foco nos espaços de Conteúdo da parte inferior da rede.

Em análise de construções condicionais do português brasileiro, Ferrari e Almeida (2015) classificam um grupo de condicionais preditivas [Se P, Q] em termos de subjetividade e intersubjetividade, a partir de diferentes tipos de informação adicionadas a espaços mais implícitos no BCSN. As autoras argumentam que o uso do presente do indicativo na prótase (ao invés do futuro do subjuntivo) indica intersubjetividade, na medida em que o falante leva em conta informações anteriormente expressas no discurso e compartilhadas com o interlocutor (alocadas no Espaço Metatextual, implícito no BCSN). Por outro lado, a escolha do presente do indicativo na apódose da condicional, em lugar de tempos de futuro (futuro do presente e futuro perifrástico), sinaliza uma conclusão estabelecida pelo falante no presente (perspectiva subjetiva)

sobre um evento futuro. Por fim, os casos em que o presente do indicativo ocorre na prótase e na apódose podem ser caracterizados como mais (inter)subjativos do que os demais, pois sinalizam a perspectiva do falante em relação a um determinado evento e em relação aos interlocutores. Essa última possibilidade pode ser ilustrada no diagrama a seguir, referente à sentença “Se eles me pegam, me penduram no primeiro pé de pau que encontrarem”, discutida em Ferrari e Almeida (2015, p.108):

[SE V PRES, V PRES.]

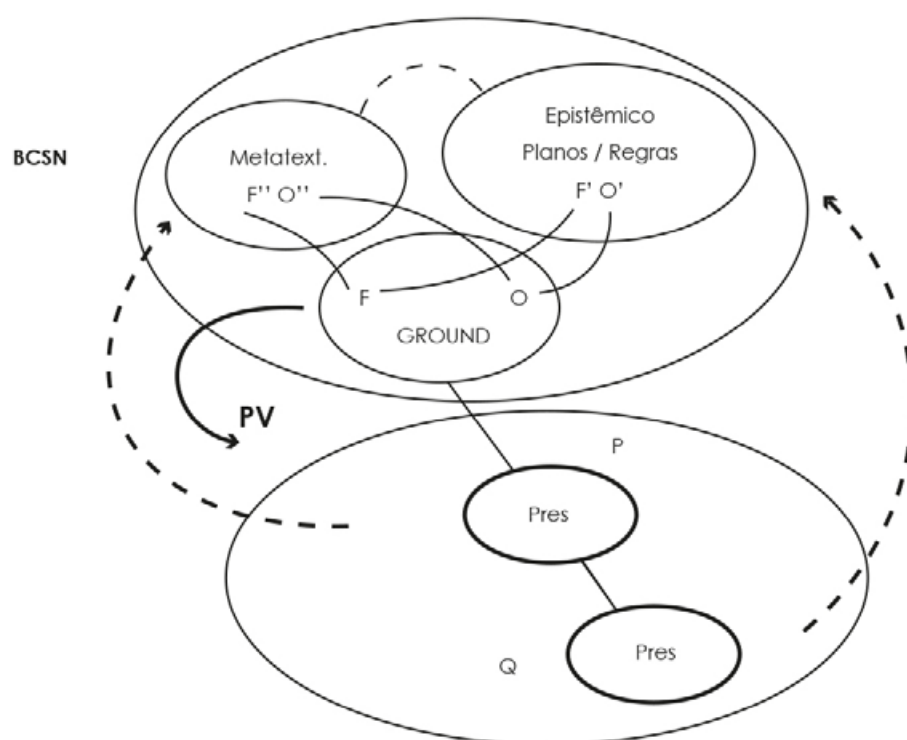


Figura 2. Representação da sentença “Se eles me pegam, me penduram...”.

A Figura 2 ilustra a construção dos espaços P e Q a partir do BCSN. A construção da prótase e da apódose adota o *Ground* como ponto de vista; assim, os espaços P e Q são hipotéticos e futuros em relação ao *Ground*. Entretanto, o uso de verbos no presente do indicativo sinaliza dois tipos de imediaticidade epistêmica: na prótase, o presente sinaliza o resgate da informação veiculada em P no espaço Metatextual (i.e., informação compartilhada no discurso); na apódose, o presente aponta para regras pré-estabelecidas que são de conhecimento do falante. Por adicionar informação a espaços mais implícitos do *Ground*, a condicional em questão pode ser considerada mais (inter)subjativa.

Considerando-se que a (inter)subjetividade reflete o ponto de vista experiencial do falante e/ou do ouvinte, outro eixo de investigação é o da relação entre construções gramaticais e processos figurativos, que também têm sido descritos como inerentemente relacionados a ponto de vista. Na seção a seguir, discutem-se a perspectiva cognitivista da figuratividade e, em especial, as relações entre processos figurativos e construções condicionais.

5. FIGURATIVIDADE

Com relação às construções complexas, Dancygier (2005) e Sweetser (2014) investigam construções condicionais e argumentam que embora as condicionais não sejam figurativas em si mesmas, a semântica de alternatividade favorece usos figurativos dessas construções. As autoras mencionam especificamente as condicionais denominadas *metametafóricas*, as quais criam relações alternativas entre *construals* metafóricos de um domínio. Consideremos o seguinte exemplo, adaptado das autoras:

(2) Se a Golden Gate é o puro-sangue das pontes, a Bay Bridge é o burro de carga.

A condicional em (2) estabelece possíveis *construals* figurativos, em que a Golden Gate (ponte para São Francisco a partir do norte) é associada a um cavalo puro-sangue, enquanto a Bay Bridge (ponte para São Francisco a partir do leste) corresponderia a um burro de carga. Entretanto, associar metaforicamente a Golden Gate a um puro-sangue (ou a Bay Bridge a um burro de carga) por si só não faz muito sentido, a menos que se estabeleça uma correlação metafórica entre diferentes tipos de pontes e diferentes tipos de cavalos.

Além disso, estudos recentes têm sinalizado que metáforas não são um fenômeno ligado apenas à linguagem verbal, mas podem ser expressas por recursos gestuais ou verbo-gestuais (Müller, 2008). Nesse sentido, a investigação de aspectos intersubjetivos e figurativos em construções condicionais pode ser complementada pela inclusão da multimodalidade. A seção a seguir traça um panorama geral do fenômeno, enfocando particularmente a proposta de uma Gramática de Construções Multimodal.

6. MULTIMODALIDADE

Tendo em vista que a fala é frequentemente acompanhada de gestos, parece lógico assumir que a associação intermodal resulte em construções multimodais: construções que também contenham informações sobre gestos, expressões faciais, direção do olhar, etc. (Steen & Turner, 2013). De fato, as implicações das construções multimodais para as teorias cognitivistas da linguagem têm sido foco de atenção em vários trabalhos construcionistas recentes.

A partir de dados de *talk shows* do *Red Hen*, Sweetser (2017) demonstra que recursos linguísticos e multimodais podem ser conjugados para sinalizar múltiplos pontos de vista. Com relação às condicionais [Se P, Q], os dados indicam que os gestos que acompanham essas construções podem representar o ponto de vista do falante de diferentes formas: (i) rastreando processos de raciocínio através de múltiplos estados (gestos para frente ou laterais); (ii) pesando alternativas (entre duas mãos) e, principalmente, (iii) engajando múltiplas coordenadas dêiticas (combinações gesto-fala). Com relação a esse último aspecto, a autora argumenta que a estrutura dêitica da interação pode ser representada a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, o falante pode se dirigir a vários interlocutores em competição (entrevistado, câmera e plateia eventual), engajando simultaneamente a plateia e o entrevistado. Nesse sentido, uma condicional de ato de fala pode ser apresentada gestualmente para a plateia (nesse caso, o entrevistador mantém seu corpo voltado para a plateia), mas dirigida verbalmente (e com a cabeça voltada) para o entrevistado. A multiplicidade de pontos de vista dêiticos pode emergir, portanto, a partir de gestos com as mãos, orientação corporal e direção do olhar, que mantêm múltiplas relações Falante-Ouvinte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial teórico da Linguística Cognitiva, este trabalho apresentou um programa de pesquisa que busca conjugar a Gramática de Construções e a Teoria dos Espaços Mentais ilustrando, particularmente, as relações entre construções condicionais e fenômenos da intersubjetividade, figuratividade e multimodalidade.

Essas ferramentas analíticas têm sido aplicadas a dados reais de uso linguístico, disponíveis na plataforma *Red Hen, Brazil*, que reúne dados

videogravados de noticiários televisivos brasileiros. O projeto conta com uma série de publicações nacionais e internacionais, mencionadas ao longo do texto, enfocando, em especial, construções condicionais, construções dêiticas e suas inter-relações. Além de apresentar potencial para o aprofundamento dos fenômenos investigados, o programa de pesquisa aqui apresentado abre, ainda, um amplo leque para a investigação de novos fenômenos linguísticos e para estudos comparativos com o Português Europeu e outras variedades da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dancygier, B. (1993). Interpreting conditionals: Time, knowledge and causation. *Journal of Pragmatics*, (19), 403-434.

Dancygier, B. (1998). *Conditionals and prediction*. Cambridge University Press.

Dancygier, B., & Sweetser, E. (2005). *Mental spaces in grammar; Conditional constructions*. Cambridge University Press.

Dancygier, B., & Sweetser, E. (Eds.). (2012). *Viewpoint in language; A multimodal perspective*. Cambridge University Press.

Dancygier, B., & Sweetser, E. (2014). *Figurative language*. Cambridge University Press.

Fauconnier, G. (1994). *Mental spaces*. Cambridge University Press.

Fauconnier, G. (1997). *Mappings in thought and language*. Cambridge University Press.

Fauconnier, G., & Sweetser, E. (Eds.). (1996). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago University Press.

Fauconnier, G., & Turner, M. (2002). *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books.

Ferrari, L. (2014). Subjectivity and deixis: Evidence from English and Brazilian Portuguese. Rundblad, G., Tytus, A., Knapton, O., & Tang, C. (Eds.). (2014). *4th UK Cognitive Linguistics Conference*, 102–116. UK Cognitive Linguistics Association, <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.590.21>

- Ferrari, L., & Almeida, P.** (2015). Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: Alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Revista Alfa*, 59(1), 89-111. UNESP - Araraquara.
- Ferrari, L., & Sweetser, E.** (2012). Subjectivity and upwards projection in mental space structure. Dancygier, B., & Sweetser, E. (Eds). (2012). *Viewpoint in language: A multimodal perspective*, 47-68. Cambridge University Press.
- Goldberg, A.** (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. The University of Chicago Press.
- Goldberg, A.** (2006). *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press.
- Langacker, R.** (1987). *Foundations of Cognitive Grammar -Theoretical Prerequisites*. (vol. I). Stanford University Press.
- Langacker, R.** (1990). *Subjectification*. *Cognitive Linguistics*. 1 (1), 5-38.
- Langacker, R.** (1991). *Foundations of cognitive grammar. Descriptive Application*. (vol. II). Stanford University Press.
- Langacker, R.** (2009). *The English present: Temporal coincidence vs. Epistemic Immediacy*. Geeraerts, D., Dirven, R., Taylor, J. (Eds). (2009). *Investigations in Cognitive Grammar*. (7), (pp. 185-218). Mouton de Gruyter.
- Mandelblit, N.** (2000). The grammatical marking of conceptual integration: From syntax to morphology. *Cognitive Linguistics* 11 (3-4), 197-242.
- Müller, C.** (2008). What gestures reveal about the nature of metaphor. Cienky, A., & Müller, C. (Eds). *Metaphor and Gesture*, (pp. 219-245). John Benjamins.
- Sanders, Ted, Sanders, Jose, & Sweetser, E.** (2009). Causality, cognition and communication: A mental space analysis of subjectivity in causal connectives. Sanders, T., & Sweetser, E. (2009). *Causal categories in discourse and cognition*, 19-60. Mouton de Gruyter.
- Steen, F., & Turner, M.** (2013). *Multimodal Construction Grammar*. Borkent,

M., Dancygier, B., & Hinnell, J. (Eds.). *Language and the Creative Mind*, 255-274. CSLI Publications.

Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge University Press.

Sweetser, E. (1996). Mental spaces and the grammar of conditional constructions. Fauconnier, G., & Sweetser E. (Eds.). (1996). *Spaces, Worlds and Grammar*, 318-333. Chicago University Press.

Sweetser, E. (2017). Gesture, conditional constructions, TV data, and multiple deictic viewpoints [apresentação oral]. *Multimodality in Linguistic Research*. Workshop series at the Department of English and American Studies, University of Potsdam, Alemanha.

Verhagen, A. (2005). *Constructions of Intersubjectivity. Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford University Press.

IMAGEM LINGUÍSTICA DO MUNDO NA PERSPECTIVA DA METALINGUAGEM SEMÂNTICA NATURAL (NSM) E ETNOLINGUÍSTICA COGNITIVA

Zuzanna Bulat-Silva
Universidade de Wrocław, Wrocław, Polónia

RESUMO

O objectivo principal do artigo é apresentar a perspectiva metodológica resultante da exposição sobre duas aproximações à díade língua-cultura, duas teorias independentes, mas estreitamente relacionadas: a Metalinguagem Semântica Natural, proposta por Anna Wierzbicka e Cliff Goddard (2002, 2014), e a Etnolinguística Cognitiva, de Jerzy Bartmiński (2009). Ambas as teorias analisam o modo como o homem comum conceptualiza o mundo que o rodeia e ambas pertencem ao que chamamos hoje de Linguística Cultural. Apresentar-se-ão, igualmente, as vantagens de juntar ambos os métodos na análise da imagem linguística do mundo.¹

PALAVRAS-CHAVE: linguística cultural; *lingua mentalis*; metalinguagem semântica natural (NSM); primitivos semânticos; imagem linguística do mundo; Escola Etnolinguística Polaca

ABSTRACT

The primary goal of this article is to present the methodological perspective resulting from two independent but closely related approaches to the dyad language-culture: the Natural Semantic Metalanguage approach originated by Anna Wierzbicka and Cliff Goddard (2002, 2014), and Jerzy Bartmiński's Cognitive Ethnolinguistics (2009). Both theories seek to understand how an ordinary man conceptualises the surrounding world, and both may well be said to belong to what is now called Cultural Linguistics. The advantages of combining the two methods in the analysis of the linguistic worldview will be presented as well.

KEYWORDS: cultural linguistics; *lingua mentalis*; natural semantic metalanguage (NSM); semantic primitives; linguistic worldview; Polish Ethnolinguistic School

1. INTRODUÇÃO

O objectivo do artigo é apresentar uma perspectiva metodológica no âmbito da Linguística Cognitiva, ou, mais precisamente, da Linguística Cultural. O meu principal campo de pesquisa em que ele se insere é a

¹ A autora escreve segundo a ortografia antiga.

Semântica Lexical, mas também a Pragmática Intercultural e a Tipologia Linguística (em particular línguas em perigo de extinção, veja-se Bułat-Silva 2016a, 2018). No presente artigo vou referir-me brevemente a duas teorias que considero mais pertinentes para o âmbito da minha investigação, nomeadamente a abordagem da Metalinguagem Semântica Natural (em inglês *Natural Semantic Metalanguage*, de agora em diante: NSM), de Anna Wierzbicka e Cliff Goddard, e a Etnolinguística Cognitiva, de Jerzy Bartmiński.

O artigo está organizado do modo que a seguir se expõe. Em primeiro lugar descreve-se o panorama geral no campo da Linguística Cultural (secção 2). Na secção 3 explica-se a teoria da Metalinguagem Semântica Natural e os seus termos mais importantes, tais como *primitivos semânticos*, *explicação semântica* e *paráfrase redutora*. A secção 4 é dedicada à vertente polaca da Linguística Cultural, isto é, à Escola Etnolinguística de Lublin liderada por Jerzy Bartmiński. Fala-se aqui mais amplamente da *imagem linguística do mundo* e do projecto EUROJOS. Na mesma secção apresenta-se a explicação do significado linguístico-cultural da palavra portuguesa *lar*. Finalmente, a secção 5 expõe e discute as principais vantagens de juntar ambas as metodologias no âmbito da Linguística Cultural.

2. LINGUÍSTICA CULTURAL

A Linguística Cultural, embora considerada por alguns como a “irmã mais nova” da Linguística Cognitiva (Palmer, 1996; Janda, 2008; Sharifian, 2011, 2017), é uma corrente reconhecida e com mais de trinta anos da tradição na Polónia (Anusiewicz, 1994; Bartmiński, 2009; Chlebda, 2013). As publicações especializadas mais importantes que apresentam os resultados das pesquisas etnolinguísticas na Polónia são: a revista *Etnolingwistyka*, publicada em Lublin desde 1988, a revista *Język a Kultura*, conhecida também como a “serie branca”, publicada em Wrocław desde 1991, e a “serie vermelha” de Lublin, tendo o primeiro volume sido impresso em 1981 (Słapek, 2017, p. 71). O termo *językoznawstwo kulturowe*, ‘linguística cultural’, foi usado pela primeira vez na Polónia por Anusiewicz (1994, p. 10) que a definiu da maneira seguinte:

[Linguística cultural] é uma ciência que investiga as relações linguagem-cultura. A linguagem é tratada aqui como o seu pré-requisito, implicador, componente, reservatório, “correia de transmissão”, também como o

seu interpretador e interpretante que compreende os conteúdos mais importantes da cultura. A tarefa fundamental da linguística cultural é investigar a relação tetrádica: linguagem – cultura – homem (sociedade) – realidade.²

Na sua versão polaca, a linguística cultural, ou *etnolinguística*³, começou por interessar-se pela variante dialectal e pela cultura popular polaca, por um lado (Bartmiński, 1980), e pelo interesse em valores residentes na língua polaca *standard*, por outro (Anusiewicz, 1994; Czachur, 2017, p. 13). Como diz Jerzy Bartmiński (2018a, p. 5) no seu livro recente dedicado à metáfora da “casa europeia”:

Ligar a linguagem à cultura tem uma longa tradição histórica, e corresponde ao espírito da filologia tradicional. Na linguística contemporânea, depois do período da dominação do paradigma estruturalista, que tornava autónomos a linguagem e os estudos da linguagem, a ideia de tratar a língua no seu contexto cultural volta renovada e tende a desenvolver-se.⁴

A Linguística Cultural, escrita com maiúsculas para distingui-la de qualquer outra linguística que tenha que ver com a cultura (Sharifian, 2017; Głaz, 2017; Peeters, 2017), e percebida como ramo da Linguística Cognitiva dedicado ao estudo do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura (Batoréo, 2015, p. 3) ou, como quer Sharifian (2017, p. 13), ao estudo das interligações entre a linguagem e as *conceptualizações culturais*, é cada vez mais conhecida na Europa, começando pela obra seminal de Palmer (1996), depois os estudos de Batoréo (2004, 2008, 2015), de Bernárdez (2007), Janda (2008), Sharifian (2011, 2017)⁵. No âmbito da Linguística Cultural, a linguagem humana é vista como “um sistema fundamentado globalmente na cultura e na vida social, determinando a comunicação intra e intercultural” (Batoréo, 2015, p. 6). São interessantes

² Tradução da autora. Texto original: [Lingwistyka kulturowa] jest nauką badającą związku między językiem a kulturą. Język jest tu traktowany jako jej warunek wstępny, implikator, składnik, rezerwuuar, „pas transmisyjny” oraz interpretator i intepretant zawierający najistotniejsze treści kultury. Podstawowym zadaniem lingwistyki kulturowej jest badanie czteroczątonowej relacji: język – kultura – człowiek (społeczeństwo) – rzeczywistość.

³ Partilho a opinião de Bartmiński (2018, p. 16) de que *etnolinguística* e *linguística cultural* funcionam na Polónia como sinónimos.

⁴ Tradução da autora. Texto original: Wiązanie języka z kulturą ma długą tradycję historyczną, odpowiada duchowi tradycyjnej filologii. We współczesnej nauce o języku, po okresie dominacji paradygmatu strukturalistycznego, autonomizującego język i badania nad językiem, idea traktowania języka w kontekście kultury powraca odnowiona i ma tendencję wzrostową.

⁵ Para um contributo original no âmbito da Linguística Cultural chamado *Etnolinguística Aplicada*, com origem na teoria NSM, consultar Peeters (2017).

os paralelos que se podem estabelecer entre o que diz Anusiewicz sobre a linguagem, por um lado, e as palavras de Sharifian, considerado por alguns como “pai” da linguística cultural na sua vertente europeia, por outro. Anusiewicz (1994, p. 10) fala da linguagem como o *pré-requisito* da cultura, o seu *reservatório*, a sua *correia de transmissão*, enquanto Sharifian (2017, p. 17) diz que a linguagem é *banco da memória* e *veículo da transmissão cultural*⁶.

A diferença principal entre a linguística cultural polaca e a Linguística Cultural europeia reside no facto de que, na primeira, cultura é vista como *conjunto de valores* (Anusiewicz, 1994, p. 59; Bartmiński, 2018b, p. 10), enquanto, na segunda, cultura surge definida no ponto de vista cognitivo como *conhecimento acumulado de uma comunidade* (Palmer, 1996, p. 290)⁷. Para uma comparação detalhada da linguística cultural polaca com a Linguística Cultural, veja-se Głaz (2017).

3. METALINGUAGEM SEMÂNTICA NATURAL (NSM) DE ANNA WIERZBICKA

Faremos agora uma descrição breve do método da pesquisa que consideramos muito útil quando se trata dos estudos semânticos contrastivos, interculturais, isto é, a Metalinguagem Semântica Natural (*Natural Semantic Metalanguage*, NSM) de Anna Wierzbicka e Cliff Goddard (Wierzbicka, 1980, 1991, 1996, 1997, 2014; Goddard, 2006, 2018; Goddard & Wierzbicka, 2002, 2014). NSM é um programa de investigação desenvolvido ao longo de mais de quarenta anos que se baseia no pressuposto de que existem conceitos comuns para todas as línguas naturais do mundo. É “um método que nos permite descrever as variações culturais e linguísticas sem cair na armadilha do etnocentrismo” (Buřat-Silva, 2016b, p. 203) e, citando Goddard (2018, p. 6), “propõe-se ser a abordagem cognitiva mais desenvolvida da semântica”⁸. Na opinião de Escalante e Unternbäumen (2008, p. 11),

uma das virtudes desta perspectiva é a neutralidade cultural que os primitivos semânticos oferecem, elemento-chave que permite evitar o etnocentrismo principalmente quando tentamos explicar aspectos tais como emoções, afetos ou valores próprios de uma cultura. Tais elementos, vistos numa perspectiva

⁶ (...) language can be viewed as a primary mechanism for 'storing' and communicating cultural cognition, acting both as a memory bank and a fluid vehicle for the (re-)transmission of cultural cognition.

⁷ (...) accumulated knowledge of a community or society, including its stock of cognitive models, schemas, scenarios, and other forms of conventional imagery.

⁸ (...) can claim to be the best developed cognitive approach to semantics.

alheia, costumam aparecer deformados ou incorretos devido à tendência natural de abordá-los sob um ponto de vista externo.

Em 2019, a NSM contém 65 conceitos básicos, “átomos” de sentido, chamados *primes*, ou *primitivos*. Pertencem à NSM conceitos tais com EU e TU, avaliadores básicos BOM e MAU, GRANDE e PEQUENO, verbos “mentais” PENSAR, SENTIR e QUERER, elementos temporais QUANDO, AGORA, ANTES e DEPOIS, elementos espaciais ONDE, AQUI, LONGE e PERTO, operadores lógicos NÃO e SE, e muitos mais (para todo o conjunto de 65 primitivos, veja-se a Tabela 1).

Tabela 1. Os primitivos semânticos em português com os seus equivalentes ingleses⁹

EU, TU, ALGUÉM, ALGUMA COISA, GENTE, CORPO	Substantivos
I, YOU, SOMEONE, SOMETHING~THING, PEOPLE, BODY	<i>Substantives</i>
TIPOS, PARTES	Substantivos relacionais
KINDS, PARTS	<i>Relational substantives</i>
ISTO~ESTE, O MESMO, OUTRO	Determinadores
THIS, THE SAME, OTHER~ELSE	<i>Determiners</i>
UM, DOIS, ALGUNS, TODO(S), MUITO(S), POUCO(S)	Quantificadores
ONE, TWO, SOME, ALL, MUCH~MANY, LITTLE~FEW	<i>Quantifiers</i>
BOM, MAU	Avaliadores
GOOD, BAD	<i>Evaluators</i>
GRANDE, PEQUENO	Descritores
BIG, SMALL	<i>Descriptors</i>
SABER, PENSAR, QUERER, NÃO QUERER, SENTIR, VER, OUVIR	Predicados mentais
KNOW, THINK, WANT, DON'T WANT, FEEL, SEE, HEAR	<i>Mental predicates</i>
DIZER, PALAVRAS, VERDADE	Linguagem
SAY, WORDS, TRUE	<i>Speech</i>
FAZER, ACONTECER, MOVER-SE	Acções, eventos, movimento
DO, HAPPEN, MOVE	<i>Actions, events, movement</i>
ESTAR, HÁ, SER (ALGUÉM / ALGUMA COISA)	Localização, existência, especificação
BE (SOMEWHERE), THERE IS, BE (SOMEONE / SOMETHING)	<i>Location, existence, specification</i>
(É) MEU	Posse
(IS) MINE	<i>Possession</i>
VIVER, MORRER	Vida e morte
LIVE, DIE	<i>Life and death</i>
QUANDO~TEMPO, AGORA, ANTES, DEPOIS, MUITO TEMPO, POUCO TEMPO, POR ALGUM TEMPO, MOMENTO	Tempo

⁹ Tradução da autora.

WHEN~TIME, NOW, BEFORE, AFTER, A LONG TIME, A SHORT TIME, FOR SOME TIME, MOMENT	Time
ONDE~LUGAR, AQUI, ACIMA, DEBAIXO, LONGE, PERTO, LADO, DENTRO, TOCAR	Lugar
WHERE~PLACE, HERE, ABOVE, BELOW, FAR, NEAR, SIDE, INSIDE, TOUCH	Place
NÃO, TALVEZ, PODER, PORQUE~POR CAUSA DE, SE	Conceitos lógicos
NOT, MAYBE, CAN, BECAUSE, IF	Logical concepts
MUITO, MAIS	Intensificador, aumentador
VERY, MORE	Intensifier, augmentor
COMO	Similaridade
LIKE~AS	Similarity

Como se pode ver, os primitivos semânticos não se referem ao mundo que nos rodeia, são noções abstractas que formam a mini-língua conceptual, na base da qual se descreve o significado lexical de palavras, estruturas gramaticais ou normas culturais (*guiões* ou *roteiros culturais* na terminologia NSM) características de uma dada comunidade linguística¹⁰. Goddard e Wierzbicka (2014) asseguram que os 65 elementos são universais, isto é, que existem em todas as línguas do mundo, embora tendo diferentes qualidades morfossintáticas. Afirmam também que os *primes* são indefiníveis, noutras palavras, o mais simples possível, intuitivamente claros e inatos (para um resumo adequado sobre pressupostos teóricos da NSM em português, veja-se Batoréo, 2004).

A descrição do sentido, na teoria NSM, consiste em “traduzir” o que pessoas comuns entendem pelo conceito em questão para as peças da metalinguagem. O texto que surge é chamado *explicação semântica* (*semantic explication*) e segue a lógica interna do conceito explicado baseando-se na *paráfrase redutora*. A *paráfrase redutora* é uma tentativa de expor o que o locutor quer dizer ao usar a expressão (ou a palavra) explicada (para um exemplo da explicação semântica, veja-se a secção 4.3).

O problema que se coloca acerca da explicação semântica é que se pretende que esta seja uma paráfrase, ou, mais especificamente – uma

¹⁰ Não há lugar aqui para enumerar todas as línguas, nem todos os fenómenos linguísticos investigados dentro do paradigma NSM. Para dar alguns exemplos recentes, veja-se Bromhead (2018) sobre os termos da paisagem em diferentes línguas, Farese (2018) sobre as formas de tratamento em italiano e em inglês, ou Wierzbicka (2019) sobre a fé cristã. Para um resumo atualizado da teoria NSM, veja-se Goddard (2018). Para mais informações, ver a página web de NSM: <https://intranet.secure.griffith.edu.au/schools-departments/natural-semantic-metalanguage>.

paráfrase redutora, i.e., uma tentativa de dizer em outras palavras, mais simples, o que o falante está a dizer quando ele/ela enuncia a expressão que está a ser explicada. A NSM é o único sistema de análise semântica que emprega paráfrases redutoras num sentido restrito. Muitos sistemas procuram descrever o significado em termos decompositivos, mas há uma enorme diferença entre parafrasear e descrever. A paráfrase tenta capturar o que os antropólogos denominam de “perspectiva endógena”, na sua qualidade, por vezes ingénuo, de primeira pessoa, em vez da perspectiva exógena, mais sofisticada, usada por linguistas especializados, lógicos, psicólogos sociais, etc.¹¹ (Goddard e Ye, 2016, p. 11)

De acordo com os linguistas citados, a paráfrase é muitas vezes escrita na primeira pessoa a partir da perspectiva interna, o que lhe dá um certo rastro de ingenuidade. Também Anna Wierzbicka (2009) sublinha que a explicação em termos da NSM exprime um ponto de vista comum, a conceptualização da realidade do homem vulgar e não a do cientista. É justo afirmar que os pressupostos teóricos da NSM são parecidos às → bases teóricas da *etnolinguística cognitiva* de Jerzy Bartmiński (2009).

4. ETNOLINGUÍSTICA COGNITIVA DE JERZY BARTMIŃSKI

4.1. IMAGEM LINGUÍSTICA DO MUNDO

Segundo Bartmiński (2018a, pp. 10-11), *cultura* é um conjunto de normas e valores que nos dizem o que é bom e o que é mau numa dada comunidade linguística, ainda que *linguagem* sirva como arquivo da memória cultural e transmissor de valores culturais (cf. Anusiewicz, 1994; Sharifian, 2017). Cada língua natural inclui, tanto no seu vocabulário como na sua gramática, uma *imagem linguística* própria do mundo. Cada língua propõe uma interpretação e valorização do mundo únicas – compare-se com *Weltansicht*, de Wilhelm von Humboldt (1836/1988), ou com *naivnaja kartina mira*, ‘mapa ingênuo do mundo’, de Jurij Apresjan, 1994). Bartmiński (2009, p. 23) define a *imagem linguística do mundo*

¹¹ The critical thing about a semantic explication is that it is intended to be a paraphrase, more specifically – a reductive paraphrase, i.e. an attempt to say in other, simpler words what a speaker is saying when he or she utters the expression being explicated. NSM is the only system of semantic analysis to employ reductive paraphrase in a strict sense. Many systems seek to describe meaning in decompositional terms, but there is an enormous difference between paraphrasing and describing. Paraphrase attempts to capture what anthropologists term an “insider perspective”, with its sometimes naïve first-person quality, rather than the sophisticated outsider perspective of an expert linguist, logician, social psychologist, etc.

(językowy obraz świata, abreviado JOS em polaco)¹², o termo central para a sua escola etnolinguística, como a “interpretação da realidade arraigada na língua, que se expressa na forma dos juízos sobre o mundo, as pessoas, as coisas ou os acontecimentos”¹³. Segundo Bartmiński (2009, p. 23), a nossa percepção do mundo é antropocêntrica e subjetiva, e o resultado dela não é um reflexo da realidade, mas o seu “retrato sem pretensões de corresponder à fidelidade”. JOS é uma *interpretação*, e não “uma fotografia dos objectos reais”¹⁴.

Para investigar os valores enraizados na linguagem, em 2001, Bartmiński inaugurou em Varsóvia o projecto científico EUROJOS (de EURO-, ‘europeu’ e JOS, ‘imagem linguística do mundo’).

4.2. PROJECTO EUROJOS

A plataforma EUROJOS, estabelecida em 2001, foi afiliada ao Instituto dos Estudos Eslavos da Academia das Ciências (IS PAN) em Varsóvia, Polónia, em 2009. O objectivo mais importante do projecto era elaborar o léxico axiológico dos eslavos e dos seus vizinhos (*Leksykon aksjologiczny Słowian i ich sąsiadów*, ou LASiS)¹⁵. Até 2018 foram descritos cinco conceitos, cada um em várias línguas europeias e não só: CASA (Bartmiński, *et al.*, 2015), EUROPA (Chlebda, 2018), TRABALHO (Bartmiński, *et al.*, 2016), LIBERDADE (Abramowicz & Bartmiński, 2018) e HONRA (Sotirov & Ajdačić, 2017)¹⁶. Bartmiński, que antes usava o termo *estereótipo*¹⁷ na sua fase EUROJOS, decidiu trocá-lo pelo termo *conceito* (*koncept* em polaco), de âmbito mais geral, que, para ele, é uma ‘noção associada a conotações culturais’ (Bartmiński, 2018a, p. 20); ver também Bartmiński (2018b, pp. 20-21). Na medida em que noção é objectiva, conceito é, segundo Bartmiński, subjectivo e enraizado numa dada cultura. Para reconstruir o conteúdo semântico dum conceito dado, Bartmiński propõe usar como base três tipos de dados, ou S-A-T: *sistema*, isto é, toda a

¹² Na opinião da Grzegorzczkova (2002), o termo JOS corresponde ao que os linguistas cognitivos chamam de *conceptualização do mundo existente na língua*.

¹³ (...) *language-entrenched interpretation of reality which can be expressed in the form of judgements about the world, people, things or events*.

¹⁴ *It is an interpretation, not a reflection; it is a portrait without claims to fidelity, not a photograph of real objects*.

¹⁵ “Vizinhos” compreendidos numa maneira bastante livre – tanto os portugueses como os chineses e japoneses (sic!) estão incluídos nesta categoria.

¹⁶ A equipa de Bartmiński tinha cerca de cem colaboradores.

¹⁷ *Stereotypes [in the Ethnolinguistic School of Lublin approach] are (...) conventionalised, entrenched images of an X in terms of what it is like, what it looks like, how it behaves. They also contain information on how speakers evaluate X, but the evaluation can be positive as much as negative* (Głaz, 2017, p. 11).

informação existente nos dicionários (em polaco *system*, S), *inquéritos* com a gente jovem, preferivelmente estudantes (em polaco *ankieta*, A) e *textos*, provenientes de grandes corpora nacionais e da imprensa popular (em polaco *tekst*, T). Baseada em S-A-T, é a *definição cognitiva*¹⁸ do conceito, cujo objectivo não é estabelecer o que a palavra em questão significa, mas antes mostrar como os falantes categorizam, caracterizam e valorizam a realidade que os rodeia (Bartmiński, 2018a, p. 21). Diferentes variantes, ou perspectivas de olhar para o mesmo conceito têm o nome de *perfis* (Bartmiński, 2018a, p. 22)¹⁹. Quanto ao português, foi investigada a palavra *casa* como expoente central do conceito CASA em PE (Bułat-Silva, 2014a, b, 2015). Depois da primeira fase do projecto EUROJOS terminar, investigou-se também, embora de maneira incompleta, a palavra *lar* (Bułat-Silva, 2016b). Os resultados desta pesquisa serão apresentados na subsecção seguinte.

4.3. O QUE PENSAM OS PORTUGUESES QUANDO DIZEM “LAR”

Na presente secção pretende-se mostrar a possibilidade de juntar as duas metodologias, a de Wierzbicka e a de Bartmiński, analisando o conteúdo semântico da palavra portuguesa *lar*. Na base das definições lexicográficas, dos textos e inquéritos feitos junto dos estudantes portugueses (método de colecção de dados S-A-T, Bartmiński, 2006; ver também secção 4.2), elaborar-se-á a sua explicação em termos da NSM (Bułat-Silva, 2016b).

Apresentam-se apenas, por limitações de formatação, os resultados do inquérito feito junto dos estudantes da Universidade Nova de Lisboa, para passar directamente à explicação semântica de *lar*²⁰. A pergunta principal a que tiveram de responder os estudantes foi: *Para si, qual é a característica essencial de um autêntico lar?*. É o equivalente português da pergunta formulada em polaco por Bartmiński (2006), *Co Twoim zdaniem stanowi o istocie prawdziwego X-a?*, literalmente, ‘Na sua opinião, o que determina a essência de um verdadeiro (autêntico) X?’’. As respostas dos estudantes foram agrupadas de acordo com as regras propostas por Bartmiński (2006), procurando sempre o descritor

¹⁸ Para um equivalente da *definição cognitiva*, isto é, a *explicação semântica* de Wierzbicka, consultar secção 3.

¹⁹ Nota: o ato de *perflar* segundo Bartmiński não é a mesma coisa que o ato de *perflar* na teoria de Langacker (2009).

²⁰ Para a descrição detalhada do significado léxico-cultural de *lar*, veja-se Bułat-Silva (2016b).

comum para os enunciados citados (por exemplo, para os enunciados *espaço (...) em que existe conforto e [lugar] onde estamos confortáveis*, o descritor comum será *conforto*). Seguem-se as dez características (ou descritores) mais importantes do conceito *lar* segundo os estudantes:

1. Conforto (15): “espaço de vivência familiar em que existe conforto”; “um local onde nos sentimos confortáveis”; “onde estamos confortáveis”
2. Bem-estar (8): “um local no qual te sintas bem”; “bem-estar”
3. Amor (6): “espaço de vivência familiar em que existe amor”
4. Família (6): “espaço de vivência familiar”; “onde nos podemos abrigar e sentir seguros com a nossa família”
5. Privacidade (6): “um local onde nos sentimos à vontade”
6. Harmonia (6): “em que existe (...) harmonia”
7. Hospitalidade (5): “ser acolhedor”; “ser aconchegado”
8. Segurança (3): “onde nos podemos sentir seguros”
9. Protecção (3): “sentido de protecção”; “onde nos podemos abrigar”
10. Satisfação das necessidades básicas dos seus habitantes (2): “onde podemos relaxar, comer, dormir”²¹.

Vejam agora a explicação semântica de *lar* que tem como objectivo apresentar a maneira de categorizar e valorizar a realidade que podemos observar nesta palavra portuguesa, de acordo com o que pensam os portugueses quando dizem *lar*. A primeira parte da explicação refere-se ao *genus proximum* de *lar* (alíneas a e b); a segunda expõe as suas principais características (alíneas c-i); a terceira mostra o vínculo de *lar* com a *família* (alíneas j-p); a quarta parte expõe *lar* como um ponto de partida para o mundo e como um sítio para o qual se quer regressar (alíneas q-t); a quinta e última parte (u) pretende demonstrar o valor que *lar* tem na cultura portuguesa. Para mostrar a relação entre os resultados do inquérito e a explicação que se segue, os nomes dos descritores previamente enumerados são apresentados em parênteses rectos.

²¹ Números entre parênteses indicam o número total dos enunciados citados que se referem a cada descritor.

lar

- a) lugar de um tipo,
- b) alguém pode viver nesse lugar com outras pessoas por muito tempo,
- c) se alguém vive num lugar deste tipo, esse alguém pode pensar assim sobre esse lugar:
- d) quando estou aqui, muitas vezes posso sentir uma coisa boa no meu corpo, [CONFORTO]
- e) quando estou aqui, nenhuma coisa má me pode acontecer, [SEGURANÇA]
- f) quando estou aqui, se quiser fazer alguma coisa, posso fazê-la, [PRIVACIDADE]
- g) este lugar não é como qualquer outro lugar,
- h) não posso sentir-me assim em qualquer outro lugar,
- i) quando esse alguém pensa assim, esse alguém pode sentir uma coisa boa por causa disso,
- j) se alguém vive num lugar desse tipo com outras pessoas, muitas vezes é assim:
- k) esse alguém quer fazer coisas boas para essas pessoas, [AMOR]
- l) esse alguém quer estar com essas pessoas nesse lugar por algum tempo, [HARMONIA]
- m) esse alguém quer fazer algumas coisas com essas pessoas por algum tempo,
- n) ao mesmo tempo, se alguém vive neste lugar com outras pessoas, muitas vezes é assim:
- o) todas essas pessoas são como partes de uma coisa, [FAMÍLIA]
- p) por causa disso, muitas vezes todas essas pessoas podem sentir uma coisa boa, [BEM-ESTAR]
- q) muitas vezes quando alguém não pode viver nesse lugar por muito tempo, esse alguém pode pensar assim:
- r) há algum tempo vivi num lugar como este,
- s) quero estar neste lugar depois de algum tempo,
- t) quando esse alguém pensa assim, esse alguém pode sentir uma coisa boa por causa disso,
- u) é bom quando alguém pode pensar assim sobre um lugar

Os primitivos semânticos essenciais na descrição de *lar* são PESSOAS e LUGAR, pois *lar* é 'lugar onde as pessoas vivem juntas'. Igualmente importantes são os elementos verbais QUERER, SENTIR e FAZER: no *lar*, 'as pessoas querem fazer coisas boas umas às outras' para que 'todos possam sentir-se bem'. O elemento CORPO simboliza o conforto do *lar*, onde cada pessoa pode 'sentir uma coisa boa no seu corpo' (Bułat-Silva, 2012). A expressão 'pessoas que são como partes de uma coisa' refere-se ao lugar central da família na conceptualização do *lar*.

5. OBSERVAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo desenvolvemos um conjunto de reflexões sobre diferentes maneiras de compreender a Linguística Cultural. Apresentámos a abordagem da Metalinguagem Semântica Natural (NSM) e da Etnolinguística Cognitiva polaca. Na última secção tentámos mostrar que, além dos pressupostos metodológicos compartilhados, ambas as teorias podem efectivamente usar-se juntas²². A nossa análise da palavra *lar* partiu do método de colecção de dados S-A-T, para depois descrevermos a conceptualização, ou a imagem linguística do mundo contida nesta palavra em termos de NSM. As vantagens de juntar ambas as metodologias serão: 1) possibilidade de validação científica do significado da palavra em questão do modo a facilitar outros estudos sobre a mesma palavra e 2) maior transparência nas explicações, uma vez que os elementos de NSM são universais e – ao contrário do polaco coloquial usado por Bartmiński na *definição cognitiva* – se traduzem facilmente para qualquer língua.

Há mais de dez anos, Augusto Soares da Silva (2008), observando que a Linguística Cognitiva é ainda uma tendência marginal em Portugal e no Brasil, escreveu: "Linguística Cognitiva assume que *toda a linguagem é acerca do significado* e o significado é *perspectivista* (não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o, constrói-o de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes) (...)" (Silva, 2008, p. 190). Esta

²² Vale a pena acrescentar que os dois linguístas, Bartmiński e Wierzbicka, se conhecem e valorizam os trabalhos um do outro. Bartmiński muitas vezes acentua a influência significativa que tinham os estudos de Anna Wierzbicka nas suas pesquisas etnolinguísticas: "Anna Wierzbicka's works had a significant impact on shaping the profile of the journal [Etnolingwistyka] and on the research community gathered around the journal which, embedded in the fields of ethnolinguistics or anthropological and cultural linguistics, developed its own, to some extent original, research methodology" (Bartmiński, 2018c, p. 751). Wierzbicka, comentando a abordagem teórica de Bartmiński, afirma: "Despite the fact that we work in different fields, from different viewpoints, in different disciplinary contexts, and with different methodologies, I consider our approaches to be complementary and the directions of our research to be convergent" (Wierzbicka, 2013, p. 137).

citação manifesta tanto a perspectiva Wierzbickiana (“toda a linguagem é acerca do significado”) como o eco da Etnolinguística Cognitiva de Bartmiński (“a [linguagem] não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o”). Conclui-se, assim, que há mais pontos em comum do que discrepâncias entre as diferentes maneiras de estudar a linguagem humana no âmbito da linguística cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramowicz, M., Bartmiński, J. (Eds.). (2018). *Wolność. LASiS, 4.* Wydawnictwo UMCS.

Anusiewicz, J. (1994). *Lingwistyka kulturowa. Zarys problematyki.* Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego.

Apresjan, J. (1994). Naiwny obraz świata a leksykografia. *Etnolingwistyka, 6,* 5-12.

Bartmiński, J. (Ed.). (1980). *Słownik ludowych stereotypów językowych. Zeszyt próbny.* Wydawnictwa UWr.

Bartmiński, J. (Ed.). (2006). *Język-wartości-polityka. Raport z badań empirycznych.* Wydawnictwo UMCS.

Bartmiński, J. (2009). *Aspects of Cognitive Ethnolinguistics.* Equinox.

Bartmiński, J. (2018a). *Język w kontekście kultury, czyli co dziś znaczy metafora “europejski dom?”.* Wydawnictwo Śląsk.

Bartmiński, J. (2018b). O profilowaniu pojęć z punktu widzenia etnolingwistyki kognitywnej. Libura, A.; Bębeniec, D. & Kowalewski, H. (Eds). *Dociekania kognitywne,* 13-48. Universitas.

Bartmiński, J. (2018c). In the Circle of Inspiration of Anna Wierzbicka: The Cognitive Definition – 30 Years Later. *Russian Journal of Linguistics, (22),* 749-769.

Bartmiński, J., Bielińska-Gardziel, I., & Żywicka, B. (Eds.). (2015). *Dom. LASiS, 1.* Wydawnictwo UMCS.

Bartmiński, J., Brzozowska, M., & Niebrzegowska-Bartmińska, Sł. (Eds.). (2016). *Praca. LASiS, 3.* Wydawnictwo UMCS.

Batoréo, H. (2004). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva.* Universidade Aberta (CD ROM).

- Batoréo, H.** (2008). Cognitive and Lexical Characteristics of Motion in Liquid Medium: AQUA-motion Verbs in Typologically Different Languages. *Psychology of Language and Communication*, 12(2), 3-15.
- Batoréo, H.** (2015). Competência metafórica e a Linguística Cultural: Exemplo de conceptualização das emoções em Chinês e na cultura ocidental. *Revista Investigações*, 28(2), 1-28.
- Bernárdez, E.** (2008). *El lenguaje como cultura*. Alianza.
- Bromhead, H.** (2018). *Landscape and Culture – Cross-linguistic Perspectives*. John Benjamins.
- Bułat-Silva, Z.** (2012). O conceito de "casa" em português europeu. Petrov, P., Sousa, P., Samartin, R., & Feijó, E. (Eds). *Avanços em Ciências da Linguagem*, 343-357. Através.
- Bułat-Silva, Z.** (2014a). Portugalski DOM – Badanie korpusowe. Bartmiński, J., Bielińska-Gardziel, I., & Niebrzegowska-Bartmińska, St. (Eds). *Wartości w językowo-kulturowym obrazie świata Słowian i ich sąsiadów*, 2, 41-52. Wydawnictwo UMCS.
- Bułat-Silva, Z.** (2014b). Jaki obraz DOMU mają młodzi Portugalczycy? Badanie ankietowe. Bielińska-Gardziel, I., Niebrzegowska-Bartmińska, St., & Szadura, J. (Eds). *Wartości w językowo-kulturowym obrazie świata Słowian i ich sąsiadów*, 3, 309-322. Wydawnictwo UMCS.
- Bułat-Silva, Z.** (2015). CASA – portugalski dom. Bartmiński, J., Bielińska-Gardziel, I., & Żywicka, B. (Eds). *Leksykon aksjologiczny Słowian i ich sąsiadów*, 401-431. Wydawnictwo UMCS.
- Bułat-Silva, Z.** (2016a). Śpiące języki, czyli słów kilka o sytuacji językowej rdzennych mieszkańców Australii (na przykładzie języka gamilaraay z Nowej Południowej Walii). *Język a Kultura*, 26, 337-346.
- Bułat-Silva, Z.** (2016b). Descrever o lar português. Hlibowicka-Węglarz, B., Wiśniewska, J., & Jabłonka, E. (Eds). *Língua portuguesa: Unidade na Diversidade*, 1, 201-213. Wydawnictwo UMCS.
- Bułat-Silva, Z.** (2018). Gamilaraay, a Sleeping Language of New South Wales. *Academic Journal of Modern Philology*, 7, 67-77.
- Chlebda, W.** (2013). Can Polish Ethnolinguistics Become a Philological Keystone of the Humanities?. Glaz, A., Danaher, D., & Łozowski, P. (Eds).

The Linguistic Worldview. Ethnolinguistics, Cognition, and Culture, 25-37. Mouton de Gruyter.

Chlebda, W. (Ed.). (2018). *Europa. LASiS*, 2. Wydawnictwo UMCS.

Czachur, W. (Ed.). (2017). *Lingwistyka kulturowa i międzykulturowa*. Wydawnictwa UW.

Escalante, Al., & Unternbäumen, E. (2008). Roteiros culturais: Modelo teórico na abordagem de conteúdos socioculturais no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. *Revista Horizontes de Lingüística Aplicada*, 7(2), 8-18.

Farese, G. M. (2018). *The Cultural Semantics of Address Practices*. Lexington.

Głaz, A. (2017). Promoting dialogue: Two traditions in language and culture research. Ziobro-Strzępek, J., & Władysław, Ch. (Eds). *Across Borders: The West Looks East*, 41-58. Wydawnictwo PWSZ.

Goddard, Cl. (Ed.). (2006). *Ethnopragmatics. Understanding Discourse in Cultural Context*. Mouton de Gruyter.

Goddard, Cl. (2018). *Ten Lectures on NSM Semantics: Exploring language, thought and culture using simple, translatable words*. Brill.

Goddard, Cl., & Wierzbicka, A. (Eds.). (2002). *Meaning and Universal Grammar. Theory and Empirical Findings*, 1-2. John Benjamins.

Goddard, Cl., & Wierzbicka, A. (2014). *Words and Meanings. Lexical Semantics Across Domains, Languages, and Cultures*. Oxford University Press.

Goddard, Cl., & Ye, Z. (2016). Exploring “happiness” and “pain” across languages and cultures. Goddard, Cl., & Ye, Z. (Eds). *“Happiness” and “Pain” across Languages and Cultures*, 1-18. John Benjamins.

Grzegorzycykowa, R. (2002). *Wprowadzenie do semantyki językoznawczej*. PWN.

Humboldt, W. (1988). *On Diversity of Human Language-Structure and its Influence on the Mental Development of Mankind*. Cambridge University Press. (Original work published 1836).

Janda, L. (2008). From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics. *Slovo a smysl*, 8, 46-68.

- Langacker, R.** (2009). *Gramatyka kognitywna: wprowadzenie*. Universitas.
- Palmer, G.** (2000). *Lingüística cultural*. Alianza.
- Peeters, B.** (2017). APPLIED ETHNOLINGUISTICS is cultural linguistics, but is it CULTURAL LINGUISTICS?. Sharifian, F. (Ed.). *Advances in Cultural Linguistics*, 507-527. Springer.
- Sharifian, F.** (2011). *Cultural Conceptualisations and Language*. John Benjamins.
- Sharifian, F. (Ed.)**. (2017). *Advances in Cultural Linguistics*. Springer.
- Słapek, D.** (2017). *Rozważania metajęzykoznawcze*. Łódź. Primum Verbum.
- Soares da Silva, A.** (2008). Os estudos de Linguística Cognitiva do Português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 12, 189-221.
- Sotirov, P., & Ajdačić, D. (Eds.)**. (2017). *Honor. LASiS, 5*. Wydawnictwo UMCS.
- Wierzbicka, A.** (1980). *Lingua Mentalis. The Semantics of Natural Language*. Academic Press.
- Wierzbicka, A.** (1991). *Cross-Cultural Pragmatics: The Semantics of Human Interaction*. Mouton de Gruyter.
- Wierzbicka, A.** (1996). *Semantics: Primes and Universals*. Oxford University Press.
- Wierzbicka, A.** (1997). *Understanding Cultures through Their Key Words. English, Russian, Polish, German, and Japanese*. Oxford University Press.
- Wierzbicka, A.** (2009). Reciprocity. An NSM approach to linguistic typology and social universals. *Studies in Language*, 33, 103-174.
- Wierzbicka, A.** (2013). Polish *Zwierzęta* "Animals" and *Jabłka* "Apples": An Ethnosemantic Inquiry. Glaz, D., Danaher, D., & Przemysław, L. (Eds). *The Linguistic Worldview. Ethnolinguistics, Cognition, and Culture*, 137-159. Mouton de Gruyter.
- Wierzbicka, A.** (2014). *Imprisoned in English. The Hazards of English as a Default Language*. Oxford University Press.
- Wierzbicka, A.** (2019). *What Christians Believe: The Story of God and People in Minimal English*. Oxford University Press.

SIGNIFICADO, LÉXICO E USOS: AS MAIS-VALIAS DE UMA ABORDAGEM COGNITIVA

José Teixeira
CEHUM
Universidade do Minho

RESUMO

Numa altura da história do pensamento científico em que as chamadas Ciências Cognitivas se ramificam para praticamente todos os domínios, como entender a relação entre a Linguagem e a Cognição? Embora a questão seja de âmbito muito vasto, procurar-se-á, neste texto, abordar principalmente a relação Linguagem, Cognição e Significado, mormente ao nível do significado lexical. Neste domínio, parece-nos ser de destacar a importância da noção de protótipo como modelo linguístico-cognitivo e, sobretudo, a revolução que o conceito de Metáfora Concetual veio desencadear. Procurar-se-á demonstrar como esta forma de entender as relações entre a cognição e a linguagem permite uma mais autêntica e real atitude científica perante a linguagem humana em uso, o verdadeiro objeto das Ciências da Linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva, léxico, metáfora, sintonímia

ABSTRACT

At a time in scientific thought history when the so-called Cognitive Sciences branch out into almost every domain, how should we understand the relationship between Language and Cognition? Although the question is very broad in scope, in this text we will primarily focus on the relationship between Language, Cognition and Meaning, especially at the level of lexical meaning. In this field we want to emphasize the importance of the notion of prototype as a linguistic-cognitive model and, above all, the revolution that the concept of Conceptual Metaphor unleashed. We will argue how this way of understanding the relations between the cognition and the language allows for a more authentic and real scientific attitude about human language in use, the real object of the Sciences of Language.

KEYWORDS: Cognitive linguistics, lexicon, metaphor, synonymy

1. LINGUAGEM, COGNIÇÃO E SIGNIFICADO

Quando Magritte apresenta a icónica pintura de um cachimbo legendado pela frase *Isto não é um cachimbo* (*Ceci n'est pas une pipe*) é comum dizer-se, no âmbito das artes plásticas, que a obra questiona a relação entre a realidade e a sua representação. Possivelmente, sim. Contudo, ficar por aqui é esquecer que a essência semiótica da obra não reside na representação, mas na *verbalização* dessa representação. Não é a linguagem pictórica que estrutura a obra, mas a linguagem verbal na sua dimensão mais básica. É a mensagem verbal que nos faz refletir na relação entre realidade, representação da realidade e verbalização dessa representação. Ou seja, lembra-nos uma coisa óbvia: que um cachimbo não é a representação de um cachimbo. Esta é o produto de uma perceção, perceção essa que pode originar a pintura de um cachimbo ou a utilização da palavra “cachimbo”, o que, em si, são coisas diferentes. Portanto, esta obra de Magritte, inserida numa série de pinturas intitulada “A Traição das Imagens” (1928-1929), coloca *avant la lettre* algumas das questões centrais das Ciências Cognitivas: as relações entre a realidade e as cognições, representações e verbalizações que nós, humanos, sobre a mesma realidade, fazemos.

A linguagem verbal é fulcral em todo o processo de cognição e respetiva representação, de tal modo que, embora as duas dimensões não se possam identificar, entre elas, os pontos de contacto e as interdependências são tais que justificam a cada vez maior importância dos estudos da linguagem dentro das designadas Ciências Cognitivas.

Ora o domínio do funcionamento do significado linguístico é um dos que evidencia em maior grau a necessidade de se entrecruzar língua e cognição¹. Uma atividade tão simples como a pedida a 270 crianças entre os 5 e os 12 anos para colocarem uma cruz “à frente” de uma palavra (“amigo”) escrita num pedacinho de papel consegue evidenciar a complexidade do que é a relação entre a perceção, a cognição e a língua. A variabilidade (Figura 1) nos resultados obtidos (Figura 2) demonstra como a construção e maturação do conceito de “à frente” é cognitivamente complexa, como o seu uso referencial relativamente

¹ Este texto não se destina a expor os desenvolvimentos mais recentes ou mais importantes da Linguística Cognitiva em toda a sua enorme extensão. Procura, antes, demonstrar como, sobretudo ao nível da semântica lexical, a perspetiva cognitiva tem mais-valias relativamente às correntes tradicionais, sobretudo às designadas “visões objetivistas” do significado.

à espacialidade da escrita não é “lógico” e que, independente de modelos mentais sobre o espaço (Batoréo, 2000; Teixeira, 2001), se vai solidificando e estabilizando desde os 5 até aos 13 anos (Teixeira, 2006).



Figura 1. Tipos de respostas obtidas no inquérito

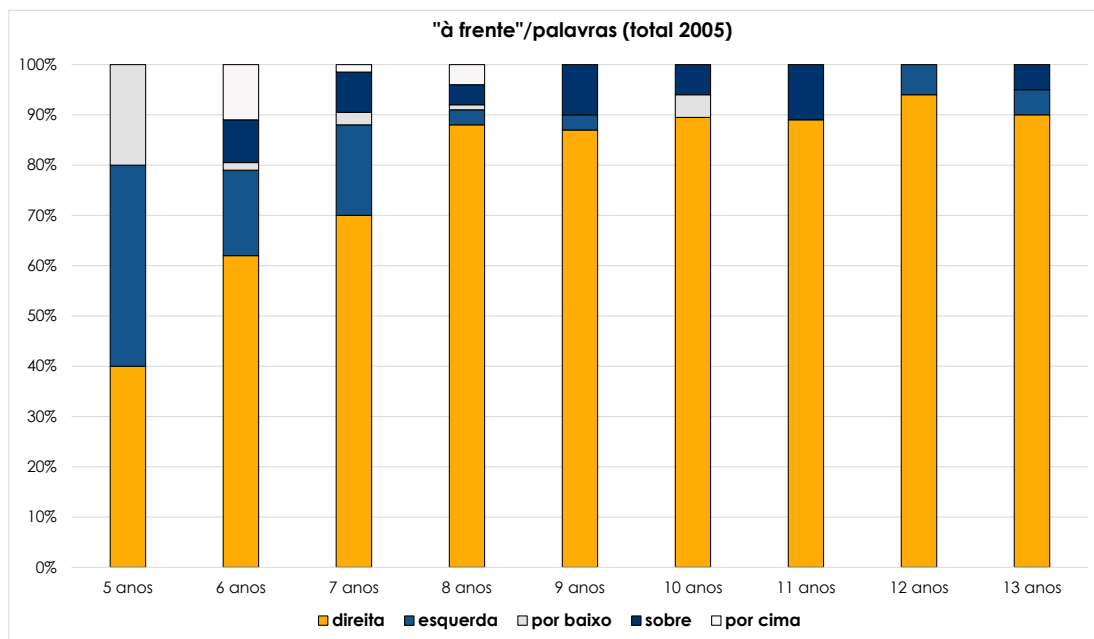


Figura 2. Resultados do inquérito de 2005

2. LÉXICO E PROCESSAMENTOS MENTAIS

Constatações como estas evidenciam como o significado de uma palavra pode indiciar perceções várias sobre a realidade e como depende e resulta de operações mentais complexas. Ou seja, o significado depende da cognição humana e de como essa cognição constrói modelos mentais para representar a realidade.

Os resultados que as Figuras 1 e 2 apresentam ilustram não só os processos diferenciados entre o português e várias outras línguas na conceptualização da linearidade gráfica (Batoréo, 2000; Teixeira, 2001, 2006), mas igualmente como a forma como concetualizamos e verbalizamos em Português Europeu (PE) a relação espacial *frente-trás* é explicável através de modelos mentais diversos, estáticos e dinâmicos (Teixeira, 2001).

Para a visão cognitiva, o léxico não é apenas um conjunto de unidades pintalgadas de colorações semânticas de forma mais ou menos caótica e sem estruturação linguística. Na verdade, para a perspectiva cognitiva, a espinha dorsal do fenómeno linguístico é precisamente a dimensão semântica. Diferentemente das visões que relegam o significado e o léxico para o rol do estruturalmente caótico e regido por exceções [“Eu entendo o léxico no sentido tradicional: como uma lista de ‘exceções’ que não segue princípios gerais.” (Chomsky, 1995, p.235)². Tradução nossa], a visão cognitiva tem no significado e na organização lexical uma dimensão fundamental e fundamentadora do fenómeno linguístico (Teixeira, 2015a).

Neste âmbito, a perspectiva cognitiva resolve muito bem a questão da “mente partida” entre cognição linguística e “a outra” (a designada “conhecimento do mundo”). A distinção entre significado linguístico e conhecimento do mundo sempre foi aceite como um axioma, portanto, algo de verdadeiro que parece não poder ser de outro modo. O significado linguístico é entendido como organizado e estruturado por mecanismos linguísticos, enquanto o conhecimento do mundo é entendido como relativo a todo o armazenamento informativo e vivencial que cada indivíduo isoladamente tem sobre a realidade.

As ciências cognitivas mostram, cada vez mais, como este falso axioma é apenas uma crença sem grandes (ou nenhuma) bases comprobatórias. Assenta no pressuposto de que a linguagem humana ocupa zonas autónomas da mente, próprias e exclusivas. Ora as ciências da mente apontam precisamente para o oposto: a linguagem envolve o todo mental e o corpóreo, todos os mecanismos cognitivos, concetuais e toda a capacidade percetiva. Não há dois tipos de conhecimentos, um linguístico e outro enciclopédico (o que não implica, obviamente, identificar “conhecimento” e “conhecimento linguístico”). O conhecimento, as memórias, os esquemas percetivos constituem globalmente um todo, e é nesse todo holístico que assenta o fenómeno da linguagem. Langacker (1994) sublinha precisamente este aspeto ao sinalizar que a linguagem utiliza capacidades cognitivas e psicológicas, tais como a organização figura-fundo, a reificação concetual, a categorização, a esquematização, a capacidade de

² “I understand the lexicon in a rather traditional sense: as a list of “exceptions” whatever does not follow from general principles.” (Chomsky, 1995, p.235).

ponto de referência, e outras que não são apenas dela, mas a base de toda a percepção humana.

Não há um conhecimento a funcionar especificamente para a língua independente do “conhecimento global” que o ser humano processa. O significado linguístico não resulta da interação língua-mundo, mas língua-mente-mundo, através da percepção. Provas? Diversos estudos mostram que, quando há uma lesão cerebral que danifica uma área fundamental para a manipulação de determinado processamento cognitivo, a linguagem verbal é também afetada no processamento do significado que implique aspetos relativos a essa área. No cérebro, a lesão de uma área que processa específicos conteúdos cognitivos acarreta a perda desses conteúdos cognitivos e, a nível linguístico, a perda dos respetivos conteúdos semânticos. As pessoas designadas como “acromatópsicas” (que perdem a visão da cor) perdem igualmente a própria noção ou conceito de cor, não conseguindo interpretar as palavras que implicam conceitos ligados a cores:

Com o nosso colega Matthew Rizzo, descobrimos que o dano provocado nas porções occipital e subcalcarina dos giros linguais esquerdo e direito, a região do cérebro que se acredita conter os córtices V2 e V4, causa uma situação chamada acromatopsia. Os pacientes que anteriormente tinham visão normal perdem a percepção de cor. Além disso, perdem também a capacidade de imaginar cores. Os acromatópicos costumam ver o mundo em tons de cinza; quando evocam uma imagem tipicamente colorida nas suas mentes surgem as formas, o movimento e a textura, mas não a cor. Quando pensam num campo de relva, nenhum verde aparece, nem o vermelho ou o amarelo fazem parte da evocação normal do sangue ou da banana. Nenhuma lesão em outra parte do cérebro pode causar um defeito semelhante. Em certo sentido, portanto, o conceito de cor depende dessa região. (Damásio, A & Damásio, H. 1993, p. 587)³. (Tradução nossa).

³ With our colleague Matthew Rizzo, we have found that damage to the occipital and subcalcarine portions of the left and right lingual gyri, the region of the brain believed to contain the V2 and V4 cortices, causes a condition called achromatopsia. Patients who previously had normal vision lose their perception of color. Furthermore, they lose the ability even to imagine colors. Achromatopsics usually see the world in shades of gray; when they conjure up a typically colored image in their minds, they see the shapes, movement and texture but not the color. When they think about a field of grass, no green is available, nor will red or yellow be part of their otherwise normal evocation of blood or banana. No lesion elsewhere in the brain can cause a similar defect. In some sense, then, the concept of colors depend on this region. (Damásio, A. & Damásio, H., 1993, p. 587).

Comprova-se, portanto, que a perda de uma região cerebral conduz à perda da capacidade de processar os conteúdos semânticos que conectam essa mesma área. Outros fenómenos também comprovam o mesmo:

Se, como consequência de uma lesão bilateral da região parietal-occipital do córtex cerebral, um sujeito perde a capacidade de perceber a localização espacial dos objetos (*apraxia ocular*), ao nível da linguagem, esse sujeito também perderá a capacidade de associar o conteúdo semântico para termos ou expressões como 'acima', 'abaixo', 'à direita de', 'à esquerda de', 'em cima de', etc. (Sánchez, 2007, p.63)⁴. (Tradução nossa).

Não se pode deixar de ver como este tipo de correlações indiciam que a língua constrói e processa a componente semântico-lexical a partir das áreas cerebrais de onde esses conteúdos são processados. Torna-se, portanto, imperioso concluir que o significado lexical e a concetualização não podem ser independentes da perceção e da concetualização humanas, sendo este ponto uma das pedras angulares da Semântica Cognitiva tal como a entendemos.

3. SIGNIFICADO LEXICAL E PROTÓTIPO

E como se estrutura o significado de um termo?

A resposta a esta questão é uma das que maior rutura acarreta por parte da visão cognitiva. Ela rompe com toda a tradição filosófico-científica ocidental de descrever e compreender a realidade através da "definição" das propriedades comuns a um conceito. Na verdade, parece "intuitivo" que para todos os falantes de uma língua perceberem como idêntico o sentido de uma palavra, esse significado tem de ser "comum" para todos. As análises estruturalistas europeias e generativistas assentam no pressuposto das Condições Necessárias e Suficientes (CNS) comuns a um conjunto de entidades para constituírem uma categoria, cognitiva e linguística.

Esta forma de descrever a realidade, no entanto, encontra sérias

⁴ Si como consecuencia de una lesión bilateral de la región parieto-occipital de la corteza cerebral, un sujeto pierde la capacidad para percibir la localización espacial de los objetos (*apraxia ocular*), al nivel del lenguaje ese sujeto perderá también la capacidad de asociar contenido semántico a términos o expresiones tales como 'arriba', 'abajo', 'a la derecha de', 'a la izquierda de', 'encima de', etc." (Sánchez, 2007, p.63).

dificuldades quando realmente a utilizamos na tentativa de perceber como funciona o fenômeno semântico. As análises sémicas do estruturalismo europeu sempre pareceram confusas, imprecisas e insatisfatórias. Igualmente as generativistas na sua divisão em traços opositivos, mas também é certo que o generativismo nunca deu grande valor à composicionalidade semântica do léxico.

Ora esta visão composicional de o significado de uma palavra ser composto pelos traços comuns a todos os falantes/ usos acarreta um grande conjunto de incongruências quando se analisa a forma como os falantes descrevem, através das línguas, as suas percepções sobre a realidade (Teixeira, 2005):

- 1) De acordo com as teorias componenciais das CNS, deveria ser bastante fácil aos falantes definirem uma qualquer categoria (exemplos, *fruto, pássaro, vinho, correr*). Mas não é isso que acontece.
- 2) Não deveria haver dificuldade em reconhecer os membros de determinada categoria, já que se defende que as categorias são definíveis por Condições Necessárias e Suficientes e, por isso, os limites são bem precisos (ou seja, seria sempre fácil responder sim ou não a questões como “isto é ou não um fruto?; isto é ou não um pássaro?”).
- 3) Os elementos/membros de uma categoria deveriam possuir, de modo idêntico, as características dessa categoria e não deveria haver, por exemplo, um pássaro que não fosse bem um pássaro ou um vinho que fosse “mais vinho” que um outro.
- 4) Os falantes deveriam utilizar prioritariamente a definição nos traços constitutivos do hipotético núcleo comum quando quisessem descrever uma categoria, e não recorrer a exemplos (como quase sempre acontece).

George Lakoff (1987), em *Women, Fire and Dangerous Things* (Lakoff, 1987), explana um outro paradigma diferente do das CNS. Partindo de variados contributos ligados à cognição, desde a Antropologia à Psicologia, apresenta a conceitualização e categorização humanas como mecanismos centrais no processo léxico-semântico que não se processa apenas pelo princípio dos traços comuns, mas por organização em protótipo.

Nasce, assim, a designada semântica do protótipo. Esta conceção defende que o significado linguístico se organiza em categorias em que há membros mais (proto)típicos e outros menos. No conjunto de elementos que uma categoria engloba, uns são mais centrais e outros mais periféricos. De forma diferente das teorias das CNS, em que os membros de uma categoria possuem todos o mesmo estatuto, na visão da teoria do protótipo, o grau de pertença a uma categoria pode variar muito entre os elementos do grupo. Os conceitos de *fruto*, *pássaro*, *vinho*, *correr* assentam em modelos mentais organizados de tal forma que fazem com que, para os falantes, haja alguns pássaros “mais pássaros” que outros e (digam lá se não é verdade...) que alguns vinhos sejam “mais vinho” que outros.

A visão cognitiva do significado tem a mais-valia de não o separar do processo de categorização humana e propor que o significado de um termo resulta de um conceito transformado em categoria. Sendo processos cognitivos complexos, categorização e significado implicam múltiplas associações cognitivas, mentais, sempre perspectivadas relativamente ao ser humano. Por isso é que falham as abordagens semânticas que querem reduzir o significado a um conjunto de “traços simples” quase matematicamente estruturados em oposições binárias. A categorização humana é tudo menos simples e lógica, mas complexa, cognitiva, facto que as visões semânticas componenciais não conseguem retratar.

O funcionamento quotidiano do léxico mostra como só uma visão prototípica do significado consegue explicar a forma como realmente a língua funciona. A caricata discussão se o tomate é um fruto ou um legume só poderia fazer sentido numa conceção do significado como constituído por CNS objetivável e como significado “não corporizado”. Ora para a língua isto não tem interesse nenhum e, por isso, o conceito de *fruto* não quer saber do que a ciência nos diz sobre a “realidade científica” dos frutos⁵. A estruturação dos conceitos e significados lexicais de *fruto*, *fruta*, *vegetais*, *legumes*, *verduras* é prototípica e cognitivamente corporizada, muito complexa, portanto, como a Figura 3, muito esquematicamente, procura ilustrar.

⁵ Coisas estranhas para a percepção quotidiana: cientificamente, o tomate é um dos frutos mais “normais”; também não é o morango em si que é um fruto, mas as pintas ou grainhas que possui ao seu redor; na maçã, o fruto é a casquinha que envolve a semente que está no seu interior e não a polpa que nós comemos.

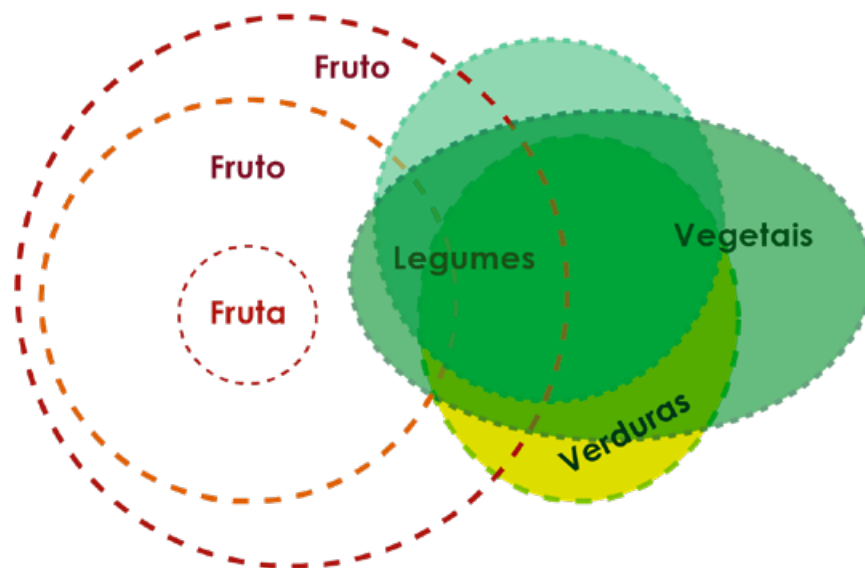


Figura 3. Inter-relações entre conceitos nos domínios de frutos e vegetais

Se a questão for mesmo a de tentar perceber a relação entre a linguagem e a cognição, certamente que os processos de conceitualização e a estruturação prototípica do significado lexical serão dos melhores laboratórios para a observação.⁶

4. A REVOLUÇÃO DA METÁFORA E O FUNCIONAMENTO COGNITIVO RELACIONAL

Querer entender a relação entre a linguagem e a cognição obriga necessariamente a colocar a ressurreição operada num antigo quase-cadáver com mais de dois mil anos: a metáfora. Uma nova visão veio alterar (e muito) a percepção sobre o funcionamento desta “figura” tida essencialmente como “de estilo”, secundária e dispensável na díade cognição-linguagem.

Steven Pinker, que não se pode dizer que partilha a mesma religião cognitiva de Lakoff (e por isso mais valor de imparcialidade lhe terá de ser atribuído), aceita que a seminal obra *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980) é “extraordinária”:

A lingüística já exportou várias grandes idéias para o mundo intelectual. [...]. Até por esses padrões, a teoria da metáfora conceitual de Lakoff é extraordinária. Se ele estiver certo, a metáfora conceitual pode fazer qualquer coisa, desde virar de cabeça para baixo 2500 anos de equivocada confiança na verdade e na objetividade no pensamento ocidental. (Pinker, 2008, p.284)

⁶ Sobre a estruturação prototípica do conceito de fruto/fruta, ver Teixeira (2005).

Pode parecer exagero, mas talvez não seja. Talvez ainda não nos tenhamos apercebido bem do que acarreta este virar ao inverso a tradição sobre a relação entre o significado e os processos metafóricos. É que, se o grande mérito da referida obra de Lakoff & Johnson (1980) foi o de mostrar que a metáfora não é algo anormal, mas um fenómeno do dia a dia, que não é identificável com uma técnica linguística, mas sim um processo perceptivo que se evidencia em variadas formas de expressão, a verdade é que apenas uma minoria dos que se referem à metáfora a entendem como fenómeno cognitivo e não mera figura retórica.

Desde o início do texto, *Metaphors We Live By* coloca o fenómeno metafórico no centro de uma teoria da cognição e, através desta, nos fenómenos da linguagem verbal e do quotidiano:

[...] a metáfora interpenetra a linguagem e o pensamento quotidianos — evidência que não se encaixava em nenhuma teoria contemporânea anglo-americana sobre o significado, quer dentro da linguística ou da filosofia. A metáfora tem sido tradicionalmente vista, em ambos os campos, como uma questão de interesse periférico. Compartilhamos a intuição de que é, em vez disso, uma questão central, talvez a chave para a explicação mais adequada da compreensão. (Lakoff & Johnson, 1980, p.7)⁷. (Tradução nossa).

É por isso aceitável dizer-se que *Metaphors We Live By* é uma espécie de ressurreição para a teoria da metáfora que estava cientificamente morta por séculos de retóricas mais ou menos repetitivas. Explanando bem a diferença entre a metáfora enquanto processo cognitivo (metáfora concetual) e as formas de expressão da metáfora (expressões metafóricas), a obra de Lakoff e Johnson (1980) ressuscita a temática, dá-lhe nova vida, e o fenómeno metafórico passa a ser visto como um dos elementos centrais da cognição e perceção, não apenas da linguagem verbal, mas de todas as formas de expressão. Os inúmeros desenvolvimentos que teve (e continua a ter)⁸, mais do que correções,

⁷ “[...] metaphor is pervasive in everyday language and thought — evidence that did not fit any contemporary Anglo-American theory of meaning within either linguistics or philosophy. Metaphor has traditionally been viewed in both fields as a matter of peripheral interest. We shared the intuition that it is, instead, a matter of central concern, perhaps the key to giving an adequate account of understanding.”.

⁸ Permite-se que aqui destaque dois caminhos que a Teoria da Metáfora Concetual possibilitou: a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier & Turner, 1998) e os estudos sobre Metáforas pictóricas (por exemplo, Forceville, 1996).

são complementos da visão do fenómeno da metáfora concetual da marcante obra de 1980.

Permitindo revisitar e compreender de uma forma nova e mais global variadas dimensões do fenómeno metafórico, como a existência e funcionamento das chamadas metáforas “vivas” e “mortas”⁹, *Metaphors We Live By* será, sem dúvida, a obra que marcará um antes e um depois sobre o estudo da metáfora. Foi talvez a obra que, entre as ciências cognitivas, mais contribuiu para pôr em questão o domínio da lógica e da racionalidade na cognição e na comunicação humanas. Por isso, a sua influência atinge variadíssimos campos e contribuiu para compreendermos que o que mais nos constrói como humanos não é a racionalidade lógica, mas antes as relações cognitivas muito enformadas pelos mecanismos metonímicos e metafóricos. Ou seja, mais do que animais *racionais*, somos animais *relacionais*.

Por isso mesmo, porque a cognição humana é essencialmente relacional, a compreensão do funcionamento da metáfora concetual acarreta uma autêntica revolução no entendimento dos outros mecanismos relacionais. O tão produtivo conceito de *metattonímia* baseia-se precisamente na ideia da gradatividade e implicação entre os fenómenos metafóricos e metonímicos (Goossens, 1990; Barcelona, 2000). Mas, em nossa opinião, pode ir-se mais além.

A partir de algumas centenas de inquéritos, nos quais se procuravam encontrar associações que os falantes fazem entre as cores e o significado de nove provérbios portugueses, pudemos deduzir que, de forma sistemática, as cores são associadas a expressões e palavras/conceitos, mesmo que não diretamente relacionados com cores¹⁰.

Associações entre valores bastante abstratos como, por exemplo, [ações de risco]¹¹, [desafios], [sedução] e a cor vermelha, e ainda outras ligações, como [perder], [morte] e a cor preta, são essencialmente construídas por implicações cognitivas que podemos chamar de sinestésicas, já que são desencadeadas por processos muito semelhantes

⁹ Cf. Teixeira (2018a).

¹⁰ Este aspeto da relação metonímia-metáfora-sinestesia e o conceito de *sintonímia*, aqui apenas afluído, pode ser visto com maior desenvolvimento em Teixeira (2018b) e em outros textos em vias de publicação, nomeadamente Teixeira (2019a; Teixeira, 2019b, Teixeira, s.d.).

¹¹ Optámos por indicar estes valores entre parênteses retos apenas por uma questão metodológica e não porque eles devam ser entendidos no sentido de semas ou traços componenciais das clássicas visões dos traços necessários e suficientes.

aos que levam a maior parte dos falantes sinestetas (e não sinestetas) a associarem a letra A ao vermelho¹².

São também associações cognitivas que desencadeiam as sinestésias que a tradição das “figuras” da retórica sempre teve como normais no processo semântico, por exemplo o referir uma cor como “leve” ou “pesada”: um vermelho-escuro é um vermelho mais pesado, enquanto um mais claro é dito mais “leve”.

A associação [escuro]>[intenso] nasce das designadas por Grady ‘correlações experienciais’ (Grady, 1997): uma pequena quantidade de um líquido costuma apresentar uma tonalidade mais clara do que uma quantidade maior; um pouco de sangue apresenta um vermelho *leve*, enquanto o sangue acumulado mostra um vermelho mais *forte*, *pesado*. Portanto, associamos [cor mais intensa] a [mais quantidade de substância] e, naturalmente, [mais quantidade] a [mais peso]. Assim, quanto mais escuro for o tom da cor, mais associada é a cor a *pesada*.

Podemos falar de percepção metonímica nestes casos, já que há duas propriedades do mesmo domínio (tonalidade de cor de X e quantidade de X) que se implicam. Mas também se pode falar de metáfora, já que o processo faz equivaler dois domínios diferentes: o da percepção visual (*mais escuro*) e o da percepção da gravidade (*mais pesado*). Por isso, podemos falar da metáfora concetual MAIS ESCURO É MAIS PESADO. Mas repare-se que estes dois domínios *diferenciados* são tidos como domínios *diferentes* de percepção e, por isso, quer na tradição da Retórica, quer na da Psicologia se fala em sinestesia e não em metáfora ou metonímia.

Pode, no entanto, aceitar-se que existem os três processos cognitivos: há implicação metonímica num domínio experiencial; há equivalência metafórica entre dois domínios que implicando percepções sensoriais diferentes e acarretam uma equivalência dita sinestésica. Assim, nesta perspetiva, é aceitável admitir que metonímia, metáfora e sinestesia podem funcionar complementarmente.

É precisamente o que se passa nas associações cor-significado dos provérbios recolhidas nos inquéritos referidos. Os valores das cores evocados pelos provérbios só se compreendem frequentemente pelo

¹² Teixeira (s.d.).

funcionamento conjunto destes três processos cognitivos que, em nossa opinião, são gradativos, contínuos e não discretos. Se o conceito de metaftonímia já implicava o funcionamento complementar e conjunto de metáfora e metonímia, podemos constatar que frequentemente as sinestésias assentam em associações cognitivas de base metaftonímica. Não é difícil de aceitar que tais associações cognitivas podem ser de qualquer ordem e não se dividem rigidamente em fenômenos tripartidos (ou apenas metonímia ou apenas metáfora ou apenas sinestesia).

Robert Maurice Sapolsky¹³ apresenta um esquema do funcionamento entrecruzado dos neurónios em camadas (Sapolsky, 2018, p.829) e, depois de acentuar como todos eles estão inseridos em múltiplas redes, pergunta (e dá a resposta): “E o que produz isso? A capacidade de fazer associações, metáforas, analogias, parábolas, símbolos. De relacionar duas coisas díspares, inclusive de diferentes modalidades sensoriais.” (Sapolsky, 2018, p.831).

Isto reforça a nossa visão sobre a necessidade de não esquecer a inclinação para o correlacionamento de que os neurónios são viciados, o que aponta para a impossibilidade de uma separação rígida entre fenômenos como metonímia, metáfora e sinestesia (nas citadas palavras de Sapolsky “a capacidade de fazer associações, metáforas, analogias, parábolas, símbolos. De relacionar duas coisas díspares, inclusive de diferentes modalidades sensoriais”). Parece que a Biologia e a Neurologia confirmam o funcionamento *sintonímico* dos mecanismos linguístico-cognitivos.

Claro que o importante não é a nomenclatura designativa, em si. No entanto, parece-nos útil que o termo de *metaftonímia*, indubitavelmente de enorme pertinência e utilidade, não seja visto como o único termo que correlaciona fenômenos linguístico-cognitivos. A ele, tem de se aliar um outro, que deve referir a globalidade das conexões entre valores que implicam múltiplas associações semântico-cognitivas, sejam metonímia-metáfora-sinestesia (ou metaftonímia-sinestesia), metáfora-sinestesia ou metonímia-sinestesia. Como o prefixo *sin-* significa “junção”, talvez se possa designar como *sintonímia* o funcionamento conjunto dos fenômenos semântico-cognitivos metonímia-metáfora-sinestesia, tradicionalmente vistos como mais independentes do que na realidade

¹³ Professor de ciências biológicas e neurológicas na Universidade Stanford.

devem ser. A Figura 4 tenta representar a realidade desse funcionamento interligado, *sintonímico*, complementar do conceito de metaftonímia, contrapondo-se, de certa forma, às visões autonomistas metáfora-metonímia-sinestesia.

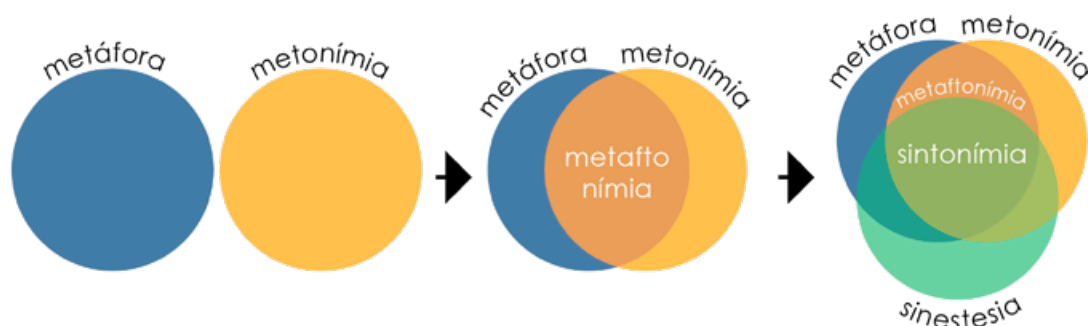


Figura 4. Sintonímia como interdependência entre metáfora, metonímia e sinestesia

5. COGNIÇÃO E A LINGUAGEM EM USO

Apenas a título de exemplo das mais-valias das abordagens língua em uso-cognição, e por ser um campo novo em que temos algum trabalho, é particularmente interessante a forma como, na publicidade, se utiliza a linguagem verbal como estratégia de apelo e sedução. O papel da linguagem na construção dos mitos com que a publicidade nos seduz, como, por exemplo, na área da cosmética, na construção dos conceitos de perfeição e eternidade (Teixeira, 2015b), esse papel passa necessariamente pela compreensão das ligações língua-concetualização. Como, neste caso, “dominar o tempo” é essencialmente a ideia que se vende, é necessário perceber as redes lexicais utilizadas e as omnipresentes inovações lexicais (variantes de “anti-idade” / *anti-age*), e como funcionam na construção do conceito que se quer colar ao produto.

Mas não é apenas no léxico: a publicidade é um excelente campo para comprovar o complexo funcionamento da metonímia e metáfora a nível conceitual, como estes mecanismos ligam estruturas tradicionais, como os provérbios, ao processo de sugestão de implícitos, e de como só uma abordagem na perspetiva cognitiva é capaz de ir bastante mais além das abordagens tradicionais (Teixeira, 2016).

Parece-nos que o que foi exposto ajuda a entender as mais-valias de uma abordagem que acentue a relação entre a Linguagem e a

Cognição. No fundo, o que a Linguística Cognitiva pretende é resgatar o seu objeto, a língua, e não o limitar a um estudo de formalismos, supostamente mais científicos e mais facilmente descritivos de um esqueleto lógico a que as línguas humanas não podem ser reduzidas. E para assim ser, os interesses das Ciências da Linguagem devem voltar-se para a língua real, para os efetivos usos e funcionamento que as línguas apresentam, e corrigir o “erro de Saussure” (Teixeira, 2000) de se pensar que a verdadeira Linguística deve ser apenas uma álgebra afastada dos usos; ou seja, reorientar as Ciências da Linguagem para a compreensão de um sistema social e individualmente incorporado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barcelona, A. (Ed.).** (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Mouton de Gruyter.
- Batoréo, H.** (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. FCGFCT.
- Chomsky, N.** (1995). *The minimalist program*. MIT Press.
- Damásio, A. & Damásio, H.** (1993). Brain and Language. *Readings in Philosophy and Cognitive Science* (p. 587). MIT Press.
- Fauconnier, G. & Turner, M.** (1998). Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*, 22 (2), 133-187.
- Forceville, Ch.** (1996). *Pictorial Metaphor in Advertising*. Routledge.
- Goossens, L.** (1990). Metaphtonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323-340.
- Grady, J.** (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*. Berkeley.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press.
- Lakoff, G.** (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. The University of Chicago Press.
- Langacker, R.** (1994). Culture, cognition and grammar. Martin Pütz (Ed.), *Language Contact and Language Conflict*, 25-53. John Benjamins.

Pinker, S. (2007). *The stuff of thought: Language as a window into human nature* [Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana. (2008) Companhia das Letras.]. Viking Press.

Sánchez, J. (2007). *Mente y mundo: Aproximación neurológica*. Akal.

Sapolsky, R. (2018). *Comportamento – A biologia humana no nosso melhor e pior*. Temas e Debates.

Teixeira, J. (2000). Referente/Significado: O erro de Saussure. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 4 (1/2), 125-146. Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa. ISSN 0874-0321. <http://hdl.handle.net/1822/5365>

Teixeira, J. (2001). *A verbalização do Espaço: Modelos mentais de frente/trás*. Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/4517>

Teixeira, J. (2005). Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta). *Diacrítica*, 19 (1), 239-280. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/4509>

Teixeira, J. (2006). Os processos diferenciados entre o português e outras línguas na conceptualização da linearidade gráfica. *VII Congrès de Linguística General – Actes*. [CD-ROM]. Universidade de Barcelona. ISBN 84-475-2086-8. <http://hdl.handle.net/1822/5364>

Teixeira, J. (2013). Metaphors, We Li(ve) By: Metáfora, verdade e mentira nas línguas naturais. *Revista Galega de Filoloxía*, 14, 201-225. Universidade de A. Coruña. ISSN 1576-2661. <http://hdl.handle.net/1822/28321>

Teixeira, J. (2015a). O léxico também usa Prada?: Léxico, cognição e publicidade. Almeida, A., Santos, E. & Soledade, J. (Orgs.). (2015). *Saberes lexicais – Mundos, mentes e usos*, 279-314. Universidade Federal da Bahia. <http://hdl.handle.net/1822/40186>

Teixeira, J. (2015b). Mecanismos linguísticos em publicidade: A construção dos conceitos de perfeição e de eternidade. Marques, M., Sánchez, R. & Xosé, M. (Eds.). (2015). *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*, 175-199. Universidade da Coruña. <http://hdl.handle.net/1822/37701>

Teixeira, J. (2016). Provérbios, Metáfora e publicidade: A sedução pelos implícitos. Sánchez, R., Xosé, M. & Marques, M. (Orgs.). (2016). *As*

Ciências da Linguagem no Espaço Galego-Português – Divergência e Convergência, 209-242. Universidade do Minho. ISBN: 9789897552403. <http://hdl.handle.net/1822/45141>

Teixeira, J. (2018a). Quando morrem as metáforas vivas e nascem as metáforas mortas: A rece(p)ção no processo metafórico. Almeida, A., & Santos, E. (Orgs.). (2018). *Linguística cognitiva: Redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar*, 139-159. Universidade Federal da Bahia. ISBN 978-85-232-1699-3. <http://hdl.handle.net/1822/57704>

Teixeira, J. (2018b). As cores no processamento do significado: Provérbios e sinestesia. *Revista Galega de Filoloxía*, 19, 131-149. <https://doi.org/10.17979/rgf.2018.19.0.4950>. <http://hdl.handle.net/1822/59148>

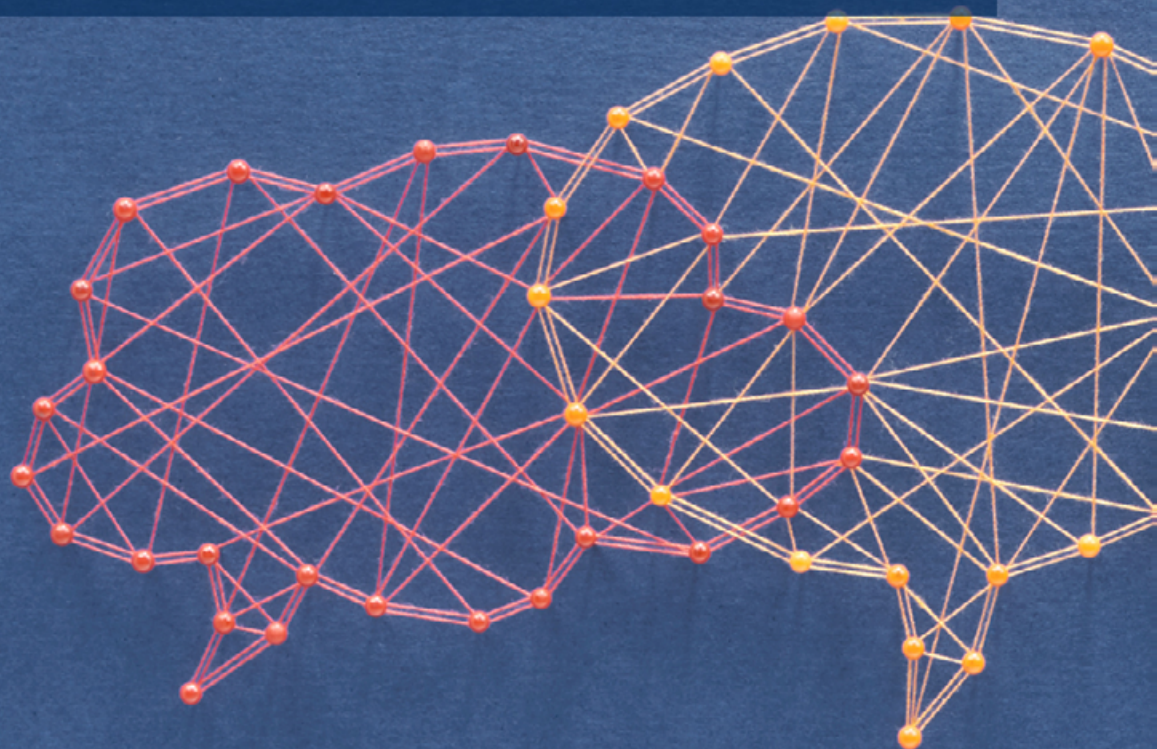
Teixeira, J. (2019a). Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor. Marques, M. A., & Sánchez, M. (Eds.). *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa*, 263-292. Laiovento. <http://hdl.handle.net/1822/61026>

Teixeira, J. (2019b). As cores dos provérbios na língua portuguesa: De Portugal ao Brasil e de Angola a Timor. *Studia Iberystyczne*, 18, 537-561. Księgarnia Akademika. <http://hdl.handle.net/1822/63156>

Teixeira, J. (s.d.). Categorização e concetualização: Da metáfora/metonímia e sinestesia à 'sintonímia'. (em fase de publicação como Almeida, A., *Categorização: Construindo redes de conhecimentos*. UFBA/UNEB-PNPD-CAPES.

1.2.

**ESTUDO DA LINGUAGEM-EM-USO:
ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA,
A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E A
LINGUÍSTICA FUNCIONAL**



LINGUAGEM E COGNIÇÃO EM INTERAÇÃO: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA E A LINGUÍSTICA INTERACIONAL

Carla Aurélia de Almeida
Departamento de Humanidades da Universidade Aberta
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

RESUMO

O presente texto analisa os diálogos interdisciplinares que se podem estabelecer entre a Linguística Cognitiva (LC) e a Linguística Interacional (LI), especificamente a Sociolinguística Interacional (SI), no quadro de um percurso epistemológico particular, contribuindo para a delimitação de linhas de análise e para a articulação das duas perspetivas. Constituindo-se e delimitando-se *corpora* dos *media* e de entrevistas de investigação no seio de agendas de investigação específicas (Almeida, 2012a 2012b, 2016, 2019), estabelecem-se pontes de investigação entre as duas perspetivas de análise. Considerando que a conceptualização da linguagem se fundamenta na análise dos fatores interacionais, sociais e culturais que condicionam as produções discursivas dos falantes, apresentaremos contributos para o aprofundamento da análise das relações que se podem estabelecer entre linguagem, cognição e interação.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem-em-uso, *corpora*, ponto de vista, envolvimento conversacional

ABSTRACT

This text analyses the interdisciplinary dialogues that can be established between Cognitive Linguistics (CL) and Interactional Linguistics (IL), addressing specifically Interactional Sociolinguistics (IS). Within this epistemological framework, the text aims at creating the interrelation between both perspectives. These possible bridges are established delimiting the corpora of media and research interviews within specific scientific agendas (Almeida 2012a; 2012b; 2016; 2019). We consider that the conceptualisation of language is based on the analysis of interactional, social and cultural factors that condition the discursive productions of speakers. Hence, we will present our contributions for developing the analysis of relationships that can be established between language, cognition, and interaction.

KEYWORDS: language in use, *corpora*, viewpoint, conversational involvement

1. INTRODUÇÃO

O presente texto procura aprofundar os diálogos interdisciplinares que se podem estabelecer entre a Linguística Cognitiva (LC) e a Linguística Interacional (LI), no quadro da análise de *corpora*, aprofundando o estudo linguístico de estruturas sintático-semânticas e pragmáticas e a conseqüente análise da construção do *sentido* em situação de interação. Tratar-se-á de convocar, no quadro do modelo da LC, descrições que permitam compreender que a linguagem interpreta o mundo, organizando o conhecimento e refletindo as experiências e/ou vivências do locutor e, no modelo da LI, verificar que o uso da linguagem permite agir sobre o Outro através da explicitação dos mecanismos discursivos que ocorrem em contexto interlocutivo.

Do ponto de vista teórico-metodológico, estes dois modelos estabelecem diálogos interdisciplinares que permitem analisar estruturas linguísticas baseadas no uso, constituindo-se e delimitando-se *corpora* do quotidiano, mundanos e institucionais (do quotidiano, dos *media* e de entrevistas em situação de investigação, por exemplo). Estes *corpora* possibilitam fundamentar empiricamente as interpretações das expressões linguísticas no contexto situacional, social e historicamente condicionado dos falantes.

Na linha da LC, consideraremos que “as unidades linguísticas são abstraídas e convencionalizadas a partir de *eventos de uso*” (Silva, 2004b, p. 601) e analisaremos os contributos da LC para a LI, evidenciando “(...) o papel crucial que espaços mentais e integração conceptual, metáforas e metonímias conceptuais e subjectivação, entre outros mecanismos cognitivos, desempenham na construção do discurso” (Silva, 2004b, p. 601).

2. A INTERPRETAÇÃO DO SENTIDO: AS NOÇÕES DE “CONVENÇÕES DE CONTEXTUALIZAÇÃO” E DE “ENVOLVIMENTO CONVERSACIONAL”

No estudo das *interações conversacionais* em contexto discursivo (mundano ou institucional), os autores da Linguística do Discurso, que têm por base diferentes modelos de análise, concebem a *conversação* como um acontecimento social que permite a integração dos falantes na praxis social, destacando a natureza interativa do discurso e a dimensão acional da linguagem. Integram-se, neste âmbito de estudo, modelos como a Sociolinguística Interacional (SI) e a Análise Conversacional

(AC), entre outros.

Abriu-se, assim, o caminho para o estudo do carácter ritual das sequências de atos de discurso em contexto. Este estudo possibilitou a análise das “convenções de uso” (Morgan, 1978) e permitiu perspetivar o modo como o *sentido* é configurado nos discursos culturalmente situados. Neste âmbito, tem particular pertinência o estudo das “convenções de contextualização” em situação de comunicação, desenvolvido pelo modelo da Sociolinguística Interacional (SI) de John Gumperz (1980): “A aquisição de convenções de contextualização releva da experiência interativa do locutor; resulta da participação de um indivíduo em redes específicas de relações” (Gumperz, 1989b, p. 24)¹. (Tradução nossa).

No âmbito da SI, perspetiva-se o estudo da linguagem no uso, analisando-se as componentes da interação discursiva que ocorre em situações de comunicação específicas e em contextos culturais diversos. Por outro lado, no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), é possível analisar a *intersubjetividade* que resulta, do ponto de vista cognitivo, como uma conceptualização do mundo enraizada culturalmente e só assim instanciada nas variedades do Português.

No modelo de análise da SI, no âmbito do estudo das interações em contextos culturais diversificados, tem particular ênfase a “comunidade de discurso” (Gumperz, 1990, pp. 219-230).

John Gumperz, fundador deste modelo, refere as “convenções de contextualização”, que são conhecidas e adquiridas na “experiência interativa dos locutores”, como sendo o “resultado da participação de um indivíduo em determinadas redes de relacionamento” (Gumperz, 1980, p. 108): “Estas redes (...) são, então, subculturalmente específicas e possuem características relativas ao que Morgan (1978) designa de ‘convenções do uso da linguagem’ e não de convenções da linguagem” (Gumperz, 1980, p. 108; tradução e itálicos nossos)². Estas “convenções de uso” curto-circuitam o cálculo interpretativo baseado nas máximas de Grice (1975) e permitem a interpretação imediata do implícito conversacional. Seguindo esta linha de análise, Gumperz destaca, assim, os “indícios de contextualização”, “(...) uma característica

¹ «L'acquisition des conventions de contextualisation relève de l'expérience interactive du locuteur; elle résulte de la participation d'un individu à des réseaux déterminés de relations» (Gumperz, 1989b, p.24).

² “These networks (...) are thus subculturally specific and they have the characteristics of what Morgan (1977) calls ‘conventions about the language use’ rather than conventions about language” (Gumperz, 1980, p. 108).

de forma linguística que intervêm na sinalização dos pressupostos contextuais" (Gumperz, 1989a, p. 29; tradução nossa³). Deste modo, são as *convenções de contextualização* que permitem o cálculo partilhado das inferências conversacionais em contexto interlocutivo. Com efeito, no estabelecimento de objetivos e de resultados comunicativos, os falantes usam, quer o conhecimento gramatical e lexical, quer *convenções de contextualização*, tanto quanto outra informação subjacente que detenham acerca dos contextos situacionais ("settings") e dos participantes (Gumperz, 1989a, p. 29).

O estudo do *contexto* no âmbito dos modelos da Linguística Interacional permite a interpretação dos objetivos comunicativos e o cálculo dos valores indiretos dos atos de discurso (Gumperz, 1980, p.119). As *convenções socioculturais* afetam todos os níveis de produção e de interpretação do discurso "(...) desde a lógica cultural abstrata que está subjacente a todas as interpretações à divisão do discurso em episódios, e à sua categorização em termos de atividades semanticamente relevantes e de quadros interpretativos; desde o mapeamento de contornos prosódicos em cadeias sintáticas à seleção entre opções lexicais e gramaticais" (Gumperz, 1980, p. 118; tradução nossa⁴). Deste modo, Gumperz descreve os fenômenos de comunicação como sustentados em "*convenções de contextualização*", as quais organizam "*expectativas partilhadas*", sem deixar de referenciar as regras práticas que constituem os *quadros de experiência*.

J. Gumperz (1980) assinala ainda que a noção goffmaniana⁵ de "*envolvimento conversacional*" se relaciona com a de "*expectativas partilhadas*" que os analistas do discurso, como D. Tannen (1993),

³ «On dira qu'un indice de contextualisation est une caractéristique de forme linguistique qui intervient dans le signalement des présupposés contextuels» (Gumperz, 1989, p. 29).

⁴ "Sociocultural conventions affect all levels of speech production and interpretation, from the abstract cultural logic that underlies all interpretation to the division of speech into episodes, and to their categorization in terms of semantically relevant activities and interpretative frames; from the mapping of prosodic contours into syntactic strings to selection among lexical and grammatical options" (Gumperz, 1980, p. 118).

⁵ Erving Goffman foi um Sociólogo (1922-1982) fundamental para a análise sociolinguística das interações verbais, uma vez que demonstrou que "os atores sociais" participam em "quadros de interação" e realizam interpretações do sentido que denotam o seu "envolvimento conversacional". Para este autor, o comportamento dos "atores sociais", na interação verbal, é determinado essencialmente pela necessidade de não perder a face, quer se trate da face positiva (a saber, a necessidade de ser reconhecido e apreciado pelo outro), quer da face negativa (isto é, a integridade do seu próprio território). Deste modo, é do interesse de cada um dos interlocutores preservar a face do outro para não pôr em perigo a sua própria face e, por conseguinte, mesmo a mais breve conversação é aberta e fechada pelo "ritual reparador" como forma de manter o "equilíbrio entre as faces" (Goffman, 1973). Sobre a teorização de Erving Goffman, [cf. Almeida (2014, p. 102)].

associam a *scripts*, “quadros” e “esquemas” (Gumperz, 1980, pp. 103-104). Para Gumperz, o *envolvimento conversacional* é a base para toda a compreensão linguística: “(...) a compreensão pressupõe o envolvimento conversacional. Uma teoria geral das estratégias discursivas tem, por conseguinte, de começar por especificar os conhecimentos linguísticos e socioculturais que têm de ser partilhados para se manter o envolvimento conversacional, e, depois, terá de lidar com a determinação dos aspectos da inferência conversacional que levam à especificidade cultural, subcultural e situacional da interpretação” (Gumperz, 1982, pp. 2-3; tradução nossa⁶).

O trabalho de John Gumperz, no âmbito da SI, salienta, pois, esta noção de “envolvimento conversacional” relacionando-a com a “inferência conversacional”. Com efeito, para este autor, o *envolvimento conversacional* é o feliz resultado de uma inferência conversacional, da habilidade para inferir, globalmente, do que é que trata a interação e o que é esperado de uma participação na interação, e também o que cada expressão significa (Gumperz, 1989a, p.10). Compreende-se, então, que o envolvimento ocorre num contexto de comunicação intracultural, mas pode ser comprometido, em contextos culturais diversos, por “estilos conversacionais” (Tannen, 1989) ou por “convenções de contextualização” (Gumperz, 1989a) diferentes, e estas diferenças podem criar mal-entendidos.

Deste modo, esta noção de “envolvimento conversacional” enfatiza a natureza interativa da conversação, destacando a perspectiva teórica de que a conversação é uma “produção conjunta”, realçando ainda o papel ativo do alocutário que interpreta e dá forma ao discurso do locutor (Tannen, 1989, p. 11).

Sendo uma participação observável (ativa na conversação), o termo “envolvimento” está relacionado com o termo *coerência*. Com efeito, para a Sociolinguística Interacional, o universo de conhecimentos partilhados (linguísticos e socioculturais) é básico para o desenrolar da interação e para o envolvimento conversacional (Gumperz, 1989b). A

⁶ Cf. a seguinte citação de Gumperz (1982, pp. 2-3): “(...) understanding presupposes conversational involvement. A general theory of discourse strategies must therefore begin by specifying the linguistic and socio-cultural knowledge that needs to be shared if conversational involvement is to be maintained, and then go on to deal with what it is about the nature of conversational inference that makes for cultural, subcultural and situational specificity of interpretation”.

familiaridade das “estratégias de envolvimento” torna o discurso e o seu sentido interpretado como coerente pelo interlocutor, demonstrando que os interactantes partilham as mesmas convenções comunicativas e o mesmo universo de discurso:

A avaliação da coerência é uma questão de inferência conversacional, a qual, tal como as regras gramaticais, envolve processos automáticos não sujeitos a um controlo consciente imediato. Todavia, a interpretação a este nível do discurso está sujeita a um grau muito maior de opcionalidade do que a avaliação da gramaticalidade. Enquanto declarações isoladas, tanto podem ser aceitáveis (isto é, gramaticais ou adequadas) ou não, o que é considerado coerente no discurso depende de uma variedade de opções interpretativas, que os interactantes reconhecem, dos quadros de referência que adotam e da forma como os usam para seleccionar as possíveis interpretações e eliminar as fontes de ambiguidade (Gumperz, 1996, p. 178; tradução nossa⁷).

Com efeito, o destaque para a interpretação do sentido com base em expectativas mútuas permitiu a autores, como Raymond Gibbs, estabelecerem a ponte entre a chamada Psicolinguística Cognitiva e a Pragmática Linguística, com destaque para a questão da linguagem em contexto de interação ou ‘*linguagem-em-uso*’:

As pessoas precisam de informação adicional sobre o contexto social, os papéis específicos que falantes e ouvintes desempenham nas conversas, a interação das crenças do falante e do ouvinte, e os seus pressupostos em relação aos planos e objetivos de cada um em situações discursivas diferentes. Esta informação pragmática constitui o conhecimento partilhado ou comum que permite aos falantes e os ouvintes atingirem a comunicação com sucesso (Gibbs, 1985, p. 97; tradução nossa⁸).

⁷ “Coherence judgments are matters of conversational inference, which like grammatical rules involve automatic processes not readily subject to conscious control. Yet interpretation at this level of discourse is subject to a far greater degree of optionality than grammaticality judgments. While utterances in isolation are either acceptable (i.e., grammatical or appropriate) or not, what counts as coherent in discourse depends on the range of interpretive options interactants recognize, on the frames of reference they adopt, and on how they use them to select among possible interpretations and eliminate sources of ambiguity” (Gumperz, 1996, p. 178).

⁸ “People need to know additional information about the social setting, the particular roles that speakers and hearers play in conversations, the interaction of speaker’s and hearer’s beliefs, and their presuppositions about each other’s plans and goals in different discourse situations. This pragmatic information constitutes the shared or mutual knowledge that allows speakers and hearers to achieve successful communication” (Gibbs, 1985, p. 97).

Na atribuição da coerência ao discurso, compreendem-se as relações que se estabelecem entre a LC e a LI, pois ambas destacam o papel do *saber acerca do mundo* (“knowledge of the world”) ou *conhecimento enciclopédico* para determinar inferências e atribuir coerências aos textos/discursos: “O conhecimento do mundo ou conhecimento enciclopédico é parte do ‘conhecimento de base mutuamente partilhado’, que assegura a compreensão e/ou interpretação (através da determinação das implicaturas conversacionais) das intenções de comunicação ou planos inerentes ao discurso” (Shakiro & Farghall, 1992, p. 456)⁹.

No âmbito da LC, o conhecimento enciclopédico está dentro do Linguístico:

Se a linguagem serve para categorizar o mundo, então o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não se pode postular a existência de um nível estrutural ou sistémico de significação distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas (Silva, 2004a, p. 3).

Como refere Augusto Soares da Silva (2006), o significado passa a ser “dinâmico (...), construído no conhecimento *enciclopédico* e configurado em feixes de conhecimento ou *domínios*, (...) corporizado, encarnado nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. (Silva, 2006, pp. 59-60).

3. PERSPETIVAS ANALÍTICAS DA LINGUAGEM BASEADA NO USO: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Metodologicamente, sendo um modelo baseado no uso, a LC observa o uso real das expressões linguísticas com base em *corpora* (Silva, 2004a, p. 3) e estabelece assim um diálogo estreito com a LI, que analisa as dimensões sequenciais e interativas dos atos de discurso em interações verbais concretas. Há “uma relação natural entre a Linguística Cognitiva e o discurso” (Silva, 2004b, p. 602), pois estas perspetivas de análise põem em prática o “método de observação do uso real das expressões linguísticas com base em *corpora*” (Silva, 2004b, p. 602), considerando o uso e a variação.

⁹ Cf. a seguinte citação: “The knowledge of the world or *encyclopaedic knowledge* is part of the “mutually-shared background knowledge”, which ensures the understanding and/or interpretation (through the determination of conversational implicatures) of the communication intentions or discourse-plans” (Shakiro & Farghall, 1992, p. 456).

A LI, especificamente a SI, descreve a seleção das estratégias discursivas (Gumperz, 1982), operada pelos participantes nos momentos principais do discurso, e a coconstrução do sentido na *ordem interacional* discursiva. Considerar-se-á ainda a descrição da “arquitetura de intersubjetividade” (Heritage, 1984) que permite a análise de sequências prototípicas e de variações estruturais, integrando ainda aspetos da AC no que diz respeito à análise das sequências discursivas e de estruturas de vezes de elocução (*turns*). Em estreita relação com esta análise, o modelo da LC estuda a linguagem natural como forma de organizar, processar e comunicar informação, isto é, o modo como se organiza o sentido, estabelecendo a relação entre cognição, linguagem e cultura. Assim, no estudo de fenómenos linguísticos específicos dos contextos interlocutivos, como a ironia e o humor, por exemplo, o estudo do sentido figurativo tem pertinência, possibilitando a descrição da construção do sentido através do estudo de fenómenos como a metáfora, a metonímia, a cadeia de metonímias e de metaftonímia (ou a interação entre metáfora e metonímia), como podemos analisar em Silva (2006).

4. CORPORA, OBJETIVOS DA PESQUISA E RESULTADOS: UM PERCURSO EPISTEMOLÓGICO

No âmbito do modelo da LI, o estudo dos *corpora* orais tem sido pertinente para a compreensão do modo como os interactantes coconstroem o sentido. Para a autora do presente texto, tem sido possível analisar interações verbais em programas de rádio portugueses (Almeida, 2012a) com base num *corpus* constituído por 479 ouvintes. Este *corpus*, originalmente recolhido no âmbito da tese de doutoramento de Almeida (2005) e publicada em livro, com adaptações, em Almeida (2012a), permitiu a recolha de material empírico que tem sido revisitado em vários artigos e capítulos de livros. A transcrição do *corpus* teve por base o sistema de notação da transcrição ortográfica utilizado na *Linguística do Corpus Oral de Portugal* (Nascimento, 1987; Ramilo & Freitas, 2002). Com base neste *corpus*, foi possível constituir uma amostra organizada em sexo, idade, região do país e grupo socioprofissional dos 479 ouvintes que telefonam para as emissões de rádio. Neste quadro interacional, constituído por anfitriões de rádio (cinco locutores de rádio, quatro do sexo masculino e um do sexo feminino) e ouvintes, verificámos que os participantes ativam um sistema de práticas, convenções sociais que sequencialmente organizam as interações (Almeida, 2013a, 2013b; 2016).

Nos últimos anos, a autora do presente texto tem analisado as narrativas de experiência de vida em entrevistas de investigação (Almeida, 2012b; 2019). O *corpus* de entrevistas foi recolhido e transcrito em 2009 e 2010 no âmbito do projeto de investigação constituído por uma equipa multidisciplinar de investigadores que integram o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. O projeto intitulado *A Formação do Quotidiano Operário: Sociedade, Economia e Cultura num Contexto (Des)Industrializado do Vale do Ave (2009-2012)* permitiu recolher material empírico que é apresentado e analisado multidisciplinarymente em Pereira (2012). O *corpus* é constituído por 23 entrevistas, de duas horas e meia cada uma, delimitando-se uma amostra organizada segundo parâmetros como sexo, idade e grupo socioprofissional, tendo por base um inquérito geral a 904 indivíduos. Não obstante este enquadramento, a orientação teórica e metodológica de análise do discurso das entrevistas enfatiza, sobretudo, questões de índole qualitativa (Almeida, 2012; 2019). Tem sido ainda possível constituir um *corpus* de entrevistas no contexto da construção civil como investigadora do projeto *Novos terrenos para a construção? Mudanças no campo português da construção e os seus impactos sobre as condições de trabalho no século XXI – Project: PTDC/IVC-SOC/5578/2014*, sendo responsável pela análise sociolinguística das entrevistas realizadas pela equipa de investigação no terreno (FCT, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, 2016-2019).

Os objetivos da pesquisa em SI visam o estudo dos mecanismos linguísticos que denotam o “envolvimento conversacional” (Goffman, 1981; Gumperz, 1982) e o estudo das estratégias discursivas que possibilitam a partilha de experiências e de perceções, isto é, “ (...) [discourse strategies] of presenting perceptions and experiences as shared” (Myers & Lampropoulou, 2012, p. 1207). Assim, no âmbito desta perspetiva de análise, a nível global, procedemos ao levantamento de padrões de organização sequencial ou estudo da coerência pragmático-funcional do discurso que diz respeito às dimensões sequenciais dos atos ilocutórios (ou seja, às relações sequenciais e interativas dos atos de discurso em interações verbais) e, a nível local, analisámos a seleção, operada pelos participantes, das *estratégias comunicativas* (Gumperz, 1982) nos momentos principais do discurso (abertura, desenvolvimento e fecho).

No âmbito da LC, com os *corpora* constituídos, é possível analisar o uso da linguagem figurativa em contextos de uso e verificar como os

interactantes conceptualizam as emoções no discurso. Compreender o estudo de fenômenos, como a ironia verbal e a delimitação do seu funcionamento no discurso (Gibbs, 2012, p. 105; Batoréo, 2016, 2017), proceder ao estudo do sentido figurativo e à análise do uso estratégico da metáfora em atos discursivos de natureza sequencial (como as descrições e as explicações), tendo por base a teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (“blending”) de G. Fauconnier e M. Turner (2002), são alguns dos objetivos da pesquisa a considerar.

Nos contextos interlocutivos dos *corpora* delimitados, é pertinente verificar de que modo expressões linguísticas específicas revelam a conceptualização do mundo. Constituirá também um programa de pesquisa proceder ao estudo da relação entre cognição, *memória dos discursos* (Fonseca, 1992) e narrativas interativas de experiência de vida que irrompem em contexto interacional, na linha dos estudos de Almeida (2019). Como proposta de investigação está a análise da “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) através do estudo dos marcadores de ponto de vista como os pronomes pessoais, as expressões temporais e os marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6).

No âmbito das pontes que se estabelecem entre LC e SI, será assim nosso objetivo verificar de que modo os falantes procedem à conceptualização do mundo através do uso da linguagem, realizando a descrição semântica, pragmática e sociolinguística de interações discursivas específicas. A articulação entre estes dois enquadramentos teóricos possibilita a prossecução do estudo de sequências e de estratégias discursivas específicas, desenvolvidas em contextos interlocutivos particulares (como os *media* e as entrevistas de investigação), procurando compreender o modo como se realiza o *envolvimento conversacional* dos interactantes e a coconstrução do sentido. Tratar-se-á de um programa de pesquisa que considera as dimensões linguísticas, cognitivas, sociais e culturais do uso, tendo por base *corpora* orais constituídos e delimitados em contextos interlocutivos diversos.

5. COGNIÇÃO E INTERAÇÃO: PERSPETIVAS ABERTAS PELA ANÁLISE DA LINGUAGEM NO USO

A LC articula a cognição com a interação através da ancoragem do estudo nas situações comunicativas. Concebendo os *eventos de uso*

no seu contexto de produção, o modelo de produção do locutor e o modelo de interpretação do alocutário permitem a construção de um “*espaço discursivo actual (EAD)*” (Silva, 2004b, p. 605), que é entendido como “espaço mental partilhado pelos falantes e compreendendo os eventos anteriores e subsequentes e todos os outros elementos que estão na base da comunicação num determinado momento do fluir do discurso” (Silva, 2004b, p.605). Do ponto de vista da perspectiva cognitiva, “os atos ilocutórios não constituem uma componente separada, mas fazem parte integrante da estrutura conceptual, semântica e gramatical de um enunciado” (Silva, 2004b, p. 607). A atribuição de coerência a um texto/discurso é “um fenómeno conceptual” (Silva, 2004b, p. 607): a “coerência relacional envolve relações conceptuais entre eventos, do tipo ‘causa-consequência’, ‘contraste’, ‘evidência’ e muitas outras (...), explicitadas por conectores e outros marcadores discursivos ou implicados em implicaturas conversacionais que gradualmente se gramaticalizam” (Silva, 2004b, p. 607-608).

Segundo Augusto Soares da Silva, “(...) a focalização na conceptualização e noutras bases cognitivas da linguagem não implica (...) a secundarização dos factores interaccionais, sociais e culturais, não implica uma perspectiva descontextualizada da estrutura linguística” (Silva, 2004a, p. 7). Destaca-se, assim, a ancoragem da linguagem em interação, demonstrando o importante papel da atividade conjunta realizada entre locutor e alocutário na relação entre cognição e interação: “(...) é através desta interacção e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam.” (Silva, 2004 a, p. 7).

Podemos ainda verificar que há implicaturas conversacionais, sobretudo as que estão convencionalizadas e que a SI referencia como “convenções de uso” (anteriormente assinaladas) que envolvem projeções metonímicas (Silva, 2004b, p. 613).

Na análise do humor, da ironia e das metáforas conceptuais em narrativas orais, os contributos da Teoria da Integração Conceptual de G. Fauconnier e M. Turner (2002) permitem compreender o ponto de vista do narrador que constrói a situação e convoca vários domínios ao mesmo tempo para conceptualizar novas realidades e permitir construir novas inferências.

Na análise linguística das interações verbais do ponto de vista da LI e da SI, tem particular pertinência o estudo das inferências em situação de comunicação. Os contributos da LC permitem demonstrar como os interactantes partilham o sentido e de que modo procedem à conceptualização do mundo. Nos trabalhos que temos vindo a desenvolver sobre os eventos comunicativos realizados em contextos específicos, como a rádio (Almeida, 2012a), por exemplo, verificamos que a comunidade de ouvintes construída nestes programas específicos partilha aspetos da cultura dos *media* e produz narrativas específicas destes contextos. A análise da “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) e o estudo dos marcadores de ponto de vista, tais como os pronomes pessoais, as expressões temporais e os marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6), são aspetos que contribuem para a articulação da conceptualização do mundo operada pelos falantes, constituindo um programa de pesquisa em desenvolvimento.

6. CONCLUSÃO

O estudo da relação entre Cognição, Linguagem e Discurso incrementa o diálogo interdisciplinar entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Interacional, permitindo a interpretação das expressões linguísticas com base em dois modelos baseados no uso. O método de observação do uso real das expressões linguísticas em *corpora* permite desenvolver “(...) uma concepção inteiramente contextualizada (enciclopédica) do significado” (Silva, 2004a, p. 7) com “implicações sociolinguísticas” (Silva, 2004a, p. 8). Sendo a linguagem “parte integrante da cognição”, estas perspetivas partilham a ideia de que a linguagem “(...) se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental da interacção e da experiência individual, social e cultural (Silva, 2004a, p. 2).

Deste modo, tendo por base uma multiplicidade de contextos interacionais, como os que estão descritos em *corpora* constituídos (Almeida, 2012; 2019), a análise da linguagem-em-uso visa aprofundar as relações entre discurso e cognição, considerando as estratégias interativas que denotam o envolvimento conversacional e perspetivando a emoção no quadro do *trabalho interacional* (Almeida, 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. (2005). *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*. (Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal).

Almeida, C. (2012a). *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interacções verbais*. Afrontamento.

Almeida, C. (2012b). Que eu já nasci em Riba de Ave. [...] Sempre me conheci aqui em Riba de Ave (risos): A coconstrução do sentido em narrativas de experiência de vida no Vale do Ave. Pereira, V. (Org.), *Ao cair do pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des) industrializado do Vale do Ave*, 9, 417-445. Afrontamento.

Almeida, C. (2013a). Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. Silva, F., Falé, I., & Pereira, I. (Eds.), *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 59-77. Associação Portuguesa de Linguística (APL). https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/ALMEIDA_2013.pdf

Almeida, C. (2013b). Conversação e emoção em emissões nocturnas de rádio: A ironia verbal como tropo ilocutório e como estratégia discursiva de gestão interaccional do conflito. Silva, A., Martins, J., Magalhães, L., & Gonçalves, M. (Orgs.). *Comunicação Política e Económica. Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 539-552. ALETHEIA, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.

Almeida, C. (2014). Rituais verbais, *envolvimento conversacional e ordem interaccional*: a construção de trocas discursivas em programas de rádio. *Cadernos de Ciências Sociais*, 27, 93-130. ISSN: 0871-0945-27

Almeida, C. (2016). Dispositivos linguísticos de atenuação e de intensificação: estratégias retórico-argumentativas de persuasão. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 20 (1), 25-50.

Almeida, C. (2019). Discourse strategies of mitigation in an oral corpus of narratives of life experience collected in interviews. Roulston, K. (Ed.),

Interactional Studies of Qualitative Research Interviews, pp. 239-268.
John Benjamins.

Batoréo, H. (2016). Como conceptualizamos a ironia no discurso? Representações e meta-representações do implícito. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, 20 (1), 9-24.

Batoréo, H. (2017). On ironic puns in Portuguese authentic oral data. How does multiple meaning make irony work?. Athanasiadou, A. & Herbert, L. (Eds.), *Irony in Language Use and Communication*, 109-125. John Benjamins.

Borkent, M. (2017). Mediated Characters: Multimodal Viewpoint Construction in Comics. *Cognitive Linguistics*, 28 (3), 539-563.

Fauconnier, G., & M. Turner. (2002). *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Basic.

Fonseca, J. (1992). *Linguística e texto / discurso – Teoria, descrição, aplicação*. Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Gibbs, R. (1985). Situational conventions and requests. Joseph, P. (Ed.), *Language and social situations*, 97-110. Springer-Verlag.

Gibbs, R. (2012). Are ironic acts deliberate?. *Journal of Pragmatics*, 44, 104-115.

Goffman, E. (1973). *La Mise en scène de la vie quotidienne* (Vols. 1-2). Minuit.

Goffman, E. (1981). *Forms of Talk*. University of Pennsylvania Press.

Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In Cole, P. & Morgan, J.L. (Eds.), *Syntax and semantics 3: speech acts*, 41-58. Academic Press.

Gumperz, J. (1980). The Sociolinguistic Basis of Speech Act Theory. *Versus, Quaderni di Studi Semiotici*, 26-27, 101-121.

Gumperz, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge University Press.

Gumperz, J. (1989a). *Engager la conversation: Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. Minuit.

Gumperz, J. (1989b). *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. L'Université de La Réunion, L'Harmattan.

- Gumperz, J.** (1990). The speech community. Giglioli, P. (Ed.), *Language and social context*, 219-231. Penguin Books.
- Gumperz, J.** (1996). Fact and inference in courtroom testimony. Gumperz, J. (Ed.), *Language and social identity*, 163-194. Cambridge University Press.
- Heritage, J.** (1984). Introduction. Heritage, J., & Atkinson, J. (Eds.), *In Structures of social action. Studies in conversation analysis*, 1-15. Cambridge University Press.
- Morgan, J.** (1978). Two types of convention in indirect speech acts. Cole, P. (Ed.). In *Syntax and Semantics, 9, Pragmatics*, 261-280. Academic Press.
- Myers, G., & Lampropoulou, S.** (2012). Impersonal You and Stance-Taking in Social Research Interviews. *Journal of Pragmatics*, 44 (10), 1206-1218.
- Nascimento, M. F.** (1987). *Contribuição para um dicionário de verbos do português. Novas perspectivas metodológicas*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – INIC.
- Ramilo, M. C., & Freitas, T.** (2002). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, 2, 55-67.
- Pereira, V. (Org.)**. (2012). *Ao cair do pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave*. Afrontamento.
- Shakiro, A., & Farghall, M.** (1992). Gulf war jokes: cohesion and coherence. *Text*, 12,(3), 447-468.
- Silva, A.** (2004a). Introdução: Linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Eds.), *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, 1-18. Almedina.
- Silva, A.** (2004b). Semântica Cognitiva e Análise do Discurso. Oliveira, F, & Duarte, I. (Orgs.), *Da Língua e do Discurso*, 601-622. Campo das Letras.
- Silva, A.** (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.
- Tannen, D.** (1989). *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge University Press.

Tannen, D. (1993). What's in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations. Tannen, D. (Ed.), *Framing in Discourse*, 14-56. Oxford University Press.

Vandelanotte, L., & Dancygier, B. (2017). Multimodal artefacts and the texture of viewpoint. *Journal of Pragmatics*, 122, 1-9.

CRIANDO PONTES ENTRE A LINGUÍSTICA FUNCIONAL E A COGNITIVA: ARTICULAÇÃO DO ESPAÇO EM CONSTRUÇÕES DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
CNPq/Faperj¹

RESUMO

Apresentamos no presente artigo resultados preliminares de nossa pesquisa acerca dos afixoides de sentido espacial *aqui*, *aí*, *ali*, *lá* e *cá* em esquemas gramaticais do Português Brasileiro. A investigação tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010, 2015), entre outros. Este enquadramento teórico compatibiliza a vertente funcionalista norte-americana e a cognitivista, com foco nos estudos sobre construção gramatical. Interessa-nos como os termos referidos como *afixoides* atuam na formação e na instanciação de construções específicas da norma brasileira do Português, como o marcador discursivo, do tipo *espera aí* e *sei lá*, e o intensificador de grau, como em, por exemplo, *pra lá de animada* ou *pra lá de charmoso*.

PALAVRAS-CHAVE: Construção gramatical, afixoide espacial, mudança linguística

ABSTRACT

We hereby present preliminary results of our research on spatial markers referred to as *affixoids*: *aqui*, *aí*, *ali*, *lá* and *cá* ("here", "there", "there", "there" and "here") in Brazilian Portuguese grammatical schemes. The investigation focuses on *Usage-Based Linguistics* (in Brazil, LFCU), from the perspective of Traugott and Trousdale (2013) and Bybee (2010, 2015), among others. This theoretical proposal reconciles the North American functionalist and the cognitive aspects, with a focus on studies on grammatical construction. We are interested in how the terms referred to as *affixoids* act in the formation and instantiation of specific constructions of the Brazilian Portuguese norm, such as the discursive marker of the *espera aí* ("wait there") and *sei lá*, ("I don't know") type, and the degree intensifier, as in: *pra lá de animada* ("more than cheerful") or *pra lá de charmoso* ("more than charming").

KEYWORDS: Grammatical construction, spatial affixoid, linguistic change

¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

O foco de nossa investigação reside, de um ponto de vista construcional, nos termos de Goldberg (1995, 2006, 2009) e Croft (2001), entre outros, nas propriedades semântico-sintáticas dos constituintes locativos (basicamente *aqui, aí, ali, lá, cá*) que, como afixoides de base espacial, passam a integrar construções gramaticais do Português usado no Brasil, configurando mudança linguística a partir de mecanismos de neoanálise² (Traugott & Trousdale, 2013) e de analogização (Fischer, 2009).

De acordo com Booij (2010, 2013), definimos *afixoide* como uma categoria gradiente, situada no intervalo entre termos lexicais, de conteúdo mais pleno, como nomes e verbos e termos de maior sentido procedural, de conteúdo abstrato, como afixos e desinências. Assim, os locativos aqui referidos são tomados como subpartes periféricas de construções mais complexas, como constituintes mais *leves*, em termos de sentido e forma que, vinculados a outros elementos nucleares, concorrem para a configuração de esquemas específicos. Em pesquisas do Português, Braga e Paiva (2003, p. 209) se referem ao papel afixoide como uso *clítico* de *aí* em formações como *alguma fofoquinha aí*; posteriormente, já na perspectiva da LFCU, Aguiar (2015) se dedica a tais expressões, ampliando os tipos de locativo preenchidos nesse esquema, tratando-os como instâncias da construção nominal atributiva a partir do esquema [SNLoc].

Interessa-nos, agora, investigar como a perspectivização espacial desses locativos motiva sua seleção para a instanciação de construções, entendidas estas, de acordo com Goldberg (1995, 2006, 2009) e Croft e Cruse (2004), como pareamentos convencionais de forma e função. Se, por um lado, o sentido construcional não corresponde à soma do sentido das subpartes envolvidas, por outro lado, cada subparte concorre para a instanciação construcional como um todo. Assim, traços semânticos dos afixoides espaciais, como os atinentes à proximidade (primeira, segunda ou terceira pessoa do discurso), à granularidade³ (fina/estreita

² Conforme os autores citados, passamos a utilizar o termo *neoanálise* no lugar do tradicional rótulo *reanálise*, no entendimento que se trata de nova representação na mente do usuário e não retomada de algo já representado.

³ De acordo com Batoréo (2000, p. 439), a granularidade, termo oriundo da Inteligência Artificial, define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos, a partir de dois subsistemas: a) granularidade vasta do binômio *cá/lá* e granularidade fina ou estreita, correspondente a um ponto específico, como *aqui/aí/ali*.

ou vasta), à perspectivização do espaço, à referenciação dêitica e anafórica, entre outros, devem impactar e motivar sua instanciação em construções.

Do conjunto de construções gramaticais do Português, isto é, dos pareamentos de sentido procedural, como referidos por Traugott e Trousdale (2013), nossa investigação seleciona dois para estudo: a construção marcadora discursiva formada por verbo e afixoide locativo [VLoc]_{md} e a construção de grau intensificador [para lá de X]_{gir}, tais como ilustradas, respectivamente, nos seguintes fragmentos extraídos de Teixeira (2015) e Venâncio (2015):

- (1) A: *Aí há fatalismo!* X: *Fatalismo, é.* B: *Mas quando as pessoas, um casal diz assim: « vamos fazer um filho » e vão para a cama para fazer um filho.. X: Ah! Mas isso é um disparate!* B: *Quer dizer, (..) Aí, **espera aí**, independen(..).. Não, não, as pessoas desejam um filho (..) Razões, até porque diz-se que um filho num casal, um filho pode ser um amparo dum casal, porque..* (Entrevista-inquérito Corpus-Ref-Port-Contemp: 218, sequência injuntiva, século XX)
- (2) *Michel Teló e Thaís Fersoza escolheram um destino **para lá de romântico** para comemorar suas bodas de sorvete - que marcam os primeiros dois meses de casados -, Fernando de Noronha. Tanto a atriz como o sertanejo publicaram em seus perfis no Instagram nesta terça-feira, 16, fotos da viagem ao destino, um dos favoritos dos famosos brasileiros.* (Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/verao/michel-telo-e-thais-fersoza-comemoram-bodas-de-sorvete-em-fernando-de-noronha#.VM5EFGjFAU>>. Acesso em 15 dez. 2014.)

Em (1), o constructo⁴ *espera aí*, articulado em discurso direto, marcado por forte intersubjetividade, atua como marcador discursivo. Sua função, no nível pragmático, concorre para que o locutor aja sobre o interlocutor na negociação do sentido instaurado. Nessa formação altamente integrada, já não se pode falar de um efetivo elemento verbal (*espera*) acompanhado de pronome locativo (*aí*), mas, sim, de um todo semântico-sintático, mais esquemático e menos composicional, que funciona como elemento injuntivo, em coesão com toda a sequência

⁴ Na LFCU, assim nos referimos ao uso efetivo, ao token empiricamente atestado, como proposto em Traugott (2008a). Dessa forma, distinguimos os esquemas virtuais, as construções ou *types*, do uso efetivo.

em que se insere, tal como defendido em Teixeira (2015) e Oliveira e Teixeira (2017). De acordo com Traugott e Dasher (2005), consideramos que essa funcionalidade é consequente da *inferência sugerida*⁵, em que os interlocutores negociam sentidos e crenças num nível de maior abstração, para além do plano meramente informacional. Interessa-nos também investigar as propriedades que fazem do locativo *aí* candidato a preenchedor do *slot* Loc na construção $[VLoc]_{md}$ em contextos como (1).

Já em (2), o constructo *para lá de romântico* qualifica e intensifica o nome *destino*. Observamos que não só a expressão destacada concorre para a intensificação do sentido qualificador desse fragmento, mas também outros componentes, como a oração apositiva *que marcam os primeiros dois meses de casados* e o SN *um dos favoritos dos famosos brasileiros*. Trata-se de um fragmento extraído de blogue em que prepondera o tom opinativo e intersubjetivo. Os dados em (2) permitem constatar que a construção $[para\ lá\ de\ X]_{gi}$ configura-se como construcionalização gramatical da norma brasileira do Português contemporâneo, um novo membro da categoria dos intensificadores. Nesse esquema, é recrutado pela comunidade linguística o locativo *lá*, que, como afixoide espacial de granulidade vasta posposto à preposição *para*, concorre para conferir à referida construção sentido de grau intensificador. Conforme a teoria localista, de acordo com Batoréo (2000), a derivação metafórica *espaço > tempo > texto* licencia a neoanálise da distância no espaço como distância de um dado limite atributivo, concorrendo para o sentido intensificador – *para lá de romântico* é muito mais do que pura e meramente *romântico*. Assim, interessa-nos investigar os micropassos que redundam na formação de $[para\ lá\ de\ X]_{gi}$ no Português do Brasil e o papel do afixoide *lá* nesse processo de mudança gramatical, refinando e ampliando os achados de Venâncio (2015).

2. PERSPECTIVIZAÇÃO ESPECIAL E AFIXOIDES

Por nos concentramos na vinculação semântico-sintática dos afixoides de base locativa nas construções $[VLoc]_{md}$ e $[para\ lá\ de\ X]_{gi}$, questões relativas à perspectivização espacial, nos termos de Batoréo (2000), e à semântica de *frames*, com base em Fillmore (1988), que estão

⁵ Nossa tradução livre para o termo *invited inference*, cunhado por Traugott e Dasher (2005), na referência à negociação de sentidos intersubjetivos em contextos específicos.

envolvidas nesse tipo de articulação são fundamentais para a descrição e a análise interpretativa que nos propomos empreender.

Em abordagem cognitivista, Batoréo (2000, p. 26) destaca que o espaço “é considerado um dos domínios mais transparentes e complexos da interdependência da Linguagem e Cognição”, e ainda que “esquemas espaciais são recrutados para esquemas formados por outras expressões de caráter não-espacial.”. Na mesma vertente teórica, Ferrari (2011, p. 93) declara que “recorremos ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e o projetamos para o domínio abstrato de tempo.”. Assim posto, tal concepção retoma a clássica derivação *espaço > tempo > texto*, proposta por Traugott e Heine (1991). Essa trajetória tem a ver com a espécie de perspectivização espacial articulada na interação, com o tipo de processo que determina o relacionamento entre a percepção que o indivíduo tem do que o rodeia, a representação que tem do seu meio ambiente e seu interlocutor, nos termos de Batoréo (2000), e conforme tratado empiricamente em Oliveira e Batoréo (2014).

Nossos objetos de pesquisa podem ainda ser considerados com base na semântica de *frames*, tal como formulada por Fillmore (1988). O termo corresponde a um tipo de enquadramento, de sistema estruturado de conhecimento, fundado na experiência cotidiana que é acionado nas interações. De acordo com tal perspectiva, esse enquadramento atribui sentido às nossas declarações, que se encontram, assim, dependentes do tipo de *frame* acionado. Portanto, há motivação entre determinados contextos de uso, nos termos de Diewald (2002), sendo seu nível de menor ou maior abstração e (inter)subjetividade, e os afixoides locativos instanciados nas construções pesquisadas. A semântica de *frames* também guarda correspondência com o tipo de sequência tipológica articulada (Marcuschi, 2002, 2008); sequências descritas e narrativas tendem a se organizar a partir de molduras mais objetivas, enquanto sequências injuntivas, dialógicas ou expositivo-dissertativas tendem a enquadrar cenas mais abstratas e marcadas por (inter)subjetividade.

Os afixoides selecionados para nossa investigação resumem-se a cinco locativos do Português, considerados os mais frequentes da categoria. Esses constituintes cumprem função espacial elementar na área da percepção, que compreende localização do objeto, detecção de linha de orientação e síntese do espaço; a localização é feita do

ponto de vista egocêntrico (*aqui, aí, ali, cá, lá*) relativamente à posição do falante/escritor. Como se encontra em Batoréo (2000, p. 439), em termos de *granulidade*, os referidos locativos se distribuem em dois subsistemas: a) *granulidade vasta*, com o binômio *cá/lá*⁶; b) *granulidade fina, estreita*, quase a tender para o ponto, com a tríade *aqui/aí/ali*.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Partimos da integração entre a abordagem funcionalista, na vertente de Traugott e Trousdale (2013), Traugott (2010, 2008a, 2008b), Bybee (2010, 2015), Trousdale (2008), Fischer (2009), Traugott e Dasher (2005), citando apenas alguns, e a abordagem cognitivista, como apresentada em Croft e Cruse (2004), Croft (2001), Goldberg (1995, 2006, 2009), Fillmore (1988), entre outros. Essa interface, por nós nomeada LFCU, nos termos de Rosário e Oliveira (2016), Oliveira e Rosário (2015), Martelotta (2011), Martelotta e Alonso (2012), Oliveira e Cezario (2012), Furtado da Cunha (2012), para além de outros, vem se mostrando consistente na análise interpretativa de padrões mais integrados de uso linguístico, contemplando tanto o elo de correspondência das propriedades de sentido e forma das subpartes de expressões em uso, como detectando contextos originadores de tais expressões em perspectiva histórica.

Procuramos imprimir maior rigor, controle e abrangência às nossas análises, por intermédio da incorporação do tratamento construcional aos nossos objetos de pesquisa, identificando e vinculando mais fortemente as propriedades de sentido e de forma de tais objetos, em nível interno, e, de outra parte, levando em conta o ambiente pragmático-discursivo em que são articulados. Na perspectiva teórica da LFCU, os usos linguísticos são interpretados como resultantes de, pelo menos, três tipos de motivação: a cognitiva, a sócio-histórica e a estrutural.

Em termos de objetivos, nossa meta maior é o levantamento, a descrição e a análise interpretativa dos afixoides espaciais, circunscritos aos locativos mais usados no Português Brasileiro (*aqui, aí, ali, lá, cá*), na formação de duas construções gramaticais – $[VLoc]_{md}$ e $[para\ lá\ de\ X]_{gi}$. A partir de pesquisa empírica histórica, o intento é captar neoanálises sucessivas, ou micropassos, que derivaram na esquematização desses pareamentos, em

⁶ Por sua baixa frequência no uso linguístico, não contemplamos o constituinte *acolá* entre os locativos pesquisados, embora este se inclua no rol dos locativos de *granulidade vasta* da língua.

termos de construcionalização gramatical, com base na taxonomia de Diewald (2002) e de Diewald e Smirnova (2012). A proposta das autoras parte do seguinte *cline* contextual: contextos *típicos* (originais), *atípicos* ou *críticos* (transitórios, emergentes) e de *isolamento* (convencionalizados, gramaticalizados), culminando com a *paradigmatização*, ou seja, com a inserção da nova construção em categoria gramatical específica, como novo nó na rede construcional da língua. Esse *cline* tem a ver ainda com a derivação *objetividade* > *subjetividade* > *intersubjetividade*, conforme apresentado por Traugott e Dasher (2005).

De outra parte, assumimos que os referidos *clines* contextuais podem ser capturados por intermédio do rastreamento dos exemplares em cada uma das duas construções referidas, ou seja, daqueles membros que exibem maior prototypicalidade, nos termos de Bybee (2010, 2015), revelada pela frequência de uso em contextos específicos e também por meio de propriedades de ordem cognitiva, atinentes à maior ou menor representatividade dentro de cada categoria. Por hipótese, e de modo complementar, assumimos que o recrutamento inicial dos afixoides *aqui*, *aí*, *ali*, *cá* e *lá* deve ter origem em contextos fonte, em ambientes nos quais tais constituintes cumprem função circunstancial na referência pronominal a espaço mais concreto; a partir daí, via neoanálises sucessivas, ocorre a construcionalização gramatical com o surgimento de novo pareamento função-forma na língua; na sequência, por intermédio de mecanismos de analogização (Fischer, 2009), entendida esta como um tipo de mudança construcional por intermédio da qual novos padrões são criados com base na replicação de esquemas maiores e mais abstratos, novos *types* individuais são fixados.

Assim posto, e de acordo com Traugott e Trousdale (2013), o *cline* contextual aqui referido, atestador da direcionalidade da mudança gramatical, seria detectável de modo mais efetivo nos casos de construcionalização, ou seja, de formação de nova construção, novo pareamento de forma e sentido na língua via neoanálise. Por outro lado, o processo de analogização tenderia a não revelar maior gradualidade na história da língua, configurando-se como caso de mudança construcional somente, a partir da criação de um novo *type*, uma nova microconstrução com base num esquema maior já convencionalizado.

No que concerne aos procedimentos de pesquisa, compatibilizamos metodologia qualitativa e quantitativa, focalizando tanto os ambientes pragmático-discursivos motivadores da mudança gramatical em que as construções em estudo são instanciadas, quanto as propriedades de sentido e forma de suas subpartes, notadamente os afixoides espaciais, na instauração do elo de correspondência simbólica interno às mesmas (Croft, 2001). Também consideramos os índices de frequência com que são instanciadas na língua (Bybee, 2010, 2015), atestadores ou não da produtividade das referidas construções.

Como a pesquisa assume viés histórico, os textos selecionados privilegiam a modalidade escrita da língua, procurando controlar os dados, nas distintas sincronias pesquisadas, em termos da sequência textual em que são articulados, de acordo com Bonini (2005) e Marcuschi (2002, 2008). Consideramos tanto propriedades contextuais quanto cotextuais que caracterizam os dados em análise. De outra parte, textos falados da fase contemporânea do Português também deverão ser usados, principalmente no caso de mudanças mais recentes ou inovadoras, não atestadas em documentos antigos, como hipotetizamos ser o caso de [para lá de X]_{gi}. Para o levantamento de dados, selecionamos fragmentos de texto em que as subpartes das construções selecionadas (verbo contíguo a locativo e contíguo à expressão *para lá*) ocorrem, na detecção dos distintos níveis de vinculação semântico-sintática estabelecidos em tais usos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse texto as bases gerais de nosso projeto de pesquisa, subvencionado pelo CNPq, que foi iniciado em março de 2018, com previsão de desenvolvimento até 2022. A investigação se volta para a pesquisa de duas construções gramaticais do Português, articulando pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Estamos interessados tanto na detecção de neonálises que derivaram, ao longo da trajetória da língua, na construcionalização dos esquemas referidos, quanto na pesquisa de como tais esquemas se comportam e relacionam na rede gramatical do Português contemporâneo.

Por intermédio da presente pesquisa, reafirmamos e destacamos a base espacial para a derivação polissêmica, e conseqüente mudança gramatical, no desencadeamento de sentidos lógicos ou textuais. Nesse processo, metáfora e metonímia atuam complementarmente, na

formação de construções, como pareamentos simbólicos convencionais que se distribuem e atuam em relações verticais, horizontais e transversais nos níveis da gramática portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, M. (2015). *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português*. (Dissertação de Doutorado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Língua Portuguesa – Instituto de Letras, UFF, Niterói, Brasil).

Batoréo, H. (2000). *Expressão do espaço no português europeu: Contributo psicolingüístico para o estudo da linguagem e cognição*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Bonini, A. (2005). A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In Meurer, J., Bonini, A., & Motta-Roth, D. (Orgs). *Gêneros: Teorias, métodos, debates* (pp.208-236). Parábola.

Booij, G. (2013). *Morphology in Construction Grammar*. In Hoffmann & Trousdale (Eds.), 255-273.

Booij, G. (2010). *Construction Morphology*. Oxford University Press.

Braga, M., & Paiva, M. (2003). Do advérbio ao clítico é isso aí. In Roncarati, C., & Abraçado, J. (Orgs). *Português brasileiro – Contato linguístico, heterogeneidade e história*. 7Letras, 206-212.

Bybee, J. (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press.

Bybee, J. (2015). *Language Change*. Cambridge University Press.

Croft, W. (2001). *Radical Construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford University Press.

Croft, W., & Cruise, D. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge University Press.

Diewald, G. (2002). A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In Wischer, I., & Diewald, G. (Eds). *New reflections on grammaticalization* (pp. 103-120). John Benjamins.

Diewald, G., & Smirnova, E. (2012). Paradigmatic integration: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In Davidse, K.,

Breban, T., Brems, L., & Tanja Mortelmans, T. (Eds). *Grammaticalization and language change – New reflections* (pp. 111-131). John Benjamins.

Ferrari, L. (2011). *Introdução à Linguística Cognitiva*. Contexto.

Fischer, O. (2009). Grammaticalization as analogically driven change? In *Vienna English Working Papers*, 18(2), 3-23.

Fillmore, C. (1988). *On grammatical constructions*. University of California.

Furtado da Cunha, M. A. (2012). A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In Souza, M., Moraes, A., Nascimento, H., Teixeira, M., & Nascimento, R. (Orgs), *Sintaxe em Foco*, 29-49. Universidade Federal de Pernambuco.

Goldberg, A. (1995). *Constructions: A construction approach to argument structure*. The University of Chicago Press.

Goldberg, A. (2006). *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford University Press.

Goldberg, A. (2009). The nature of generalization in language. *Cognitive Linguistics*, 20(1), 93–127.

Machado, A., & Bezerra, M. (Orgs). *Gêneros textuais & ensino* (pp.19-36). Lucerna.

Marcuschi, L. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In Dionísio, A.,

Marcuschi, L. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola.

Martelotta, M., & Alonso, K. (2012). Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In Souza, E. (Org). *Funcionalismo linguístico: Novas tendências teóricas*, 87-106. Contexto.

Martelotta, M. (2011). *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. Cortez.

Oliveira, M., & Batoréo, H. (2014). Construções com pronomes locativos (Loc) do tipo LocV e VLoc no PB e no PE: Correspondências e distinções. *Revista Linguística*, 30(2), 169-206.

Oliveira, M., & Cezario, M. (Orgs). (2012). *Adverbiais: Aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Eduff.

- Oliveira, M., & Rosário, I. (Orgs).** (2015). *Linguística centrada no uso - Teoria e método*. Lamparina/Faperj.
- Oliveira, M., & Teixeira, A.** (2017). Padrões construcionais de base locativa na perspectiva do texto e da gramática do português. In Luquetti, E, & Moura, S. (Orgs). *Linguística em perspectiva: Cognição e ensino de língua e literatura, 1*, 74-91. Brasil Multicultural.
- Rosário, I., & Oliveira, M.** (2016). Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, 60, 233-259.
- Teixeira, A.** (2015). *A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{md}: Uma análise funcional centrada no uso*. (dissertação de Doutorado em Estudos de Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil).
- Traugott, E.** (2008a). Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In Eckhart, R., Gerhard, J., & Veenstra, T. (Eds), *Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change*, 219-252. Mouton de Gruyter.
- Traugott, E.** (2008b). The status of onset contexts in analysis of micro-changes. Draft version. In Kytö, M. (Ed.), *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Rodopi.
- Traugott, E., & Dasher, R.** (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge University Press.
- Traugott, E., & Heine, B.** (1991). *Approaches to grammaticalization (Vol. 1). Focus on theoretical and methodological issues*. Benjamins.
- Traugott, E., & Trousdale, G. (Eds).** (2010). Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? In. *Typological Studies in Language*, 90, 19-44. John Benjamins.
- Traugott, E., & Trousdale, G.** (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford.
- Trousdale, G.** (2008). Words and constructions in grammaticalization: The end of the English impersonal construction. In Fitzmaurice, S., & Minkova, D. (Eds). *Studies in the History of the English Language IV*, 61, 301-326. <https://doi.org/10.1515/9783110211801.301>

Venâncio, E. (2015). *Instanciações da microconstrução intensificadora “para lá de X” no português contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil).

1.3. ABORDAGEM À LITERATURA: POÉTICA COGNITIVA



POÉTICA COGNITIVA: AVANÇOS E DESAFIOS DA ABORDAGEM COGNITIVA À LITERATURA

Ana Margarida Abrantes
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

RESUMO

Nas últimas duas décadas, os estudos de Poética Cognitiva têm tido um desenvolvimento expressivo, acompanhado, porém, em igual medida pela crítica, quer da parte de outras disciplinas, quer de outras correntes de estudo da literatura. O presente artigo propõe-se traçar alguns aspetos centrais desta crítica, centrando-se em três pontos: a diversidade de designações para esta área de estudo na interseção entre ciências cognitivas e literatura, a relação entre a Poética Cognitiva e outras abordagens à literatura e, finalmente, os desafios à interdisciplinaridade inerente neste campo.

Partindo de uma revisão de publicações fundadoras deste campo de estudo e de algumas das suas vozes críticas, o artigo propõe uma abordagem ao texto literário que parte da análise da linguagem que o constitui, entendida, por um lado, na sua base conceptual e experiencial, mas também na sua dimensão estética e intencional, que torna o texto literário não apenas mais uma ocorrência de comunicação linguística, mas uma forma simbólica de expressão estética intencional.

PALAVRAS-CHAVE: Poética Cognitiva, texto literário, linguagem e cognição, crítica

ABSTRACT

In the last two decades Cognitive Poetics has had an expressive development, accompanied however in equal measure by criticism, both from other disciplines and from other currents of the study of literature. This article aims to outline some central aspects of this criticism, focusing on three points: the diversity of designations for this area of study in the intersection between cognitive science and literature, the relationship between cognitive poetics and other approaches to literature, and finally the challenges to interdisciplinarity inherent in this field.

Based on a review of the publications that founded this field of study, and some of its critical voices, the article proposes an approach to the literary text that starts from the analysis of the language that constitutes it, understood on the one hand in its conceptual and experiential basis,

and on the other hand in its aesthetic and intentional dimension. The latter makes the literary text not only one further occurrence of linguistic communication, but a symbolic form of intentional aesthetic expression.

KEYWORDS: Cognitive Poetics, literary text, language and cognition, criticism

1. INTRODUÇÃO

Desde o seu início, a abordagem cognitiva no estudo da literatura tem suscitado, por um lado, um entusiasmo sem limites entre os seus praticantes (Lakoff & Turner, 1989; Turner, 1991; Stockwell, 2002; Gavins & Steen, 2003) e, por outro, um ceticismo indisfarçado por parte de académicos de outras tradições literárias e investigadores de outras áreas científicas (Jackson, 2002; Tallis, 2011). Quase três décadas depois, o estudo dos aspetos cognitivos da literatura difundiu-se em muitas direções (Zunshine, 2015; Burke & Troscianko, 2017), acompanhado, no entanto, de uma reflexão sobre essa crítica (Brône & Vandaela, 2009) e de uma consideração dos seus argumentos (Müller-Wood, 2017) e das formas de os contrapor (Hartner, 2017).

O presente trabalho aborda o ceticismo em torno da Poética Cognitiva, centrando-se em três aspetos, que constituem os três temas e também as três partes do presente trabalho:

1. O alcance e o âmbito da área de estudos da Poética Cognitiva e os múltiplos nomes que a designam;
2. O lugar da Poética Cognitiva em relação a outras tradições no estudo da literatura;
3. A própria natureza do campo como projeto (Richardson, 2004) ou diálogo interdisciplinar (Cave, 2016).

Com este trabalho pretende-se traçar um perfil da disciplina no momento presente, olhando, por um lado, ao que esta abordagem cognitiva da literatura pode acrescentar ao entendimento dos textos e, por outro, à forma como a análise cognitivamente informada do texto literário pode revelar acerca do pensamento humano.

2. DESIGNAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS

Quem não esteja familiarizado com a interseção entre ciência cognitiva e estudos literários ficará perplexo com a variação na designação desta área de estudos, como demonstra um olhar rápido pelos títulos de algumas das suas publicações mais centrais: “Poética

Cognitiva" (*Cognitive Poetics*, em Tsur, 1992; Stockwell, 2002; Gavins & Steen, 2003, *Cognitive Semiotics*, 2, 2008), "Estilística Cognitiva" (*Cognitive Stylistics*, Semino & Culpeper 2002), "Estudos Literários Cognitivos" (*Cognitive Literary Studies*, Zunshine 2015, *Journal of Literary Studies*, Special Issue, 11(2), 2017), "Crítica Cognitiva" (*Cognitive Criticism*, Cave, 2016) e, mais recentemente, "Ciência Literária Cognitiva" (*Cognitive Literary Science*, Burke & Troscianko, 2017). Esta variação é o testemunho das diversas formas em que a cognição e a literatura podem ser estudadas em conjunto.

"A poética cognitiva estuda a leitura da literatura."¹ Com esta afirmação, Peter Stockwell (2002, p. 1) define o âmbito deste campo como o estudo da resposta dos leitores aos textos literários. Daqui resultam duas consequências: por um lado, a poética é entendida como o "estudo do fenómeno artístico da linguagem"², tal como propõem Brandt e Kjørup (2009, p. 7), não se limitando, portanto, à poesia como género, mas abrangendo igualmente a narrativa e o drama, ou seja, contemplando todas as formas de literatura. Por outro lado, a perspectiva de Stockwell centra-se nas respostas dos leitores:

Debruçando-se sobre a leitura do texto literário e apresentando uma dimensão psicológica e linguística, a poética cognitiva oferece uma forma de discutir a interpretação, seja ela uma versão autoral do mundo ou um relato do leitor, e de analisar como essas interpretações se manifestam na textualidade.³ (Stockwell, 2002, p. 5).

Este entendimento segue de perto os primeiros estudos sobre Poética Cognitiva de Reuven Tsur. No livro *Theory of Cognitive Poetics*, publicado em 1992, Tsur centra-se na relação entre a estrutura textual das formas literárias e os efeitos que elas provocam na leitura, desenvolvendo uma perspectiva inicialmente muito influenciada pelo formalismo e estruturalismo, e mais tarde pelas novas descobertas acerca da percepção humana. Stockwell (2002) desenvolve ainda mais esta perspectiva ao sublinhar a influência tanto da Psicologia como da Linguística Cognitiva, que, em 2002, se tinha estabelecido como um paradigma reconhecido

¹ "Cognitive poetics is all about reading literature." A tradução das citações de obras originais é livre e da responsabilidade da autora do presente trabalho. Em rodapé inclui-se o texto original.

² "[T]he study of the language artistic phenomenon."

³ "Concerned with literary reading and with a both psychological and a linguistic dimension, cognitive poetics offers a means of discussing interpretation whether it is an authorly version of the world or a readerly account, and how those interpretations are made manifest in textuality."

no estudo da linguagem.⁴

A literatura é uma forma artística de linguagem e, por esta razão, o seu estudo não pode prescindir de uma consideração detalhada da linguagem. Esta visão, fundamental na filologia clássica e no Estruturalismo do século XX, tendo como marco a *Linguística e Poética* de Roman Jakobson (1987), é central para a visão da Poética Cognitiva, como revelam os livros complementares de Peter Stockwell (2002) e o de Joanna Gavins e Gerard Steen (2003), respetivamente. Assim, tanto a abordagem – baseada na análise linguística – como o nome do campo – Poética Cognitiva – tornam-se correntes através da publicação desses dois livros didáticos introdutórios, que, como Tony Jackson formula numa recensão publicada em 2005, “são como um marco, porque sugerem que a abordagem conseguiu alcançar um importante lugar no uso académico.”⁵ (Jackson, 2005, p. 520)

No livro *Cognitive Stylistics*, Semino e Culpeper (2002) descrevem o campo de estudos como “interface entre linguística, estudos literários e ciência cognitiva” e afirmam que, embora tradicionalmente a estilística se tenha afastado das teorias linguísticas, a viragem cognitiva da disciplina é “sistematicamente baseada em teorias que relacionam escolhas linguísticas com estruturas e processos cognitivos.”⁶ (Semino & Culpeper, 2002, pp. 1-22). Poder-se-ia dizer, por outras palavras, que a estilística cognitiva é uma abordagem ao estudo de textos literários baseada na linguística cognitiva, que, por sua vez, vê a linguagem como uma manifestação da cognição.

Uma visão alternativa da Poética Cognitiva é sugerida pela Semiótica Cognitiva. Nesta perspetiva, o texto é considerado no enquadramento de uma troca semiótica, sendo que a sua estrutura enunciativa e situatividade comunicativa são levadas em consideração (o aspeto semiótico), ao mesmo tempo que o texto é ainda considerado quanto às suas qualidades estéticas. Estas, por seu turno, têm na sua base

⁴ A linguística cognitiva, como paradigma de análise da linguagem, surgiu nos anos oitenta como uma abordagem aos fundamentos conceptuais da linguagem e à sua base experiencial. Na génese deste paradigma estão os estudos de gramática cognitiva de Ronald Langacker (1987, 1991), os estudos de Semântica Cognitiva de Leonard Talmy (2000), o trabalho sobre metáfora conceptual de George Lakoff e Mark Johnson (1987), e ainda a abordagem da gramática de construções de Adele Goldberg (1995).

⁵ “[It] marks a kind of milestone, for it suggests that the approach has managed to reach an important threshold of scholarly use.”

⁶ “[An] interface between linguistics, literary studies and cognitive science [...] systematically based on theories that relate linguistic choices to cognitive structures and processes.”

princípios cognitivos gerais da mente imaginativa, quer na criação, quer na recepção (Brandt, P., & Brandt, L. Aa., 2005; Brandt, L., 2008; Brandt, L., & Kjørup, F., 2009). Nesta perspectiva semiótica da poética cognitiva, a linguagem é tão importante como a própria literatura. Contudo, em alternativa a uma abordagem linguística cognitiva estrita, que procura explicar como os textos literários assentam nos mesmos processos cognitivos subjacentes à linguagem não estética (uma visão frequentemente articulada, por exemplo, em Lakoff & Turner, 1989; Turner, 1991, 1996), procurando, assim, explicar a inteligibilidade dos textos, a visão semiótica cognitiva da Poética Cognitiva fundamenta o texto num ato de comunicação *intencional* e vê os textos pelo seu potencial estético, em linha com outras manifestações da criatividade humana (por exemplo, a música ou as artes visuais). Em comum, estas formas de representação têm a natureza de instanciar um determinado aspeto da condição humana numa forma que é “mais genuína do que as descrições que se podem obter por outros métodos”⁷ (Brandt, L., & Brandt, P. Aa., 2005, p. 127). Em certo sentido, esta visão não está muito distante da Crítica Cognitiva, tal como é proposta por Terence Cave: “A literatura (...) faz parte da conversa humana, e a crítica literária prolonga essa conversa à sua maneira.”⁸ (2016, p. 4)

A designação ‘Estudos Literários Cognitivos’ (já sugerida em Brandt, L., & Brandt, P. Aa, 2005, p. 124, e também no título de uma importante obra de referência de Lisa Zunshine, 2015) é talvez mais clara e abrangente. É verdade que a “poética” a que se refere a Poética Cognitiva vai além da estrita referência à poesia, seguindo a origem etimológica da *poiesis* grega, “criação”, ou seja, todas as formas criativas de linguagem. O termo “estudos” amplia o âmbito deste campo, permitindo múltiplas perspetivas no estudo da literatura, que vão desde a consideração estrita da sua sustentação retórica até à exploração de fenómenos cognitivos, tanto expostos no texto como suscitados no processo de leitura.

Uma alternativa mais recente – ‘Ciência Literária Cognitiva’ (Burke & Troscianko, 2017) – para designar este campo parece ecoar uma abordagem germânica no estudo da literatura, em linha com o termo

⁷ “[M]ore true to nature than the descriptions one might obtain by other methods.”

⁸ “Literature (...) is part of the human conversation, and literary criticism prolongs that conversation in its own mode.” (Terence, 2016, p. 4)

Literaturwissenschaft. Afirmar este lado científico da investigação da literatura pode ser visto como uma tentativa de unificação do conhecimento, artificialmente separado por circunstâncias académicas famosamente denunciadas por C.P. Snow (1959) em *Two Cultures*, ou como estímulo a inovações metodológicas mais recentes, tais como a análise experimental e empírica da literatura (Van Peer, *et al.*, 2012).

Este breve esboço sobre os diferentes entendimentos da abordagem cognitiva da literatura aponta para duas conclusões provisórias:

- (i) Os múltiplos nomes que designam o estudo cognitivamente informado da literatura podem ser vistos de duas perspetivas, por um lado, como a incerteza de um campo que não sabe ainda onde colocar a sua ênfase; por outro lado, como o reconhecimento da pluralidade de aspetos a considerar quando se estuda, num ângulo semiótico, cognitivo ou cultural, um fenómeno tão complexo como a literatura.
- (ii) Qualquer que seja a perspetiva particular sobre o texto literário, uma abordagem cognitiva (independentemente do seu nome) deve partir do escrutínio cuidadoso da linguagem. A linguagem de um texto literário é o que permanece estável, o que é. Numa abordagem cognitiva, a linguagem é o outro lado da cognição (um lado sofisticado e material); o estudo da linguagem poética ou literária deve abranger também o seu enquadramento semiótico e oferecer uma resposta mais convincente à questão do que torna a linguagem literária não apenas inteligível, mas estética e humanamente significativa.

3. ESTUDOS LITERÁRIOS COGNITIVOS E OUTRAS TRADIÇÕES NO ESTUDO DA LITERATURA

O ceticismo em relação a uma abordagem cognitiva da literatura não vem apenas de fora do campo (por exemplo, Tallis, 2011), mas mais acentuadamente de outras escolas de crítica literária, e mais cautelosamente de estudiosos sensíveis a uma abordagem cognitiva, mas conscientes dos seus desafios (e das suas críticas). Talvez esta situação decorra de um mal-entendido ou de uma conceção equivocada do que esta área de estudos realmente é e pretende ser.

Já em 2002, em resposta aos 8 artigos da edição sobre “Literatura e a Revolução Cognitiva” da revista *Poetics Today* (2002), Tony Jackson faz

duas afirmações essenciais: por um lado, os estudos literários cognitivos não tinham até então – e talvez não tenham ainda hoje – oferecido uma resposta realmente inovadora a questões como o pensamento figurativo, propondo, em vez disso, “versões inteligentes de métodos antigos”⁹ (Jackson, 2002). Referindo-se à Teoria do *Blending* ou Integração Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002) como forma de melhor explicar a metáfora, Jackson (2002) afirma que é difícil reconhecer um avanço significativo na explicação deste tropo. Talvez a nova revelação seja que a metáfora é uma manifestação visível do que é uma operação cognitiva prevalente. Mas, se assim for, então voltamos ao problema apontado anteriormente: se a linguagem literária se baseia nas mesmas operações cognitivas da linguagem quotidiana, o que a torna estética, literária, e não simplesmente inteligível?

O outro problema levantado por Jackson é a situatividade da interpretação literária entre a “produção da verdade das ciências” e as “verdades subjetivas das obras de arte.”¹⁰ Essa formulação levanta o problema da relação entre uma *causa* neurobiológica (cérebro, neurónios e a sua ativação) e um *produto* cultural sofisticado (a obra literária). E aqui reside também o equívoco fundamental na base de grande parte do ceticismo em relação aos estudos literários cognitivos. Esta relação é causal (sem cérebro não há mente¹¹, ou sem neurónios não há textos), mas a causa por si só não explica o fenómeno da literatura nem a maneira como o tratamos. Da mesma forma que a experiência de saciar a sede pode ser explicada pelo reajustamento dos níveis de hidrogénio e oxigénio, não nos ocorreria explicar a satisfação de beber um copo de água nestes termos bioquímicos. Tanto a explicação científica como as formas psicológicas populares (ou experienciais subjetivas) de descrever a experiência são válidas, mas pertencem a dois níveis diferentes de explicação. Assim, quando os estudos literários cognitivos veem o funcionamento da mente no texto, ou seja, como certos processos cognitivos explicam certas leituras e efeitos suscitados pelos próprios textos, não podem (e principalmente não desejam) apresentar a explicação *final* ou absoluta dos textos literários. Demonstrar como a leitura do texto é possibilitada pela natureza e arquitetura da

⁹ “[S]mart versions of ancient methods.”

¹⁰ “[H]ard science truth production”, “subjective truths of artworks.”

¹¹ A expressão inspira-se na frase de António Damásio *No body, never mind*, que assim estabelece o paralelo entre o domínio físico e psicológico, a seu ver proposto já por Espinosa. (Damasio, 2003).

mente não explica como um determinado texto pode ser recebido em diferentes contextos de situatividade cultural.

A objeção é, naturalmente, enquadrada dentro da perspectiva do pós-estruturalismo, da sua reivindicação da “instabilidade do significado”¹² (Jackson, 2002, p. 167) e da abordagem construtivista da significação. Inevitavelmente, estas duas visões da literatura produzem resultados opostos: uma abordagem cognitiva parte do ponto de vista de que, na sua estrutura e função, a mente é estável através das culturas e, apesar da forma como a cultura “edita” as operações mentais, existe um nível fundamental e estável de fiabilidade; Já o pós-estruturalismo, por sua vez, procura contrapor o que vê como estruturas deterministas mas arbitrárias de significação e, em vez disso, reivindica a abordagem construtivista do significado, apoiando-se numa relativa liberdade do sujeito em condições culturais específicas. Isto levanta a questão de uma terceira via alternativa a esta incompatibilidade.

Vinte anos depois, ecoando a visão de Jackson de que uma abordagem cognitiva dos textos literários “tem vindo muitas vezes a produzir interpretações que são embaraçosamente óbvias” (Jackson, 2005, p. 528), Marie-Laure Ryan afirma que “a crítica literária e a narratologia clássica consideram [as operações mentais que os leitores realizam inconscientemente ao ler um texto] demasiado banais, demasiado automáticas para serem dignas de atenção”¹³ (Ryan, M.-L., 2010, p. 478). Centrando-se em particular sobre a narrativa, Ryan faz uma distinção (conceptual, ontológica e especialmente metodológica) entre o que ela chama de “disciplinas experimentais” e “disciplinas especulativas”, as primeiras incluindo a neurociência e a psicologia cognitiva, as últimas abrangendo a narratologia e a filosofia.

O que Ryan aborda é o problema mente-corpo, a que se aludiu anteriormente: a lacuna explicativa entre o nível dos neurónios e o nível dos símbolos – do pensamento e do significado –, realidades muito etéreas em comparação com os dados biológicos concretos

¹² No artigo “Narrative and Cognitive Science: A problematic relation”, Marie Laure Ryan descreve ainda a conceção de texto e de crítica textual numa perspectiva pós-estruturalista: “In the postmodern age, the purpose of literary criticism is not to produce objective knowledge about texts, but rather to play with them in a creative way.” [“Na era pós-moderna, a finalidade da crítica literária não é produzir conhecimento objetivo sobre os textos, mas sim interagir com eles de forma criativa.”] (Ryan, 2010, p. 476).

¹³ “Both literary criticism and classical narratology consider [mental operations that readers perform unconsciously while reading a text] too banal, too automatic to be worthy of attention.”

e objetivos. Ryan afirma que as metodologias neurocientíficas ainda estão num estágio muito inicial para conseguirem produzir explicações convincentes para estas realidades nucleares da consciência.

No entanto, mesmo nas ciências duras podemos encontrar a hesitação de investigadores que estão bem cientes quer das limitações de técnicas de observação sofisticadas, quer da inevitável subjetividade da pessoa que observa e descreve. Assim, a distinção entre experimentação e especulação, que muitas vezes resulta em desvantagem para as chamadas disciplinas especulativas, pode ser talvez alternativamente compreendida em termos de formas de saber “experimentais” e “experienciais”, respetivamente. Neste sentido, a literatura pode ser a forma existencialmente mais pertinente de revelar a experiência.

A crítica literária não é especulativa se a interpretação do texto partir de uma cuidadosa consideração da linguagem ao nível da análise do texto. Naturalmente, uma obra literária pode envolver muitas camadas de significado, dependendo, por exemplo, se o texto é considerado, por si só, situado num contexto cultural específico, ou comparado com textos com os quais pode estar relacionado. Mas o seu significado mais essencial, central, depende da linguagem que o compõe. Portanto, e de acordo com Brandt, L. e Brandt, P. Aa., é aconselhável distinguir três dimensões da análise de texto: “leitura, interpretação e avaliação estética.” (Brandt, P., & Brandt, L. Aa., 2005, p. 124). Na sua origem, a linguagem é essencialmente cooperativa (Tomasello, 2010) pelo que deve haver um nível de compreensão que é essencial e não dependente de leituras associativas individuais ou de idiosincrasias, e que antes garante a inteligibilidade.¹⁴

A análise literária tem sempre um forte interesse pela linguagem, que no caso da literatura tem um duplo significado: as palavras como sinais, como em qualquer outra ocorrência de comunicação, e as palavras como resultado de uma *intenção*, ou seja, o facto de o texto estar escrito tal como está e não de outra forma. Ao ler um texto literário, consciente deste estrato de intencionalidade, o leitor está mais sintonizado e consciente ao processar a linguagem: não espera extrair (apenas) conhecimento semântico, mas está consciente do nível de

¹⁴ Esta perspetiva está subjacente aos estudos de pragmática de Paul Grice, nomeadamente no que ele designa por Princípio da Cooperação na comunicação (in: “Logic and Conversation”, *Studies in the ways of words*, 1989).

intencionalidade do texto propriamente dito.

Neste ponto, poderia ser feita uma observação importante, ainda seguindo Brandt, L., e Brandt, P. Aa.: a *leitura* deve preceder a *interpretação*. A mediação entre o nível genérico da cognição (provavelmente universal e atemporal porque deriva diretamente do modo como a nossa mente é estruturalmente constituída) e a especificidade com que a cognição humana se manifesta (por exemplo, na França do século XIX, como em *Madame Bovary*, de Flaubert, ou na Alemanha do futuro próximo, como nos romances *Corpus Delicti* ou *Leere Herzen*, de Juli Zeh) poderia ser articulada ao nível da personagem e das suas circunstâncias. Este entendimento do texto, da cognição e da personagem confere estabilidade ao significado do texto: não é qualquer interpretação que é válida, mas aquela que parte de uma consideração atenta da linguagem; e as personagens não são determinadas pelas regras neurais dos seus cérebros, mas são antes um produto sofisticado da sua organização mental, que é editada pelas circunstâncias do seu espaço e do seu tempo, e intencionalmente tornado acessível por uma agencialidade mediadora (o autor ou o narrador).

Se a interpretação segue a leitura e a cognição segue a cognição da personagem, então a interpretação literária já não é especulativa, mas intersubjetivamente objetiva.

Um outro argumento para questionar a designação “especulativo” é a natureza do conhecimento que é obtido a partir das disciplinas que este rótulo nomeia, como a crítica literária. Ao contrário das ciências naturais, em que as teorias são válidas apenas enquanto não forem refutadas por novas teorias testadas e verificadas experimentalmente, nos estudos literários, uma interpretação não torna outra inválida, mas ambas podem coexistir, mesmo que nem sempre sejam compatíveis, porque, neste caso, é a *situatividade* e o *contexto* de uma interpretação (a escola particular ou teoria literária, da qual a interpretação emerge) que a autorizam. Uma outra escola pode discordar daquela interpretação e propor uma alternativa, mas isso não torna a primeira falsa, como no caso de uma teoria científica (por exemplo, heliocentrismo vs. geocentrismo). É esta distinção essencial que confirma as ciências e as artes como duas formas distintas de produzir conhecimento.

Em síntese: porque nos preocuparíamos menos com uma abordagem cognitiva do que com uma abordagem radicalmente construtivista? E

porque não nos deveríamos interessar pela questão de como fazemos sentido na linguagem literária (e não apenas na linguagem) e deixar esse problema apenas para os psicólogos cognitivos, que estão, em última instância e legitimamente, mais interessados nos leitores do que nos textos?

4. LIMITES E OPORTUNIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE

Uma última questão, que é frequentemente levantada nas críticas às abordagens cognitivas no estudo da literatura, é a preocupação com a interdisciplinaridade. Esta questão pode ser entendida de duas formas: por um lado, tem a ver com o modo como os conceitos que emergem numa disciplina (normalmente, nas ciências cognitivas) são usados, por vezes apropriados, por outra (normalmente, os estudos literários) sem uma consideração adequada dos constrangimentos disciplinares na sua origem (geralmente combinados com uma certa liberdade metodológica).

A preocupação com a interdisciplinaridade opta, por outro lado, por uma via diferente, nomeadamente a ideia de que as obras literárias podem ser utilizadas pelas ciências cognitivas como ilustração de processos cognitivos ou como estudos de caso para testar determinadas teorias, reduzindo, assim, a importância da literatura a um efeito secundário, em que a cognição se confirma à custa de ignorar o significado da literatura enquanto prática cultural partilhada, expressão de uma situação contextual e relevância cultural.

A primeira preocupação surge da ideia de que os conceitos estão associados a metodologias específicas no contexto de teorias, que, por sua vez, são enquadradas em disciplinas. No entanto, é questionável se esta propriedade disciplinar pode ser reivindicada. Como sugerem Nora Berning, Ansgar Nünning e Christine Schwanecke na introdução ao volume *Reframing Concepts in Literary and Cultural Studies* (2014), “os conceitos não são de modo algum entidades estáveis. Eles são mais bem entendidos como construções cognitivas e modelos de pensamento que viajam entre culturas (académicas), comunidades e disciplinas.”¹⁵ Esta visão segue de perto a proposta de Mieke Bal (2002) de “conceitos em viagem”, que a autora define como “ferramentas de intersubjetividade”

¹⁵ “[C]oncepts are by no means stable entities. They are best understood as cognitive constructs and models for thought that travel between (academic) cultures, communities and disciplines.”

que “oferecem teorias em miniatura e, nesse aspecto, ajudam na análise de objetos, situações, estados e outras teorias.”¹⁶ (Bal, 2002). A viagem ocorre entre conceitos e palavras, entre sentidos comuns e significados teóricos, entre disciplinas, indivíduos e geografias.

Se a linguagem é inovadora ou inventiva, é também verdade que pode ser conservadora, ou mesmo frugal, nos seus processos. Muitas vezes recorre à metáfora, à metonímia, a outras figuras de pensamento e a empréstimos para gerar um novo significado. No entanto, quando falamos de conceitos em viagem, estamos acima do nível da linguagem. Os conceitos viajam, mas não viajam leves. Eles carregam bagagem que, num novo ambiente, no ponto de chegada, ainda faz com que o conceito seja reconhecível como tendo viajado a partir uma determinada região. Mas, na viagem, a bagagem assim transportada é reenquadrada e adaptada ao novo ambiente. Ela encontra outros usos e é muitas vezes expandida por novas descobertas que o conceito faz ao longo do percurso.

Isto é o que Berning, Nünning e Schwanecke têm em mente quando expandem a visão de Bal para o que eles veem como um processo de “reformulação de conceitos”: “teorizar e analisar as transferências conceptuais são questões cruciais para a compreensão do ‘reenquadramento’ – ou seja, dos processos implícitos subjacentes à prática humana essencial de criar ‘significados’ e ‘mundos’”.¹⁷ (Berning, *et al.*, 2014).

Bal (2002) vê a viagem dos conceitos “no contexto das tentativas de tornar as humanidades menos filológicas e críticas e mais científicas” e considera que a interdisciplinaridade nas humanidades “deve procurar a sua base heurística e metodológica em *conceitos* e não em *métodos*”¹⁸.

A segunda questão apontada anteriormente é a de que nesta empresa interdisciplinar a literatura poderia ser reduzida a um estudo de caso, em que os processos cognitivos são identificados e considerados como apenas mais uma manifestação dos processos cognitivos *lato*

¹⁶ “[T]ravelling concepts [...] “tools of intersubjectivity [that] offer miniature theories, and in that guise, help in the analysis of objects, situations, states, and other theories.”

¹⁷ “[T]heorizing and analyzing conceptual transfers are crucial issues for understanding ‘reframing’ – that is the implicit processes underneath the essential human practice of making ‘meaning’ and ‘worlds’”.

¹⁸ “[I]n the context of the attempts to make the humanities less philological and critical and more scientific.” [...] [Interdisciplinarity in the humanities] must seek its heuristic and methodological basis in *concepts* rather than *methods*.”

sensu. O perigo é real, mas a preocupação talvez seja excessiva. Como se disse anteriormente, ver nos textos literários apenas os processos regulares da mente deixa de parte o valor estético destas obras. Os estudos orientados nesta perspectiva preocupam-se com uma questão muito clara – como se desenvolve a leitura de um texto e como é que este processo pode ser correlacionado com o que sabemos sobre a mente e a leitura?

O perigo de uma compreensão reducionista da literatura como uma forma simplesmente mais articulada de expressão humana, baseada nos mesmos mecanismos de processamento mental e linguístico, é muitas vezes contrariado por uma visão oposta, expressa em artigos como o famoso estudo de Kidd & Castano, de 2013, em que os autores defendem que a literatura melhora a cognição. Por outras palavras, ler ficção muda as mentes, recordando o título do extenso levantamento de Vera Nünning, de 2014, sobre o estudo da literatura informado pelas ciências cognitivas. Além da questionabilidade de uma afirmação como “ler ficção muda as mentes”, muitas vezes baseada em estudos experimentais muito controlados e em que os textos muitas vezes não são literários, mas artificiais, criados sob controlo para testar determinadas hipóteses, também se questiona até que ponto estes pressupostos comportam o risco de evoluir para a questão de quais narrativas são mais propensas a mudar as mentes... para melhor. Deste ponto de vista, passar de uma afirmação como “a literatura muda o pensamento” para uma abordagem avaliativa, seletiva, da literatura, que a rotula como boa ou má, é apenas um curto e perigoso passo.

5. CONCLUSÃO: O ESTUDO DA LITERATURA JÁ É CIENTÍFICO? TEM DE O SER?

Uma empresa interdisciplinar, como a que se pretende com os estudos literários cognitivos, traz a promessa de novos entendimentos que vêm do novo enquadramento de antigas questões sobre a estrutura do texto, de como ele se relaciona com o processo da leitura e com os efeitos nele criados. Porém, traz também a ameaça de dispersão e imprecisão, argumentos recorrentes entre os críticos a este campo de estudos. Uma abordagem interdisciplinar pressupõe um claro ponto de partida disciplinar. Os estudos literários têm necessariamente um interesse e uma aproximação aos textos diferentes dos da psicologia cognitiva. Esta última está interessada na mente. Para os primeiros, é o

texto que interessa. Mas os textos, por sua vez, são estímulos de sentido, que só podem emergir na interpretação, um processo semiótico de troca envolvendo mentes intencionais e, obrigatoriamente, situadas num contexto.

Vistas sob esta luz, as questões da leitura e do processamento, ou seja, as questões da mente, interessam inevitavelmente a quem se dedica ao estudo da literatura da mesma forma como intrigam os psicólogos cognitivos. Talvez a diferença seja que, enquanto os cientistas cognitivos procuram encontrar o que é comum a outros contextos de processamento, revelando, assim, a mente, os estudiosos da literatura relacionam esses efeitos de significado que emergem na leitura com estruturas e géneros textuais.

Na mesma linha, o interesse em como a mente humana se tornou capaz de produzir tais produtos estéticos elaborados, ou seja, como a mente humana evoluiu para produzir literatura, não precisa ser descartado como uma questão que põe em perigo a verdadeira natureza dos textos literários (Tallis, 2011). É um assunto intrigante que interessa legitimamente os estudiosos da literatura, assim como quem se dedica à psicologia cognitiva evolutiva. No seu livro *Animal Poeta* (2004), o professor de literatura Karl Eibl assume esse desafio e propõe um relato convincente de uma teoria biológica da cultura e da literatura. O seu objetivo não é (não pode ser) revelar mais uma interpretação para um texto literário singular nem procurar essa interpretação na magnitude da escala evolutiva, mas, sim, descrever as condições que fizeram da arte e da literatura o resultado inevitável de uma linguagem que permite a objetivação ("*Vergegenständlichung*") e, em última instância, de uma condição humana que é necessariamente cultural por natureza.

Uma direção futura para os estudos literários cognitivos é a de ajustar o enquadramento de forma a considerar a literatura no âmbito mais amplo da cultura, e a de tornar os conceitos cognitivos relevantes para a análise cultural (Hartner, 2017; Hanenberg, 2018). Este objetivo assenta na exploração dos textos, das suas estruturas e efeitos e das leituras tendo em conta o que revelam sobre as condições cognitivas da cultura humana e a forma como esta se manifesta nas versões plurais das culturas. Por outras palavras, os estudos literários cognitivos estudam a literatura como uma prática cultural partilhada que, por um lado, tem por base, e, por outro lado, amplia as capacidades cognitivas humanas.

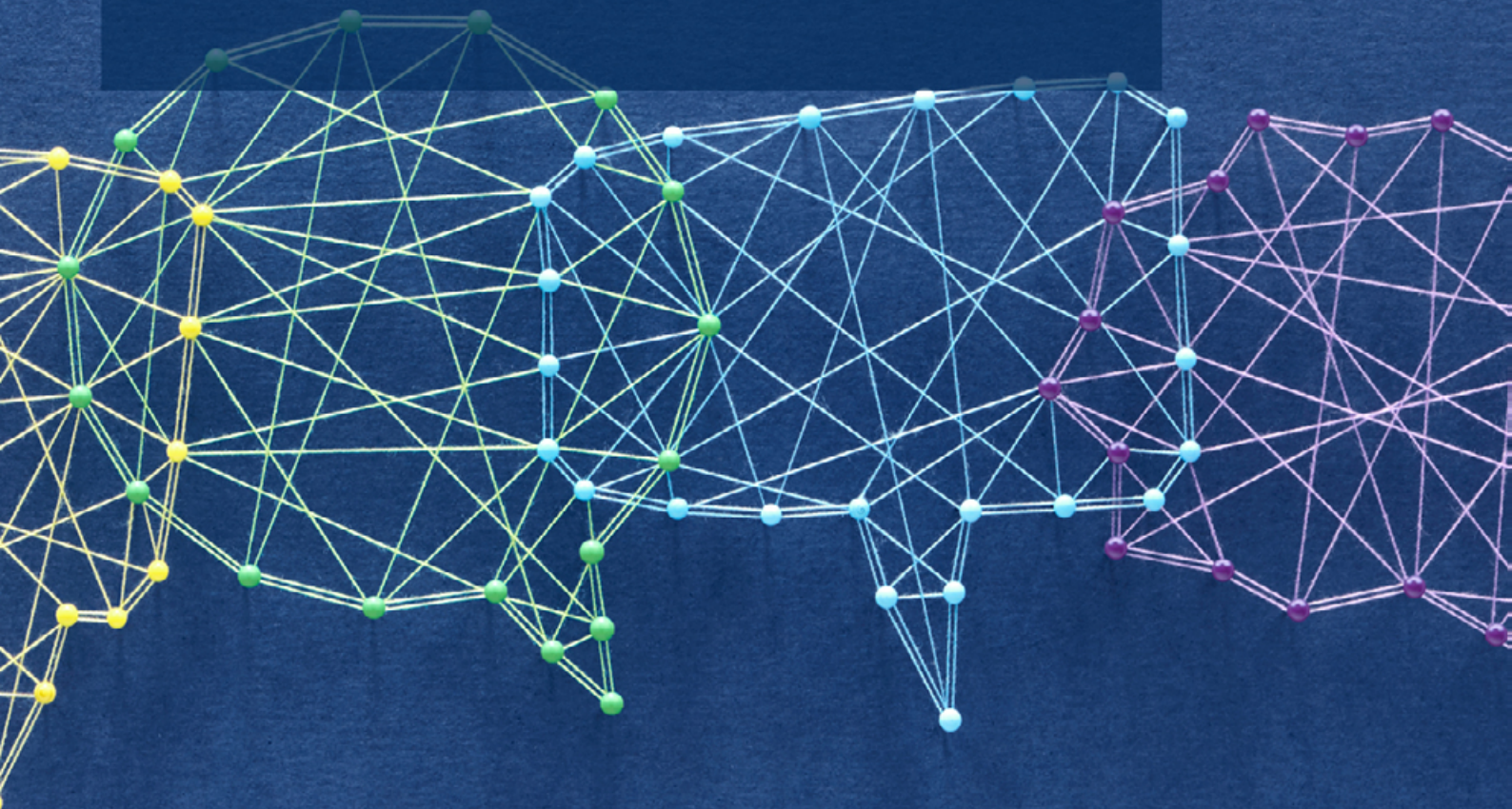
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bal, M.** (2012). *Travelling concepts in the humanities: A rough guide*. Univ. of Toronto Press.
- Baumbach, S., Haekel, R. & Sprang, F., (Eds).** (2017). Special Issue: Cognitive Literary Studies. *Journal of Literary Theory*, 11(2).
- Berning, N., Nünning, A., & Schwanecke, Ch.** (2014). *Reframing concepts in literary and cultural studies: Theorizing and analyzing conceptual transfers*. WVT, Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- Brandt, L.** (2013). *The Communicative Mind. A Linguistic Exploration of Conceptual Integration and Meaning Construction*. Cambridge Scholars.
- Brandt, L & Brandt, P.** (2005). Cognitive Poetics and Imagery. *European Journal of English Studies*, 9(2), 117-130.
- Brandt, L, Brandt, P., & Kjørup, F. (Eds.)**. (2008). *Cognitive Semiotics*, (2). Spring 2008 – “Cognitive Poetics.”
- Brandt, L., & Kjørup, F.** (2009). *Kognitiv Poetik*. Aarhus Universitetsforlag.
- Brône, G., & Vandaele, J.** (2009). *Cognitive Poetics: Goals, Gains and Gaps*. Mouton de Gruyter.
- Burke, M. & Troscianko, E.** (2017). *Cognitive Literary Science. Dialogues Between Literature and Cognition*. Oxford University Press.
- Cave, T.** (2016). *Thinking with Literature. Towards a Cognitive Criticism*. Oxford University Press.
- Damasio, A.** (2003). *Looking for Spinoza: Joy, Sorrow and the Feeling Brain*. William Heinemann.
- Eibl, K.** (2004). *Animal Poeta: Bausteine der biologischen Kultur- und Literaturtheorie*. Mentis.
- Fauconnier, G. & Turner, M.** (2002). *The Way We Think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Basic Books.
- Gavins, J. & Steen, G.** (2003). *Cognitive Poetics in Practice*. Routledge.
- Goldberg, A.** (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press.
- Grice, P.** (1979). *Logic and Conversation*. Harvard University Press.

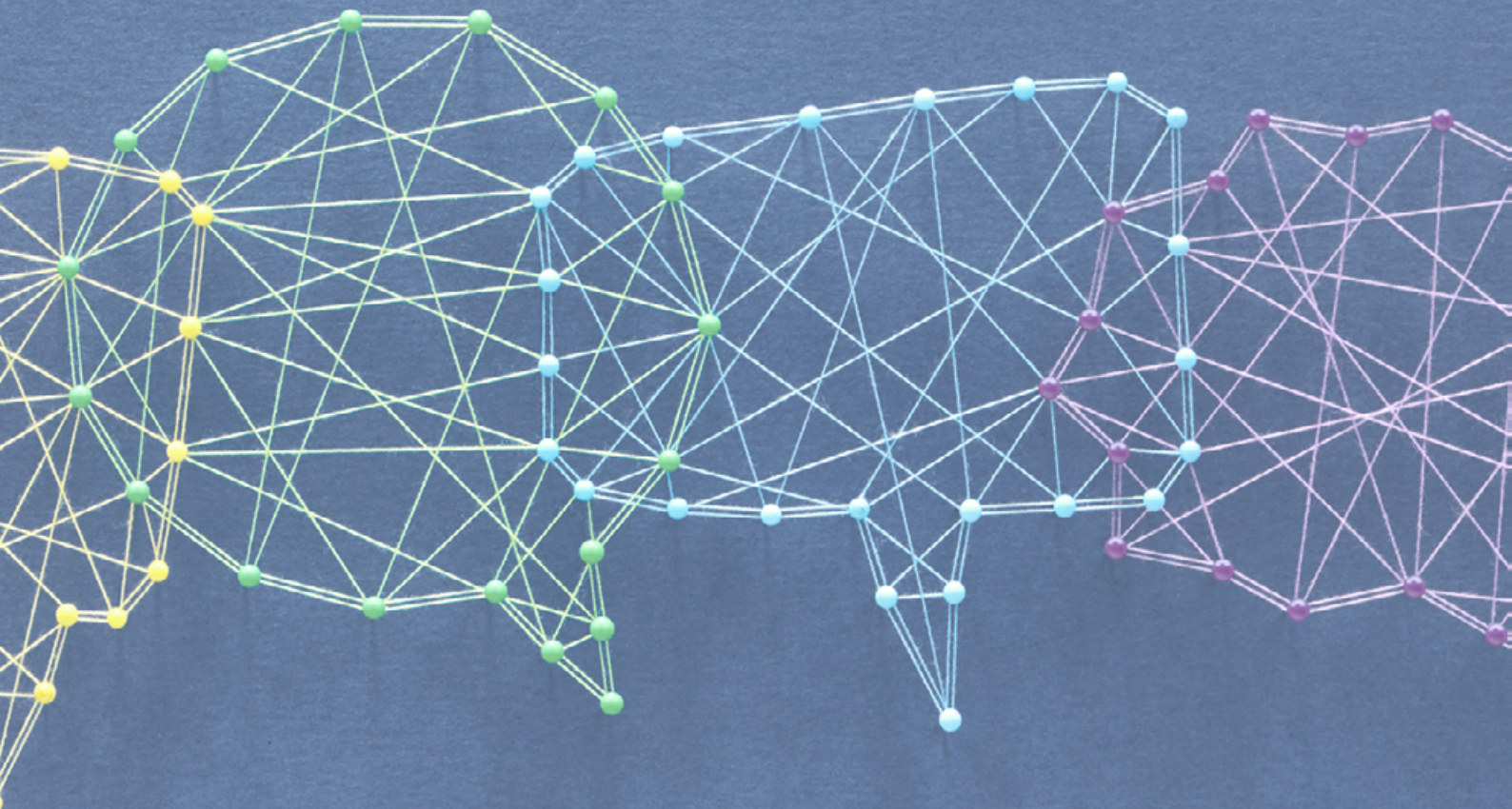
- Hanenberg, P.** (2018). *Cognitive Culture Studies*. Universidade Católica Editora.
- Hartner, M.** (2017). Bodies, Spaces, and Cultural Models: On Bridging the Gap between Culture and Cognition. Baumbach, S.; Haekel, R., & and Sprang, F. (Eds). (2017). Special Issue: Cognitive Literary Studies. *Journal of Literary Theory*, 11(2), 204-222.
- Jackson, T.** (2002). Issues and Problems in the Blending of Cognitive Science, Evolutionary Psychology, and Literary Study. *Poetics Today*, 23(1), 161-179.
- Jackson, T.** (2005). Explanation, Interpretation, and Close Reading: The Progress of Cognitive Poetics. Cognitive Poetics in Practice. *Poetics Today*, 26(3), 519-533. <https://doi.org/10.1215/03335372-26-3-519>
- Jakobson, R.** (1987). *Language in Literature*. Pomorska, K., & Rudy, St. (Eds). *Linguistics and Poetics*, (7). Belknap Press, Harvard University Press.
- Kidd, D., & and Castano, E.** (2013). Reading literary fiction improves theory of mind. *Science*, 342, 377–380.
- Langacker, R.** (1987). *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. (Vol. I). Stanford University Press.
- Langacker, R.** (1991). *Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Application* (Vol. II). Stanford University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors We Live By*. University of Chicago Press.
- Lakoff, G., & and Turner, M.** (1989). *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. University of Chicago Press.
- Müller-Wood, A.** (2017). Cognitive Literary Studies: On Persistent Problems and Plausible Solutions. Baumbach, S.; Haekel, R., & and Sprang, F. (Eds). (2017). Special Issue: Cognitive Literary Studies. *Journal of Literary Theory*, 11(2), 223-239.
- Nünning, V.** (2014). *Reading fictions, changing minds: The cognitive value of fiction*. Universitätsverlag Winter.
- Richardson, A.** (2004). *Studies in Literature and Cognition: A Field Map*. Richardson, A. & Spolsky, E. (Eds.). *The Work of Fiction: Cognition, Culture, and Complexity*. Ashgate.

- Ryan, M.-L.** (2010). Narratology and Cognitive Science: A Problematic Relation. *Style*, 44 (4), 469-95.
- Semino, E. & Culpeper, J.** (2002). *Cognitive Stylistics: Language and Cognition in Text Analysis*. Benjamins.
- Snow, Ch.** (1959). *The Two Cultures and the Scientific Revolution*. Cambridge University Press.
- Stockwell, P.** (2002). *Cognitive Poetics: An Introduction*. Routledge.
- Tallis, R.** (2011). *Aping Mankind: Neuromania, Darwinitis and the Misrepresentation of Humanity*. Acumen.
- Talmy, L.** (2003). *Toward a Cognitive Semantics*. MIT – Massachusetts Institute of Technology Press.
- Tomasello, M.** (2010). *Origins of human communication*. MIT–Massachusetts Institute of Technology Press.
- Tsur, R.* (1983). *What is cognitive poetics?* Tel Aviv University, The Katz Research Institute for Hebrew Literature.
- Tsur, R.** (1992). *Toward a Theory of Cognitive Poetics*. Elsevier.
- Turner, M.** (1991). *Reading Minds: The Study of English in the Age of Cognitive Science*. Princeton Univ. Press.
- Turner, M.** (1996). *The Literary Mind*. Oxford University Press.
- Van Peer, W., Hakemulder, J., & Zyngier, S.** (2012). *Scientific methods for the humanities*. Benjamins.
- Zunshine, L.** (2015). *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*. Oxford University Press.

2. LINGUÍSTICA COGNITIVA: INTERDISCIPLINARIDADE, APLICAÇÕES, PONTES E DIÁLOGOS



2.1. APLICAÇÕES E DIÁLOGOS LINGUÍSTICOS



ENTRE ALINHAVOS E ALFINETES: A METÁFORA DE CORTE-E-COSTURA NA COMUNICAÇÃO VERBAL

Lilian Ferrari

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

lilianferrari@uol.com.br

RESUMO

Este artigo enfoca o papel da metáfora na cognição e na linguagem, demonstrando que a Metáfora do Conduto (Reddy, 1979), embora recorrente em inglês e outras línguas, não é o único mapeamento metafórico para a comunicação verbal. A partir de exemplos reais de uso linguístico, argumenta-se que a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE DE CORTE-E-COSTURA reflete outro mapeamento possível, que se acha bem-estabelecido no português brasileiro. Além disso, a análise indica que a metáfora de corte-e-costura está relacionada a duas extensões metafóricas da construção transitiva: a extensão transitiva prototípica, que pode ser instanciada por verbos tais como *alfinetar* e *tesourar*, e a extensão transitiva resultativa, que pode ser instanciada por verbos como *alinhar*, *costurar*, *tecer* e *tricotar*.

PALAVRAS-CHAVES: comunicação verbal; metáfora do conduto; metáfora de corte-e-costura; construção transitiva; extensão metafórica

ABSTRACT

This paper focuses on the role of the metaphor in cognition and language, and shows that the Conduit Metaphor (Reddy, 1979), although pervasive in English and other languages, is not the only metaphorical mapping for verbal communication. Drawing on examples of naturally occurring data, it shows that the metaphor VERBAL COMMUNICATION IS NEEDLEWORK ACTIVITY is well-established in Brazilian Portuguese. Moreover, the analysis shows that this metaphorical mapping explains two metaphorical extensions of the transitive construction: the prototypical transitive extension, which can be instantiated by verbs such as *alfinetar* (to pin) and *tesourar* (to snip), and the resultative transitive extension, which can be instantiated by verbs such as *alinhar* (to baste), *costurar* (to sew), *tecer* (to weave) e *tricotar* (to knit).

KEYWORDS: verbal communication; conduit metaphor; needlework metaphor; transitive construction; metaphoric extension

1. INTRODUÇÃO

Uma das metáforas clássicas na literatura cognitivista é a chamada *Metáfora do Conduto*, identificada por Reddy (1979) e retomada por Lakoff e Johnson (1980). Essa metáfora reflete um processo cognitivo em que se verifica a conceptualização do domínio da comunicação verbal em termos de transferência física de um objeto de um doador para um receptor, tal como ilustram as sentenças “Ela deu uma ideia ao amigo” ou “Ele me passou uma informação”.

A despeito de seu papel central na conceptualização da comunicação verbal e do reconhecimento de sua produtividade em inglês e várias outras línguas, a *Metáfora do Conduto* não é a única possibilidade de conceptualização metafórica da comunicação verbal. Sendo assim, este trabalho enfoca uma outra possibilidade de conceptualização que se mostra produtiva em português, em que a comunicação verbal é concebida como atividade de corte-e-costura. O objetivo do trabalho é analisar usos metafóricos associados à comunicação verbal no português brasileiro, tais como “alinhar uma proposta” ou “alfinetar alguém”. Nesses casos, verbos associados ao domínio de “corte-e-costura” são instanciados em extensões metafóricas de comunicação verbal, projetadas a partir da construção transitiva literal (ex. As costureiras alinhavaram/alfinetaram o vestido).

Com base em exemplos atestados no uso, a análise busca destacar o papel da metáfora de corte-e-costura no estabelecimento das extensões metafóricas identificadas, bem como descrever a construção cognitiva do significado em termos dos processos de mesclagem conceptual.

O trabalho está organizado em três seções principais. Na seção 2, os pressupostos teóricos da pesquisa são apresentados. A seção 3 apresenta a metodologia, especificando a origem dos dados, objetivos e hipóteses da pesquisa. Por fim, a seção 4 apresenta a análise propriamente dita, em que são descritos dois tipos de extensões metafóricas, que tomam como ponto de partida a construção transitiva prototípica e a construção transitiva resultativa.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O livro *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980) representa uma ruptura em relação à concepção tradicional de metáfora como

'figura de linguagem'. Na verdade, ao utilizar a expressão "metáfora conceptual", Lakoff e Johnson (1980) adotam a perspectiva de que as metáforas são formas de pensar, e não apenas expressões linguísticas. Em linhas gerais, o processo cognitivo metafórico é descrito como o mapeamento de um domínio-fonte (concreto) e de um domínio-alvo (abstrato), de modo que as expressões metafóricas são descritas como reflexos linguísticos desses mapeamentos.

Um importante marco inicial no tratamento da metáfora como processo cognitivo foi a caracterização da *Metáfora do Conduto* (Reddy, 1979), descrita um ano antes da publicação de *Metaphors We Live By*. Segundo Reddy (1979), várias expressões e sentenças do inglês indicam que a comunicação verbal é concebida metaforicamente como transferência de objeto de um doador para um receptor. Por exemplo, uma sentença como *He gave an idea to his friend* ("Ele deu uma ideia a seu amigo") retrata a comunicação como uma ação realizada por um doador ("he/ele"), que transfere um objeto ("idea/ideia") para um receptor ("his friend/seu amigo"). Como, na realidade, ideias não são objetos, e não há garantia de que a ideia na mente do falante seja integralmente reproduzida na mente do ouvinte, fica evidente que se trata de uma conceptualização metafórica.

Nos termos de Lakoff e Johnson (1980), a *Metáfora do Conduto* envolve o seguinte o mapeamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo:

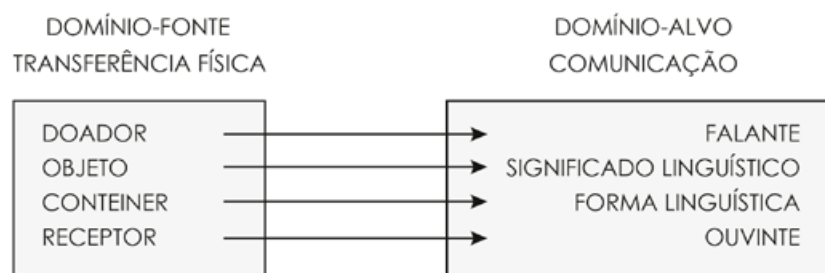


Figura 1. Projeção entre domínios na Metáfora do Conduto

O mapeamento representado na Figura 1 permite a conceptualização do domínio-alvo de "Comunicação Verbal" a partir do domínio-fonte de "Transferência Física". Esse mapeamento é produtivo não apenas em inglês, mas em várias outras línguas. No caso do Português, podemos elencar os seguintes exemplos:

- (1) Você pegou o que eu disse?

- (2) Ela colocou as suas principais ideias no texto.
- (3) Ele pronunciava palavras ocas.

O exemplo (1) retrata o significado linguístico como um objeto que o ouvinte poderia pegar, de modo que o falante é concebido como aquele que transfere o objeto (doador) e o ouvinte como aquele que o recebe (receptor). No exemplo (2), as ideias também são tratadas como objeto que pode ser colocado em uma base concreta (no caso, o texto). Em (3), as palavras são concebidas como contêineres, que podem estar “vazios” e não conter nenhum objeto (significado). Nos termos de Dancygier e Sweetser (2014), pode-se considerar que cada um dos exemplos acima coloca em proeminência aspectos distintos do domínio-fonte de “Transferência Física”. O que se verifica é que os exemplos caracterizam diferentes *construals* do domínio-fonte, que representam formas alternativas de acesso a esse domínio.

Com o desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), que deu origem à Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 1998, 2000, 2002; Turner, 2014), a Metáfora do Conduto, de forma análoga a outros mapeamentos metafóricos, foi caracterizada como um processo de mesclagem conceptual envolvendo quatro espaços mentais. Além dos dois espaços iniciais, o processo envolve um espaço genérico, em que são representados os elementos compartilhados entre esses espaços e, em especial, um espaço-mescla, onde é representado o significado novo que emerge da metáfora. A representação resultante é a seguinte:

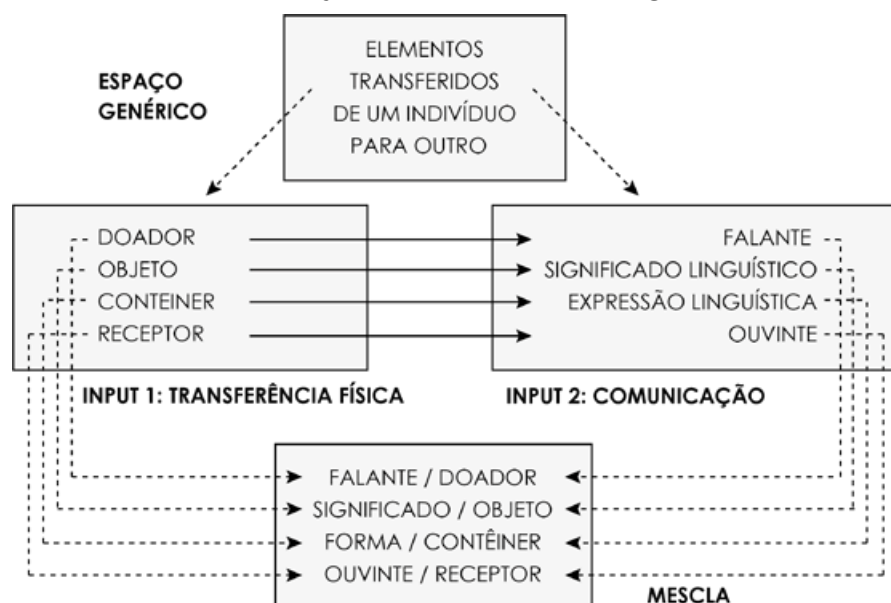


Figura 2. Mesclagem Conceptual na Metáfora do Conduto

O processo de mesclagem representado na Figura 2 inclui os domínios fonte e alvo, agora renomeados como *Input 1* e *Input 2*, acrescentando o Espaço Genérico, que destaca a estrutura compartilhada que garante a projeção entre os domínios iniciais e o espaço-mescla, em que há a fusão dos papéis de falante e doador, ouvinte e receptor, significado e objeto e, ainda, forma linguística e contêiner. Na mescla, a comunicação é transferência de objeto de um indivíduo (falante/doador) para outro (ouvinte/receptor).

Embora a Metáfora do Conduto seja bastante produtiva em Português, a língua disponibiliza uma outra metáfora para a comunicação verbal. Nesse caso, o domínio-fonte deixa de ser a transferência física, e passa a envolver atividades de corte-e-costura, envolvendo linhas, tecidos, agulhas, alfinetes, entre outros. Trata-se do processo que será tratado como “Metáfora de Corte-e-Costura”, foco de análise do presente artigo.

3. METODOLOGIA

A análise baseou-se em dados obtidos através da ferramenta de busca Google (<http://www.google.com.br>). Para realização da pesquisa, enfocaram-se os seguintes verbos de corte-e-costura:

Tabela 1: Verbos de corte-e-costura

VERBOS	SIGNIFICADO ESQUEMÁTICO
ALINHAVAR	Marcar um tecido com pontos rápidos e provisórios, com intenção de removê-los.
COSTURAR	Unir ou reunir duas partes de um tecido, dando pontos.
TRICOTAR	Fazer uma roupa ou colcha, inter cruzando fios de lã (ou outro tipo de fio), com agulhas de tricô.
TECER	Fazer tecido, trançando fios por cima e por baixo uns dos outros com as mãos.
ALFINETAR	Fazer pequenos furos (em algo), com a ponta aguda de um alfinete; furar levemente.
TESOURAR	Cortar ou separar (algo) com cortes curtos e rápidos.

Com relação à estrutura sintática, os verbos listados são instanciados em dois subtipos de construções transitivas, como será descrito na análise.

As hipóteses estabelecidas para a pesquisa foram as seguintes:

- (i) A Metáfora de Corte-e-Costura licencia extensões metafóricas da construção transitiva.
- (ii) As extensões metafóricas de corte-e-costura ativam redes de mesclagem conceptual.

As hipóteses (i) e (ii) enfocam, respectivamente, aspectos sintáticos e processos semântico-pragmáticos ativados pela extensão transitiva metafórica.

4. ANÁLISE

A análise será desenvolvida a partir de dois eixos: inicialmente, enfoca-se a rede construcional associada às construções transitivas (Ibbotson *et al.*, 2012; Diessel, 2015), que servem de base para extensões metafóricas de significado. Em seguida, detalha-se a construção cognitiva do significado nas extensões metafóricas observadas, com base nos processos de mesclagem conceptual.

4.1. REDE CONSTRUCIONAL

A análise evidenciou que as extensões metafóricas de corte-e-costura podem partir de dois tipos de construções transitivas [SN1 V SN2]: a Construção Transitiva Prototípica, em que SN2 é o objeto afetado pela ação verbal (ex. O menino quebrou a janela) e a Construção Transitiva Resultativa, em que SN2 é o objeto criado pela ação verbal (ex. O homem construiu a casa).

Assim, os verbos de corte-e-costura selecionados para a análise dividem-se em dois grupos: um grupo que instancia a Construção Transitiva Prototípica, e outro grupo que instancia a Construção Transitiva Resultativa, conforme representado na seguinte rede construcional:

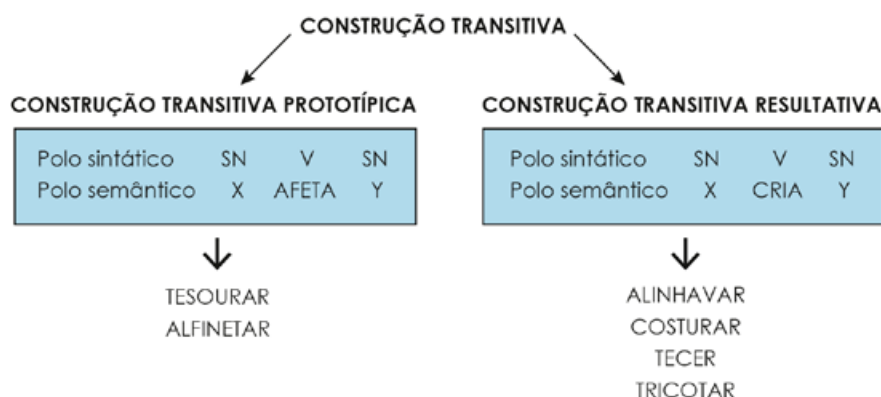


Figura 3. Construções transitivas e verbos de corte-e-costura

Como apresentado na Figura 3, a Construção Transitiva Prototípica pode ser instanciada pelos verbos *tesourar* e *alfinetar*, como ilustram os exemplos a seguir:

- (4) Ao desistir do casamento, a noiva tesourou todo o vestido.
- (5) A costureira alfinetou toda a bainha da saia.

Em ambos os exemplos, o objeto direto é afetado pela ação realizada. Em (4), a semântica do verbo *tesourar* sugere que o “vestido” perde sua estrutura original de forma irreversível. Já o uso do verbo *alfinetar*, em (5), indica que a saia é afetada de modo superficial e reversível.

A Construção Transitiva Resultativa, por sua vez, pode ser instanciada pelos verbos *alinhar*, *costurar*, *tecer* e *tricotar*:

- (6) O alfaiate alinhou a calça.
- (7) A estilista costurou o vestido.
- (8) Eles teceram várias toalhas.
- (9) Maria tricou um cachecol colorido.

Nos exemplos (6) a (9), o objeto direto resulta da ação. A semântica dos verbos, em cada caso, acrescenta inferências específicas à atividade realizada: enquanto o verbo *alinhar* enquadra o resultado como provisório, o verbo *costurar* já se refere a um resultado definitivo; com *tecer*, as inferências são resultantes de uma ação mais detalhada, que se estende no tempo, enquanto *tricotar* também remete a uma ação prolongada, em que há movimento alternado de agulhas.

Além dos sentidos literais apresentados nos exemplos (6) a (9), as construções transitivas resultativas, bem como as construções transitivas prototípicas, podem apresentar extensões metafóricas de corte-e-costura. Como será descrito na seção a seguir, essas extensões ativam dois tipos específicos de mesclagem conceptual.

4.2. EXTENSÕES METAFÓRICAS E MESCLAGEM CONCEPTUAL

Nesta seção, descrevem-se dois tipos de mesclagem conceptual associados às extensões metafóricas da Construção Transitiva Prototípica e da Construção Transitiva Resultativa.

A Construção Transitiva Prototípica pode ser ilustrada pelas seguintes extensões metafóricas, instanciadas pelos verbos *alfinetar* e *tesourar*, respectivamente:

- (10) Em 2016, Cris Dias participava do Jornal da Globo, então

comandado por Waack, quando **alfinetou** o colega ao vivo, já que ele não havia a cumprimentado.

<https://veja.abril.com.br/cultura/reconciliacao-william-waack-e-cris-dias-se-reencontram-na-cnn-brasil/>

(11) “Tem gente que passa o ano todo em pé de guerra, **tesourando** a vida do outro (...)”

<https://claudioandreopoeta.blogspot.com/2013/12/o-final-do-ano-chegou-e-as-falsidades.html>

Nos usos acima, as ações de *alfinetar* e *tesourar* são interpretadas como ações verbais que afetam negativamente aquele que é afetado pela ação. Em (10), trata-se de uma crítica dirigida a um colega do participante descrito, após uma discussão entre ambos. A contribuição semântica do verbo *alfinetar* é a de que se trata de uma crítica leve, mas capaz de causar desconforto. Já o exemplo (11) apresenta uma generalização sobre a atitude de falar mal de alguém na ausência dessa pessoa. Nesse caso, por força do verbo *tesourar*, a inferência é a de que se trata de uma ação mais direta e com potencial destrutivo maior.

A mesclagem conceptual associada a esses exemplos pode ser assim representada:

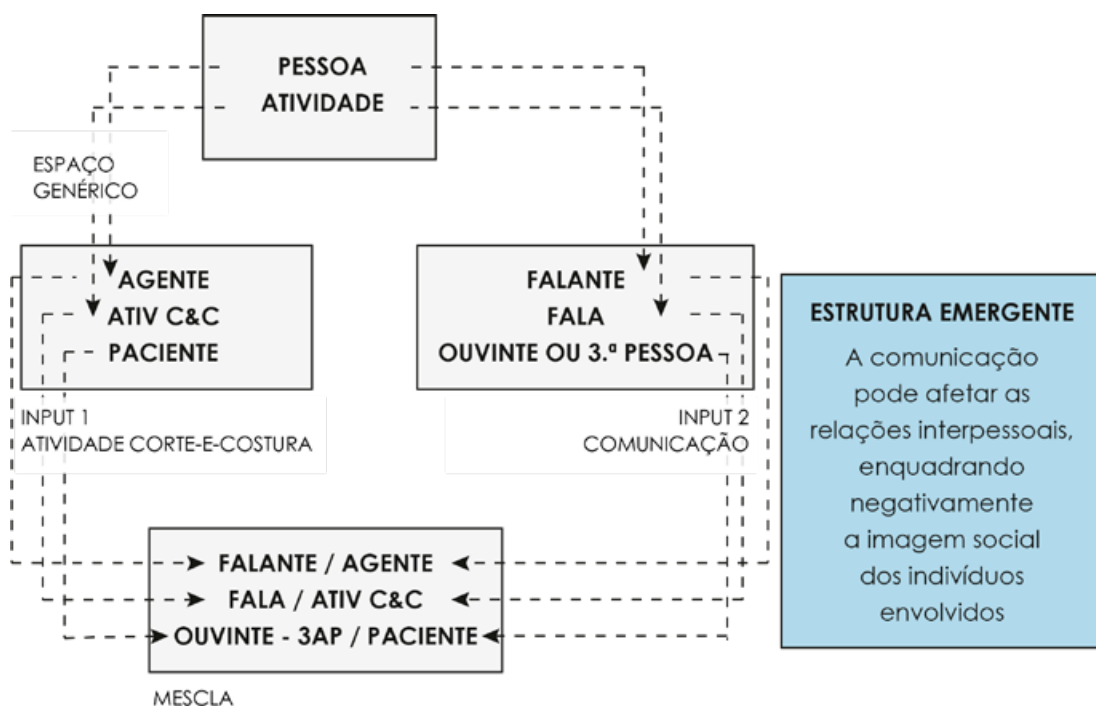


Figura 4. Mesclagem Conceptual referente à Extensão Metafórica I (Transitiva Prototípica)

Na mesclagem conceptual referente à extensão metafórica da Construção Transitiva Prototípica, observa-se que no *frame* de corte-e-costura, no Input 1, são perfilados o agente, a atividade específica de corte-e-costura (no caso, alfinetar ou tesourar) e o paciente (no caso, um tecido ou algo do gênero). Esses elementos são projetados em contrapartes no Input 2: o agente é projetado no falante, a atividade de corte-e-costura corresponde à fala, e o paciente é mapeado no ouvinte ou numa terceira pessoa. Na mescla, o falante é agente, a fala é atividade de corte-e-costura e um indivíduo (ouvinte ou terceira pessoa) é paciente, ou seja, é afetado pela fala/ação. Nessa nova configuração, a estrutura emergente retrata a comunicação como capaz de promover rupturas no “tecido social” e afetar negativamente os indivíduos que são alvo dos comentários proferidos.

Com relação às Construções Transitivas Resultativas, os seguintes exemplos ilustram os casos encontrados no corpus com os verbos *alinhar*, *costurar*, *tricotar* e *tecer*:

(12) “O Colorado **alinhou** um acordo com o clube italiano e definiu a forma de pagamento para exercer a preferência de compra, estipulada ainda na investida para assegurar a contratação.”

<https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/inter-define-pagamento-e-encaminha-acerto-com-udinese-para-comprar-edenilson.ghtml>

(13) “A apresentação de hoje ocorre sob pressão crescente: a presidente Dilma Rousseff reclamou que os spreads são “tecnicamente de difícil explicação no Brasil” e o Banco Central estuda criar um ranking para divulgar a margem cobrada por cada banco. Como resposta a essa pressão, bancos **costuraram** uma proposta bastante técnica.”

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bancos-vao-pedir-mais-garantias-nos-emprestimos-para-reduzir-o-spread,108824e>

(14) “A indignação do PSDB perdeu o nexu no instante em que Geraldo Alckmin começou a **tricotar** um acordo com o PP de Paulo Maluf. A irritação do PT foi rapidamente dissolvida pelo pragmatismo de Lula.”

<http://www.bloglenilsondoagreste.com.br/?s=tricot&submit.x=0&submit.y=0>

(15) “No camarim, a sertaneja chamou atenção ao exibir barriga sequinha ao compartilhar uma foto de top e calça jeans no Instagram. Os internautas **teceram** elogios à cantora na rede social.”

<https://www.terra.com.br/diversao/gente/purepeople/maraisa-de-top-exibe-barriga-sequinha-e-ganha-elogio-de-fas-corpo-mara,935344fbaf6>

Nos exemplos listados, as ações de corte-e-costura são reenquadradas metaforicamente como interação verbal, que pode envolver uma fase preliminar (alinhar), ou representar a etapa definitiva de um processo (costurar); além disso, o processo em questão pode se desenvolver passo-a-passo, com movimentos alternados (tricotar) ou de forma mais elaborada (tecer). A mesclagem conceptual associada a esses exemplos pode ser assim representada:

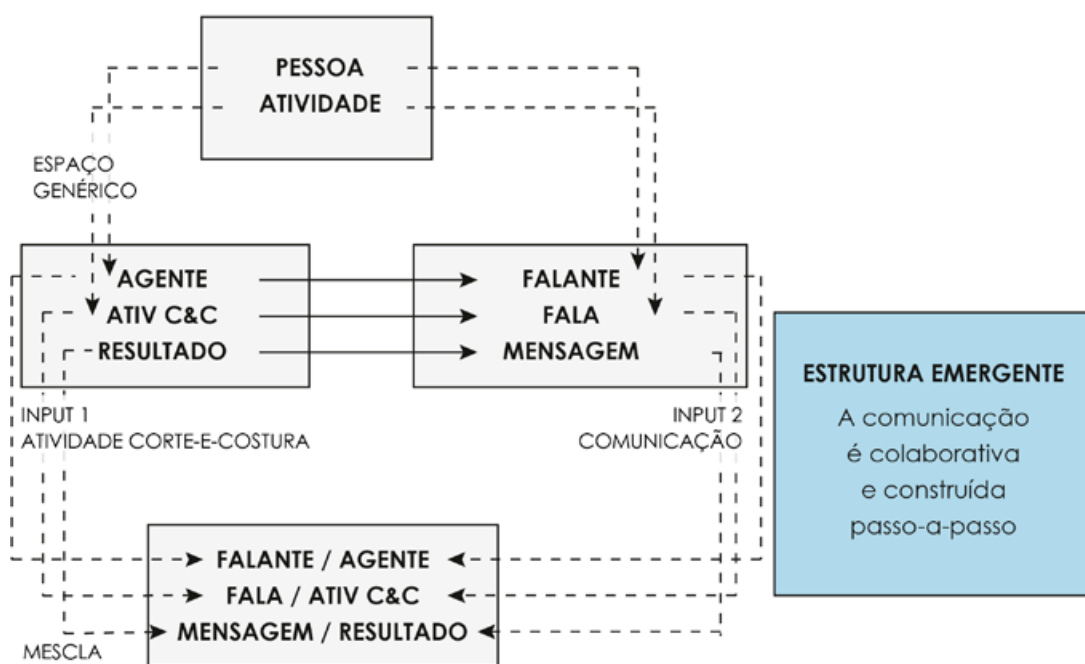


Figura 5. Mesclagem Conceptual referente à Extensão Metafórica II (Transitiva Resultativa).

Na mesclagem conceptual referente à extensão metafórica da Construção Transitiva Resultativa, o *frame* de corte-e-costura, no Input 1, é acessado a partir do agente, a atividade específica de corte-e-costura (*alinhar, costurar, etc.*) e do resultado (no caso, um produto da atividade de corte-e-costura). Esses elementos são projetados em contrapartes no Input 2: o agente é projetado no falante, a atividade de corte-e-costura na fala propriamente dita, e o resultado na mensagem.

Na mescla, o falante é agente, a fala é atividade de corte-e-costura e a mensagem é resultado, ou seja, é criada pela fala/ação. Nessa nova configuração, a estrutura emergente retrata a comunicação como atividade colaborativa e construída passo-a-passo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho enfocou construções transitivas que permitem extensões metafóricas relacionadas à comunicação verbal a partir da metáfora de corte-e-costura, que constitui um mapeamento metafórico produtivo em Português. Mais especificamente, os dados indicaram que há dois diferentes *construals* do domínio-fonte que se relacionam a duas construções transitivas: a Transitiva Prototípica e a Transitiva Resultativa. A partir dessas construções, a extensão metafórica I ativa uma mesclagem conceptual que constrói a comunicação como uma interação que pode promover rupturas no “tecido social”. Já a extensão metafórica II ativa uma mesclagem que retrata a comunicação como interação colaborativa.

Embora os dados aqui apresentados sejam relativos ao Português Brasileiro, extensões metafóricas de corte-e-costura também podem ser facilmente observadas no Português Europeu. Sendo assim, a presente pesquisa sugere desdobramentos futuros em que se investiguem as semelhanças e diferenças entre as duas variedades no que se refere às extensões metafóricas em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dancygier, B., & Sweetser, E. (2014). *Figurative Language*. Cambridge University Press.

Diessel, H. (2015). Usage-based construction grammar. Drabowska, E. & Divjak, D. (Edts). (2015). *Handbook of Cognitive Linguistics*, 295-321. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110292022-015>

Fauconnier, G. (1994). *Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge University Press.

Fauconnier, G. (1997). *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press.

Fauconnier, G., & Turner, M. (1998). Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, 22 (2), 133-187.

Fauconnier, G. & Turner, M. (2000). Compression and global insight. *Cognitive Linguistics*, 11 (3-4), 283-304.

Fauconnier, G. & Turner, M. (2002). *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books.

Ibbotson, P., Thealston, A., Lieven, E. & Tomasello, M. (2012). Semantics of the transitive construction: Prototype effects and developmental comparison. *Cognitive Science*, 36 (7), 1268-1288.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press.

Reddy, M. (1979-1993). The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. Ortony, A., (Ed.). *Metaphor and Thought* (2nd. ed.), 164-201. Cambridge University Press.

Turner, M. (2014). *The Origin of Ideas; Blending, Creativity and the Human Spark*. Oxford University Press.

CORES, SIGNIFICADO LINGUÍSTICO E COGNIÇÃO: DAS IMAGENS MENTAIS E SINESTESIA À “SINTONÍMIA”¹

José Teixeira
CEHUM
Universidade do Minho

RESUMO

Perguntar se uma frase “tem” uma cor específica pode ser considerada uma questão um pouco tola. No entanto, os fenómenos de sinestesia mostram-nos associações inesperadas entre o significado e as cores. Assim, a partir de 843 inquéritos realizados em Portugal e Brasil sobre 9 provérbios não diretamente ligados a cor, tentámos perceber a maior ou menor arbitrariedade e aleatoriedade da associação entre cores e estruturas linguísticas de significado relativamente autónomo, como os provérbios. Tentou-se, desta forma, verificar até que ponto se pode encontrar alguma sistematicidade sinestésica no processamento linguístico-cognitivo de associação entre a cor e o significado. Os resultados mostram uma sistematicidade inesperada entre o valor que os falantes atribuem aos provérbios e às cores que os mesmos evocam. Os resultados e as últimas investigações sobre os fenómenos da sinestesia levam-nos a defender que, nestes e em similares processamentos linguísticos, frequentemente não há descontinuidade entre os processos metonímicos, metafóricos e sinestésicos.

PALAVRAS-CHAVE: “sintonímia”, metonímia, metáfora, sinestesia, provérbios

ABSTRACT

The question, whether a sentence “has” a specific color may be considered rather silly. Synesthesia phenomena, however, show us unexpected associations between linguistic meaning and colors. Hence, based on 843 surveys (conducted in Portugal and Brazil) on 9 proverbs (not causally related to color), we tried to understand the randomness (or lack thereof) of the association between colors and linguistic structures of relatively autonomous meaning such as proverbs. In this way, we tried to verify whether there is any synesthetic systematicity in the linguistic-cognitive process of color-meaning association. Results

¹ O texto aqui apresentado, embora bastante mais reduzido, mantém muitos pontos em comum com o texto: Categorização e concetualização: Da metáfora/metonímia e sinestesia à ‘sintonímia’ (Teixeira (s.d.)). (em fase de publicação).

show an unexpected systematicity between the meaning of the proverbs and the colors they evoke to speakers. Our results and latest research on synesthesia phenomena lead us to argue that in these phenomena, and similar linguistic processes, there is no discontinuity between metonymic, metaphorical and synesthetic processes.

KEYWORDS: "synonymy", metonymy, metaphor, synesthesia, proverbs

1. IMAGENS MENTAIS, SINESTESIAS E CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES

Um dos alicerces da semântica cognitiva reside no princípio de que o significado é corporizado (*embodied meaning*), no sentido de que não se pode separar da forma como percebemos o mundo e de como com ele interagimos (Lakoff, 1995; Lakoff & Johnson, 1999; Gibbs, 2003; Gibbs *et al.* 2004; Johnson, 2012). Tudo se centra (a este nível) na cognição e concetualização, na construção de *entidades cognitivas* resultantes das nossas perceções e da respetiva interação com todo o *feedback* cognitivo e de memória que o cérebro processa.

De vários pontos das ciências cognitivas aparecem contributos que solidificam a opinião de que, na construção dos conceitos que as palavras implicam, a cognição humana parte da transformação das experiências corporizadas em imagens mentais. Damásio (2010) descreve os resultados do funcionamento cerebral em mapeamentos do mundo que constroem *imagens* experienciadas, mapeamentos que não envolvem apenas perceções singulares e isoladas, mas conjuntos complexos:

(...) o cérebro mapeia o mundo ao seu redor e mapeia as suas próprias realizações. Esses mapas são experienciados como imagens nas nossas mentes, e o termo *imagem* não se refere apenas ao aspeto visual, mas a imagens originadas por qualquer sentido, como o auditivo, visceral, táctil e assim por diante. (Damásio, 2010, p.24)² (tradução nossa).

Cada um destes mapeamentos engloba múltiplos aspetos até à fase da constituição de "as imagens nas nossas mentes", como afirma Damásio:

² "(...) the brain maps the world around it and maps its own doings. Those maps are experienced as *images* in our minds, and the term *image* refers not just to the visual kind but to images of any sense origin such as auditory, visceral, tactile, and so forth" (Damasio, 2010, p.24).

Os padrões mapeados constituem o que nós, seres conscientes, conhecemos como visões, sons, toques, cheiros, gostos, dores, prazeres e afins – em resumo, imagens. As imagens nas nossas mentes são os mapas momentâneos do cérebro de tudo e de qualquer coisa, dentro do nosso corpo e ao seu redor, concretos e abstratos, reais ou previamente gravados na memória. As palavras que estou a usar para trazer estas ideias até si foram primeiro formadas, de maneira breve e superficial, como imagens auditivas, visuais ou somatossensoriais de fonemas e morfemas antes de as fixar na página na sua forma escrita. Do mesmo modo, as palavras escritas, agora impressas diante dos seus olhos, são primeiro processadas por si como imagens verbais (imagens visuais da linguagem escrita) antes da respetiva ação no cérebro acionar a evocação de outras imagens de tipo não-verbal. Os géneros não verbais de imagens são aqueles que nos ajudam a expor mentalmente os conceitos que correspondem às palavras. (Damásio, 2010, p.60)³. (Tradução nossa).

Este funcionamento linguístico-cognitivo implica que as palavras (porque intrinsecamente ligadas às imagens mentais e concetualizações construídas) originem mapeamentos cognitivos a partir das perceções e respetivos correlacionamentos mentais. Assim, associar, numa imagem mental, uma cor ao valor de “agudo” ou um som ao valor de “escuro” é visto como decorrendo de perceções sinestésicas⁴ ao nível pré-linguístico da organização concetual. Parece evidente, portanto, que as sinestésias são tidas como o resultado de relacionamentos não primários e pouco “lógicos”.

Aceitando isto, parece ter de se aceitar também que o significado linguístico implica uma rede semântico-cognitiva complexa. Será, pela sua complexidade, mais do que uma simples imagem mental estática, certamente uma espécie de *cluster* que envolve (simplificando) a rede

³ “The mapped patterns constitute what we, conscious creatures, have come to know as sights, sounds, touches, smells, tastes, pains, pleasures, and the like – in brief, images. The images in our minds are the brain’s momentary maps of everything and of anything, inside our body and around it, concrete as well as abstract, actual or previously recorded in memory. The words I am using to bring these ideas to you were first formed, however briefly and sketchily, as auditory, visual, or somatosensory images of phonemes and morphemes before I implemented them on the page in their written version. Likewise, the written words, now printed before your eyes, are first processed by you as *verbal* images (visual images of written language) before their action on the brain promotes the evocation of yet other images, of a *nonverbal* kind. The nonverbal kinds of images are those that help you display mentally the concepts that correspond to words.” (Damasio, 2010, p.60).

⁴ Com efeito, parece que na maioria dos falantes acontece naturalmente a associação cognitiva relativa aos sons agudo-alto-luminoso-claro, por um lado, e grave-baixo-sem luz-escuro, por outro (Ward, 2006).

perceptivo-cognitiva de cada item (a *imagem* para Damásio, 2010), e a rede semântica com todas as conexões que estes mecanismos têm com aquilo que genericamente se chama memória.

O *cluster* linguístico-cognitivo das cores é, sem dúvida, muito importante no processamento semântico das línguas. Não se pode esquecer que, na arquitetura cerebral, a área da visão é a que é dotada de maior poder perceptivo e cognitivo. Os falantes e as línguas intuem isso. Não é por acaso que a etimologia nos mostra como, em várias línguas, as palavras que referem a visão também significam “compreender” e “saber”.

2. VALORES DOS CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES

O já referido conceito-alicerce de significado corporizado assenta muito na noção de “correlação experiencial” (Grady, 1997) que pretende retratar a forma como quotidianamente percebemos o mundo e mentalmente o organizamos. São as correlações experienciais que nos ajudam a perceber o porquê de o vermelho, cognitivamente, apresentar fortíssimas linhas de associações experiencialmente muito salientes, como, por exemplo, as de fogo e sangue (-fogo> calor> temperatura alta> emoção> amor> sedução> luta> conquista> perigo...; -sangue> vida> luta> conquista> matar> perigo> ações de risco> ações proibidas...).

As línguas naturais e as realizações artísticas demonstram à evidência estas associações. A Retórica tradicional tenta distinguir as que se efetivam por processos metafóricos das que funcionam por processos metonímicos. AMOR e FOGO podem estar associados metonimicamente (como em rigor acontece), mas também metaforicamente (como o faz toda a análise tradicional do célebre soneto camoniano *Amor é fogo que arde sem se ver*). O conceito cognitivo de metaftonímia baseia-se precisamente na ideia da gradatividade e implicação entre os dois fenómenos (Goossens, 1990; Barcelona, 2000; Silva, 2006; Teixeira, 2012, 2013).

No entanto, se metonímias e metáforas das cores têm uma larga tradição na descrição do funcionamento do significado linguístico, os fenómenos de sinestesia não têm sido entendidos como decorrendo do mesmo tipo de funcionamento. São, normalmente, vistos como fenómenos de “trocas cognitivas”. A metáfora e metonímia costumam ser

descritas como decorrendo de fenômenos de semelhança/associação entre domínios cognitivos, enquanto a sinestesia se entende baseada na troca /substituição de uma área perceptiva por outra. E se para a Retórica literária a sinestesia era apenas uma “figura da linguagem”, para a literatura da Psicologia tem sido entendida como a manifestação de distúrbios neurológicos, designando tais cérebros como “sinestetas”.

Nos últimos anos, no entanto, os fenômenos da sinestesia têm despertado um crescente interesse no domínio da Psicologia e da percepção. Há cada vez mais estudos que tentam fazer abordar estes fenômenos como fenômenos da cognição, globalmente considerada, e não apenas como fenômenos de desvio ou “exceção” cognitiva (Simner *et al.*, 2006; Yokoyama, 2014; Brang *et al.*, 2011; Goodhew & Kidd, 2017).

Um dos fenômenos mais estudados dentro da sinestesia é, precisamente, o das relações entre a representação linguística e as cores, normalmente a relação entre as letras e a evocação de cores que determinados falantes manifestam. Se para certos falantes cada letra tem uma cor específica, será que estes fenômenos de sinestesia nos podem ajudar a compreender, de uma forma mais vasta, a relação entre o acionamento das cores e a organização concetual/categorial no processamento do significado linguístico? No atual estado dos conhecimentos, as sinestias das cores aparecem, assim, como constituindo um campo privilegiado:

A percepção das cores é uma propriedade elementar do nosso sistema visual baseado na sensibilidade dos recetores a diferentes comprimentos de onda da luz. [...] Parece que a nossa capacidade de “simplesmente” discriminar diferentes comprimentos de onda da luz está no nosso sistema cognitivo e afetivo interconectado com muitos e variados conceitos, sentimentos, associações e memórias (Palmer & Schloss, 2010; Taylor *et al.*, 2013). No entanto, pouco se sabe atualmente sobre que regularidades existem ou não, e quais são os mecanismos subjacentes que explicam tais associações. Uma situação que reflete e aumenta a nossa compreensão da nossa capacidade para esses tipos

de associações entre domínios é a sinestesia. (Rouw *et al.*, 2014, p.1)⁵. (Tradução nossa).

3. METONÍMIAS, METÁFORAS E SINESTESIAS

Para tentar entrever um pouco a importância da componente “cor” na organização semântica dos enunciados linguísticos, podemos servir-nos dos dados colhidos em inquéritos de 9 provérbios no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), que apontam, quanto a nós, para a defesa da perspectiva de que os fenómenos da metonímia, da metáfora e da sinestesia, mais do que fenómenos autónomos, são vertentes, nem sempre separáveis, no processo de construção da cognição e do significado.

Em trabalhos complementares a este⁶, apresentamos dados que demonstram que a ativação semântico-cognitiva das cores não é aleatória no processo linguístico, mesmo quando o enunciado não contém palavras/expressões que diretamente referem valores cromáticos. Tais dados resultam do já referido conjunto de inquéritos (843): em Portugal, 573 recolhidos e, no Brasil, 270. Era pedido a cada inquirido que indicasse a cor que prioritariamente lhe era sugerida por cada um dos 9 provérbios listados, globalmente idênticos para as duas variantes (a versão brasileira de alguns apresentava pequenas variações morfossintáticas):

1. (PE) *Quem com ferro mata com ferro morre.* (PB) *Quem com ferro fere, com ferro será ferido.*; 2. (PE) *Mais vale tarde do que nunca.* (PB) *Antes tarde do que nunca.*; 3. (PE e PB) *Quem tudo quer tudo perde.*; 4. (PE e PB) *Amor com amor se paga.*; 5. (PE) *O fruto proibido é o mais apetecido.* (PB) *O fruto proibido é mais gostoso.*; 6. (PE) *Só a morte é que não tem remédio.* (PB) *Há remédio para tudo, menos para a morte.*; 7. (PE) *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.* (PB) *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.*; 8. (PE) *Filho de peixe sabe nadar.* (PB) *Filho de peixe peixinho é.*; 9. (PE e PB) *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

⁵ “Color perception is an elementary property of our visual system, based on the receptors’ sensitivity to different wavelengths of light. [...] It seems that our ability to “simply” discriminate different wavelengths of light is in our cognitive and affective system interconnected with many different concepts, feelings, associations, and memories (Palmer & Schloss, 2010; Taylor *et al.*, 2013). However, little is currently known about which regularities do or do not exist, and what are the underlying mechanisms explaining such associations. One condition that reflects and augments our understanding of our ability for these types of cross-domain associations is synesthesia” (Rouw *et al.*, 2014, p.1)

⁶ Teixeira (2018a, 2018b, 2019a, 2019b; Teixeira (s.d.)

Tentámos compreender até que ponto nos cérebros ditos normais, designados por não sinestetas⁷ nos estudos da Psicologia, há sistematicidade a ligações sinestésicas de cores ao significado linguístico. Os 9 provérbios utilizados não tinham, como se pode verificar, palavras diretamente referentes a cores⁸.

Os resultados comprovaram a identidade da paleta de cores de cada provérbio, provando que as cores não são acionadas aleatoriamente, mas que tal acionamento resulta de associações semânticas e cognitivas que os falantes desencadeiam.

Esta coincidência nos resultados, verificável em todos os 9 provérbios, comprova a não aleatoriedade da evocação das cores, ou seja, que o processamento semântico comporta "disparos" sistemáticos, bastante coincidentes entre os falantes, para a área cognitiva das cores, mesmo quando o referente não as implica diretamente.

Parece-nos evidente que se pode concluir que as cores acionadas por uma frase (provérbio) não o são aleatoriamente, mas que resultam de associações cognitivas e semânticas que os falantes constroem⁹.

Num outro trabalho¹⁰ apresentámos os valores/traços principais das redes semântico-cognitivas de cada cor que explicam os resultados obtidos com os 9 provérbios do inquérito. Cada *cluster*, embora relativamente simples (o vermelho é o mais complexo), consegue explicar bastante satisfatoriamente a sistematicidade do respetivo acionamento em cada um dos provérbios. No entanto, as relações que ligam o(s) significado(s) de cada provérbio às cores evocadas não são apenas de um tipo. Não basta dizer "o vermelho no provérbio X ou Y é evocado pelo valor Z", há que tentar perceber que mecanismo(s) cognitivo(s) permite(m) as evocações.

⁷ Barnett *et al.* (2009); Beeli *et al.* (2007); Rich *et al.* (2005); Simmons *et al.* (2007); Simner *et al.* (2005); Simner *et al.* (2006); Yokoyama *et al.* (2014); Teixeira (2018a, 2018b); Teixeira, (2019a, 2019b); Teixeira, (s.d.).

⁸ Para testar a não aleatoriedade dos resultados, dividimos os inquéritos do PE em dois grupos: um com os primeiros 300 inquéritos recebidos (Grupo 1) e outro com os restantes 273 (Grupo 2). Os resultados comprovaram "coincidências" muitíssimo significativas, não apenas em alguns dos provérbios, mas em todos eles. E não foi só entre os dois grupos do PE (Português Europeu), mas também entre estes e o grupo do PB (Português Brasileiro). Para cada provérbio, as cores mais acionadas, em cada grupo de inquiridos, foram globalmente dominantes também, nos outros grupos, para o mesmo provérbio. Com as cores secundariamente indicadas, aconteceu o mesmo.

⁹ Cf. Teixeira (2018b).

¹⁰ Cf. Teixeira (2019a).

Vejamos, por exemplo, os valores que se podem associar ao vermelho. A relação desta cor com o sangue é experiencial e cognitivamente evidente. Desta associação metonímica mais imediata se seguem outras, que a Figura 1 sumariamente esquematiza.

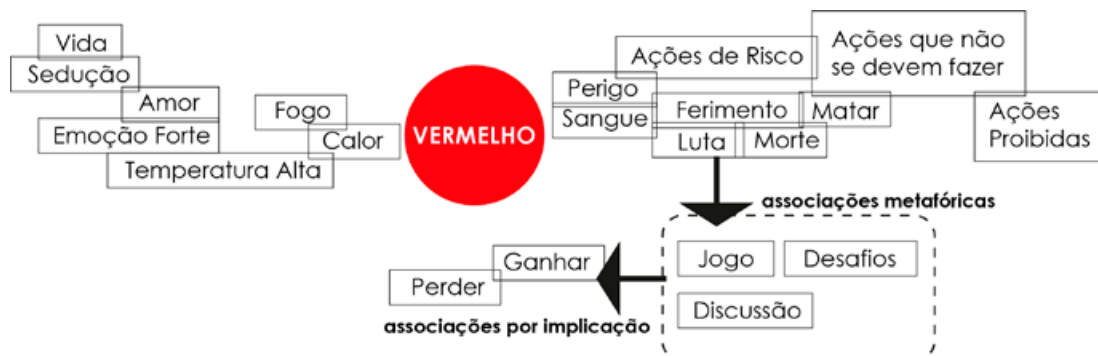


Figura 1. Cluster explicativo dos valores de vermelho nos 9 provérbios

A partir desta implicação VERMELHO-SANGUE, cognitivamente muito saliente, forma-se, assim, um grupo de associações metonímicas das quais se podem destacar, por encadeamento: VERMELHO>SANGUE>FERIMENTO>LUTA>MORTE; SANGUE>FERIMENTO>PERIGO>AÇÕES DE RISCO>AÇÕES PROIBIDAS.

Uma outra associação metonímica muito saliente para o vermelho é com calor e temperaturas altas: associamos o fogo ao vermelho¹¹; percebemos que ficamos vermelhos (sobretudo as pessoas de pele clara) quando nos sentimos com temperatura mais alta. Constroem-se, assim, as equivalências metonímicas VERMELHO>CALOR>FOGO>TEMPERATURA ALTA.

Por sua vez, as percepções das emoções também são associadas metonimicamente às de temperatura¹², construindo outras associações metonímicas:

TEMPERATURA ALTA>EMOÇÃO FORTE>AMOR>SEDUÇÃO.

Como é compreensível, nem só de associações metonímicas se constitui o *cluster* linguístico-cognitivo de uma cor como o vermelho. Por exemplo, o domínio LUTA facilmente aciona, por relações metafóricas, os

¹¹ Na realidade, as imagens de fogo não possuem maioritariamente a cor vermelha. Faça-se a experiência e procure-se em imagens Google "fogo": as imagens reais de fogo são compostas maioritariamente por amarelos e castanhos-alaranjados. A cor vermelha, praticamente, não é necessária para "pintar" o fogo.

¹² As expressões linguísticas das emoções evidenciam a associação emoção-temperatura alta: *ser uma pessoa fria*; *atitudes frias*=não ter/mostrar emoções; *o calor da discussão*=a emoção da discussão em ponto alto; *alguém ferver em pouca água*= exaltar-se emotivamente com assuntos pouco importantes.

domínios JOGO-DISSCUSSÃO-DESAFIOS; metáforas como JOGO É LUTA¹³ e DISCUSSÃO É LUTA são sobejamente conhecidas e referidas desde o célebre *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980). Não é difícil de perceber que estes últimos domínios, metaforicamente acionados, evoquem relações de implicação com outros, como GANHAR e PERDER (Figura 1).

Sem dúvida que os processos metonímicos e metafóricos são os dotados de maior peso na estruturação das nossas conceitualizações linguístico-cognitivas. A longa tradição de aceitação da Retórica clássica sobre os mesmos, e as novas propostas teóricas cognitivas (como o conceito de *metaftonímia* já referido) assim o comprovam. Se atrás falámos destes dois processos encarando-os como autónomos, já o conceito de *metaftonímia* considera-os *co-operantes* (mais do que *cooperantes*). Na realidade, olhando para a série de valores/domínios que associamos a “vermelho”, e que explicam os resultados dos inquéritos, comprova-se que, entre alguns deles, os processos metafóricos e metonímicos aparecem como cooperando, sendo, por vezes, difícil saber onde começam uns e acabam outros.

Por exemplo, a relação VERMELHO-FOGO é compreensivelmente metonímica, como já indicámos. E a de FOGO com AMOR? A tradição retórica vê apenas metáfora. É sumamente demonstrativo o facto de um dos exemplos mais exaustivamente apresentados como o protótipo da metáfora ser o soneto camoniano *AMOR É FOGO* que arde sem se ver. No entanto, o rigor de tal perceção não resiste a uma análise relativamente simples.

Na verdade, a ligação entre os sentimentos intensos, como o amor, e o aumento dos batimentos cardíacos e da circulação sanguínea (o que implica o aumento da temperatura corporal) são experiências que os humanos vivenciam. São, assim, claramente associações metonímicas. No entanto, para exprimir o grau mais elevado da metonímia da temperatura, podemos fazer uma associação com experiências de um outro domínio, o do FOGO, aceitando uma identificação cognitiva. Assim, AMOR > AUMENTO DE TEMPERATURA CORPORAL > FOGO veste-se de metáfora em *AMOR É FOGO* (Figura 2).

¹³ Cf. Teixeira (2010, 2011).

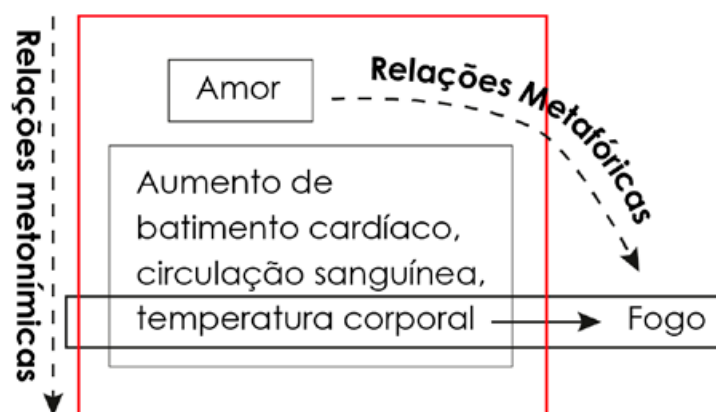


Figura 2. Dimensões metonímicas e metafóricas em AMOR É FOGO

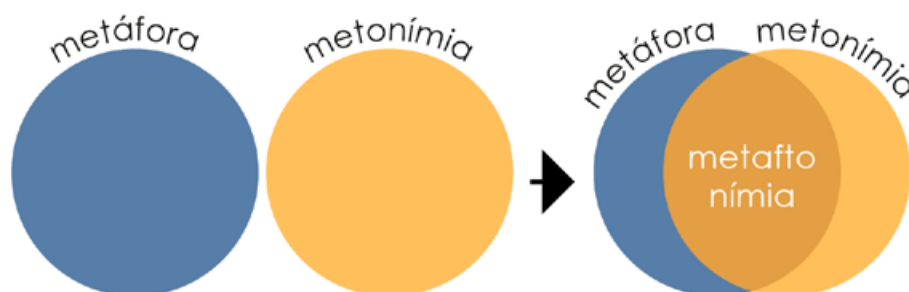


Figura 3. Interseção entre metáfora e metonímia

Uma visão dual destes dois fenómenos é substituída por uma outra que, não deixando de reconhecer diferença entre ambos, aceita que há, entre eles, frequentes zonas de interseção (Figura 3).

Os resultados obtidos pelos inquéritos, no entanto, implicam, para as redes dos *clusters* linguístico-cognitivos das cores, uma estruturação concetual/categorial que, só por si, metáforas e metonímias não conseguem explicar.

Analisemos alguns dados.

No provérbio 1, no PE¹⁴, *Quem com ferro mata com ferro morre* (Figura 4), as cores dominantes são o cinza (28%), o preto (22%), o vermelho (21%) e, em escala menor, o castanho (13%). O conceito de *morte*, que é central, explicará metonimicamente o preto, enquanto o cinza e o castanho se podem ligar a ferro/metalo (metonímia COR POR MATERIAL/ OBJETO).

¹⁴ Exemplificamos aqui com exemplos de resultados apenas no PE por uma questão de concisão, já que os resultados do PB confirmam os do PE, como atrás indicámos. Inquéritos posteriores feitos em Angola e Timor corroboram maioritariamente os resultados do PE e do PB (cf. Teixeira, 2019b).

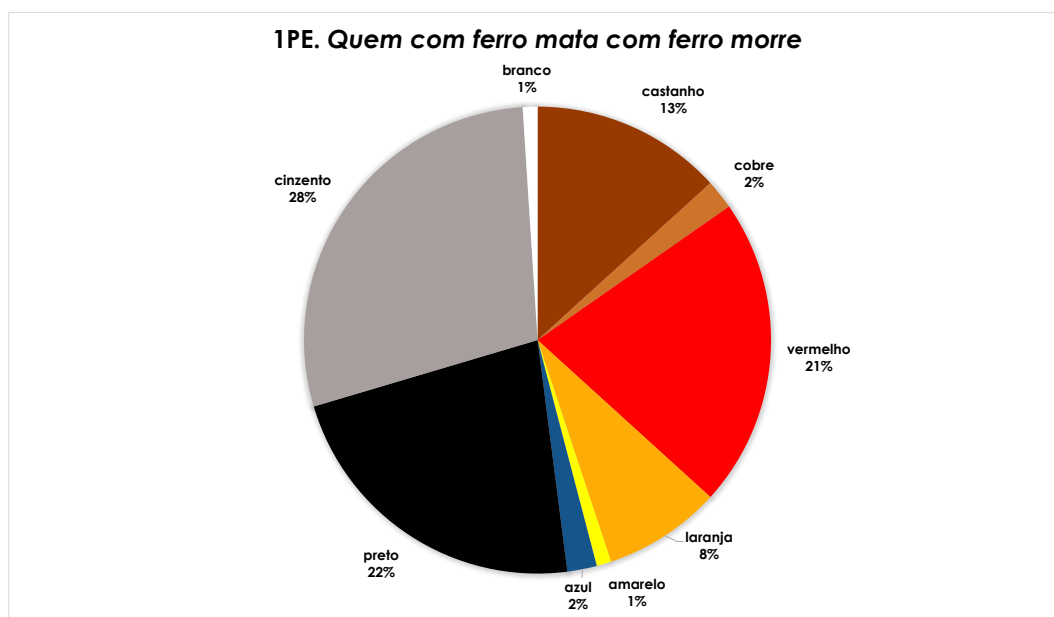


Figura 4. Resultados no PE do provérbio: *Quem com ferro mata com ferro morre.*

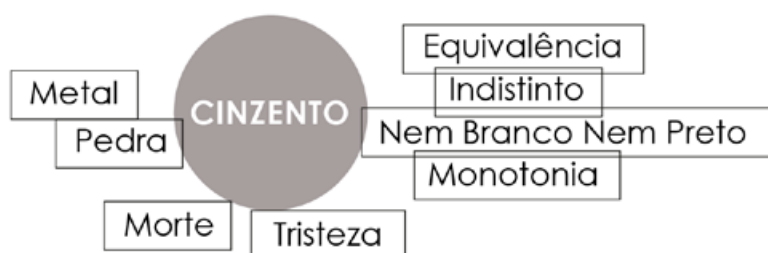


Figura 5. Cluster explicativo dos valores do cinzento no provérbio: *Quem com ferro mata com ferro morre*

O peso do cinzento (que é a cor mais evocada) talvez não se esgote na associação a ferro e a metal. O seu acionamento parece-nos ser, em grande parte, sinestésico, talvez pelos valores [indistinção], [equivalência] que esta cor evoca e que também servem para explicar os valores de outros provérbios (Figura 5).

Na verdade, percebe-se o porquê de a rede conceitual acionada pelo cinzento sugerir determinados valores pela sequência preto-cinzento-branco: o cinzento, adquirindo o valor > [nem branco nem preto], é associado a [indistinção], [monotonia], [equivalência]¹⁵. O significado nuclear do provérbio é o de equivalência e indistinção: "matar com violência equivale a morrer com violência".

¹⁵ Este traço semântico é facilmente verificável em expressões como "pessoa cinzenta" (=indiferente a tudo, sem opinião marcada).

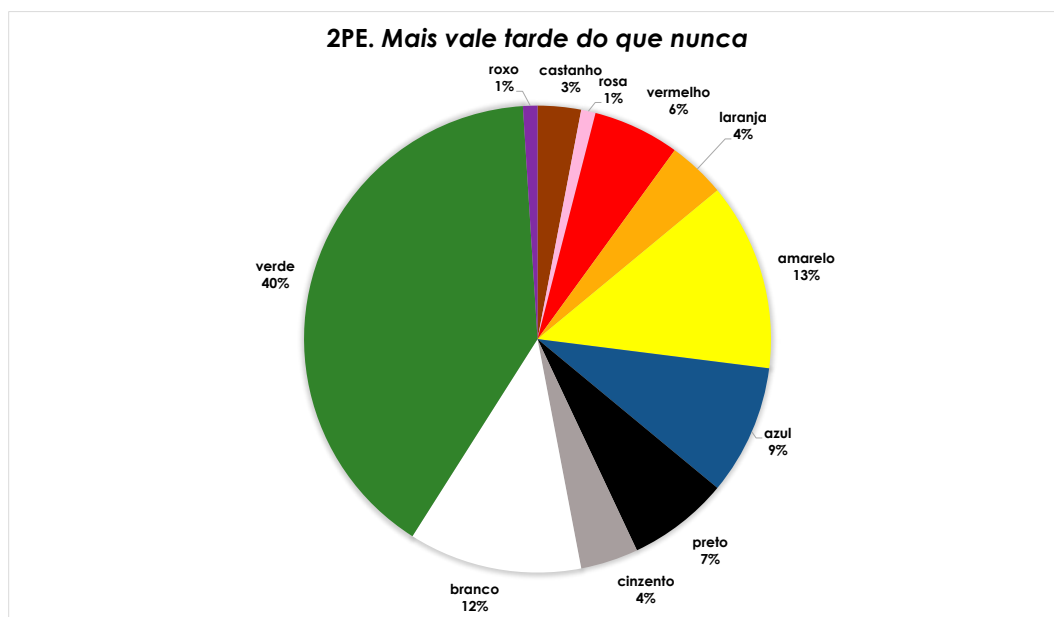


Figura 6. Resultados no PE do provérbio: *Mais vale tarde do que nunca*

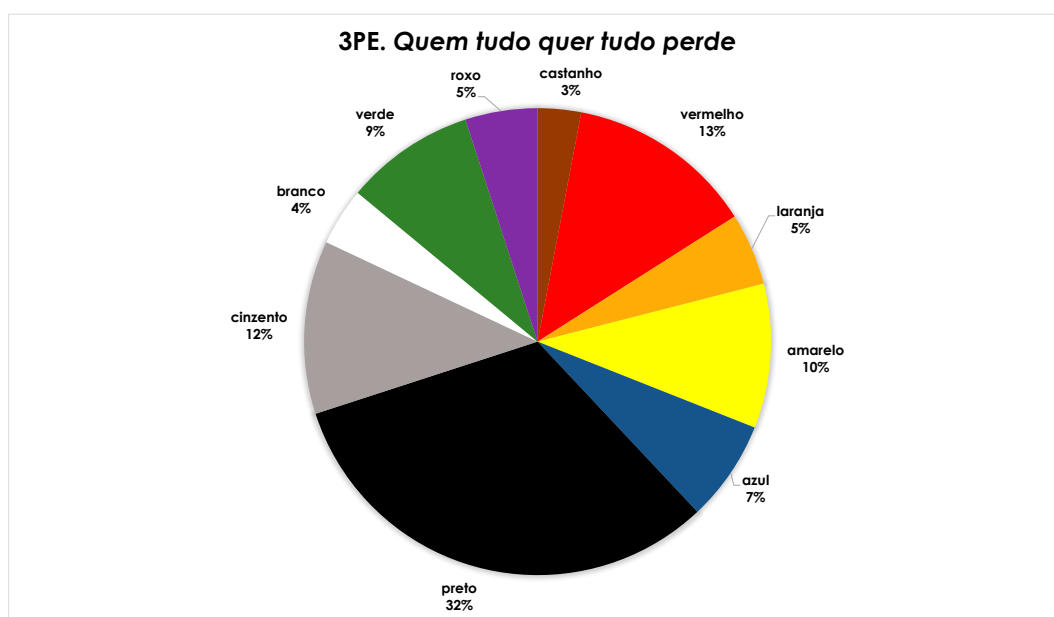


Figura 7. Resultados no PE do provérbio: *Quem tudo quer tudo perde*

O provérbio 2, do PE, *Mais vale tarde do que nunca*, apresenta uma paleta de cores bem diferente da do anterior (Figura 6).

Para explicar os valores evocados¹⁶, deve notar-se que estes indiciam vertentes contraditórias, como [certeza] e [esperança] vs [indecisão] e [esquecimento]. Na realidade, o provérbio implica uma significação

¹⁶ Como já atrás referimos, a explicação das redes e dos valores dos 9 provérbios constantes nos inquéritos aparece em trabalho complementar deste (Cf. Teixeira, 2019a).

complexa; por um lado, [indecisão] e [esquecimento] (algo que é feito tarde implica que houve protelamento e adiamento de um processo); mas, por outro lado, também implica a certeza e a positividade, já que refere a parte positiva (a concretização de algo) de comportamentos negativos (adiamento e indecisão). É precisamente esta parte positiva que se constitui como sua essência, e daí o valor positivo de [esperança] que as cores mais presentes (verde, amarelo e branco) evocam.

A muito significativa presença do azul denota, quanto a nós, um valor nitidamente sinestésico, o valor de [racional], já que é difícil vislumbrar, nas palavras que o constituem, específicas relações referenciais a cores, metafórica ou metonimicamente. É a frieza da racionalidade, por oposição à emotividade, um dos seus valores centrais. A racionalidade de constatar a evidência de que é melhor chegar tarde do que nunca chegar.

Um outro exemplo, através de uma paleta de cores bem distinta, é o provérbio 3, do PE, *Quem tudo quer tudo perde* (Figura 7).

Parece-nos evidente que, aqui, as cores não aparecem por motivos de referencialidade cromática, que não provêm de associações imediatas com qualquer palavra específica, sendo evocadas, essencialmente, por sinestesia.

A cor preta (predominante), conjuntamente com a complementaridade da cor cinzenta, atinge quase 50%. Os valores da cor preta, recrutados aqui, são os de [perder] e [tristeza], (extensíveis até [morte]) e o cinzento reforça-os com os de [tristeza], [equivalência]/ [indistinção] (Figura 5). Na realidade, é precisamente o valor de equivalência o da semântica global do provérbio: querer tudo equivale a perder tudo.

Note-se, ainda, o vermelho como a segunda cor mais referida. O provérbio tem a sua semântica ligada a [ações de risco], [perigo], a [sedução] por [desafios], pelo [jogo] e por [ganhar], e todos estes valores acionam o vermelho (Figura 1).

4. NÃO HAVENDO DOMÍNIOS DISCRETOS, NÃO HÁ FENÓMENOS DISCRETOS

As relações entre valores abstratos, como [ações de risco], [desafios], [sedução], e a cor vermelha, e ainda outras associações, como [perder], [morte] para a cor preta (apenas exemplificadas com os 3

primeiros provérbios dos inqueritos¹⁷), são essencialmente construídas por implicações cognitivas do gênero das que, como atrás referimos, levam a maior parte dos falantes sinestetas (e não sinestetas) a associarem a letra A ao vermelho¹⁸.

São também associações entre traços comuns que permitem as sinestésias que a tradição das “figuras” da retórica há muito aceita como normais no processo semântico, como, por exemplo, o de referir uma cor como “leve” ou “pesada”: um vermelho mais escuro é um vermelho mais pesado, enquanto um mais claro é mais “leve” (o cor-de-rosa é um “vermelho leve, suave” e transporta esta dimensão no seu simbolismo).

A associação [escuro]>[intenso] baseia-se nas nossas correlações experienciais, usando a terminologia de Grady (1997); deste modo, quando temos uma pequena quantidade de uma substância de uma cor, normalmente essa substância apresenta-se com uma tonalidade pouco intensa, quase transparente (clara), mas, se acrescentarmos mais quantidade da mesma substância, a tonalidade da cor fica cada vez mais intensa (escura). Um pouco de sangue que fazemos deslizar entre os dedos tem um vermelho leve, enquanto o sangue acumulado numa ferida ou num objeto contendor tem um vermelho mais *forte*, *pesado*. O mesmo com qualquer líquido que não seja absolutamente transparente. Portanto, associamos [cor mais intensa] a [mais quantidade de substância] e, naturalmente, [mais quantidade] a [mais peso]. Assim, quanto mais escuro for o tom da cor, mais pesada ela será.

Este tipo de associação poderá ser visto como metonímico: duas propriedades do mesmo domínio (tonalidade de cor de X e quantidade de X) que se relacionam implicativamente. Mas também poderá ser entendida como metafórica, já que faz equivaler dois domínios diferentes: o da perceção visual (*mais escuro*) e o da perceção da gravidade (*mais pesado*). Assim, teremos a metáfora concetual MAIS ESCURO É MAIS PESADO. No entanto, porque esses dois domínios *diferenciados* são tidos como domínios *diferentes* de perceção, a tradição (na Retórica e na Psicologia) não vê nem metáfora nem metonímia, mas sim sinestesia. No entanto, todos têm razão: há implicação metonímica num determinado domínio experiencial; há equivalência metafórica entre dois domínios; e

¹⁷ Para uma visão mais completa da sistematicidade das associações entre as cores e os valores semântico-cognitivos detetados, ver os trabalhos complementares deste texto já indicados, sobretudo Teixeira (2019a).

¹⁸ Teixeira (s.d.).

sendo esses domínios de percepções sensoriais diferentes, pode dizer-se que existe uma equivalência sinestésica. Portanto, temos metonímia, metáfora e sinestesia funcionando complementar e implicativamente. Ora muitos dos valores das cores evocados pelos provérbios só se compreendem pelo funcionamento implicativo destes três processos cognitivos, que serão gradativos, contínuos e não discretos. Como o conceito de metaftonímia já pressupunha, metáfora e metonímia implicam-se frequentemente e, como aqui se procura demonstrar, as sinestésias baseiam-se igualmente em associações cognitivas de base metaftonímica. Na verdade, as associações que a mente estabelece entre os valores semântico-cognitivos podem ser de qualquer ordem e não assentam apenas em fenómenos rigidamente tripartidos (ou apenas metonímia ou apenas metáfora ou apenas sinestesia), que uma visão tradicional mais atomística defende.

Os recentes estudos sobre sinestesia caminham no sentido de abandonar a ideia da aleatoriedade do fenómeno, mas antes de o enquadrar nas percepções multimodais, vendo a cognição como poderosa integradora de múltiplas percepções experienciais em interação com a linguagem. Dixon (2006) e Nikolic (2009) referem, para tal, o conceito de *ideaesthesia*:

Dixon *et al.* sugerem que é necessário referir-se ao fenómeno da ideastesia, que ocorre quando a ativação de conceitos (indutores) evoca experiências semelhantes à percepção (concorrentes) (Dixon *et al.*, 2006). Em contraste com a sinestesia propriamente dita, que em essência é a fusão de sentidos, a ideastesia manifesta-se no plano de interação entre o indutor semântico e o concorrente sensorial ou emotivo (Smirnova, 2016, p. 127)¹⁹. (Tradução nossa)

O conceito de *ideaesthesia* / "ideastesia" parece-nos não acrescentar nada de novo, apenas reconhecer um pressuposto de base da Semântica Cognitiva: que a ativação concetual evoca percepções decorrentes da experiência. Mas a sinestesia também evoca. Querer reservar o termo de sinestesia para a dita confluência, ou mistura de percepções

¹⁹ Dixon *et al.* suggest that it is necessary to refer to the phenomenon of ideasthesia, which occurs when activation of concepts (inducers) evokes perception-like experiences (concurrents) (Dixon *et al.*, 2006). In contrast to synesthesia proper, which in essence is the conflation of senses, ideasthesia is manifested on the plane of interaction between the semantic inducer and sense-like or emotive concurrent. (Smirnova, 2016, p. 127)

(vista um pouco como anormal), não parece justificar-se, nem à luz da própria perspectiva que defende de que as sinestésias, aparentemente resultantes de cruzamentos perceptivos aleatórios, parecem ter outra explicação menos ligada ao acaso.

Assim, caso se considere que uma nomenclatura designativa é importante, parece-nos mais útil que ao termo de *metaftonímia*, sem dúvida de enorme pertinência e utilidade, se possa aliar um outro que refira a verificável associação entre valores que implicam múltiplas associações semântico-cognitivas, seja metonímia-metáfora-sinestesia (ou metaftonímia-sinestesia), seja metáfora-sinestesia ou seja ainda metonímia-sinestesia, no caso de ser possível e útil manter a base das distinções tradicionais. Dado que o prefixo *sin-* significa “junção”, poderíamos designar como *sintonímia* o funcionamento conjunto dos fenómenos semântico-cognitivos metonímia-metáfora-sinestesia, tradicionalmente vistos como independentes. A Figura 8 pretende representar a realidade desse funcionamento conjunto sintonímico como contraposto às visões autonomistas metáfora-metonímia, e complementar do conceito de metaftonímia.

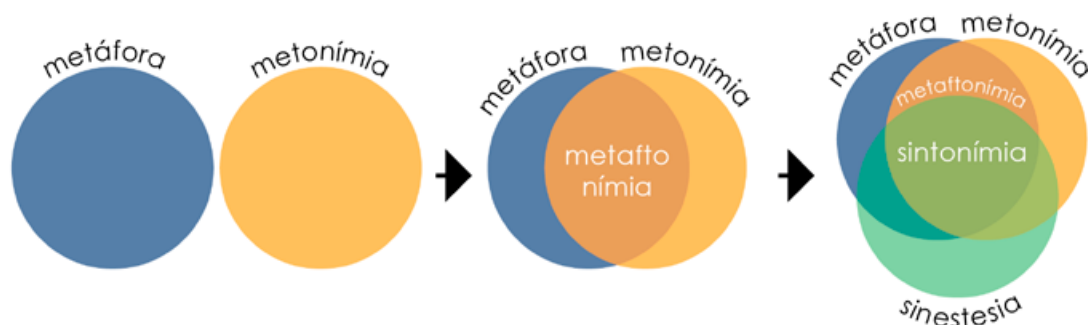


Figura 8. Interseção entre metáfora, metonímia e sinestesia

5. VISÃO GLOBAL DA CONCETUALIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO A PARTIR DOS DADOS

Embora neste texto não seja possível apresentar a totalidade dos dados obtidos nem todas as análises a eles pertinentes²⁰, parece podermos concluir, com pouca margem para dúvidas, que não apenas o acionamento das cores no processo de construção semântica não é aleatório, mesmo nos casos da não referencialidade cromática direta, como também as razões justificativas desse acionamento se

²⁰ Podem ser encontrados em trabalhos complementares a este e atrás indicados (Cf. Teixeira, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b).

alicerçam nas múltiplas associações linguístico-cognitivas processadas. Ora, o cérebro e a mente não podem ser vistos como constituídos por “domínios” autónomos e discretos para os gramáticos, linguistas cognitivistas ou psicólogos poderem individualizar as metáforas das metonímias e das sinestésias. Nos processos de organização concetual, tudo está conectado em rede e, se bem que prototipicamente estes três mecanismos se possam metodologicamente diferenciar, a realidade é mais complexa e interdependente, como procuramos demonstrar e, por tal razão, propor o conceito de “sintonímia”.

Este conceito, na medida em que relaciona os valores semânticos com as nossas experiências corpóreas (individuais e sociais), vai ao encontro do de “significado corporizado” (Lakoff, 1995; Lakoff & Johnson, 1999), e a sistematicidade dos resultados parece comprovar que, nos nossos processos cognitivos de construção concetual e de categorização, somos mais sinestetas do que tradicionalmente se costuma pensar. Na verdade, parece que a mente procura, o mais possível, equivalências entre perceções dos mais diversos âmbitos, buscando associar as cores não apenas a objetos, mas igualmente a sentimentos, ideias e emoções.

A ser assim, talvez não se justifique, de uma forma tão rígida, a divisão tradicional entre mentes sinestetas (“anormais e com patologias”) e as outras ditas “normais” (Beeli *et al.*, 2007; Yokoyama *et al.*, 2014). Todas as mentes são, mais ou menos, sinestetas: procuram ligar e associar áreas com perceções sensoriais diversas. A diferença estará no grau de sinestesia, e não na existência, ou não, do processo. Associações invulgares (letra A e vermelho) serão sinestésias em maior grau, porque são menos evidentes as motivações que as suportam. As associações, como as verificáveis entre *morte* e as cores preta/branca, entre o vermelho e *amor*, entre a *indecisão* e a cor cinzenta baseiam-se em processos bastante idênticos, passando também pela metonímia e metáfora. A sinestesia poderá, assim, ser vista como uma das três faces de um todo cognitivo que envolve um processamento *sintonímico*, indispensável para se entenderem as associações aparentemente estranhas que as nossas mentes gostam de fazer, como quando verificamos que atribuem sistematicidade de cores ao sentido de frases como provérbios aparentemente “descoloridos”. É que a dimensão sinestésica (e não apenas simbólica) das cores parece nunca estar completamente, mas apenas parcialmente, adormecida. Se a célebre frase *colorless green*

ideas sleep furiously (Chomsky, 1957) foi feita para dar o exemplo do que se chamou de frases “ininterpretáveis”, talvez se lhe possa contrapor uma outra que muitos também pensarão ininterpretável, mas que as nossas mentes sinestéticas parecem aceitar: a de que, para a interpretação semântica, ideias cheias de cor dormem cognitivamente.

Witzel & Gegenfurtner (2018), citando estudos anteriores (Weiss, *et al.*, 2017; Witzel, van Alphen, *et al.*, 2016), sublinham a importância da categorização linguística para a percepção do vermelho, amarelo, verde e azul enquanto realidades autonomamente perceptivas. Dito de outra maneira, a nossa percepção das cores é influenciada pela organização do *cluster* perceptivo, no qual se coordenam valores cognitivos e linguísticos: “a constância de categorizar as cores típicas (focais) parece ser mais uma consequência da categorização do que uma característica da constância perceptiva da cor”. (Witzel & Gegenfurtner, 2018, p. 153)²¹. (Tradução nossa).

Ou seja, nos processos de categorização parece criar-se um *feedback* entre as categorias já construídas e as que estão em processo de construção, de tal modo que a construção de categorias linguísticas não é apenas o resultado dos processos de percepção, uma vez que as próprias categorias construídas influenciam esses mesmos processos perceptivos. Todos sabemos que a cognição influencia a categorização: os nomes das cores, dentro de uma língua, exemplificam os processos de categorização; o que não é tão referido é que a categorização pode influenciar a própria percepção. As categorizações (espelhadas no *color naming*) influenciam a forma como percebemos as cores, e, portanto, influenciam todo o processo, desde a organização concetual à categorial. De acordo com Witzel & Gegenfurtner (2018, p 162) “(...) as nossas observações também levantaram questões importantes sobre o papel da luminosidade, intensidade e nomenclatura das cores na medição de matizes únicos e a sua relação com a sensibilidade.” (Tradução nossa).

Em síntese: parece haver um constante *feedback* cognitivo entre os processos de percepção e de categorização linguística. A imensa e (no estado atual da ciência) desconhecida complexidade de como

²¹ “(...) the constancy of categorizing typical colors seems to be a consequence of categorization rather than a feature of perceptual color constancy.” (Witzel & Gegenfurtner, 2018, p. 153)

isso acontece, além de nos maravilhar, parece indicar que a mente não faz fronteiras rígidas entre os variados processos de que se serve, e aos quais a tradição, por limitação, atribuía funcionamento autónomo, como, por exemplo, no domínio dos processos metafóricos, metonímicos e sinestésicos. O que parecem demonstrar as cores atribuídas aos provérbios é, pelo contrário, a profunda implicação entre os três processos e, por isso, a justificação de aceitarmos que nos processos semântico-cognitivos a mente não é, à vez, metonímica, metafórica e sinestética, mas frequentemente *sintonímica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barcelona, A. (Ed.). (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Mouton de Gruyter.

Barnett, K., Feeney, J., Gormley, M., & Newell, F. (2009). An exploratory study of linguistic colour associations across languages in multilingual synaesthetes. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 62 (7), 1343–1354. <https://doi.org/10.1080%2F17470210802483461>

Beeli, G., Esslen, M., & Jäncke, L. (2007). Frequency Correlates in Grapheme-Color Synaesthesia. *Association for Psychological Science*, 18 (9), 788-792.

Brang, D., Rouw, R., Ramachandran, V., & Coulson, S. (2011). Similarly shaped letters evoke similar colors in grapheme–color synesthesia. *Neuropsychologia*, 49 (5), 1355–1358. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2011.01.002>

Chomsky, N. (1957). *Syntactic structures*. The Hague, Mouton.

Damasio, A. (2010). *Self comes to mind: Constructing the conscious brain*. Pantheon.

Dixon, M., Smilek, D., Duffy, P., Zanna, M., & Merikle, P. (2006). The role of meaning in grapheme-colour synaesthesia. *Cortex*, 42, 243–252.

Gibbs, Jr., & Raymond, W. (2003). Embodied experience and linguistic meaning. *Brain and language*, 84, 1-15.

Gibbs, Jr., Raymond, W., Lima, P., & Francozo, E. (2004). Metaphor is grounded in embodied experience. *Journal of Pragmatics*, 36, 1189-1210.

- Goodhew, S., & Kidd, E.** (2017). Language use statistics and prototypical grapheme colours predict synaesthetes' and non-synaesthetes' word-colour associations. *Acta Psychologica*, 173, 73–86.
- Goossens, L.** (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323-342.
- Grady, J.** (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*. University of California. <https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2>.
- Johnson, M.** (2012). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. University of Chicago Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press.
- Lakoff, G.** (1995). Embodied Minds and Meanings. Baumgartner, P., & Payr, S. (Eds.). *Speaking Minds – Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*. Princeton University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. Basic Books
- Nikolic, D.** (2009). Is synaesthesia actually ideaesthesia? An inquiry into the nature of the phenomenon. *Congress on Synaesthesia, Science & Art, Granada, Spain, April 26-29, 2009*.
- Rich, A., Bradshaw, & J., Mattingley, J.** (2005). A systematic, large-scale study of synaesthesia: Implications for the role of early experience in lexical-colour associations. *Cognition*, 98, 53–84.
- Rouw, R., Case, L., Gosavi, R., & Ramachandran, V.** (2014). Color associations for days and letters across different languages. *Frontiers in Psychology*, 5, 369. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00369>
- Silva, A.** (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português – Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.
- Simmons, W., Ramjee, V., Beauchamp, M., McRae, K., Martin, A., & Barsalou, L.** (2007). A common neural substrate for perceiving and knowing about color. *Neuropsychologia*, 45(12) 2802–2810. <https://dx.doi.org/10.1016%2Fj.neuropsychologia.2007.05.002>

Simner, J., Ward, J., Lanz, M., Jansari, A., Noonan, K., Glover, L., & Oakley, D. (2005). Non-random associations of graphemes to colours in synaesthetic and non-synaesthetic populations. *Cognitive Neuropsychology*, 22(8), 1069–1085. <https://doi.org/10.1080/02643290500200122>

Simner, J., Glover, L., & Mowat, A. (2006). Linguistic determinants of word colouring in grapheme-colour synaesthesia. *Cortex*, 42(2), 281–289.

Smirnova, T. (2016). Sound of a slogan: Appealing to audiences in the global market. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 236, 125–130.

Teixeira, J. (2010,). Texto jornalístico e metáforas de vida e morte no futebol. Silva, A., Martins, J., Magalhães, L., & Gonçalves, M. (Orgs). *Comunicação, Cognição e Media*, 2, 305-322. Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/1822/11258>

Teixeira, J. (2011). Futebol, inferno, jogo e guerra: As realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses. *Diacrítica – Ciências da Linguagem*, 25 (1), 283-318. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/17804>

Teixeira, J. (2012). Metaftonímia, cognição e cinema: O caso de *Match Point* de Woody Allen. Macedo, A., Sousa, C., & Moura, V. (Orgs). *Estética, Cultura Material e Diálogos Intersemióticos – XIII COLÓQUIO DE OUTONO*, 165-184. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/20933>

Teixeira, J. (2013). A Bolsa e a vida: Sistemática e metaftonímia no discurso económico. Silva, A., Martins, J., Magalhães, L., & e Gonçalves, M. (Orgs). *Comunicação, Política e Económica – Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 522-535. Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa de Braga. ISBN: 978-972-697-213-6. <http://hdl.handle.net/1822/27684>

Teixeira, J. (2018a). As cores dos provérbios: Significado linguístico e sinestesia. *Proceedings/Actas ICP17, 11º/11th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios*, 380-391. Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), 5-9 novembro, Tavira, Portugal.

Teixeira, J. (2018b). As cores no processamento do significado: Provérbios e sinestesia. *Revista Galega de Filoloxía*, 19, 131-149. <https://doi.org/10.17979/rgf.2018.19.0.4950>. <http://hdl.handle.net/1822/59148>

Teixeira, J. (2019a). Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor. Marques, M. A. & Rei, X. M. (Eds.). *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa*, 263-292. Laiovento. <http://hdl.handle.net/1822/61026>

Teixeira, J. (2019b). As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor". In *Studia Iberystyczne* 18 (2019), 537-561. <http://hdl.handle.net/1822/63156>

Teixeira, J. (s.d.). Categorização e concetualização: da metáfora/ metonímia e sinestesia à 'sintonímia'. (em fase de publicação como Almeida, A. D., *Categorização: Construindo Redes de Conhecimentos*, UFBA/UNEB-PNPD-CAPES).

Ward, J. (2006). Sound-color Synaesthesia: To what extent does it use cross-modal mechanisms common to us all?. *Cortex*, 42, 264-280.

Weiss, D., Witzel, C., & Gegenfurtner, K. (2017). Determinants of Colour Constancy and the Blue Bias. *i-Perception*, 8(6). <https://doi.org/10.1177/2041669517739635>

Witzel, C., Alphen, C., Godau, C., & O'Regan, J. (2016). Uncertainty of sensory signal explains variation of color constancy. *Journal of Vision*, 16(15). <https://doi.org/10.1167/16.15.8>

Witzel, C., & Gegenfurtner, Karl. (2018). Are red, yellow, green, and blue perceptual categories?. *Vision Research*, 151, 152-163.

Yokoyama, T., Noguchi, Y., Koga, H., Tachibana, R., Saiki, J., Kakigi, R., & Kita, Sh. (2014). Multiple neural mechanisms for coloring words in synesthesia. *NeuroImage*, 94, 360-371.

A CAMPANHA ELEITORAL DE 2018 NO BRASIL E O SISTEMA METAFÓRICO DA MORAL A ELA SUBJACENTE

Marcos António Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Adotando como fundamento o Sistema Metafórico da Moral (Lakoff & Johnson, 1999, pp. 290-334), propomo-nos a investigar o processo de conceptualização metafórica da moralidade no português do Brasil, empiricamente apoiados em um conjunto de charges que expressam as categorias coxinha e mortadela no contexto da última campanha eleitoral para presidente da república, ocorrida em 2018. O suporte teórico-conceitual advém da Linguística Cognitiva, em especial da Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff & Johnson, 1980, 1999; Kovecses, 2005, 2010), das discussões acerca dos processos de categorização (Taylor, 1992; Lakoff & Johnson, 1999; Ungerer & Schmid, 2008), da Teoria dos Protótipos (Berlin & Kay, 1969; Rosch, 1978; Rosch & Mervis, 1975; Taylor, 2008), assim como da categoria analítica frames (Fillmore, 1977, 1982, 1985; Fillmore & Baker, 2010; Lakoff, 2004, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Cognição, Cultura, Moralidade, Metáfora, Frame

ABSTRACT

From the theoretical point of view of the Metaphorical System of Morality (Lakoff; Johnson, 1999, p. 290-334), we aim at investigating the process of metaphorical conceptualization of morality in Brazilian Portuguese, empirically supported by a set of cartoons that express the categories coxinha and mortadela in the context of the 2018 presidential campaign. The theoretical-conceptual framework comes from Cognitive Linguistics, mainly Conceptual Theory of Metaphor (Lakoff & Johnson, 1980, 1999; Kovecses, 2005, 2010), from the discussions on the processes of categorization (Taylor, 1995; Lakoff; Johnson, 1999; Ungerer; Schmid, 1996;), from the Theory of Prototypes (Berlin; Kay, 1969; Rosch, 1978; Rosch; Mervis, 1975; Taylor, 2008), as well as from the analytical category frames (Fillmore, 1977, 1982, 1985; Fillmore & Baker, 2010; Lakoff, 2004, 2008).

KEYWORDS: Cognition, Culture, Morality, Metaphor, Frame

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O cenário da política brasileira durante a campanha presidencial em 2018, marcado por uma forte tensão social, trouxe a moral para o centro do debate. O forte viés moralista que atravessou um ramificado panorama partidário pode ser evidenciado, em particular, quando consideramos duas categorias que parecem ter assumido singular valor semântico no imaginário da cultura política brasileira: *coxinha* e *mortadela*. Originários da acirrada disputa eleitoral de 2014, e reforçados durante os protestos de março de 2016 (considerados os maiores protestos nacionais contra o governo da então presidente Dilma Rousseff), *coxinha* e *mortadela* são termos que, primeiramente, serviram para designar, por um lado, os manifestantes que se expressavam contra o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), os *coxinhas*, e, por outro, os militantes defensores desse Partido, os *mortadelas*. Ao que nos parece, o uso metafórico desses termos, muito mais do que designar uma escolha partidária, ganhou uma acepção ética, moral, capaz de exprimir inúmeros temas da vida social e cultural do brasileiro.

Considerando esse momento histórico recente da política brasileira, e adotando como fundamento epistemológico o Sistema Metafórico da Moral (Lakoff & Johnson, 1999, pp. 290-334), nosso objetivo é investigar o processo de conceptualização metafórica da moralidade nessa conjuntura. Tal investigação está empiricamente apoiada em um *corpus* constituído por um conjunto de 20 charges¹ que expressam, conforme pretendemos demonstrar, sentidos axiológicos para os termos *coxinha* e *mortadela*, de modo a configurar um quadro de esquemas morais relacionados ao que ficou estabelecido, naquele contexto político brasileiro, como sendo o *modo ético de ser de um coxinha*, em oposição ao que seria o *modo ético de ser de um mortadela*. Essas charges foram publicadas entre os anos de 2013 e 2018, período marcado por inúmeras denúncias e prisões envolvendo a classe política brasileira.

A escolha da charge como âncora para nossas incursões analíticas se deu em virtude desse gênero discursivo permitir uma maior visibilidade da opinião do autor e, ao mesmo tempo, sua produção ser particularmente voltada para um leitor que também é histórico e culturalmente situado.

¹ Neste trabalho, para fins de apresentação de resultados e discussões parciais, são utilizadas, desse conjunto, apenas 04 charges.

Por outro lado, entendemos que a narratividade expressa pelas charges por meio de recursos linguísticos e imagéticos, e às vezes exclusivamente imagéticos, pode nos permitir ampliar o escopo das metáforas implicadas na conceptualização da moralidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação aqui proposta tem como embasamento teórico-conceitual pressupostos da Linguística Cognitiva, e considera, mais pontualmente, os seguintes princípios, conforme apresentados por Lakoff e Johnson (1999, p. 3): (1) A mente é inerentemente corporificada; (2) O pensamento é majoritariamente inconsciente; (3) Conceitos abstratos são largamente metafóricos. Esses princípios alicerçam o Sistema Metafórico da Moral (Lakoff & Johnson, 1999, pp. 290-334) e seus autores, assumindo o desafio de realizar um estudo empírico do conceito de moralidade, compreendem que essa categoria resulta de uma intrincada rede metafórica restringida por um modelo cultural de bem-estar, em especial o bem-estar físico e social. Nesses termos, moralidade é metaforicamente associada ao bem-estar humano, de maneira que conceitos morais tais como justiça, proibição, compaixão, tolerância, dentre outros, decorreriam de nossas preocupações fundamentais quanto a melhor maneira de como devemos viver. Não se trata, certamente, da busca por uma essência da moralidade, mas do propósito de detectar, descrever e analisar estratégias de produção de sentido para tal conceito, identificando, portanto, seu processo de conceptualização.

Alinhados às ideias apresentadas por Lakoff e Johnson (1999), assumimos como principal constructo teórico norteador do presente estudo a Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff & Johnson, 1980, 1999; Kovecses, 2005, 2010) acrescida das contribuições advindas, no âmbito da Linguística Cognitiva, das discussões acerca dos processos de categorização (Taylor, 1995; Lakoff & Johnson, 1999; Ungerer & Schmid, 2008), da Teoria dos Protótipos (Berlin & Kay, 1969; Rosch, 1978; Rosch & Mervis, 1975; Taylor, 2008), assim como da categoria analítica *frames* (Fillmore, 1977, 1982, 2010; Lakoff, 2004, 2008).

A abordagem cognitiva da linguagem utilizada como suporte teórico para este trabalho se consolida a partir do final da década de 1970, assumindo para si dois compromissos que se complementam: a)

compreender o papel da linguagem na produção do conhecimento, ou, dizendo de outro modo, como o conhecimento é adquirido através da linguagem, e b) tomar a significação como fenômeno linguístico primário. Tais compromissos têm como corolário o pressuposto de que os processos cognitivos, sociointeracionais e culturais devem ser estudados concomitantemente, uma vez que se apresentam inter-relacionados.

Coerentemente com tais princípios, as atividades de categorização, que evidenciam o funcionamento semântico das línguas, são admitidas pela Linguística Cognitiva como função primeira da linguagem. São os processos de categorização que nos possibilitam organizar discursiva e cognitivamente nossa experiência, permitindo nos constituir em convenções e adaptações nossa realidade cultural e social. Acompanhando o que afirmam Ungerer e Schmid (2008), podemos dizer que a classificação, via processos de categorização, da grande variedade de referentes encontrados no ambiente, abordando de maneira similar aqueles que podem ser agrupados de acordo com determinado critério, permite grande economia cognitiva, condições de predição e planejamento discursivo. É o que acontece, por exemplo, quanto estabilizamos o conceito de *coxinha* e *mortadela* para fazer referência à postura ética de grupos sociais.

Tais processos são mediados por redes de conhecimento que se organizam na forma de domínios mentais e atuam, simultaneamente, como modelos culturais dos falantes, não podendo, por isso mesmo, serem satisfatoriamente analisados sem que se considere a própria dinâmica dos jogos que envolvem as diversas práticas discursivas. Essa perspectiva social da cognição atenua as fronteiras entre as estruturas da língua, da mente e do mundo, tornando-as intercambiáveis.

Questões dessa natureza estão invariavelmente vinculadas, pelo menos desde os antigos gregos, às perguntas sobre as condições que nos permitem o acesso à realidade, assim como aos modos de construção do conhecimento. Essa dimensão da linguagem é particularmente relevante para a abordagem cognitivista contemporânea dos estudos linguísticos.

A epistemologia da corporalidade, por sua vez, conforme proposta formulada, dentre outros autores, por Lakoff (1987), Johnson (1987), Lakoff e Johnson (1999), Kovecses (2010), permite-nos avançar na

investigação do papel de fatores socioculturais na organização, estruturação e funcionamento dos sistemas conceituais. Isso porque o conceito de corporalidade, conforme aqui empregado, implica a perspectiva segundo a qual a cognição (e logo também a linguagem) é determinada pelas experiências vivenciadas pelo nosso próprio corpo (o “corpo na mente”, na expressão de Johnson, 1987), assim como pelos modelos instituídos pela cultura.

Portanto, tomando como escopo a Linguística Cognitiva, o conceito de corporalidade pode ser abordado sob diferentes sentidos e níveis de investigação, considerando-se tanto as atividades relativas ao sistema sensorio-motor humano, como também as experiências marcadamente influenciadas por elementos culturais historicamente tipificados e estereotipados. É esse conceito que nos permite compreender, por exemplo, o postulado básico da teoria da metáfora conceitual (Lakoff & Johnson, 1980), segundo o qual há uma forte delimitação na unidirecionalidade metafórica, uma vez que um domínio-fonte mais corpóreo é usado para entender um domínio-alvo abstrato. Nesses termos, como dimensão fundamental da linguagem e da cognição, o funcionamento da metáfora envolve a conceptualização de um domínio cognitivo em termos de outro domínio cognitivo, configurando-se, portanto, como mapeamentos gerais entre domínios conceituais.

O que nos parece indiscutível é o fato de que tanto a diversidade cognitiva observada quando comparamos culturas diferentes (evidenciada, por exemplo, nas relações que os sujeitos estabelecem entre diferentes objetos e situações ou na maneira como focalizam determinados eventos), assim como as variações nos princípios de categorização lexical e nas construções gramaticais podem ser analisadas mais satisfatoriamente quando partimos do pressuposto de que entre cognição, linguagem e entorno sociocultural existem complexas interações e mútuas acomodações.

2.1. FRAMES: A EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL E A ORGANIZAÇÃO COGNITIVA

O conceito de *frame* está tradicionalmente vinculado às estruturas de expectativa resultantes da organização do conhecimento realizada pelos seres humanos com base em sua experiência no mundo e na cultura. De acordo com Tannen (1993), esse conceito pode ser encontrado, com

outras denominações, nos estudos de diferentes áreas do conhecimento: Linguística, Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Inteligência Artificial, Sociologia, Antropologia, entre outros campos. Embora divergindo em um traço ou outro, os autores definem *Frame*, em geral, como sendo modelos complexos de organização do conhecimento, sendo este compartilhado cultural e socialmente. Basicamente, os *frames* dizem respeito aos aspectos inferenciais envolvidos na compreensão da linguagem (Fillmore, 1982). Como mecanismos cognitivos sistematizados a partir das vivências sociais e culturais (Goffman, 1974), os *frames* nos permitem organizar pensamentos, ideias e visões de mundo, orientando-nos quanto à maneira de compreendermos as categorias à nossa volta. Em síntese, e conforme Lakoff (2008, p.22), “os *frames* estão entre as estruturas cognitivas com que pensamos”.

Para a Linguística Cognitiva, o acionamento dessas estruturas ocorre a partir de indexadores linguísticos que vão sendo apresentados sucessivamente no discurso. Por exemplo, a compreensão do que seja, no âmbito da política que marcou as eleições de 2018 no Brasil, um *coxinha* ou um *mortadela* exige o reconhecimento de um conjunto de outros conceitos, contextos e propriedades, tais como política, militância partidária, interesses antagônicos de classes sociais, eleições, corrupção, consciência política, dentre tantas outras informações que configuram os *frames* acionados pelos dois indexadores linguísticos. No caso específico de nossos dados, as charges se apresentam como indexadores linguísticos e imagéticos, sendo em alguns casos indexadores exclusivamente imagéticos.

Cada situação comunicativa aciona um conjunto de *frames*, e quanto mais um determinado *frame* é acionado, mais reforçado ele se torna (Lakoff, 2004), passando a não demandar, conseqüentemente, muito esforço de raciocínio e podendo ser acionado, inclusive, por itens linguísticos isolados, como é o caso de *coxinha* e *mortadela*.

Nesse sentido, o acionamento de um determinado repertório cultural (que, conforme vimos, está na raiz da constituição dos *frames*) exerce grande influência na construção de sentido de um texto, como, por exemplo, de uma charge, a ponto de permitir a construção de inferências que acabam tendo grande participação no processo de construção do conceito de moralidade, como pretendemos aqui demonstrar.

Vale salientar ainda que, conforme apontado por Chishman e Bertoldi (2013), a depender dos elementos que compõem o texto, algumas características do *frame* acionado são enquadradas, enquanto outras ficam ao fundo, podendo ser acionadas a qualquer momento. Ou seja, embora seu acionamento ocorra como um todo, a ativação de traços específicos do *frame* está subordinada às pistas linguísticas e imagéticas que compõe a superfície textual, que focalizam, assim, esta ou aquela característica. Esse processo de focalização de determinados aspectos, ou atributos, de um *frame* pode ser percebido, por exemplo, quando atentamos para os traços que são projetados do domínio-fonte para o domínio alvo na estruturação de uma metáfora conceptual. Podemos concluir, então, que é no processo de projeção entre domínios conceptuais, o que acarreta o acionamento de um conjunto de *frames*, que são construídos sentidos complexos responsáveis pela configuração de diferentes visões de mundo.

Neste trabalho, as considerações acerca do acionamento de *frames* específicos na construção conceptual da moralidade, a partir da análise de um conjunto de charges, ganha particular relevância no escopo do Sistema Metafórico da Moral, proposto por Lakoff e Johnson (1999), que apresentamos na seção que se segue.

4.2. O SISTEMA METAFÓRICO DA MORAL: MODELOS CULTURAIS E VALORES METAFÓRICOS

Subscrevendo as hipóteses que sustentam a teoria da metáfora conceptual, Lakoff e Johnson (1999, pp. 290-334) apresentam um modelo analítico para o que é chamado de Sistema Metafórico da Moral. Para os autores, todos os nossos conceitos morais abstratos – tais como justiça, direito, empatia, tolerância, dentre outros – são definidos por metáforas. Em outros termos, o que os autores defendem é que um grande sistema de mapeamentos metafóricos para conceptualizar, raciocinar e falar sobre as ideias morais se estabelecem em nosso inconsciente cognitivo.

Os domínios-fonte das metáforas que expressam sentido de moralidade se alicerçam, nomeadamente, no que as pessoas, de acordo com a história e através das culturas, entendem como aquilo que contribui para seu bem-estar, em especial o bem-estar físico/social. Por exemplo, a ação moral pode ser conceptualizada em termos de transação financeira. De acordo com os autores, a ideia básica por trás

da “contabilidade moral” é a seguinte: aumentar o nível de bem-estar do outro é aumentar metaforicamente sua riqueza. Diminuir o bem-estar do outro é metaforicamente diminuir sua riqueza. Ou seja, “fazer algo de bom para alguém é metaforicamente dar a essa pessoa algo de valor, por exemplo, dinheiro. Fazer algo ruim com alguém é tirar metaforicamente algo de valor dessa pessoa. Aumentar o bem-estar dos outros lhe dá crédito moral” (Lakoff & Johnson, 1999, pp. 292-293). Os autores destacam ainda que é importante termos em mente que o domínio-fonte da metáfora MORALIDADE É TRANSAÇÃO FINANCEIRA tem, ele próprio, uma moralidade: é moral pagar suas dívidas, não o fazer é imoral.

A Metáfora da Contabilidade Moral envolve um certo número de esquemas morais básicos, tais como *reciprocidade, retribuição e vingança, restituição, altruísmo, dar a outra face e equidade* (Lakoff & Johnson, 1999, pp. 293-298). Em particular, no âmbito do *Sistema Metafórico da Moral*, a Metáfora da Contabilidade Moral e os esquemas morais a ela relacionados parecem-nos particularmente produtivos para a análise que pretendemos realizar das charges que caracterizam a polaridade ente *coxinhas e mortadelas* no campo político brasileiro.

Outras metáforas que associam moralidade ao bem-estar humano são apontadas pelos autores, como a que associa moralidade e saúde (MORALIDADE É SAÚDE). Como saúde é melhor que doença, conceptualizamos imoralidade como doença e, conseqüentemente, o comportamento imoral é visto como algo que contamina, como um vírus que pode se disseminar de maneira epidêmica. Decorre, daí, a ideia de HIGIENE MORAL: assim como uma pessoa infectada deve ser isolada para se evitar o contato com outras pessoas e infectá-las, as pessoas imorais também devem ser isoladas para não exercerem má influência sobre outras.

Mais um exemplo de metáfora no *Sistema Metafórico da Moral* é MORALIDADE É LIMPEZA e, conseqüentemente, IMORALIDADE É SUJEIRA. Ao dizermos que uma substância está limpa, isso quer dizer que não há impurezas. Por impureza, entendemos sujeira. Se algo está limpo, é puro. Caso não esteja, é impuro, sujo. Essa relação entre “limpeza” e “sujeira” ou “pureza” e “impureza” gera a metáfora da PUREZA MORAL associada à ideia de “reabilitação” moral, ou seja: é possível limpar o ato de alguém e restaurar a pureza da vontade. O fato é que “não há

nada inerente à noção de pureza que se alinhe com a bondade. [...] No entanto, no reino moral, a pureza assume um valor positivo - permanecer puro é algo bom e desejável, enquanto ser impuro é visto como algo ruim". (Lakoff & Johnson, 1999, p.307).

Os autores observam ainda que a força física que nos permite alcançar nossas metas e superar obstáculos é o que nos leva a compreender a FORÇA MORAL como algo que nos permite confrontar e superar o mal.

Outras metáforas são apontadas no quadro do *Sistema Metafórico da Moral* proposto por Lakoff e Johnson (1999). Mesmo assim, os autores reconhecem o caráter não exaustivo da tipologia apresentada. Portanto, não se trata de determinar o traço necessário e suficiente para a categoria *moralidade*, mas detectar formas de expressão de tal categoria nas diferentes línguas do mundo, identificando o modo como as pessoas a conceptualizam e estabelecendo generalizações acerca desse campo de significação. Isso porque

Tão importante quanto observar o papel que a moralidade metafórica desempenha em nossas decisões morais manifestas [...], é igualmente importante reconhecer quando nosso sistema moral entra de uma forma oculta em **áreas vitais de nossa cultura: política e religião**. (Lakoff & Johnson, 1999, p. 334) (destaque a negrito nosso).

Entendemos que o nosso propósito de buscar evidências empíricas, no âmbito da atual história política brasileira, de que a conceptualização da moralidade decorre de uma rede metafórica coaduna-se com preocupações dessa natureza.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES PARCIAIS

Precisamos esclarecer, preliminarmente, os valores sociais que, na gastronomia brasileira, assumem o salgadinho que recebe o nome de *coxinha* e o embutido de nome mortadela. Conforme nos informa a Wikipédia, a *coxinha* é de origem paulista, também comum em Portugal, feita com massa de farinha de trigo (ou de batata) e caldo de galinha, que envolve um recheio elaborado com carne temperada de frango, queijo, calabresa, ou vários outros tipos de sabores. Em formatos pequenos, as *coxinhas* são servidas em festas e *buffets*, o que lhes confere um certo *status* social. A mortadela, por sua vez, é um alimento (um enchido) feito, mais tradicionalmente, a partir da mistura de carne suína,

bovina, aves e cubos de gordura. Muitas vezes é estigmatizada como alimento das classes desfavorecidas economicamente que, na falta de carnes nobres para o consumo diário, veem-se diante da necessidade de comprar esse produto mais barato. Estabelecida essa hierarquia entre os dois produtos, parece-nos indiscutível a motivação sociocultural responsável pela elaboração de modelos cognitivos que nos ajudem a compreender a elaboração metafórica resultante da projeção de *frames* relacionados à “coxinha” e à “mortadela” do campo da culinária para o espaço da política.

Embora exista alguma controvérsia quanto à sua origem, o termo *coxinha*, usado para fazer referência aos críticos/adversários do Partido dos Trabalhadores, surge, de acordo com Margaret Schmidt², de uma gíria já existente há décadas na cidade de São Paulo e que antes designava apenas um xingamento direcionado aos policiais. Em troca da segurança momentânea a certos comerciantes, esses policiais recebiam como pagamento coxinha e café coado. Cabia a esses policiais (e ao que parece essa prática ainda se mantém) espantar da porta das padarias e de outros comércios similares jovens cuja origem econômica e social era a mesma desses policiais. Em represália, tais jovens gritavam furiosos: “Seu coxinha, você sabe que eu não sou bandido. Você me conhece. Você está defendendo essa cara em troca de uma mísera coxinha. Coxinha, coxinha!”. Como aponta Margaret Schmidt, “a expressão coxinha passou então a ser sinônimo daquele que defende um *status quo* ao qual ele não pertence. Ele defende os ricos, pensa ser rico, mas na verdade é um objeto a serviço dos ricos. Um instrumento para subjugar os seus iguais”. As charges apresentadas abaixo atestam esse perfil:

² <https://www.revistaforum.com.br/finalmente-alguem-explicou-o-surgimento-do-termo-coxinha-leia-aqui/>. Acesso em: 19 dez. 2018.



Figura 1. *Shopping com estátua da liberdade vira meca dos coxinhas de Bauru*³



Figura 2. *Como reconhecer um coxinha? Pelos seus discursos inconfundíveis*⁴

As charges apresentadas nas figuras (01) e (02) procuraram ratificar que o coxinha, na *práxis* política, se configura como uma pessoa conservadora em sua visão do mundo, presa aos padrões normativos do *status quo*. Nesse sentido, vale a pena destacar que a charge da figura (01) faz referência a uma polêmica estátua de mais de 35 metros de altura, réplica da Estátua da Liberdade, construída em frente a uma loja de departamentos na cidade de Bauru, no interior do Estado de São Paulo.

Considerando o conjunto de charges analisadas, o sujeito-coxinha é apresentado como o defensor da moral e dos “bons costumes”, enaltecendo os valores da chamada “família tradicional”, lutando pela defesa da pátria contra os comunistas, atacando todos os grupos sociais que, no seu entendimento, prejudicam a ordem pública.

O termo *mortadela*, por sua vez, é mais recente e, pelo menos a princípio, remete ao sanduíche de mortadela, que se tornou símbolo dos militantes de esquerda após ter sido postada uma foto em março

³ Fonte: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/coxinha/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

⁴ Fonte: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/coxinha/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

de 2015 de pessoas recebendo uma caixa de pão com mortadela, que, supostamente, teria sido paga pelo governo para que os presentes fizessem volume em manifestações a favor do Partido dos Trabalhadores.

Vejamos as duas charges reproduzidas abaixo:



Figura 3. Não vai ter golpe⁵



Figura 4. Vale-Alimentação⁶

O tipo político configurado metaforicamente por essas charges, o sujeito mortadela, é moralmente depreciado como aquele que, possuindo baixa renda, é utilizado para carregar bandeiras de partidos políticos ou de centrais sindicais em manifestações. Em troca, recebe um pouco de dinheiro e/ou um sanduiche de mortadela. Assim sendo, sua “militância” é caracterizada como sem identidade ideológica, uma vez que sua manifestação se reduz a um trabalho temporário. Nesse caso, identificamos com precisão como a suposta prática de uma transação financeira serve de base para a conceptualização de uma ação moral. Nos termos de Lakoff e Johnson (1999), tratar-se-ia de um caso ilustrativo da “metáfora da contabilidade moral” (MORALIDADE É TRANSAÇÃO

⁵ Fonte: <http://www.sulconnection.com.br/noticias/2896/mortadela>. Acesso em: 05 jan. 2019.

⁶ Fonte: <https://www.blogderocha.com.br/category/charge/page/31/>. Acesso em: 05 jan. 2019.

FINANCEIRA), envolvendo um conjunto de esquemas morais, tais como reciprocidade, retribuição, vingança, restituição, altruísmo, dar a outra face e equidade.

4. NOTAS FINAIS

Subscrevendo a hipótese de que o modelo cultural de bem-estar físico e social é o escopo da rede metafórica da moralidade (Lakoff & Johnson, 1999), e considerando um conjunto de charges, buscamos evidências empíricas (linguísticas e imagéticas) para a hipótese de que a conceptualização da moralidade, no âmbito da atual história política brasileira, advém de um amplo sistema metafórico. Com esse intuito, procuramos compreender a base experiencial relacionada à gastronomia brasileira no que diz respeito aos itens *coxinha* e *mortadela*, e como os padrões socioculturais dessa experiência servem de base para modelos cognitivos operantes na cultura política dos brasileiros. Embora ainda parcialmente, apontamos indícios acerca da complexa rede metafórica que subjaz, no contexto da campanha eleitoral para presidente do Brasil em 2018, nas significativas categorias que motivaram mais de 50 candidatos, em todo o país, a usar *coxinha* e *mortadela* como alcunha eleitoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Berlin, B. & Kay, P. (1969). *Basic color terms*. University of California.

Chishman, R. & Bertoldi, A. (2013). A semântica de frames como paradigma para os estudos multilíngues: O caso dos frames *self_motion* e *criminal_process* em inglês e português. In *Caderno de estudos linguísticos*, jan./jun., 35-49.

Fillmore, Ch. (1977). Topics in lexical semantics. In Cole, R. W. (Ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. Indiana University Press.

Fillmore, Ch. (1982). Frame semantics. In Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Hanshin Publishing Company, 111-137.

Fillmore, Ch. (1985). Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 5 (2), 222-254.

Fillmore, Ch., & Baker, C. (2010). A frames approach to semantic analysis. In Heine, B., & Narrog, H. (Eds.). *The Oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford University Press, 313-340.

- Goffman, E.** (1974). *Frame Analysis*. Harper & Row.
- Johnson, M.** (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago University Press.
- Kovecses, Z.** (2005). *Metaphor in culture: Universality and variation*. Cambridge University Press.
- Kovecses, Z.** (2010). *Metaphor: A practical introduction*. Oxford University Press.
- Lakoff, G.** (1987). *Women, fire and dangerous things*. The University of Chicago Press.
- Lakoff, G.** (2004). *Don't think of an elephant: Know your values and frame the debate*. Chelsea Green.
- Lakoff, G.** (2008). *The political mind: Why you can't understand 21st-century American politics with an 18th-century brain*. Viking.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Rosch, E.** (1978). Principles of Categorization. In Rosch, E., & Lloyd, B. (Eds.). *Cognition and Categorization*, 27-48. Lawrence Erlbaum.
- Rosch, E., & Mervis, C.** (1975). Family resemblance: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 7(4), 573-605.
- Tannen, D.** (1993). *Framing in Discourse*. Oxford University Press.
- Taylor, J.** (1992). *Linguistic Categorization – Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford University Press.
- Taylor, J.** (2008). Prototypes in cognitive linguistics. In Robinson, P., & Ellis, N. (Eds.). *Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition*, (pp. 39-65). Routledge.
- Ungerer, F., & Schmid, H.** (2008). *An introduction of cognitive linguistics*. Foreign Language Teaching and Research Press.

ATRADORES E VEÍCULOS METAFÓRICOS NA GUERRA CONTRA A COVID-19: EVIDÊNCIAS DE UM ESTUDO DE CASO

Ana Cristina Pelosi¹

Universidade Federal do Ceará

Antenor Teixeira de Almeida Júnior²

Centro Universitário da Grande Fortaleza

RESUMO

Objetivamos descrever a trajetória discursiva, em espaços não lineares de interações em sites de notícias de mídias digitais, provocada pela temática COVID-19, e investigar as dinâmicas discursivas e cognitivas que emergem na produção e na compreensão das metáforas sistemáticas produzidas pelos leitores por meio de protocolos verbais. Para tanto, propomos uma articulação entre o pensamento de Holland (2004), Cameron e Larsen-Freeman (2008), Cameron e Maslen (2010), Almeida Júnior e Pelosi (2018) e Evans e Larsen-Freeman (2020). A análise se baseia nos conceitos de atratores, espaços de fase e metáforas sistemáticas, buscando definir discurso no escopo da teoria do Sistema Adaptativo Complexo (SAC). O trabalho está dividido em três partes. Primeiramente, discutimos a ideia de atratores, bacia de atratores, espaço de fase, fluxo discursivo e metáforas sistemáticas; em seguida, apresentamos a metodologia, e, finalmente, buscamos unir as reflexões dos autores mencionados no estudo dos fluxos dos atratores e metáforas sistemáticas para conceituarmos o discurso na perspectiva do SAC. Discutimos, ainda, como os veículos metafóricos movimentam o fluxo discursivo mobilizando os atratores e fazendo emergir metáforas sistemáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Atratores; Fluxo discursivo; Espaço de fase; Metáforas sistemáticas; COVID19

ABSTRACT

We aim to describe the discursive trajectory, in nonlinear spaces of interactions in digital media news sites, caused by the theme COVID-19, and to investigate the discursive and cognitive dynamics that emerge in the production and understanding of systematic metaphors produced by readers through verbal protocols. To do so, we propose an articulation

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Grupo de Pesquisa GELP/COLIN-UFC. Endereço eletrônico: pelosi@ufc.br

² Professor do Centro Universitário da Grande Fortaleza, Ce. Membro do Grupo de Pesquisa GELP/COLIN-UFC. Endereço eletrônico: ataj64@gmail.com

between the thought of Holland (2004), Cameron and Larsen-Freeman (2008), Cameron & Maslen (2010), Almeida Júnior & Pelosi (2018) and Evans & Larsen-Freeman (2020). The analysis undertaken is based on the concepts of attractors, phase spaces and systematic metaphors, seeking to define discourse within Complex Adaptive System theory (CAS). The work is divided into three parts. First, we discuss the idea of attractors, basin of attractors, phase space, discursive flow and systematic metaphors, then we present the methodology, and finally, we seek to unite the reflections of the authors mentioned in the study of flows of attractors and systematic metaphors in order to conceptualize discourse in CAS perspective. We further discuss how metaphorical vehicles move the discursive flow, mobilizing attractors to a particular region and causing the emergence of systematic metaphors.

KEYWORDS: Attractors; Discursive flow; Phase space; Systematic metaphors; COVID-19

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, objetivamos descrever a trajetória discursiva, em espaços não lineares de interações jornalísticas em plataformas digitais na internet, provocada pela COVID-19, bem como verificar, nestas interações, quais dinâmicas discursivas e cognitivas são acionadas na produção e na compreensão das metáforas sistemáticas produzidas pelos leitores por meio de protocolos verbais. O presente estudo se insere em dois campos teóricos: os sistemas dinâmicos complexos (Holland, 2004; Morin, 2008; Larsen-Freeman & Cameron, 2008) e a análise do discurso à luz da metáfora evidenciada pelos estudos das metáforas sistemáticas (Cameron, 2008; Cameron & Maslen, 2010). Procuramos entender a movência dos conceitos de atratores e suas trajetórias discursivas para melhor compreendê-los a partir da visão de linguagem como um Sistema Dinâmico Adaptativo Complexo. Assim, discutiremos como esses conceitos podem contribuir para explicar as práticas de linguagem na construção de sentido e como a dimensão discursiva ganha materialidade durante as interações enunciativas e se refletem na trajetória dos atratores.

Para tanto, nossas considerações fundamentam-se em: 1) uma concepção de linguagem como sistema adaptativo complexo na ótica da teoria da complexidade que, conforme Cameron e Larsen-Freeman (2008, p.227), é composto "de muitos agentes que interagem

de maneiras diferentes. Suas interações conduzem a novos padrões de emergência e de auto-organização em diferentes níveis e escalas de tempo”; 2) uma abordagem dinâmica não linear para demonstrar como os atratores se movimentam a partir dos veículos metafóricos presentes em textos multifacetados, dinâmicos e multimodais, que apresentam uma dimensão discursiva e cognitiva constitutiva dos textos multimodais; e 3) uma visão de metáfora como emergência complexa que resulta da atuação de fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que interagem no fluxo da atividade discursiva. (Gibbs & Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2008; Cameron & Maslen, 2010). Esta fundamentação demonstra como os veículos metafóricos, que, anteriormente, foram pensados como fixos ou estáticos, são reinterpretados como potenciais estabilidades emergentes nos sistemas dinâmicos.

Nosso capítulo está organizado em três seções: a primeira tem como foco considerações sobre a teoria dos sistemas dinâmicos complexos e a visão de metáfora como emergência complexa e dinâmica; a segunda discorre sobre **atratores** (que direcionam o fluxo da interação e podem levar a estados de preferência do sistema – estados-fase), **acionadores** (*triggers* que influenciam o direcionamento do fluxo) e **auto-organização**, buscando relacioná-los aos conceitos de **veículo-metafórico** e **metáfora sistemática**; a terceira e última trata da análise de uma interação digital sobre a COVID-19 para identificar os acionadores (veículos-metafóricos) no texto visual imagético e no autorrelatório do protocolo verbal, os quais movimentam o fluxo dos atratores para um espaço abstrato chamado “espaço de fase”, bem como as dinâmicas não lineares discursivas e cognitivas que instanciam as metáforas sistemáticas produzidas pelos usuários.

1.1. TEORIA DA COMPLEXIDADE

Com o interesse cada vez maior dos estudos linguísticos por uma concepção sociocognitiva e internacional da linguagem, ao considerar fatores intersubjetivos e cognitivos que atuam de forma efetiva e constitutiva nas práticas sociais e discursivas, este trabalho apresenta a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (TSAC) como uma área de estudo que possibilitou empreender uma análise nessa perspectiva conceptual capaz de readequar os estudos da metáfora aos conceitos de emergência complexa que resultam da atuação

de fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que interagem no fluxo da atividade discursiva. (Almeida Júnior & Pelosi, 2018; Evans & Larsen-Freeman, 2020).

Essa abordagem teórica, característica de uma visão dinâmica e complexa (Morin, 2008), vem ganhando espaço na compreensão dos estudos da metáfora como um processo não linear e emergente no discurso, diferente daquela implícita na teoria da metáfora conceptual (Lakoff & Johnson, 1980, 1999; Gibbs, 1994). Dessa forma, e sob essa ótica, a metáfora não é mero mapeamento entre domínios conceptuais, é, sim, um fenômeno *ad hoc* transitório e mutável que incorpora, na sua emergência, aspectos cognitivos e biopsicossociais, tais como: fatores intra/intersubjetivos e crenças compartilhadas socioculturalmente.

Em geral, a palavra “complexidade” suscita no pensamento duas situações: a primeira é a de algo difícil de solução como um *puzzle* para adulto, com uma infinidade de peças, que parece impossível de montar. Todavia, como cada peça tem um lugar específico, percebemos que, com uma análise das peças e do grupamento das que são semelhantes, podemos montar o quebra-cabeça. Apesar de complicado pela quantidade e diversidade de peças, isso não parece ser *complexo*; a segunda é uma situação em que alguns elementos podem interagir dinamicamente uns com os outros de várias maneiras, produzindo resultados diferentes. Um exemplo é a estrutura molecular da água (H_2O) constituída pela combinação de dois tipos de átomos. A identidade da molécula não se daria pelos tipos e quantidades dos átomos envolvidos, mas pelas ações que se estabelecem entre eles. (Agostinho, 2003, p.4).

Nesse contexto, o termo complexo se refere ao segundo exemplo, com um sentido de interação das partes e não apenas uma simples ligação (Morin, 2008, p.93). Na visão da complexidade, surge uma das principais características de tais fenômenos que são as qualidades emergentes.

As emergências não surgem de regras complexas superiores nas quais já esteja embutido o resultado esperado. Ao contrário, resultam da interação de partes ou indivíduos movidos segundo algumas poucas e simples regras locais (que, dependendo do sistema considerado, podem

tomar, por exemplo, a forma de leis da física, mecanismos metabólicos ou regras de conduta). (Agostinho, 2003, p.5).

Dessa forma, existindo certas condições, a ordem emerge de situações aparentemente caóticas. Assim, a metáfora emergiria da atuação de diversos fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que, ao interagirem no fluxo da atividade discursiva, ficariam num estado de quase estabilidade. Consideremos um exemplo usado por Sardinha (2007, p.38), de um encontro entre um ex-terrorista irlandês e a filha de uma das vítimas, muitos anos depois do atentado, retirado de Cameron (2005). O sentido da metáfora emergida na interação discursiva relaciona ações violentas e consequências negativas de tais ações na metáfora sistemática O EFEITO NEGATIVO DE USAR VIOLÊNCIA É UM PREÇO QUE SE PAGA. A metáfora surge, assim, no fluxo discursivo por meio de evidências de uso socioculturalmente situado, em que cometer qualquer tipo de violência não só tem “alto preço”, que “no final das contas” paga-se pelo erro cometido, mas também tem de “pagar a dívida” contraída com o ato violento, ou seja, relações entre *violência* e *pagamento* que emergem de um contexto aparentemente caótico são organizadas por meio de evidência de uso presente no discurso.

Surge, então, um questionamento: de que maneira os exemplos apresentados anteriormente – tais como moléculas e metáforas – conseguem manter uma *quase* estabilidade ou adaptação em situações e ambientes em contínua mudança? Segundo Agostinho (2003, p.6), “apesar das alterações que ocorrem tanto interna quanto externamente, tais coisas conseguem permanecer tempo suficiente para terem a elas atribuída uma identidade.” No exemplo, essa identidade se dá através da metáfora VIOLÊNCIA É DÍVIDA.

Segundo Holland (2004, p.17), essa identidade é agregada à emergência de situações do ambiente externo e interno que provocam alterações no sistema e refletem um padrão de interações entre seus elementos. Ainda segundo Holland (2004), essa identidade é fruto de uma ordem coerente que se adapta, cria e caracteriza a emergência do comportamento complexo.

1.2. SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS

Pensar complexo e de forma sistêmica nasceu como proposta que buscava mudar a visão reducionista do pensamento analítico e mecanicista, e partilhava da ideia de que certos princípios, evidências e conclusões eram cabíveis a diferentes espaços da ciência (Capra & Luisi, 2014; Almeida Junior, 2016). Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) devem ser compreendidos como “sistemas vivos em redes auto-organizadoras cujos componentes estão, todos eles, interconectados e são interdependentes” (Capra & Luisi, 2014, p.134), podendo evoluir em níveis de complexidade crescente. Assim, como afirma Agostinho (2003, p.6), podemos “colocar células, organismos, sociedades, organizações, linguagem e ecossistemas dentro de uma mesma categoria”, e denominá-los todos de Sistemas Adaptativos Complexos.

Esses sistemas são dinâmicos e capazes de responder ativamente ao que ocorre ao seu redor. Segundo Cameron e Larsen-Freeman (2008, p. 227), sistemas complexos são “compostos de muitos agentes que interagem de maneiras diferentes. Suas interações conduzem a novos padrões de emergência e de auto-organização em diferentes níveis e escalas de tempo”.

(...) um sistema complexo adaptativo adquire informação sobre seu ambiente e sua própria interação com aquele ambiente, identifica regularidades naquela informação, condensando aquelas regularidades em um tipo de 'schema' ou modelo e agindo no mundo real com base naquele schema. Em cada caso, há vários schemata competindo e os resultados da ação no mundo real são retro-alimentados para influenciar a competição entre aqueles schemata. (Gell-Mann, 1994, p.17)

Dentro desse contexto, uma característica básica dos sistemas complexos, na visão de Holland (2004), é a adaptação, pois o sistema regula seu comportamento a partir das percepções que emergem das condições do seu meio ambiente como ação criadora da complexidade. Voltando ao exemplo VIOLÊNCIA É DÍVIDA, o fluxo da relação discursiva emerge das condições no interior do sistema que relaciona a violência a um passivo que deve ser quitado como forma de compensação pelo mal provocado. O rótulo “adaptativo”, que qualifica este tipo de sistema, revela tal propriedade.

Holland (2004, p.29) afirma ainda que o termo “adaptação” se refere a “mudanças na estrutura (estratégia) com base na experiência do sistema”. Essa experiência nos leva a “considerar o aprendizado como uma propriedade determinante dos sistemas complexos adaptativos.” (Agostinho, 2003, p.7). Voltando ao exemplo de Cameron (2005) sobre a violência, a metáfora sistemática emerge e se estabiliza por meio do aprendizado que é fruto de modificações de longa duração no comportamento e no fluxo da atividade discursiva devido à experiência. Dessa forma, podemos afirmar que sistemas adaptativos complexos³ são sistemas que aprendem.

O conceito de SAC possibilitou que os pesquisadores analisassem o dinamismo da linguagem no tempo, já que duas propriedades dos sistemas – adaptação e aprendizagem – explicariam comportamentos que emergem de fatores intersubjetivos e cognitivos que atuam de forma efetiva e constitutiva nas práticas sociais e discursivas. Essa explicação seria marcada pela coerência que “garante a permanência (ou a estabilidade) de um padrão que permite atribuir uma identidade ao sistema – uma identidade emergente que não pode ser reconhecida nas partes, mas apenas no todo.” (Agostinho, 2003, p.7)

Isso é possível porque, segundo Holland (2004, p.38), “os sistemas adaptativos complexos têm pontos de alavancagem, onde pequenas quantidades de *input* produzem grandes e direcionadas mudanças”. Assim, observamos que a coerência não apresenta um direcionamento central, pois, na interação, tais sistemas se auto-organizam, isto é, os padrões ordenados que permitem aos falantes reconhecerem e utilizarem a linguagem como SAC emergem espontaneamente das interações entre os seus diversos agentes. (Almeida Junior, 2016)

Os comportamentos do sistema se organizam ou se agregam a partir do comportamento de numerosos agentes que compõem o sistema. “Eles têm autonomia para orientarem suas ações de acordo com o que apreendem de sua interação com o ambiente – o qual em grande parte é formado pelos outros agentes.” (Agostinho, 2003, p.6). Surge, então, a necessidade de auto-organização. Essa autonomia se estabelece porque os agentes estão livres para se adaptarem e aprenderem a partir da interação com os outros agentes do sistema.

³ O uso dos termos Sistemas Adaptativos Complexos e Sistemas Complexos Adaptativos são utilizados de forma semelhante e intercambiável na literatura da complexidade. Em nosso caso, escolhemos o primeiro.

Em resumo, sistemas adaptativos complexos são organizações em rede formadas por inúmeros agentes, os quais são elementos ativos e autônomos, cujo comportamento é determinado por um conjunto de regras e pelas informações a respeito do seu desempenho e das condições do ambiente imediato. Estes agentes aprendem e adaptam seus comportamentos a partir das pressões de seleção presentes. (Agostinho, 2003, p.7)

Assim, o comportamento global do sistema emerge das interações aleatórias ou não-lineares entre os diversos componentes, provocando um efeito amplificador de qualquer modificação no sistema.

1.3. METÁFORA COMO EMERGÊNCIA DISCURSIVA

Desde a década de 80 do século XX, com a publicação de *Metaphors We Live By* de George Lakoff e Mark Jonhson, os estudos da metáfora saíram do campo da literatura e da estilística e ganharam projeção na Linguística Cognitiva. Como afirma Pelosi (2006, p.23), a metáfora “deixa de ser meramente uma figura de linguagem, um recurso da retórica, para se inserir no âmbito da cognição. A metáfora não é propriedade dos poetas.”

Coube ao linguista norte-americano George Lakoff, em 1980, com Mark Jonhson, dar uma nova abordagem aos estudos relacionados com a metáfora, rompendo com a milenar e tradicional visão aristotélica, como citada por Pelosi (2006). Na visão de Lakoff (1980), a metáfora tornou-se um subsistema conceptual o qual licencia o uso de metáforas lingüísticas. Essa proposta também é conhecida como Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), que, atualmente, é considerada um marco da Linguística Cognitiva.

Na década de 90, Lynne Cameron leva os pressupostos da TMC para a Linguística Aplicada, apoiando-se numa visão de linguagem como Sistema Adaptativo Complexo para lançar suas pesquisas em oposição à metáfora conceptual. Seu trabalho se baseia na compreensão de metáfora “no uso da linguagem. Além disso, como a linguagem em uso é mais frequentemente interativa, em vez de isolada e individual, devemos estudar a metáfora em seu uso dialógico.” (Cameron, 2007, p.109), ou seja, no discurso e não na cognição, contrariando a proposta de Lakoff.

Nesse contexto, a pesquisadora postula, dentro da Linguística Aplicada, uma nova abordagem para os estudos da metáfora. A nova abordagem recebe a denominação de metáfora sistemática, que será fundamento teórico do nosso capítulo. Nessa perspectiva, a metáfora sistemática (ou discursiva) pode ser entendida como uma conceptualização *ad hoc* que emerge das/nas interações discursivas (Cameron & Maslen, 2010). Essas interações discursivas tornam a metáfora dialógica,

(...)no sentido de que geralmente é projetada para outros (Bakhtin, 1981). Esses outros podem estar presentes, por exemplo, como um interlocutor em uma conversa ou como público de um discurso, mas também podem estar ausentes ou à distância, como ao escrever um texto com um leitor “em mente”. Muito raramente usamos a linguagem completamente monologicamente, sem qualquer senso de público; mesmo o discurso privado tem um **eu** imaginado como público. (Cameron, 2007, p.109)

Cameron (2007, p.109) ainda afirma que “a natureza dialógica da maior parte da linguagem em uso tem sido negligenciada”, mas, para a autora, não devemos desconsiderar que “a metáfora é escolhida e formulada para outras pessoas, e seu uso dialógico provavelmente contribui para sua forma e natureza.” Nessa abordagem, em que o pensar e o falar estão juntos, torna-se fundamental no estudo da metáfora com emergência no discurso e no uso da linguagem que “o cognitivo e o linguístico sejam mantidos juntos, em vez de separados, na teoria e na análise.” (Cameron, 2007, p. 110).

A perspectiva adotada é guiada pelo fluxo de metáforas linguísticas que os falantes enunciam quando estão interagindo sobre determinado tema. Nesse sentido, e dentro do escopo de nossa reflexão neste capítulo, pretendemos descrever como esse fluxo acontece, tomando como base a linguagem como um sistema adaptativo complexo e a perspectiva discursiva das metáforas sistemáticas propostas por Cameron (2005, 2007, 2008) e por Cameron e Maslen (2010). Evidenciamos, conforme Araújo *et al.*, (2014, p. 434), que as metáforas sistemáticas “não são metáforas linguísticas ‘isoladas’, mas uma rede de metáforas linguísticas que, por sua vez, está associada sistematicamente a temas presentes no contexto imediato das interações discursivas.” Os autores ressaltam que essa rede deve englobar metáforas linguísticas “que são semanticamente

semelhantes entre si e que apontam para um mesmo tema presente na interação discursiva.” (*Id. Ibid*, 2014).

A visão da metáfora como emergência no discurso considerado como SAC é diferente daquela implícita na teoria da metáfora conceptual (TMC). Isto é assim porque, sob essa ótica, a metáfora não é mero mapeamento entre domínios conceptuais, é, sim, um fenômeno *ad hoc* transitório e mutável que incorpora na sua emergência aspectos cognitivos e biopsicossociais, tais como: fatores intra/intersubjetivos e crenças compartilhadas socioculturalmente. Outro aspecto a destacar no que diz respeito à mutabilidade e transitoriedade da metáfora é que as metáforas emergidas, numa dada interação verbal, pertinentes a um evento discursivo específico, não emergirão novamente, ou, pelo menos, não necessariamente, caso o mesmo grupo de falantes se reúna para conversar sobre o mesmo tema numa outra ocasião. Assim, pode-se afirmar que as metáforas emergidas numa ocasião específica são parte do momento na escala temporal em que se dá o evento e não voltarão a fazer parte de nenhum outro evento.

Cameron (2007, p. 110) afirma ainda que, no fluxo da interação verbal, “uma metáfora pode desaparecer e nunca mais ser vista, ou pode reaparecer em outro lugar, muitas vezes em uma forma ligeiramente diferente.”⁴ Se quisermos entender melhor o fluxo das metáforas na fala e no pensamento, precisamos rastrear a trajetória dinâmica e não-linear percorrida pela metáfora sistemática, aqui considerada como atratores associados a coordenados (COVID-19, GUERRA) em um espaço-fase que descreve todo o sistema denominado linguagem.

A perspectiva dinâmica evidencia o papel do rastreamento a respeito desses momentos de instabilidade do sistema e não descarta os momentos de estabilidade e a existência de padrões. Esses padrões regulares explicariam o surgimento e a motivação do que causa instabilidade. A própria formação de padrões ocorre devido aos momentos de instabilidade e ao que a perspectiva dinâmica chama de auto-organização, ou seja, é a formação espontânea do padrão.

Consoante a emergência da metáfora sistemática como um

⁴ “Essa emergência espontânea da ordem em pontos críticos de instabilidade – com frequência chamada, simplesmente de ‘emergência’ – está sendo reconhecida como um ‘selo de qualidade’ da vida.” (Capra & Luisi, 2014, p.155)

estado (de quase equilíbrio) transitório e mutável do sistema (uma auto-organização), podemos entender como **atratores** as **motivações intra/intersubjetivas** (estados mentais, histórias de vida, atitudes, crenças, valores, etc) que emergem da/na interação e direcionam o fluxo discursivo estabelecido a partir dos **acionadores** (veículos-metafóricos), que evoluem rumo a espaços-fase que podem se estabilizar provisoriamente como **metáforas sistemáticas**. Tais metáforas, como emergências ou estados de auto-organização do sistema nos diferentes momentos de interação dinâmica do SAC, seriam “sínteses”, estados ou pontos de estabilidade que traduziriam, de forma sucinta, o resultado de negociações de sentidos em torno de um tema discutido entre os participantes do evento discursivo. As metáforas sistemáticas (ponto de quase estabilização do sistema) têm, assim, ao contrário das conceituais, seu *locus* no discurso, sendo dinamicamente negociadas no âmbito da interação a partir dos sentidos emergentes em torno de um dado tópico.

1.4. METÁFORAS SISTEMÁTICAS E TRAJETÓRIAS DE VEÍCULOS

Nesta seção, apresentamos, à luz da teoria dos SAC, os conceitos da dinâmica não linear de ponto de quase estabilização do sistema (metáforas sistemáticas), de acionadores (veículos-metafóricos) e de atratores (motivações intra/inter subjetivas) que direcionariam o fluxo discursivo.

Stacey (1996, p.57) conceitua atrator, do ponto de vista filosófico, “como um estado potencial de comportamento, uma disposição, ou um arquétipo em processo de ser realizado, ou atualização através da experiência específica de um sistema.” O conjunto resultante (bacia de atratores), a base de atração, corresponderia, por exemplo, ao conjunto de eventos que levaria a um determinado comportamento (pólo de atração), ou, o que é mais comum, a um número N de comportamentos possíveis (atrator com muitos pólos). (Fialho, S., 2009)

Segundo Larsen-Freeman (2008, p. 50), “Um atrator é uma região no estado-fase de um sistema para o qual o sistema tende a se mover”. Ou seja, um atrator é um ou mais dos fluxos que o sistema prefere de entre os vários modos de comportamentos possíveis. Os veículos metafóricos direcionam os atratores para um espaço-fase que seria um modo de comportamento preferível do sistema. Larsen-Freeman e Cameron

(2008) utilizam a corrida de cavalo como exemplo: o comportamento do cavalo e do cavaleiro é estável por um tempo, após o que o atrator tende a mudar para galope ou trote, dependendo das condições da corrida e da velocidade do conjunto.

Deve-se destacar que os tópicos-discursivos, veículos-metafóricos e as metáforas emergentes incorporam componentes do ambiente externo e interno onde o falante se encontra inserido, ou seja, modos de comportamentos direcionam e movimentam o sistema. Assim, opiniões e atitudes expressas por meio de suas escolhas lexicais traduzem suas certezas e incertezas a respeito do entorno sociocultural ao qual pertencem.

A seguir apresentamos a metodologia e a análise dos dados da pesquisa a partir dos conceitos de **espaço-fase** (região para a qual o **atrator** tende a se mover – i.e. ponto de estabilidade/ preferência do sistema) e de **acionador** (veículo-metafórico que aciona o atrator) com base nas respostas dos participantes da entrevista e dos protocolos verbais moderados pelo segundo autor do presente capítulo.

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo desse trabalho, que é o de descrever o fluxo dos atratores aleatórios na emergência da metáfora sistemática em interações digitais sobre a COVID-19 provocada pelo SARS-COV-2, utilizamos uma pesquisa exploratória com abordagens qualitativa e quantitativa do problema, analisando textos retirados das redes sociais sobre a temática da pandemia que assolou, e ainda assola, o mundo, iniciada em 2019.⁵

Os participantes da pesquisa foram 05 (cinco) estudantes do curso de Letras do Centro Universitários da Grande Fortaleza (UNIGRANDE), que atuaram como suporte qualitativo para que pudéssemos aprofundar a análise dos dados obtidos por meio de uma entrevista estruturada a fim de averiguar os acionadores (veículos-metafóricos).

Como procedimento de pesquisa, foi utilizado um protocolo verbal autorrelatório para investigar diferentes processos cognitivos envolvidos na compreensão dos textos visual-imagéticos para o mapeamento

⁵ <https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19-mers-e-sars>.

dos acionadores que emergem da interação e direcionam o fluxo discursivo, além de licenciarem as metáforas sistemáticas, resultado da auto-organização do sistema.

O autorrelatório refere-se à situação em que o leitor dá uma descrição geral do seu comportamento no que se refere à leitura de textos, possivelmente colocando como ele acredita que age durante uma situação qualquer de leitura. O autorrelatório seria adequado para uma pesquisa sobre os hábitos de leitura e/ou a percepção subjetiva do leitor sobre a sua leitura, por exemplo. (Tomitch, 2007, p.43)

A coleta de dados ocorreu por videoconferência na ferramenta *zoom meeting* no final da primeira quinzena de dezembro 2020 (dias 04, 08 e 09/12/2020), apresentando 04 etapas: 1) Os participantes assistiram a um vídeo do Nexo Jornal, postado em 04.12.2020, sobre "A nova onda de coronavírus no Brasil e no mundo. A preocupação com os sistemas de saúde. Os resultados das eleições municipais. O desmatamento recorde. O PIB abaixo das expectativas."⁶ Essa atividade tinha como finalidade um momento de sensibilização/ativação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática. 2) Após a apresentação do vídeo, foi realizada uma discussão em torno da pandemia, atuação do governo brasileiro e conscientização da população. Essa etapa foi conduzida de maneira informal e durou aproximadamente 20 minutos. 3) Em outra videoconferência foram apresentados os textos multimodais para que o leitor realizasse o autorrelatório. Essa etapa serviu para verificar as dinâmicas discursivo-cognitivas na produção e compreensão das metáforas emergidas pelos participantes. Foi realizada em duas sessões de 40 minutos, devido à impossibilidade de os informantes da pesquisa participarem simultaneamente da *live*. Para efeito desse artigo, analisaremos apenas 1 (uma) das sessões com a participação de 2 (duas) alunas. Por último, implementamos a etapa 4) Seleção, quantificação e classificação dos veículos metafóricos.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, apresentamos os dados fornecidos por duas videoconferências realizadas no *zoom meeting*, as respostas dos protocolos verbais de

⁶ Arcoverde, L. A alta na ocupação dos hospitais. Os novos prefeitos. E mais | Resumo de notícias. In.: Nexo Jornal. 4/12/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwYUguXoLjc>. Acessado em 04.12.2020.

autorrelatório para identificação dos acionadores (veículos-metáforicos) e o fluxo dos atratores. A análise aqui descrita tem como base o texto de Thaís Yoama, de 25.10.2020, retirado do site UOL sobre “A segunda onda do coronavírus na Europa e no Brasil”⁷, e um comentário feito por um internauta (Figura 3). Esse comentário serviu de comparação com a resposta dada pelo participante da pesquisa (A1).

O texto⁸

A segunda onda do coronavírus na Europa e o Brasil de calças curtas.

Thaís Youma, Colunista do UOL, 25/10/2020 10h00

Durou **pouco a alegria** na Europa. Mal haviam começado a **colocar a cabeça para fora** de casa, franceses, espanhóis e ingleses depararam com **a segunda onda** do coronavírus. Em muitos países, o número diário de **infectados** já supera **os alcançados** no primeiro semestre do ano, quando **o pico da pandemia esvaziou** a primavera europeia. Com **os hospitais lotando** de novo, algumas capitais voltaram a fechar restaurantes, outras reabilitaram **a quarentena**. Paris está desde o dia 16 sob **toque de recolher**. Na semana passada, a medida foi estendida à quase totalidade do território francês.

Nenhum governante ainda chegou ao ponto de **decretar o confinamento total**, talvez porque intuem que a iniciativa pode resultar em **retumbante fracasso** — ninguém aguenta mais ficar **trancafiado** em casa. A **nova onda da pandemia** não é exatamente uma **surpresa**, mas **pegou alguns governos mais preparados que outros**. Países do sudeste asiático como Tailândia, Vietnã e Camboja investiram **na estratégia da testagem massiva e do rastreamento de contagiados**. A **tática** permite **o isolamento pontual de prédios e quarteirões por onde o vírus andou**, e inclui **a oferta de instalações para abrigar estrangeiros contaminados**. Nos três países, dá para contar nos dedos de uma mão o número de novos casos registrados. (...)

No Brasil, a **estratégia** da testagem em massa, **monitoramento** e **rastreio** de novos casos era precisamente a proposta do breve Nelson Teich, o último ministro da Saúde do governo Bolsonaro a ter um plano de combate à pandemia. Na semana passada, auditores do Tribunal de Contas da União **escancaram** em relatório suas conclusões a respeito de como o governo federal usou os recursos destinados ao combate ao coronavírus. “Decorridos mais de oito meses da declaração de Emergência em Saúde Pública (...) era de se esperar, **a esta**

⁷ Yoama, T. **A segunda onda do coronavírus na Europa e o Brasil de calças curtas**. UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/thais-oyama/2020/10/25/a-segunda-onda-do-coronavirus-na-europa-e-o-brasil-de-calças-curtas.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 23.11.2020.

⁸ Em negrito, os VMETs identificados nas metáforas sistemáticas.

altura, uma definição dos objetivos e ações em nível macro-correspondente ao valor alocado e o detalhamento das atividades ou dos projetos a serem desenvolvidos”, escreveram os auditores, deixando claro que a “definição dos objetivos e ações” do governo nunca aconteceu. A segunda onda pode chegar ao Brasil. Nesse caso, encontrará **na linha de frente** um general cujo lema é “um manda e outro obedece”, sendo que quem obedece é o general e quem manda é um presidente ocupado em **fazer guerra de vacinas** contra seu adversário político. O **maremoto do coronavírus** não passou e **quem está no leme do navio** é Jair Messias Bolsonaro.

Salve-se quem puder.

Com base no texto anterior, intitulado *A segunda onda do coronavírus na Europa e o Brasil de calças curtas*, utilizado para os protocolos verbais, explicamos, informalmente, cada etapa da pesquisa, com foco no nosso objetivo principal de averiguar o fluxo dos atratores como pontos de um espaço de fase na construção da metáfora sistemática. Como especificado na 1.ª etapa, foi apresentado um vídeo do *Nexo Jornal* sobre o tópico discursivo do texto “A segunda onda da COVID-19” como forma de ativação dos conhecimentos prévios sobre a temática. Após a apresentação do vídeo, que tem duração de 4:03 (quatro minutos e três segundos), foi aberto um debate sobre os pontos levantados no resumo: nova **onda** de COVID-19 no mundo, o novo recorde diário de mortes, situação dos hospitais onde a pandemia avança, qual o balanço das forças políticas, aperto nas restrições em SP no dia das eleições e PIB brasileiro em época de pandemia (notícias do site UOL veiculadas entre 30/11 a 03/12). Desse modo, a partir da leitura, foi-nos possível identificar duas metáforas sistemáticas (MSis), ou seja, duas estabilizações possíveis (atratores pontuais) de espaços de fase para onde, de entre outras possibilidades existentes, o sistema discursivo prefere se mover rumo a um estado temporário de quase-estabilidade do SAC linguagem: 01) A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS É UMA GUERRA; 02) A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS É UM MAREMOTO.

Na fase de debate, logo no início da interação, o moderador explorou o tema do artigo por meio de perguntas relacionadas aos pontos discutidos no vídeo do *Nexo Jornal* sem fazer menção às metáforas sistemáticas nele identificadas. Com base na fala e no autorrelatório

do aluno **A1**⁹, verificamos que, durante essa etapa, o sujeito da pesquisa fez comentários que apresentavam acionadores (*triggers*) que instanciavam os padrões presentes no texto em questão. Esses acionadores, ou gatilhos, permitem que o fluxo dos atratores comece a se mover dentro de um espaço de fase, ou bacia de atratores, que divide esse espaço. O movimento é não linear e caótico, pois pode envolver mais de uma bacia de atração, cada uma delas encaixando seu próprio atrator (COVID19 é guerra e COVID-19 é um maremoto), ou seja, o atrator é uma abstração matemática assim definida: A (guerra, maremoto) está contido em C (metáforas sistemáticas) e B contém A, ou seja, B (bacia de atração) de onde partem os atratores. $A \subset C$ e $B \supset A$. (Figura 1):

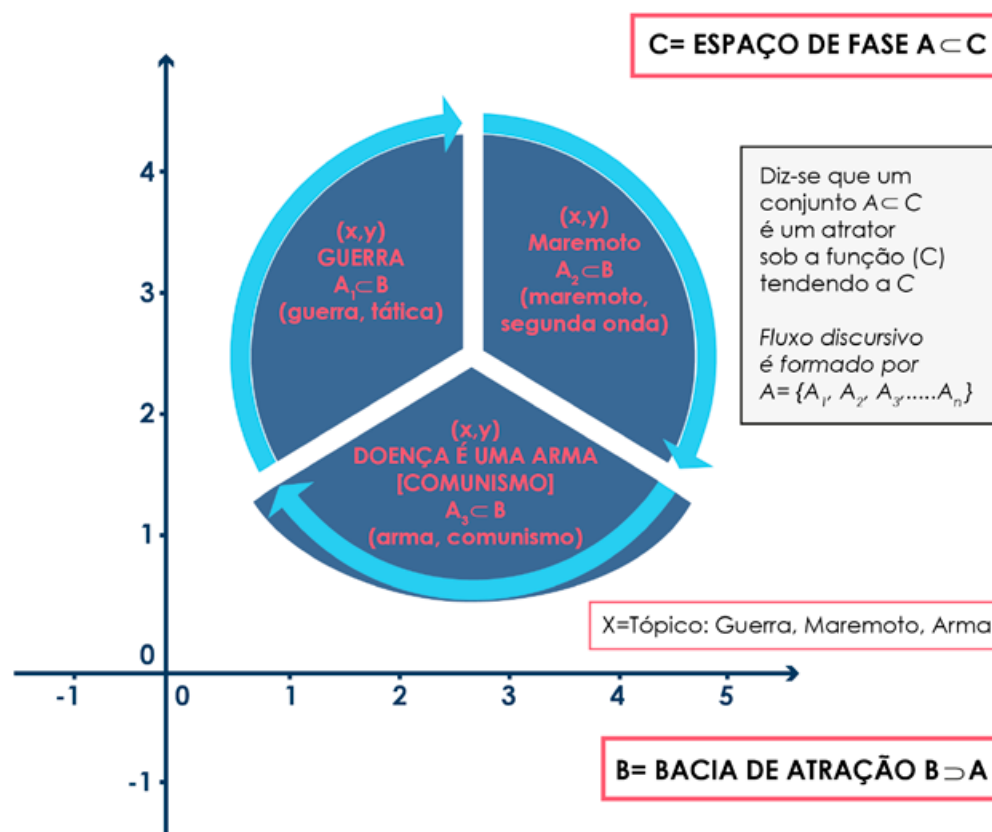


Figura 1. Representação da Abstração matemática dos Atratores no plano¹⁰

A parte do círculo na figura 1 equivale à bacia de atração (B) e corresponde à área que circunda o atrator e onde este inicia sua trajetória, fruto da emergência do uso de expressões metafóricas

⁹ Para efeito desse trabalho, apresentamos apenas a fala no debate e o autorrelatório do aluno, denominado A1, que participou das atividades nos dias 04 e 08/12/2020; o primeiro a falar e o primeiro a fazer comentário do texto de Thais Yoma.

¹⁰ Fonte: Autores (2021) com base em Fialho e Silveira (2009, p.118).

("COVID-19 é uma onda", "o governo usa tática para vencer", "o vírus está vencendo") que licenciam, de forma iterativa¹¹ ou sistemática, uma metáfora linguística "DOENÇA É UMA GUERRA" (C). Notamos que as expressões metafóricas sempre convergem para o centro, ou para um *locus* aqui denominado coordenadas (x, y), podendo ser comparadas "a uma força que atua semelhante à gravidade, atraindo objetos para o núcleo." (Fialho & Silveira, 2009, p.120). Essa força, em termos da metáfora de uso proposta por Cameron (2005), corresponde aos fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros conectados com a base abstrata e cognitiva que formam o atrator. Essa atração é um acoplamento resultante dos fluxos discursivos que levam em conta aspectos políticos, sociais, culturais, ideológicos, religiosos, por isso ser considerada uma abordagem discursiva ou em uso dos estudos metafóricos.

Nesse contexto, consideramos que o discurso, na visão do SAC, é um vetor que atua sobre os agentes do sistema; que age de fora para dentro e apresenta características de um sistema adaptativo complexo. Entretanto, postulamos tratar-se de um subsistema que se subordina a um sistema maior chamado linguagem. Observamos na fala 1 (figura 2) que o participante A1 trata a "COVID-19" não como uma patologia virulenta e transmissível, mas como uma guerra ideológica e de hegemonia econômica. Ou seja, devemos considerar o metaforema¹² "guerra" relacionado de forma pragmática (metáfora em uso) não só à doença, mas também a um *branding*¹³ ideológico, político e cultural. Como afirma Cameron (1999, p.13), "a metáfora em uso é um complexo fenômeno sociocultural e psicolinguístico que requer a aplicação de múltiplas análises" que vão muito além de aspectos meramente cognitivos.

Fala 1: "assim professor, eu penso que estamos numa **guerra** da China contra o Estados Unidos."

Fala 2: "eu penso que uma **grande onda**... sei lá, um **furacão** vai acabar com a gente...você não concorda."

¹¹ Termo da teoria do SAC que se relaciona à repetição. A iteração é uma propriedade dos sistemas não lineares que se baseia na ideia de que pequenas mudanças produzem grandes efeitos. (Capra & Luisi, 2014, p.143).

¹² Metaforema é definido, pela abordagem da metáfora sistemática, como "um conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto e pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora linguística." (Cameron, 2005, p.1)

¹³ Marcação discursiva, engajamento a uma ideia ou pensamento. Termo que constrói o "ethos" das organizações, na forma definida pela análise do discurso.

Fala 3: “eu não entendo de PIB, mas se está crescendo é porque a pandemia não **destruiu tudo**, sobrou um restinho....(risos).

Figura 2. Comentários do A1 no debate da 1.ª fase¹⁴

Para corroborar nossa análise da figura 2, observe o comentário na Figura 3, retirado da página do *Nexo Brasil* sobre o vídeo postado no YouTube. A metáfora licenciada é “EFEITOS NEGATIVOS DEVEM SER PAGOS OU RESSARCIDOS”, que parece ser diferente do pensamento de A1, mas que emerge também dos mesmos aspectos ideológicos e políticos relacionados à fala 1. Isso demonstra que os atratores (fala 1 e Internauta) se encontravam na mesma bacia de atração, sendo diferenciados apenas nas coordenadas estabelecidas ([GUERRA, IDEOLOGIA], [GUERRA, PAGAMENTO]).



Figura 3. Comentário de internauta¹⁵

Outro padrão perceptível na fala 1 de A1 (Figura 2) são os aspectos do discurso político que considera que a *China criou o vírus para destruir os EUA*. Isso não fica explícito, mas podemos inferir que o atual discurso vigente, não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, faz com que a ideia de uma guerra iniciada pela China emergja, o que resulta da atuação de fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que interagem no fluxo da atividade discursiva. Essa emergência é uma característica do sistema, pois as interações aparentemente aleatórias originam padrões que representam a topografia que descreve por qual ponto do espaço de fase a trajetória do atrator irá passar em busca da auto-organização. Assim, como afirma Capra e Luisi (2014, p.153), “a análise qualitativa de um sistema dinâmico consiste em identificar os atratores e as bacias de atração do sistema, e classificá-los de acordo com suas características topológicas.”

¹⁴ Fonte: Gravação do zoom de 04.12.2020, às 9:00h.

¹⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HwYUguXoLjC>, Acessado em 04/12/2020

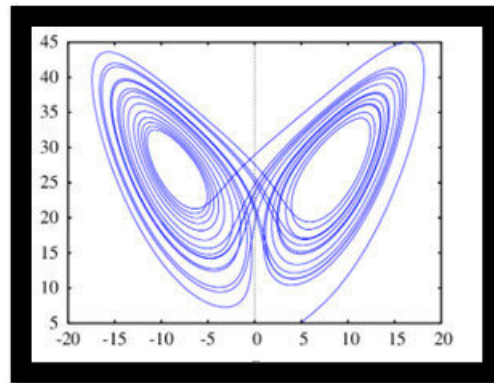


Figura 4. Atrator de Lorenz¹⁶

Se fosse possível fotografar o movimento dos atratores a partir do acionamento dos veículos metafóricos que movimentariam a bacia de atração até a formação da metáfora sistemática, ou seja, de uma coordenada (x,y) , o resultado seria uma figura dinâmica de todo o sistema denominada “retrato de fase”. (Capra & Luisi, 2014, p.154). Cada coordenada no plano evidenciada na figura 4 seria a representação do fluxo discursivo durante o curso da interação, demonstrando os deslocamentos possíveis dentro de cada espaço de fases até chegar a um nível de quase estabilidade. Esses movimentos de cada ponto (atrator) dentro do espaço abstrato seriam fluídos e provisórios, posto que serão as circunstâncias do discurso (agentes internos e externos) que, em grande parte, influenciarão as atitudes ali engendradas. (Cameron, 2003; Capra & Luisi, 2014).

3.1. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS VERBAIS

A análise nessa etapa tem como base o autorrelatório produzido pelo aluno A1 durante a segunda videoconferência. A partir da leitura do texto, foram dadas as seguintes instruções pelo moderador aos participantes: “A segunda onda do coronavírus na Europa e no Brasil”. 1) *Faça um comentário sobre a sua compreensão do texto postado no site do UOL.* 2) *Escolha cinco palavras que resumam a sua visão da pandemia.*

¹⁶ Fonte: <https://def.fe.up.pt/dinamica/coos/slide07.html>. A trajetória do atrator de Lorenz, com base na análise matemática de sistemas não lineares em função das características topológicas dos seus atratores, é conhecida como análise qualitativa. Do ponto da física, eles correspondem a pontos de instabilidade nos quais o sistema muda abruptamente e a novos cenários que aparecem subitamente. Essa instabilidade possibilita a outras áreas das ciências compreenderem a emergência espontânea da ordem em pontos críticos de instabilidade, ou seja, investigarem a possibilidade de cenários que podem ocorrer a partir de pequenas variações, muito utilizado por Edward Lorenz nos seus modelos meteorológicos. (Capra & Luisi, 2014).

A1 – Comentário: Na minha opinião que essa **onda** de covid é fruto da **briga** entre **China e Estados Unido**. É uma **estratégia** para China passar dos americanos. Nós brasileiros, estamos **sofrendo** com essa **batalha**. Fomos **preso** em nossa casa. Acho que tem muito **exagero** da televisão, mas procuro usar máscara. Só a **vacina** para nos **salvar** dessa **praga** criada pela **China**. Estou **assustada** e tenho **medo da onda** me levar **embora**.

Palavras: batalha do mal, vírus maldito, vacina, comunismo, maremoto.

Figura 5. Autorrelatório A1¹⁷

Inicialmente, identificamos alguns veículos-metafóricos que servem de gatilho para identificar de qual bacia de atração começou a trajetória dos atratores. Observamos que a metáfora conceptual “DOENÇA É GUERRA” emerge a partir dos acionadores (*triggers*) em destaque na figura 5 – conjunto B (*bacia de atração*) \supset A (*atrator de guerra*) – , e que constitui, nessas condições, a *bacia de atração* de A. (Figura 1). Podemos confirmar nossas considerações pelas palavras escolhidas que se relacionam diretamente aos veículos-metafóricos: “batalha do mal”, “vírus maldito” e “vacina”. Mas como relacionar “comunismo” com a ocorrência de “guerra”? Só a mutabilidade e transitoriedade da metáfora podem explicar, pois não podemos desconsiderar as questões políticas e religiosas envolvidas na luta contra China e EUA que fariam justificar a emergência do termo como acionador de um atrator cuja trajetória marcaria a coordenada (DOENÇA, GUERRA).

Para compreender melhor a metáfora sistemática aqui analisada como uma organização complexa e dinâmica, postulamos que os atratores estranhos ou caóticos (A)¹⁸ dentro da bacia de atração se comportam como atratores primários, ou de primeira ordem, atratores secundários, ou de segunda ordem. Segundo Fialho e Silveira (2009, p.119), “na cibernética de primeira ordem, os estudiosos consideravam um sistema como se este fosse passivo, algo que pudesse ser livremente observado e manipulado.” Nesse caso, o atrator de primeira ordem seria a metáfora conceptual no seu estado inicial de movimento de um ponto dentro da bacia de atração. Em nosso caso, o metaforema “COVID-19” instancia padrões que emergem do caos, que seriam “guerra-tática”,

¹⁷ Fonte: Comentário e palavras extraídos do autorrelatório

¹⁸ Segundo Capra e Luisi (2014, p.148), na topologia dos atratores existem três tipos: pontuais, periódicos e estranhos ou caóticos.

“maremoto-onda”, “ideologia-comunismo-pagamento”, etc.

“Na cibernética de segunda ordem, o sistema passou a ser modelado como organismos ativos, ou sistemas vivos, agentes capazes de interagir com outros agentes e com o observador.” (*Id. Ibid.*, p. 119). Nesse contexto, os atratores de segunda ordem, ou secundários, são resultado do fluxo discursivo que movimenta atratores primários dentro dos espaços de fase até que haja um acoplamento¹⁹ específico, criando um padrão de quase estabilidade, ou seja, uma coordenada mapeada ($x, y =$ ATAQUE AO ORGANISMO É UMA GUERRA). Essa movimentação, quando mapeada, tangibiliza o fluxo discursivo, a compreensão do autor/leitor e a metáfora sistemática instanciada.

Como já especificado, esses atratores se movimentam e se deslocam em uma bacia de atração, formando uma topografia discursiva que é direcionada por fatores não só linguísticos, mas também intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que interagem no fluxo da atividade discursiva. Considerar que a metáfora é um mero produto poético ou oratório, ou fenômeno cognitivo fruto do nosso sistema conceptual que liga um conceito alvo a um fonte, é desconsiderar que a palavra “comunismo”, escolhida por A1, tem relação não só com o tópico *guerra*, como luta contra o inimigo, nesse caso o vírus, mas também com uma ideologia política que assombra o mundo capitalista e que insiste em considerar a China como criadora da COVID-19.

Diante dessa análise com base na fala e no autorrelatório de A1, demonstramos o fluxo discursivo dos atratores e classificamos essas trajetórias em primárias e secundárias. Ressaltamos que a movimentação se inicia com os veículos metafóricos que funcionam como acionadores (*triggers*) desses movimentos aparentemente caóticos, mas que apresentam um padrão de organização que emergem na interação discursiva do participante e que instanciam as metáforas sistemáticas.

As duas metáforas sistemáticas distintas – EFEITOS NEGATIVOS DEVEM SER PAGOS OU RESSARCIDOS e ATAQUE AO ORGANISMO É UMA GUERRA – emergiram de uma mesma bacia de atratores em relação a um mesmo tópico discursivo (a nova onda da COVID-19), de modo que, a partir

¹⁹ Um ponto específico em um determinado contexto ou a formação de um atrator pontual que representaria uma coordenada no plano cartesiano – Figura 1. (Capra & Luisi, 2014, p. 138).

do fluxo dos atratores primários, as metáforas linguísticas tornavam-se metáforas sistemáticas que emergiam nas interações.

Considerando a discussão evidenciada ao longo de nosso trabalho, pesquisas futuras poderão ser desenvolvidas a fim de verificar com mais precisão o fluxo desses atratores e correlacioná-los a cada bacia de atração na emergência das metáforas sistemáticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisadas as trajetórias dos atratores movimentados pelos veículos metafóricos que possibilitaram a emergência das metáforas sistemáticas a partir das interações discursivas de um grupo de discussão sobre a “A nova onda da COVID-19” no Brasil e no mundo. Durante as duas etapas da pesquisa, identificamos algumas possibilidades de metáforas sistemáticas que conceptualizaram o tópico discursivo COVID-19: EFEITOS NEGATIVOS DEVEM SER PAGOS OU RESSARCIDOS e ATAQUE AO ORGANISMO É UMA GUERRA. Os veículos metafóricos (VMet) acionaram o fluxo discursivo de atratores primários, presentes em uma bacia de atração, que se deslocaram para outro espaço de fase como atratores secundários, instanciando as metáforas sistemáticas que produziram um padrão para o sistema se auto-organizar.

A partir das análises e com base na fala e no autorrelatório de um participante, mapeamos a trajetória dos atratores, confirmando o papel dos veículos metafóricos como acionadores (*triggers*), que resulta na movimentação aparentemente caótica, mas que apresenta um padrão de organização que é fruto de fatores intra/intersubjetivos, psicológicos, corpóreos, ecológicos, históricos, socioculturais, entre outros situados que interagem no fluxo da atividade discursiva. Além disso, propomos um conceito de discurso na visão do SAC. Nesse contexto, consideramos discurso como um vetor que atua sobre os agentes do sistema, age de fora para dentro e apresenta características de um sistema adaptativo complexo. Postulamos, ainda, tratar-se o discurso de um subsistema que se subordina a um sistema maior chamado linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agostinho, M. (2003). Administração Complexa: Revendo as bases científicas da administração. *RAE-eletrônica* 2 (1), 01-18. Fundação Getúlio Vargas.

Almeida Júnior, A. (2016). *Categorização como sistema adaptativo complexo*. Máquina de ler.

Almeida Júnior, A., & Pelosi, A. (2018). A categorização como sistema adaptativo complexo no processamento da leitura: Fluxo dos atratores no mundo bíblico. *ANTARES: Letras e Humanidades 10* (20), 03-17.

Araújo, J., Silva, P., & Marques, P. (2014). Complexidade e metáforas sistemáticas em cenas pedagógicas no facebook. *Trabalhos em lingüística aplicada 53* (2), 425-448. UNICAMP. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132014000200009>

Cameron, L. (2005). *Metaphor Course Handout*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Cameron, L. (2007). Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics, 5* (1), 107-135. John Benjamins.

Cameron, L. (2008). Metaphor shifting in the dynamics of talk. Zanotto, M., Cameron, L. & Cavalcanti, M. (Orgs). In *Confronting Metaphor in Use: An applied linguistics approach*, 45-62. John Benjamins.

Cameron, L., & Maslen, R. (2010). *Metaphor Analysis: Research Practice in Applied Linguistics, Social Sciences, and the Humanities*. Equinox.

Capra, F., & Luisi, P. (2014). *A visão sistêmica da vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Cultrix.

Evans, R., & Larsen-Freeman, D. (2020). Bifurcations and the emergence of L2 syntactic structures in a complex dynamic system. *Journal Frontier in Psychology -Language Sciences 20*(1), 01-12. Carnegie Mellon University.

Fialho, F., & Silveira, E. (2009). Terapia profunda e atratores de segunda ordem. *Ciências & Cognição 14*(2), 113-129. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Gell-Mann, M. (1994). *The Quark and the Jaguar: Adventures in the Simple and the Complex*. W. H. Freeman and Company.

Gibbs Jr, R. (1994). Figurative thought and figurative language. Gernsbacher A. M. (Ed). *Handbook of psycholinguistics*, 411-446. Academic Press.

- Holland, J. H.** (2004). *El Orden Oculto. De Cómo la Adaptación Crea la Complejidad*. Fondo de Cultura Económica.
- Lakoff, G., & Mark, J.** (1980). *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press.
- Larsen-Freeman, D., & Cameron, L.** (2008). *Complex systems and applied linguistics*. Oxford University Press.
- Macedo, A.** (2006). Paradigmas cognitivos, lingüística cognitiva e metáfora conceitual. Pelosi, A. & Bussons, A. (Orgs). *Faces da metáfora*, 23-36. Expressão Gráfica.
- Morin, E.** (2008). *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget.
- Sardinha, T.** (2007). *Metáfora*. Parábola.
- Stacey, R.** (1996). *Complexity and creativity in organizations*. Berrett-Koehler.
- Tomitch, L.** (2007). Desvelando o processo de compreensão leitora: Protocolos verbais na pesquisa em leitura. *Signo* 32 (53), 42-53.
- Vilela, M.** (2002). *Metáforas do nosso tempo*. Almedina.

“É COM IMENSO PRAZER QUE VEREI TODOS AQUELES NÁUFRAGOS AGARRADOS AO SEU SALVA-VIDAS...”: CRIATIVIDADE NUMA INTERAÇÃO NUM PROGRAMA DE RÁDIO SOBRE FUTEBOL

Carla Aurélia de Almeida
Departamento de Humanidades da Universidade Aberta
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

RESUMO

A expressão da emoção, de um ponto de vista discursivo, pode ser vista através de uma análise cognitiva dos conceitos e expressões (Athanasiadou & Tabakowska; 1998; Kövecses, 1998, pp. 127-152), e pode também ser analisada no âmbito do trabalho interacional (Goffman, 1981). A análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) permite compreender a coconstrução das “expectativas partilhadas” associadas aos “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993). Tomando como referência um *corpus* oral de um programa de rádio de conversas telefónicas sobre futebol português (Almeida, 2012), iremos analisar “estratégias de envolvimento” (Tannen, 1989, p.1) desenvolvidas através de um mecanismo discursivo baseado na expressão de metáforas e imagens imaginadas. Considerando a emoção no quadro do trabalho interacional desenvolvido pelos interactantes em conversação (Edwards, 2001, p. 236), analisaremos a “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) com marcadores como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores de tempo (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Analisaremos também a seleção, feita pelos participantes, das estratégias discursivas de sarcasmo. Finalmente, vamos relacionar os resultados aqui em questão com a teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (“blending”) de G. Fauconnier & M. Turner (2002).

PALAVRAS-CHAVE: estratégias discursivas, marcadores de ponto de vista, metáforas

ABSTRACT

The discursive expression of emotion can be pursued through a cognitive analysis of the corresponding concepts and expressions (Athanasiadou & Tabakowska, 1998; Kövecses, 1998, pp. 127-152). It can also be analysed under the frame of interactional work (Goffman, 1981). The analysis of discursive strategies (Gumperz, 1989) allows the understanding of the co-construction of the “shared expectations” that

are associated with “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993). Considering an oral corpus from a Portuguese football radio phone-in program (Almeida, 2012), we will first analyse “involvement strategies” (Tannen, 1989, p.1) developed through a discursive mechanism based on the expression of metaphors and images. Addressing emotion in the interactional framework developed by interactants in conversation (Edwards, 2001, p. 236), we will also analyse the “narrator viewpoint construction” (Borkent, 2017, p. 547) as well as the viewpoint markers such as personal pronouns, temporal expressions and tense markers (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Finally, the selection of the discourse strategies of sarcasm made by participants will be analysed, and related to the theory of blending (cf. Fauconnier & Turner, 2002).

KEYWORDS: discourse strategies, viewpoint markers, metaphors

1. ASPETOS DA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

A consideração das relações que se podem estabelecer entre linguagem, cognição e cultura, explorando os processos de construção do sentido (*meaning*) em contextos de uso, exige e fundamenta o estudo dos *usos* e *variações* discursivas que ocorrem em interações do quotidiano. De facto, é nos contextos mundanos de uso e nos contextos institucionais das interações que se constrói o que J. Gumperz, no âmbito da Sociolinguística Interacional, chama de “comunidade de pensamento” (Gumperz, 1989, p. 1990)¹. Uma comunidade deste tipo caracteriza-se por ser constituída por participantes na interação que partilham interesses comuns, tarefas e crenças (Diamond, 1996, p. 2).

A construção do sentido do texto/discurso e a atribuição de uma coerência é uma atividade conjunta estabelecida entre os interactantes. Destacamos, assim, “(...) a natureza interactiva, dialógica, do exercício verbal” (Fonseca, 1988, p. 12). Os procedimentos da coerência – ilocutória – e de coesão – proposicional – criam a *interatividade* (Widdowson, 1979, p. 70), isto é, a coerência pragmático-funcional do discurso diz respeito às dimensões sequenciais dos atos ilocutórios, à coconstrução do sentido (Schiffrin, 1995; Kerbrat-Orecchioni, 1990 & Heller, 2001). Falamos de *coerência ilocutória* que permite ao alocutário de uma interação desenvolver os seus próprios *esquemas interpretativos*, reajustando as suas próprias intenções comunicativas às do locutor e, desta forma, no

¹ Tradução nossa da noção de “community of the mind” de Gumperz (1989, 1990).

dizer de Widdowson: "(...) as interações verbais parecem-se com um jogo de xadrez: cada participante treina os seus movimentos *a priori* e altera-os taticamente à medida que o jogo avança" (Widdowson, 1979, p. 69; tradução nossa)².

Considerando que o *sentido* é construído através do cálculo das inferências, compreendemos que o cálculo das implicaturas conversacionais, realizado com base nas máximas conversacionais de Grice (1975), permite a interpretação dos valores ilocutórios indiretos das sequências de atos de discurso em interação: para reconhecer a intenção ilocutória, o alocutário tem de calcular um conjunto de inferências que fazem uso da informação que é partilhada acerca do contexto. Tratar-se-ão de estratégias inferenciais diferentes, dependentes do facto de ser possível que o locutor use as palavras literalmente, ou que o locutor tenha a intenção de desenvolver uma estratégia direta, ou indireta, ao formular o seu ato ilocutório. A sequência reativa do alocutário dependerá da visão que este tem da coerência e da adequação da interpretação particular que faz no contexto específico em que está inserido (Holdcroft, 1992, p. 61).

Deste modo, os mecanismos conversacionais confinados à troca discursiva (métodos que governam o *turn-taking* e as regras de sequencialização), a informação pragmática (ligada às intenções, interesses, desejos, expectativas, atitudes), a informação sociocultural (convenções sociais e sistema de delicadeza), a organização da informação em constelações lexicais ("schema-based knowledge") e as regras gramaticais (informação cotextual) são alguns fatores que possibilitam a construção da coerência. Dependendo do grau de conhecimento destes fatores, haverá, nas produções discursivas dos interactantes, níveis ou graus de coerência atribuídos aos produtos verbais (van de Velde, 1989, p. 228), verificando-se se a coerência é conforme a uma atividade-esquema compartilhada.

John J. Gumperz (1996) refere a este propósito o seguinte:

A avaliação da coerência é uma questão de inferência conversacional (...) o que é considerado coerente no discurso depende de uma variedade de opções interpretativas que os interactantes reconhecem,

² "(...) verbal interactions resemble games of chess: each participant works out his moves in advance and modifies them tactically as the encounter develops" (Widdowson, 1979, p. 69).

dos quadros de referência que adoptam e da forma como os usam para selecionar as possíveis interpretações e eliminar as fontes de ambiguidade (Gumperz, 1996, p. 178)³. (Tradução nossa).

Assim, no presente texto⁴, é nosso objetivo estudar as estratégias discursivas e as *convenções de uso* presentes numa interação realizada num programa de rádio sobre o tema do futebol, verificando-se de que modo os interactantes organizam, através da linguagem, “(...) os conhecimentos que reflectem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas” (Silva, 2004, p. 3).

A análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) permite a compreensão da coconstrução das “expectativas partilhadas” que estão associadas aos “frames” (Gumperz, 1980, pp. 103-104; Tannen, 1993).

2. O MÉTODO ANALÍTICO

Procurando analisar o modo como se coonstrói linguisticamente o “envolvimento conversacional” (Goffman, 1981; Gumperz, 1982) na interação, o método analítico do presente texto baseia-se no modelo da Sociolinguística Interacional em diálogo interdisciplinar com a Linguística Cognitiva.

Convocando noções da Linguística do Discurso, numa perspectiva interacional, estes dois modelos de análise permitem analisar as sequências de atos de discurso realizadas em interações verbais específicas, integrando o estudo das relações que se podem estabelecer entre linguagem, cultura e cognição. Num sentido alargado, teremos por base uma perspectiva pragmática (Verschueren, 1980, 1999) que permite convocar diferentes teorias e modelos que confluem na análise baseada no uso.

Considerando uma interação num programa de rádio sobre futebol, verificaremos de que modo a *intensificação* do sentido é construída linguisticamente e cria a emoção no discurso. Nesta análise,

³ “Coherence judgments are matters of conversational inference (...), what counts as coherent in discourse depends on the range of interpretive options interactants recognize, on the frames of reference they adopt, and on how they use them to select among possible interpretations and eliminate sources of ambiguity” (Gumperz, 1996, p. 178).

⁴ O presente texto resulta de uma comunicação apresentada na sessão temática “From Images to Imagination: Creativity in language and discourse in Portuguese national varieties (Brazilian Portuguese and European Portuguese)”, *4th International Conference on Figurative Thought and Language – FTL 4*, Universidade Católica de Braga (23-26 outubro de 2018).

consideraremos o que Silva (2004), na linha de Geeraerts (1995, p. 113), assinala como os três princípios fundamentais da Linguística Cognitiva: “o da *primazia da semântica* na análise linguística e os de natureza *enciclopédica e perspectivista* do significado linguístico” (Silva, 2004, p. 3).

3. CORPUS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Tendo por base um *corpus* oral de um programa de rádio português sobre futebol (*corpus* oral disponível em Almeida, 2012), analisaremos as “estratégias de envolvimento” (Tannen, 1989, p. 1) realizadas através de um mecanismo discursivo que se baseia na expressão das imagens e das metáforas imaginadas.

Considerando a emoção no âmbito do trabalho interacional desenvolvido pelos interactantes na conversação (Edwards, 2001, p. 236), analisaremos a construção do ponto de vista do narrador (“narrator viewpoint construction”, segundo Borkent, 2017, p. 547) e os seus marcadores (“the viewpoint markers”) como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores temporais (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6). Analisaremos também o modo como se constroem as estratégias de discurso de humor. Finalmente, relacionaremos este estudo com a *teoria dos espaços mentais* e da *integração conceptual* (“blending”) de G. Fauconnier e M. Turner (2002).

4. EFICIÊNCIA INTERACIONAL: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PERSUASÃO

Derek Edwards (2001, p. 236) refere que, do ponto de vista discursivo, a expressão da emoção pode ser analisada através do trabalho interacional (Goffman, 1974), isto é, através da análise das estratégias discursivas (Gumperz, 1989) que criam o “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982). Esta última noção enfatiza a natureza interativa da interação conversacional, e baseia-se na conceção de que a interpretação do *sentido* é uma construção conjunta realizada entre locutor e alocutário (Gumperz, 1982, pp. 2-3).

A construção de um discurso emotivo em programas de rádio, caracterizados por um tom controverso, é baseada em rituais verbais realizados através de sequências de atos ameaçadores do discurso que se constituem como estratégias de indelicadeza. Nestes programas

de rádio, com ouvintes que telefonam para a rádio (“radio phone-in”) para expressarem uma opinião sobre tópicos institucionais como o do futebol, vemos que a ironia, o sarcasmo e o insulto são parte de uma competência retórico-pragmática que demonstra a partilha de um *saber comum* (“*common knowledge*”).

Nestas interações de tom polémico, as repetições discursivas, as estratégias de intensificação do que é dito no discurso, os atos de ameaça, a qualificação pejorativa, as perguntas retóricas, os insultos, a ironia citacional e o sarcasmo constituem-se no discurso e revelam a emoção e o poder dos locutores que produzem estas estratégias discursivas, que desqualificam e causam ofensa. Neste quadro interacional, constituído pelo anfitrião de rádio e ouvintes, as práticas discursivas analisadas e as convenções sociais permitem que os participantes procedam ao desenvolvimento de uma atividade argumentativa com eficácia interacional. O uso repetido de intensificadores (*intensifiers*), como “imenso” (sinónimo de “enorme”), e adjetivos como “náufragos”, constituem algumas das estratégias de intensificação analisadas nestes contextos interacionais.

5. A QUALIFICAÇÃO PEJORATIVA E O SARCASMO: PROCESSOS DISCURSIVOS DE INTENSIFICAÇÃO DA AMEAÇA

Os estudos sobre ironia verbal em Psicolinguística demonstram que a ironia não é uma forma unificada da fala, mas constitui um termo geral para diferentes formas de linguagem irónica, incluindo sarcasmo, tom jocoso, hipérbole, perguntas retóricas e eufemismos/atenuações (Gibbs, 2012, p. 105; cf. Batoréo, 2016).

Nos programas de rádio sobre o futebol ocorre uma *retórica de denegrir* (Almeida, 2013) constituída pela expressão do *sarcasmo* realizada através de fenómenos discursivos específicos: perguntas retóricas, atos de insultos e pedidos de desculpa que, restringidos apenas ao locutor de rádio, ameaçam fortemente os ouvintes, a quem não se pede desculpa. Estes fenómenos discursivos, nestes programas, funcionam como estratégias discursivas de intensificação da ameaça da *face* (Goffman, 1974)⁵.

⁵ Para Erving Goffman (1974), os atores sociais apresentam uma face positiva (que diz respeito ao seu narcisismo ou necessidade de ser reconhecido e apreciado pelo outro) e uma face negativa (isto é, o seu próprio território). Sobre a teorização de E. Goffman relativamente às trocas reparadoras de evitação da ameaça da face, cf. Almeida (2009, p. 45).

Estas fórmulas intensificadoras do discurso inscrevem-se nas formulações extremas (Edwards, 2000, p. 347). Por esta razão, ritualmente, os ouvintes realizam atos de pedido de desculpa repetidos e expressos através do performativo explícito na primeira pessoa do singular “Peço desculpa” que visam equilibrar as *faces* do Locutor de rádio (o *anfitrião*) e do ouvinte que telefona.

Atentemos no seguinte exemplo:

(1)

Programa: Bancada Central

Data: 5/05/98

Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”

Ouvinte nº. 295, masculino, Ermesinde

Locutor – Vamos agora ao encontro de R. T., em Ermesinde, boa noite

Ouvinte – Boa noite, Fernando Correia.

Locutor – Olá R.

Ouvinte – Antes do mais eh... eu gostaria de pedir desculpas ao meu amigo Fernando Correia, só única e simplesmente, não peço desculpas a mais ninguém. Assumo aquilo que disse e tomo a responsabilidade por isso. Agora peço imensa desculpa ao meu amigo Fernando Correia, porque é o responsável pelo programa e eventualmente terá a responsabilidade das pontas pelo programa e os ouvintes que... que... enfim vai tendo que aturar, não é. Prontos, peço-lhe mais uma vez desculpa ó meu amigo Fernando Correia, a mais ninguém, não peço desculpas a mais ninguém e assumo tudo aquilo que disse.

Nestas emissões, estas trocas reparadoras estão ao serviço de uma estratégia de ameaça da face de outros ouvintes e fazem parte de uma ordem ritual interacional. Como se orientam apenas para o locutor de rádio, estes pedidos de desculpa ameaçam fortemente a face positiva dos ouvintes a quem se diz que não merecem receber um pedido de desculpa: “Ouvinte – Antes do mais eh... eu gostaria de pedir desculpas ao meu amigo Fernando Correia, **só única e simplesmente**”.

A asserção na forma negativa “não peço desculpas a mais ninguém” reforça o que foi dito anteriormente, intensificando o que é dito no conteúdo proposicional, estando ao serviço de uma forma

emotiva reiterada de que “não deve nenhum pedido de desculpa a ninguém”. Faz parte do *conhecimento do mundo* dos interactantes a explicitação de que podemos estar a dever um pedido de desculpa, e que o devemos fazer caso nos tenhamos portado mal. Este ouvinte, como adepto do Futebol Clube do Porto, da região do Grande Porto (Ermesinde), demonstra que sabe que não teve anteriormente uma linguagem adequada relativamente aos benfiquistas, mas, com este ato de pedido de desculpa restringido ao locutor de rádio (“radio host”), demonstra que mantém todos os atos ilocutórios ofensivos realizados anteriormente: “não peço desculpas a mais ninguém e assumo tudo aquilo que disse”.

5.1. MARCADORES DE PONTO DE VISTA E METÁFORAS EM DESCRIÇÕES

No exemplo apresentado em (1), o ouvinte nº. 295 constrói uma argumentação recorrendo a estratégias de intensificação que contribuem para a persuasão.

Na linha de Pomerantz (1986), Derek Edwards (2000) refere que os *intensificadores* constituem mecanismos de reforço do discurso, e que podem fazer parte de estratégias argumentativas que possibilitam a justificação do que é dito. Compreende-se, assim, que o seu uso tem um efeito de persuasão. Como iremos ver, os *intensificadores* têm eficácia na argumentação e denotam a emoção no discurso: incluímos nesta categoria o uso estratégico da metáfora em descrições.

Observemos o seguinte exemplo:

(2)

Programa: Bancada Central

Data: 5/05/98

Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”

Ouvinte nº. 295, masculino, Ermesinde

Ouvinte: “Sobre o tema, acho o tema aliciante e é com imenso prazer que venho participar nele, até porque se trata de falar do Benfica e do que é a sua verdadeira essência. E se havia já alguém que pensasse que a vitória sobre os tetra campeões teria eliminado todas aquelas bagunçadas, aí está mais uma resposta aos mais otimistas. Foi mais um buraco que se abriu no barco, já de si tão

farto de meter água, e só me sentirei completamente feliz quando o barco for ao fundo de vez. É com imenso prazer que verei todos aqueles náufragos agarrados ao seu salva-vidas, que na ideia deles é o homem que os vai desgraçar. Oxalá, e para acabar de vez com a conversa de chacha de alguns, isso não demora muito. Para aqueles benfiquistas cujo discurso é racional pra⁶ eles, o meu lamento. Eh... todos sabemos que a perda de confiança de um dos da própria família é de facto muito triste.”

A ocorrência de procedimentos de *intensificação* (Pomerantz, 1986, p. 221; Edwards, 2000, p. 347) observada no exemplo (2), como o uso do *intensificador* “imenso”, reforça o conteúdo proposicional expresso na sequência prototípica de abertura destes programas: “é com imenso prazer que venho participar nele [no tema]”.

A *construção do ponto de vista do narrador* (Borkent, 2017, p. 547) situa-se no domínio do irreal, como se pode verificar pelo uso do Pretérito Imperfeito em orações condicionais irrealis que coocorrem com o condicional passado: “E se havia já alguém que pensasse que a vitória sobre os tetra campeões teria eliminado todas aquelas bagunçadas”. A este enunciado segue-se um elemento deíctico que aponta para o presente da enunciação: “aí está mais uma resposta aos mais otimistas” que, de um modo sarcástico, aponta para a irrealidade dos Benfiquistas que nesta asserção avaliativa expressa um valor inverso. A caracterização realizada pelo uso do adjetivo no grau comparativo de superioridade “os mais otimistas” tem um valor destrutivo e sarcástico de polaridade negativa, implicando-se uma máxima do conhecimento comum – “uma batalha não faz ganhar a guerra” –, e, por isso, não há razão para se ser otimista. Os marcadores de *ponto de vista* (“the viewpoint markers”), como pronomes pessoais, expressões temporais e marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6), permitem-nos verificar que o narrador expressa uma metáfora de um barco que constitui o Clube do Benfica, que sofre um naufrágio, e em que os náufragos estão agarrados ao salva-vidas, que é o Presidente do Conselho Fiscal do Benfica, que não os consegue salvar. A expressão convencionalizada socialmente “meteu água” permite criar o humor na interação com a construção de uma figura de sarcasmo, pois a imagem

⁶ Foi feita a transcrição ortográfica das produções dos ouvintes, sendo a forma sincopada “pra (=para)” característica do discurso interativo oral.

metafórica do “barco a meter água” e a afundar-se remete também para o sentido de errar: “ele meteu água” significa, no sentido figurado, “ele errou”. Podemos assim compreender esta expressão através da *teoria dos espaços mentais e da integração conceptual* (“blending”) de G. Fauconnier & M. Turner (2002). Este processo de integração conceptual permite estabelecer ligações entre espaços mentais: “É importante perceber que o processo de mesclagem (“blending”) é realizado através do estabelecimento de elos conectivos, mesmo que mínimos, entre elementos de diferentes espaços de *input* à luz do espaço genérico” (Almeida, 2004, p. 146; tradução nossa)⁷.

A imagem resultante (“the blend”) tem uma estrutura própria e constitui um todo integrado que apenas pode ser manipulado como uma unidade, como podemos ver na seguinte expressão:

(3) Os adeptos do Benfica são náufragos.

No *input* do espaço 1, a imagem tem em consideração a figura dos adeptos do Benfica e todo o “frame” desta operação: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”.

No *input* do espaço 2, tem-se em consideração a figura dos náufragos e toda a operação deste “frame” (“náufragos agarrados ao seu salva-vidas”) – um cenário de naufrágio.

Na fase de *integração conceptual*, estabelecem-se ligações conectivas entre a imagem prototípica dos “náufragos” e a imagem prototípica dos “náufragos” à luz do espaço mental genérico, isto é, considerando que “Estas pessoas usam um bom salva-vidas”. Através de um processo de elaboração emerge uma nova figura central no *blend*, que diz respeito, especificamente, à *incompetência na escolha do bote salva-vidas* que nem pertence ao “frame” do *adepto* prototípico nem ao prototípico *naufrágio*, mas caracteriza a figura do *blend* (“blended figure”) dos “Adeptos do Benfica – náufragos”. Este barco – o Clube Benfica – “tem metido muita água” e como este ouvinte diz: “Foi mais um buraco que se abriu no barco, já de si tão farto de meter água”. A expressão hiperbólica “mais um buraco”, com a oração relativa “que se abriu no barco”, localiza e caracteriza o “barco”/Clube com

⁷ “It is important to realize that the blending process is accomplished through the establishment of connective links, even a very minimal set, between elements of different input spaces in the light of the generic space” (Almeida 2004: 146).

o adjetivo “farto”, que constitui um intensificador na expressão “já de si tão farto de meter água”. O ponto de vista do narrador é expresso na asserção avaliativa que é produzida em tom confessional, com *intensificadores* como o advérbio de modo “completamente”: “e só me sentirei completamente feliz quando o barco for ao fundo de vez”.

Descreve-se um cenário semelhante a um naufrágio: num cenário hipotético, no futuro imperfeito, o narrador expressa a alegria do que irá ver, empregando adjetivos que constituem intensificadores como “imenso” em “É com imenso prazer que verei todos aqueles naufragos agarrados ao seu salva-vidas”. O narrador demonstra que eles não sabem que o bote salva-vidas será “o homem que os vai desgraçar”. O uso da metáfora neste exemplo constitui um caso hiperbólico, isto é, trata-se de um procedimento de exagero que visa propósitos de intensificação, e demonstra que o sentido irónico é interpretado com base na imprevisibilidade e na novidade, juntamente com um aspeto humorístico e lúdico.

O locutor termina esta metáfora do naufrágio do Clube com uma expressão de desejo: “Oxalá, e para acabar de vez com a conversa de chacha de alguns, isso não demora muito”.

Conclui, lamentando (“o meu lamento”), que há “aqueles benfiquistas” que não querem ver a dura realidade e associa o item lexical “família” à “ligação de sócios ao Clube”: “Eh... todos sabemos que a perda de confiança de um dos da própria família é de facto muito triste”.

A troca interacional termina com uma troca reparadora intensificada com o adjetivo “imensa” em “peço-lhe mais uma vez imensa desculpa” (Muito boa noite senhor Fernando Correia, um abraço e peço-lhe mais uma vez imensa desculpa”).

Como forma de restabelecer o equilíbrio entre as faces dos interlocutores, os locutores de rádio reagem com estratégias de minimização/“(de)negação” da ofensa (Kerbrat-Orecchioni, 1988, p. 97) expressa no conteúdo proposicional do ato de pedido de desculpa seguido de um ato de pedido e de convite:

(4) Locutor – Não, não tem que, não tem que pedir desculpa, bastava uma vez, não tem problema nenhum. Quando puder eh... fale

comigo. Gostava muito de falar consigo, mas eh fora do programa.

Este ato de convite constitui, implicitamente, uma forma de persuadir o ouvinte a realizar, futuramente, uma intervenção mais calma e pacífica, isto é, uma intervenção que possa ser menos ofensiva, com um tom menos sarcástico.

6. CONCLUSÃO

Compreender o estudo de fenómenos como a ironia verbal e a delimitação do seu funcionamento no discurso (Gibbs, 2012, p. 105; Batoréo, 2016, 2017) e proceder ao estudo do sentido figurativo, tendo por base a teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (“blending”) de G. Fauconnier e M. Turner (2002), constituem alguns dos objetivos visados no âmbito do trabalho de análise linguística. Com efeito, na análise da ironia e das metáforas conceptuais que ocorrem em narrativas orais, os contributos da Teoria da Integração Conceptual de G. Fauconnier e M. Turner (2002) permitem compreender o ponto de vista do narrador que constrói a situação e convoca vários domínios ao mesmo tempo para conceptualizar novas realidades e permitir construir novas inferências. A análise da “construção do ponto de vista do narrador” (Borkent, 2017, p. 547) e dos marcadores de ponto de vista como os pronomes pessoais, as expressões temporais e os marcadores de tempo verbal (Vandelanotte & Dancygier, 2017, p. 6) são aspetos que contribuem para a articulação da conceptualização do mundo operada pelos falantes. Deste modo, tendo por base interações verbais na rádio (Almeida, 2012), foi nosso objetivo analisar de que modo o locutor constrói o discurso irónico através de processos cognitivos específicos, fazendo uso de mecanismos cognitivos como, por exemplo, a metáfora conceptual que resulta – em simultâneo – como causa e efeito de um pensamento figurativo; considera-se assim a emergência do discurso irónico numa interação conversacional, que ocorre num programa de rádio português presente no *corpus* de Almeida (2012), e perspectivam-se os processos de metaforização na criação do sentido (Silva 2006). Desta forma, os fenómenos linguísticos que permitem a construção de estratégias discursivas específicas de um “ponto de vista” são analisados no presente texto.

Verificamos que a realização de estratégias de intensificação baseadas na conceptualização metafórica reforça o que é dito

no conteúdo proposicional de asserções, resultando numa eficácia argumentativa e interacional. O emprego de adjetivos como “imenso”, a ocorrência de orações condicionais no domínio do irreal e o recurso a metáfora em descrições contribuem para a construção de um discurso emotivo e controverso, específico de uma linguagem de adeptos do futebol. Este uso da linguagem visa persuadir o alocutário destas emissões radiofónicas: o locutor de rádio e o auditório (este último constituído pelos adeptos de futebol).

A metáfora dos *náufragos agarrados a um salva-vidas* (que os deixa à deriva ou ao abandono) constitui um mecanismo de pensamento que intensifica o que se quer dizer no conteúdo proposicional das asserções de um adepto de futebol, assumindo uma eficácia interacional que é denotada pelo pedido de desculpa final. Este último, como forma de expressão reparadora da ameaça, procura restabelecer o *equilíbrio interacional* (Goffman, 1981).

Deste modo, as construções metafóricas em narrativas contribuem para o significado figurativo e a intensificação do discurso. Com efeito, o uso de expressões como “náufragos”, “salva-vidas” em construções irónicas denota a emoção e o humor como características deste tipo de discurso. O estudo da conceptualização destas construções em narrativas constitui um contributo para o estabelecimento das relações de sentido entre ironia, metáfora e mesclagem conceptual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. (2009). Processos de figuração e manutenção da *ordem interaccional*: Estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádios específicos. Fiéis, A., & Coutinho, M. A. (Eds.). *Textos seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Associação Portuguesa de Linguística – APL. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/3-Almeida.pdf>

Almeida, C. (2012). *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interacções verbais*. Afrontamento.

Almeida, C. (2013). Contributos para o estudo da configuração dos *rituais verbais de descortesia* em programas de rádio portugueses. Silva, F., Falé,

I., & Pereira, I. (Eds.). In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 59-77. Associação Portuguesa de Linguística – APL. https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/ALMEIDA_2013.pdf

Almeida, M. Cl. (2004). More about blends: Blending with proper names in the Portuguese media. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Orgs.). (2004). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, II, 145-158. Almedina.

Athanasiadou, A., & E. Tabakowska (Eds.). (1998). *Speaking of Emotions, Conceptualization and Expression*. Mouton De Gruyter.

Batoréo, H. (2016). Como conceptualizamos a ironia no discurso? Representações e meta-representações do implícito. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, 20 (1), 9-24.

Batoréo, H. (2017). On ironic puns in Portuguese authentic oral data. How does multiple meaning make irony work?". Athanasiadou, A., & Colston, H. (Eds.). *Irony in Language Use and Communication*, 109-125. John Benjamins.

Borkent, M. (2017). Mediated Characters: Multimodal Viewpoint Construction in Comics. *Cognitive Linguistics*, 28 (3), 539-563.

Diamond, J. (1996). *Status and power in verbal interaction. A study of discourse in a close-knit social network*. John Benjamins.

Edwards, D. (2000). Extreme case formulations: Softeners, investment and doing nonliteral. *Research on language and social interaction*, 33(4), 347-373.

Edwards, D. (2001). Emotion. Wetherell, M., Taylor, S., & Yates, S. (Eds.). *Discourse Theory and Practice. A Reader*, 236-246. Sage.

Fauconnier, Gi. (1984). *Espaces mentaux. Aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Minuit.

Fauconnier, G., & Turner, M. (2002). *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Basic.

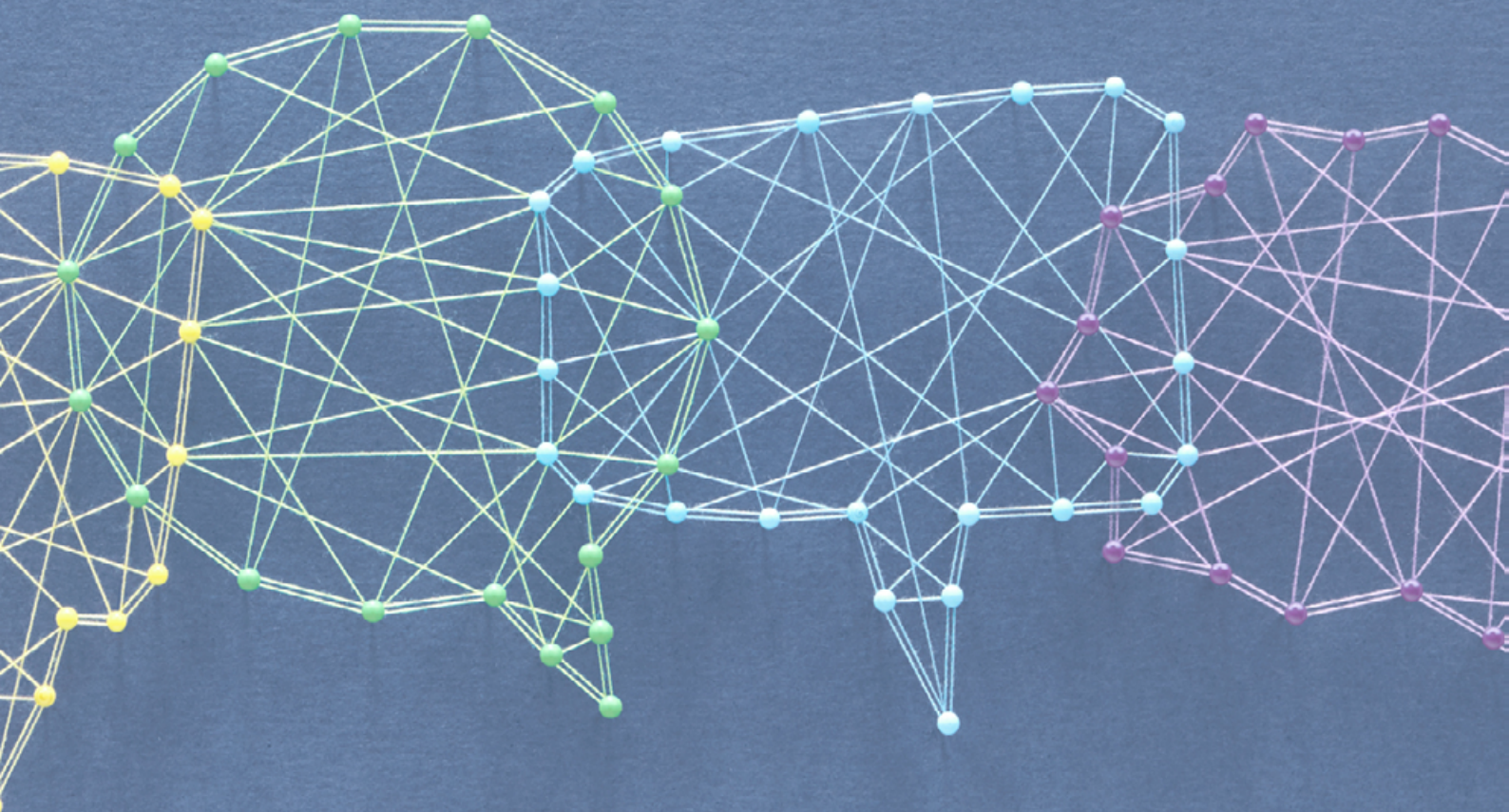
Fonseca, J. (1988). Coerência do texto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas, Série II*, 5 (1).

- Geeraerts, D.** (1995). Cognitive Linguistics. In *Handbook of Pragmatics*. Verschueren, J, Östman, J., & Blommaert, J. (Eds.). 111-116. John Benjamins.
- Gibbs, R.** (2012). Are ironic acts deliberate?. *Journal of Pragmatics*, 44, 104-115.
- Goffman, E.** (1974). *Les rites d'interaction*. Minuit.
- Goffman, E.** (1981). *Forms of Talk*. University of Pennsylvania Press.
- Grice, H. P.** (1975). Logic and conversation. Cole, P. & Morgan, J.L. (Eds.), *Syntax and semantics 3: speech acts*, 41-58. Academic Press.
- Gumperz, J.** (1980). The Sociolinguistic Basis of Speech Act Theory. *Versus, Quaderni di Studi Semiotici*, 26-27, 101-121.
- Gumperz, J.** (1982). *Discourse strategies*. Cambridge University Press.
- Gumperz, J.** (1989). *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. L'Harmattan.
- Gumperz, J.** (1990). The speech community. Giglioli, P. (Ed.). *Language and social context*, 219-231. Penguin Books.
- Gumperz, J.** (1996). Fact and inference in courtroom testimony. Gumperz, J. (Ed.). *Language and social identity*, 163-194. Cambridge University Press.
- Heller, M.** (2001). Discourse and interaction. Schiffrin, D., Tannen, D., & Hamilton, H. (Eds.). *The handbook of discourse analysis*, 250-264. Blackwell.
- Holdcroft, D.** (1992). Searle on conversation and structure. Searle, J., Parret, H., & Verschueren, J. (Eds.). *(On) Searle on conversation*, 57-76. John Benjamins
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (1988). L' 'échange' comme unité transphrastique dialogale. L'exemple de l'excuse. *Modèles linguistiques*, 10(2), 83-103.
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (1990). *Les interactions verbales*. Armand Colin.
- Kövecses, Z.** (1990). *Emotion Concepts*. Springer-Verlag.
- Kövecses, Z.** (1998). Are there any emotion-specific metaphors?. Athanasiadou, A., & Tabakowska, E. (Eds.). *Speaking of emotions, conceptualization and expression*, 127-152. Mouton De Gruyter.

- Pomerantz, A.** (1986). Extreme Case Formulations: A Way of Legitimizing Claims. *Human Studies*, 9, 219-229.
- Schiffrin, D.** (1995). *Approaches to discourse*. Blackwell.
- Silva, A.** (2004). Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. Silva, A., Torres, A., & Gonçalves, M. (Eds.). *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, 1-18. Almedina.
- Silva, A.** (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.
- Tannen, D.** (1989). *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge University Press.
- Tannen, D.** (1993). What's in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations. Tannen, D. (Ed.). *Framing in Discourse*, 14-56. Oxford University Press.
- Turner, M.** (2007). The Way We Imagine. Roth, I. (Ed.). *Imaginative Minds*. British Academy & Oxford University Press.
- Vandelanotte, L., & Dancygier, B.** (2017). Multimodal artefacts and the texture of viewpoint. *Journal of Pragmatics*, 122, 1-9.
- van de Velde, R.** (1989). Man, verbal text, inferencing and coherence. Heydrich, W., Neubauer, F., Petöfi, J., & Sözer, E. (Eds.). *Conexity and coherence*, 174-214. De Gruyter.
- Verschueren, J.** (1980). À la recherche d'une pragmatique unifiée. *Communications*, 32, 274-284.
- Verschueren, J.** (1999). *Understanding Pragmatics*. Edward Arnold.
- Widdowson, H.** (1979). Rules and procedures in discourse analysis. Myers, T. (Ed.). *The development of conversation and discourse*, 61-71. Edinburgh University Press.

2.2.

PONTES PARA MULTIMODALIDADE



ANÁLISE DO DÊITICO “AQUI” EM DADOS MULTIMODAIS: DE USOS PROTOTÍPICOS A USOS METAFÓRICOS¹

Maíra Avelar²

Hayat Pinheiro³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

No presente trabalho, objetivamos discutir usos mais e menos prototípicos do dêitico locativo “aqui”, considerando como usos mais prototípicos aqueles em que o dêitico é utilizado como locativo e como usos menos prototípicos aqueles em que o dêitico é utilizado de maneira metafórica/metaforizada. Do ponto de vista teórico, partimos do conceito de Modelos Cognitivos Idealizados para, depois, discutirmos o MCI da dêixis. Posteriormente, empreendemos discussões referentes à inter-relação entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gesto, explorando, mais especificamente, a inter-relação entre os dêiticos locativos e os Gestos de Apontar. A fim de construirmos uma escala prototípica do “aqui”, optamos por analisar, por meio da estatística descritiva e da descrição qualitativa, 8 ocorrências verbo-gestuais do dêitico “aqui”, em dados videogravados, coletadas de telejornais dos canais televisivos Band, Globo e Record, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab*, uma biblioteca de dados multimodais composta por telejornais. Descrevemos e analisamos os dados multimodais por meio de trilhas criadas no software ELAN criadas a partir das Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos. Nos resultados, comparamos os índices percentuais relativos aos diferentes Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual encontrados nas ocorrências da Amostra. Em seguida, criamos escalas radiais de prototipicidade das ocorrências, sendo as ocorrências mais prototípicas ou menos metafóricas aquelas que ocupam as categorias mais centrais do protótipo, e as ocorrências menos prototípicas e mais metafóricas aquelas que ocupam as categorias mais periféricas. Portanto, a prototipicidade refere-se a grau de Metaforicidade mais ou menos ativado nos contextos reais de uso da língua.

¹ Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa (Código de Financiamento 001).

² Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Dêitico locativo – ‘Aqui’; Modelos Cognitivos Idealizados; Multimodalidade; Estudos de Gesto; Metaforicidade

ABSTRACT

In our research, we aim to discuss more and less prototypical uses of the locative deictic ‘*aqui*’ (here), considering more prototypical uses in which the deictic is used as a locative, and less prototypical uses in which the deictic is used in a metaphorical/metaphorized way. From a theoretical point of view, we start with the concept of Idealized Cognitive Models to, afterwards, discuss the deixis ICM. Subsequently, we have discussions involving the relationship between Cognitive Linguistics and Gestures Studies, exploring, more specifically, the relationship between locative deictics and Pointing Gestures. To build up a prototypical scale of “here”, we have opted to analyze quanti-qualitative 8 verbal-gestural occurrences of the deictic “here”, in audiovisual data, collected from TV channels Band, Globo, and Record, stored at the Distributed Little Red Hen Lab, a multimodal data library composed of TV news. We describe and analyze the multimodal data using tiers created on ELAN software based on Metaphor Identification Guidelines for Gestures. In the results, we compare the percentages related to different Pointing Gestures and Gestural Modes of Representation found in the Sample occurrences. We then create radial scales of prototypicality, being the more prototypical or less metaphoric occurrences those that occupy the more central categories on the prototype, and the more metaphoric and less prototypical occurrences those that occupy the more peripheral categories. Therefore, the prototypicality refers to the Metaphoricity degree, more or less activated in the real contexts of language use.

KEYWORDS: Locative deictic ‘*here*’; Idealized Cognitive Models; Multimodality; Gesture Studies; Metaphoricity

1. INTRODUÇÃO

A dêixis é um fenômeno que está estritamente ligado ao contexto de uso da língua e à forma como categorizamos expressões linguísticas orais, escritas ou de outra natureza semiótica. Até os anos 70, esse fenômeno foi discutido apenas teoricamente na ausência de pesquisas empíricas que demonstrassem o seu funcionamento. A partir dos estudos empreendidos pela Linguística Cognitiva (doravante LC) iniciados no fim dos anos 70 e início dos anos 80, as considerações teóricas a respeito da dêixis foram relidas, bem como começaram a ser testadas empiricamente.

É no âmbito da LC, a partir de uma proposta teórico-empírica, que está centrada a proposta deste trabalho. Nosso foco reside em estabelecer uma correlação entre o dêitico “aqui”, veiculado na fala, e os diferentes gestos de apontar (Kendon, 2004), bem como de outros modos de representação gestual (Bressem, 2013). A partir da descrição verbo-gestual das ocorrências, conforme as Orientações para a Identificação de Metáforas nos Gestos, foram verificados os diferentes graus de metaforicidade das ocorrências analisadas, todas elas retiradas do *Distributed Little Red Hen Lab*, uma biblioteca de dados multimodais composta por telejornais. Esses diferentes graus de Metaforicidade foram organizados numa escala de prototipicidade do “aqui”, considerando os diferentes padrões verbo-gestuais de ocorrência do dêitico em questão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS E O MCI DA DÊIXIS

Para Lakoff (1987), nosso conhecimento é organizado por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados (doravante, MCI). Segundo o autor, “cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *Gestalt* que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os esquemas imagéticos, os metafóricos e os metonímicos”. (Lakoff, 1987, p. 68). Para fundamentar o conceito de MCI, em um primeiro momento, o autor busca explicar o conceito de *frame* proposto por Fillmore (1986): “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”.

Fillmore (1986) buscou estabelecer uma relação entre *frames* e protótipos. Para ele, “em alguns casos, a área de experiência na qual um *frame* linguístico se impõe é prototípica” (Fillmore, 1986; *apud* Cienki, 2007, p. 173; tradução nossa). A ideia de Fillmore sobre *frames* prototípicos instancia o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados, uma vez que, para Lakoff (1987), “os MCI seria um conjunto complexo de *frames* distintos” (Ferrari, 2011, p. 53). O conceito de MCI será melhor detalhado como sendo

um construto teórico desenvolvido por George Lakoff com objetivo de considerar os efeitos típicos encobertos pela Teoria dos Protótipos. Um MCI é uma representação mental relativamente estável que representa

'uma teoria' a respeito de algum aspecto do mundo e à qual as palavras e outras unidades linguísticas podem ser relativizadas. A esse respeito, MCIs são similares à noção de frame, pois ambos relacionam-se a estruturas de conhecimento relativamente complexas. (Evans, 2007, p. 104. (Tradução nossa).

Para ilustrar o funcionamento de um MCI, Lakoff (1987) retoma a palavra "terça-feira". Para ele, "terça" pode ser definida em termos de um modelo idealizado, fundamentado no ciclo natural estabelecido pelo movimento do sol, que demarcaria o padrão de categorização para o fim de um dia e o início do próximo. Entretanto, esse ciclo, natural e observável empiricamente, é idealizado linearmente em horas, que, por sua vez, são idealizadas linearmente em dias. Segundo Lakoff (1987, p. 68), "no modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e a terceira é chamada de *terça*". Portanto, de acordo com Lakoff (1987), a semana de sete dias não existe objetivamente na natureza, ela é uma criação humana.

Com relação à estrutura imago-esquemática do MCI da dêixis, objeto de análise deste trabalho, Marmaridou (2000) apresenta que ela pode ser definida como uma estrutura de "Centro-periferia". Ao definir o EI "Centro-periferia", Lakoff (1987) estabelece que esse esquema está baseado na nossa experiência corporal. Segundo ele: "nós experienciamos nossos corpos como tendo centros (o tronco e o órgãos internos) e periferias (dedos da mão, dedos do pé, cabelos)." (Lakoff, 1987, p.274). Além disso, para o autor, os centros são vistos como mais importantes que as periferias: lesões das partes centrais são mais sérias do que as lesões das partes periféricas, por exemplo. Tal como explicitado por Johnson (1987), o EI "Centro-periferia" possui uma interpretação mais abstrata, pois, além de uma estrutura do nosso campo perceptual, o EI, por extensão metafórica, exerce uma importância na estruturação do nosso mundo social, econômico, político, religioso, filosófico.

Em consonância com os pressupostos de Lakoff (1987), Marmaridou (2000) propõe que o MCI da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não-focalizado. Aplicando a estrutura imago-esquemática "Centro-periferia" para o MCI da dêixis, a autora afirma que o centro é, obviamente, o falante, enquanto a

periferia implica o objeto dêítico como uma entidade no espaço. Tal como Johnson (1987), ela também afirma que elementos da periferia dependem do centro (o falante). Por exemplo, quando o falante aponta para ele, mesmo como uma entidade no espaço, a distância entre o centro e periferia é neutralizada. Sendo assim, é importante perceber que, nesse ponto, o falante também é conceptualizado como uma entidade no espaço. É isso que faz com que o “apontar-para-si” (*self-pointing; self-reference*) seja possível.

Marmaridou (2000) discorre sobre a estrutura metafórica do MCI da dêixis. Baseando-se na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980), a autora aponta que o domínio experiencial do espaço físico (Domínio-fonte) é um domínio abstrato de uma determinada realidade social (Domínio-alvo), e, dessa forma, estrutura-se de uma maneira que é consistente com o nosso entendimento da realidade.

2.2. DÊIXIS LOCATIVA E GESTOS DE APONTAR

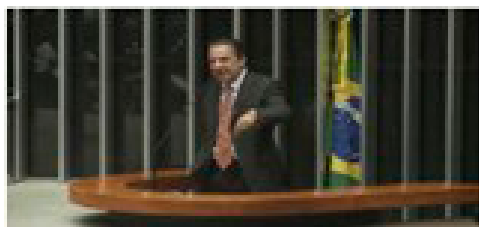
Retomando algumas considerações de Marmaridou (2000) sobre o MCI da Dêixis, em consonância com algumas considerações feitas por Kendon (2004) sobre os gestos de apontar, definimos esse gesto como o gesto prototípico da Dêixis. Cienki (2013) elenca dois modos de gesticular: “apontar” e “representar”. Por “apontar”, o autor refere-se ao movimento de uma parte do corpo “a qual parece ter sido focalizada em uma direção definida e clara, como se fosse direcionada a um alvo específico”. O foco estabelecido por Cienki (2013) envolve, sobretudo, os gestos manuais.

Já Kendon (2004) afirma que os gestos de apontar são interpretados como indicadores de um objeto, de uma localização, ou de uma direção, que são visualizados a partir da projeção de uma linha reta, traçada até ao ponto mais distante da parte do corpo que está sendo projetada para fora, no espaço que se estende para além do falante, considerado como centro dêítico.

O autor explica que esse espaço pode ser um espaço físico que os participantes partilham. Ou, por outro lado, o espaço para o qual o falante aponta pode ser estruturado pelas ações do próprio falante. Nesses casos, os falantes criam, por meio de uma combinação de palavras e gestos dêíticos, um modo de relacionar o espaço no qual o apontar é realizado a uma espécie de “mapa invisível” (que pode ser tridimensional).

Para Kendon (2004), esse pode ser um mapa no qual as localizações relativas dos personagens e dos objetos de uma história estão dispostas (espaço narrativo) ou pode ser um mapa no qual estão compreendidos os componentes do discurso do falante. Isso ocorre, por exemplo, quando o referente para o qual se aponta é abstrato e não se encontra no contexto imediato de interação. Portanto, os gestos relacionados ao discurso podem envolver o “apontar” como quando o falante aponta para o espaço que, na verdade, está relacionado à estrutura do discurso em andamento ou a um referente que não se encontra no espaço físico imediato da interação. A isso, McNeill, Cassell, e Levy (1993) nomearam como “dêixis abstrata”.

No que se refere aos gestos de apontar relativos aos dêiticos locativos “aqui” e “lá”, Avelar e Ferrari (2017) estabelecem que o gesto de “apontar para baixo” prenuncia o uso prototípico do dêitico “aqui”, enquanto o gesto de “apontar para fora” prenuncia o uso prototípico do dêitico “lá”. No entanto, conforme afirma Cienki (2013), dado que os gestos são produzidos no espaço físico, mesmo as referências gestuais que ocorrem em contextos menos prototípicos, ou seja, na conceptualização abstrata/metafórica, são fundamentadas por meio de formas gestuais físicas, relativas ao movimento e à localização espacial nos quais os gestos são produzidos. Em outras palavras, mesmo as referências abstratas são fundamentadas com gestos produzidos no espaço físico concreto. No caso específico da dêixis locativa, exemplos ilustrativos do papel abstrato/discursivo/metaforizado dos “gestos de apontar” são apresentados em amostras analisadas por Avelar e Ferrari (2017), tais como o exemplo:



“Que **essa casa** (1) **aqui** (2), **os senhores** (1) **aqui** (2)”.

Mão direita apontando para baixo.

Figura 1. Congruência aparente entre gestos e fala na dêixis locativa⁴

Ao analisar as amostras como a apresentada, Avelar e Ferrari (2017) afirmam que, embora se observe uma congruência entre o gesto de apontar para baixo, estabelecido como prototípico para o uso do dêitico aqui, e o “aqui” veiculado na fala, deve-se considerar que a

⁴ Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p. 85.

ocorrência multimodal do dêitico, em amostras como essas, parece ser redundante, uma vez que outro dêitico locativo já faz parte do sintagma nominal “essa casa”. Além disso, para as autoras, tanto a repetição do gesto quanto o movimento repetitivo ao realizar o Núcleo gestual demonstram que a marcação dêitica multimodal funciona mais como sinalizadora de tópico discursivo do que como marcadora de espaço físico. Na conclusão do estudo, as autoras argumentam que os usos do “aqui” e do “lá” se afastam do significado locativo básico associado aos dêiticos e assumem caráter discursivo a partir de mapeamentos metafóricos. Esses usos podem indicar tanto incongruência quanto congruência aparente entre elementos dêiticos e gestos.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. COLETA DO CORPUS

Para realizarmos a análise de dados multimodais, em que pretendemos comparar as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas do dêitico “aqui”, considerando a unidade verbo-gestual, selecionamos 24 (vinte e quatro) ocorrências provenientes de três Amostras diferentes, contendo 8 (oito) ocorrências cada. Como critério para seleção das Amostras, acreditamos ser crucial a questão do contexto de produção das ocorrências, que, por sua vez, envolve o gênero ao qual pertence cada uma delas. Nesse sentido, escolhemos comparar 24 Amostras de gêneros diferentes por acreditar que a variabilidade dos gêneros influenciará na produção das ocorrências do dêitico “aqui”. Dessa forma, escolhemos 8 Amostras pertencentes ao gênero Telejornal (disponíveis no *Distributed Little Red Hen Lab*), 8 pertencentes ao gênero Palestra Motivacional/Autoajuda (Palestra TEDx) e 8 pertencentes ao gênero Depoimento Oral (depoimento de Lula a Moro).

3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de realizarmos a análise da função referencial desempenhada pelos Gestos de Apontar, apresentaremos as orientações propostas por Cienki (2017) para a identificação de metáforas nos gestos, pois o procedimento proposto serve tanto para identificarmos ocorrências mais prototípicas – ou menos metafóricas – do dêitico quanto ocorrências menos prototípicas – ou mais metafóricas.

O autor assevera que, ao aplicar essas orientações, deve-se estar consciente de que podem existir grandes diferenças em como as

peças gesticulam em diferentes culturas, em diferentes contextos, e em diferentes gêneros de comunicação, e que também podem existir diferenças consideráveis entre o estilo individual de comportamento. Além disso, o autor faz uma ressalva de que os dois primeiros passos, que serão descritos a seguir, são executados mais adequadamente com o som do vídeo desligado com o intuito de ajudar o analista a manter o foco nas formas gestuais visíveis, sem nenhuma distração ou influência da fala associada. As orientações para a identificação (ou não) de metáforas nos gestos são estruturadas da seguinte forma, de acordo com Cienki (2017, p. 136; tradução nossa):

1. Identificar os golpes gestuais.
2. Descrever as formas características de cada golpe.
3. Identificar se o gesto atende a alguma função referencial. Se sim,
4. Identificar o(s) modo(s) de representação.
5. Identificar o(s) referente(s) físico(s) retratado(s) no(s) gesto(s) (o domínio fonte potencial).
6. Identificar o tópico contextual que está sendo referenciado (o potencial domínio alvo).
7. O tópico foi identificado por semelhança na experiência ao referente retratado por meio do gesto? Se sim, o gesto pode ser identificado como utilizado metaforicamente por meio de um mapeamento no qual o tópico (Domínio-alvo) está sendo conectado ao referente retratado (Domínio-fonte).

De acordo com Cienki (2017), o primeiro passo visa identificar as unidades de análise gestual. Esse passo deve ser realizado visualizando o vídeo sem o som e em câmera lenta. Seguindo o que propõe Kendon (2004), o autor define o gesto manual prototípico como o movimento inicial da mão a partir da posição de descanso (preparação), a uma fase mais dinâmica de movimento e tensão na mão (golpe), para posterior manutenção da posição alcançada no fim do golpe (manutenção pós-golpe). Logo depois, as mãos retornam para a posição de descanso (retração) ou prosseguem, realizando um novo Núcleo gestual. Para Cienki (2017), a fase do golpe estabelece o foco de análise, pois é nessa fase que se exerce a maior quantidade de esforço, sendo considerada, então, como a fase mais significativa do gesto em termos de função em relação ao discurso.

A fim de realizarmos a análise multimodal, criamos trilhas de análise do *software* ELAN (Sloetdjes, H., & Wittenburgh, 2008) que permite a análise simultânea de diferentes aspectos a serem observados nos vídeos. As trilhas, com os respectivos vocabulários controlados, palavras

ou expressões que são previamente adicionadas pelo analista, podem ser posteriormente selecionadas no momento das análises.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico 1, conforme pode ser visualizado a seguir, apresenta as porcentagens referentes aos Modos de Representação Gestual e aos Gestos de Apontar presentes no total de ocorrências da Amostra de Dados do *Red Hen*. Os Modos de Representação Gestual encontrados na referida Amostra foram os seguintes: *Holding/Molding* (Segurar/Moldar) e *Embodying* (Corporificar). Já os gestos apontar encontrados foram: PDPIF ou Dedo Indicador Estendido Pronado, Palma Para Baixo; PAIF ou dedo indicador estendido, palma para fora; PVIF ou Dedo Indicador Estendido, Palma Vertical; e THUMB ou Polegar estendido, orientação de antebraço variável.

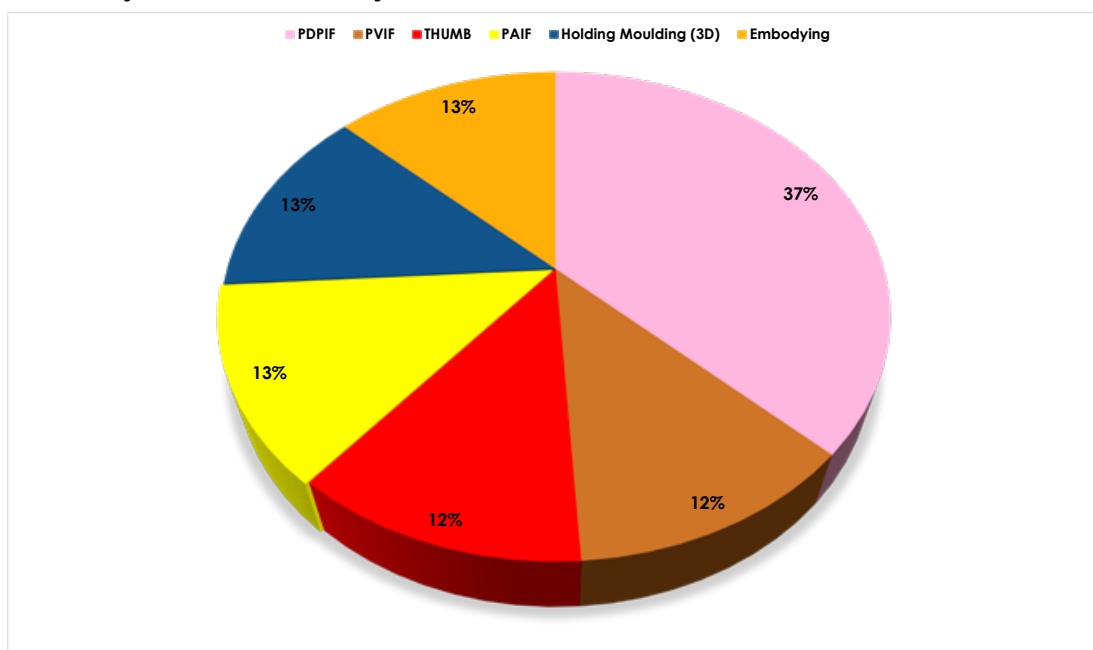


Gráfico 1. Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual – Amostra 1⁵

Conforme é possível visualizar no Gráfico, o maior índice percentual encontrado, considerando o total de ocorrências referentes à Amostra 1, foi o do modo de representação *Holding/Molding* (Segurar/Moldar): 37% das ocorrências apresentaram esse Modo de Representação icônico, enquanto que nas ocorrências que apresentaram Gestos de Apontar não houve um índice percentual predominante, pois há o mesmo índice percentual (13%) para 3 (três) dos 5 (cinco) Gestos de Apontar,

⁵ Fonte: Dados de análise.

e um índice muito similar (13%) para cada um dos 2 (dois) outros Gestos de Apontar. Sendo assim, no geral, não houve uma porcentagem predominante para as ocorrências em que são realizados Gestos de Apontar.

No que se refere à análise qualitativa dos dados, apesar de as Orientações para Identificação de Metáforas nos Gestos trabalharem com variáveis categoriais no que se refere ao uso de metáforas, consideramos que esse uso, na verdade, faz parte de uma categorização contínua. Não se trata, portanto, de unidades discretas, que podem ser classificadas em termos de “Sim” ou “Não”, apenas. Optamos, então, por discutir, em cada Amostra, ocorrências que, apesar de categoricamente categorizadas como metafóricas ou não-metáfóricas, no nosso entendimento, constituem-se, na verdade, como exemplares intermediários entre usos metafóricos e usos não-metáfóricos, sobretudo quando correlacionamos a veiculação do “aqui”, na fala, aos gestos realizados pelos falantes. No caso da Amostra 1, propomos, na Figura 2, a seguir, a seguinte representação radial de prototipicidade referente às ocorrências de uso real dos compostos verbo-gestuais contendo o dêitico “aqui”:

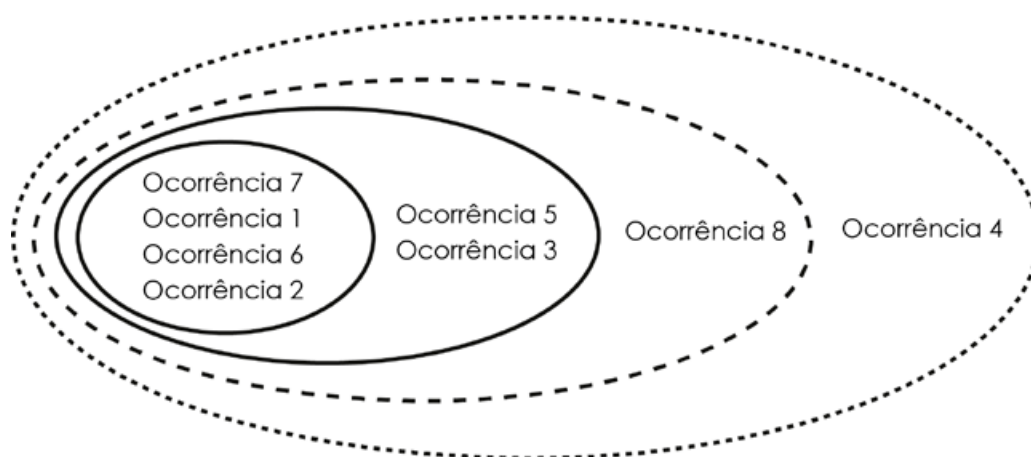


Figura 2. Representação radial de prototipicidade com as ocorrências do dêitico “aqui” – Amostra 1⁶

Conforme pode ser observado na Figura 2, as ocorrências que categorizamos como menos prototípicas ou mais metafóricas estão dispostas nos círculos pontilhados, mais distantes do centro prototípico. As ocorrências intermediárias ocupam o segundo círculo, desenhado com linha contínua. E, por fim, as ocorrências que classificamos como mais

⁶ Elaborada pelas pesquisadoras.

prototípicas ou menos metafóricas estão ocupando o círculo central, também desenhado com linha contínua. A partir da representação radial de prototipicidade criada, optamos por analisar, mais detidamente, duas ocorrências intermediárias da Amostra 1, como ocorrências representativas de ocorrências que possuem um grau de ativação de Metaforicidade intermediário, uma vez que, nesta Amostra, estes foram os tipos de ocorrência que se apresentaram como desafios de análise pelo fato de, na verdade, não representarem ocorrências totalmente metafóricas ou totalmente não-metafóricas.

Em outras palavras, foram categorizadas como “intermediárias” as ocorrências que não corresponderam totalmente à descrição de um dos Modos de Representação Gestual ou de um dos Gestos de Apontar. Selecionamos, então, as ocorrências 3 e 5 para discussão e análise qualitativa. As ocorrências escolhidas estão descritas a seguir, nas Figuras 3 e 4, por meio de uma representação multimodal contendo: a fotografia do Núcleo gestual; a transcrição, com o trecho em que ocorre o Núcleo gestual negritado; e a descrição dos quatro parâmetros de notação gestual (Bressem, 2013), correspondente aos passos de 1 e 2 do MIG-G (Cienki, 2017): formato das mãos, orientação das palmas, direção e qualidade do movimento e posição espacial. Na Figura 3, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 3:



“Essa aqui quer aumentar o peito, **essa aqui tirou o peito**”.

Dedo indicador esquerdo estendido, demais dedos esticados, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância longa em relação ao corpo.

Figura 3. Representação multimodal da ocorrência 3⁷

Na análise do Núcleo gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura 3, isolamos o Núcleo gestual que co-ocorre com a segunda ocorrência verbal do dêitico “aqui” no trecho de vídeo em questão, pois a primeira ocorrência do dêitico teve que ser descartada pelo fato de a repórter segurar a interlocutora, não havendo, portanto, a realização de gesto. Já na ocorrência escolhida, notamos que a falante realiza um Golpe que foi categorizado como um Gesto de

⁷ Fonte: Amostra de Dados do Red Hen.

Apontar com Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo (PDPIF). O referente físico retratado no gesto, nesta ocorrência, é o dêitico “aqui” e corresponde ao tópico contextual referenciado “Essa aqui tirou o peito”. Sendo assim, trata-se de uma ocorrência mais prototípica ou menos metafórica, referente ao contexto locativo imediato, referindo-se a uma pessoa específica para a qual a repórter aponta, presente no espaço físico imediato. Entretanto, o gesto realizado não corresponde a uma ocorrência prototípica do gesto em questão, pois, apesar de separar o dedo indicador dos demais dedos, apontando para a interlocutora, a falante também realiza um gesto de PDOH ou “Mão Aberta, Palma Para Baixo”, uma vez que os demais dedos da mão encontram-se abertos. Por essa razão, descrevemos o Gesto de Apontar realizado como uma ocorrência intermediária entre os Gestos de Apontar e os Modos de Representação Gestual, pois o gesto realizado, na verdade, pode ser categorizado como estando entre representações prototípicas do PDPIF e do PDOH.

Já a Figura 4, disposta a seguir, apresenta a representação multimodal da ocorrência 5, que também consideramos como ocorrência representativa na Amostra de Dados do *Red Hen* por apresentar um Modo de Representação Gestual intermediário:



O terraço do apartamento onde ele morava, com vista **aqui pro bairro** de São Conrado. Mão esquerda aberta, palma para baixo, movimento para a esquerda, impreciso, com distância média em relação ao corpo.

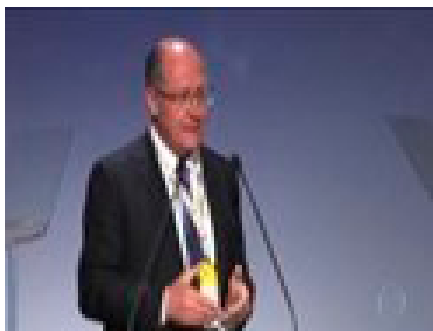
Figura 4. Representação multimodal da ocorrência 5⁸

Na análise do Núcleo gestual que co-ocorre com o discurso nesta ocorrência do dêitico “aqui”, categorizamos o modo de representação icônico retratado no gesto como Modo de Representação “*Holding/ Molding* (Segurar/Moldar – 3D)”. Porém, consideramos que o gesto retrata um modo de representação intermediário entre dois modos distintos, pois representa também o desenho (*Drawing*) de uma superfície. Assim, a falante, na verdade, estaria “desenhando”, por meio do gesto, uma “superfície em 3D”. No entanto, como a classificação para Modos de

⁸ Fonte: Amostra de Dados do Red Hen.

Representação Gestual, proposta por Müller (2013) e retomada por Cienki (2017), não prevê o “Desenhar (*Drawing*) em 3D, mas apenas em 2D, categorizamos a ocorrência como “Segurar/Moldar – 3D (*Holding/ Moulding* – 3D)”. O referente físico retratado no gesto, na ocorrência em questão, corresponde ao dêitico “aqui”; mais especificamente, ao tópico contextual referenciado “aqui pro bairro”. Sendo assim, categorizamos a ocorrência como mais prototípica ou menos metafórica, na qual o gesto retrataria o contexto locativo imediato referente ao espaço físico. Apesar disso, consideramo-la como uma ocorrência intermediária, já que o tópico contextual referenciado é “aqui pro bairro” e, dessa forma, designa o espaço físico imediato mais amplo (todo o bairro), instanciado pelo Esquema Imagético “Trajetória”, em que a localização dêitica é desenhada numa superfície que parte de um ponto e chega a outro, “como se” as mãos representassem um caminho em 3D.

Também optamos por analisar a ocorrência relativa ao Modo de Representação Gestual “Corporificar (*Embodying*)”, uma vez que julgamos necessário demonstrar, do ponto de vista qualitativo, os critérios de categorização desta ocorrência. Sendo assim, na Figura 5, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 4 da Amostra de Dados:



Quero **aqui** destacar o nosso empenho com as reformas
Mãos abertas, palmas voltadas uma para outra, em diagonal, movimento para fora do corpo, impreciso, distância curta em relação ao corpo.

Figura 5. Representação multimodal da ocorrência 4⁹

Na análise do Núcleo gestual que co-ocorre com o discurso, conforme ilustrado na Figura 5, notamos que o gesto em questão ilustra o modo de representação *Embodying* (Corporificar), pois é “como se” o falante estivesse representando com as mãos um objeto 3D, que corresponde, então, ao referente físico retratado no gesto. Esse referente co-corre com o tópico contextual referenciado na fala como: “Quero aqui [nesta entrevista]”. Sendo assim, por meio do referente físico retratado no gesto,

⁹ Fonte: Amostra de Dados do Red Hen.

que contrasta com o tópico contextual referenciado, evidenciamos a ocorrência do Esquema Imagético “objeto” que instancia a metáfora conceptual “ideias são objetos” (Mcneil *et al.*, 1993), desdobrada linguisticamente em “Entrevista é Objeto”. Portanto, a ocorrência 4 foi categorizada como mais metafórica ou menos prototípica. Além disso, ainda no que se refere à ocorrência 4, consideramos que o dêitico “aqui” possui a função de marcador discursivo, mais especificamente de marcador de ênfase, pois, tal como discutido por Avelar e Ferrari (2017), o “aqui”, em ocorrências como esta, parece ser redundante, podendo ser eliminado do discurso sem prejuízo de sentido: “Quero destacar o nosso empenho”. Portanto, é possível verificar que, de maneira mais geral, apesar de veicular uma Metáfora Ontológica, o dêitico desempenha uma função pragmática de “marcador de ênfase”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como hipotetizamos, as ocorrências mais prototípicas do dêitico locativo “aqui” correspondem às ocorrências empíricas mais frequentes encontradas na Amostra, correspondendo a 62% dos dados relativos aos Gestos de Apontar. Muito embora o gesto de “apontar para baixo” (Palma para Baixo, Dedo Indicador Dobrado – PDPIF) corresponda à maior parte das ocorrências gestuais, também corroborando a nossa hipótese, não é o único que co-ocorre com o dêitico, mas também os gestos com Palma Vertical – PV (em 13% das ocorrências) e Palma Para Fora – PA (em 12% das ocorrências), sendo que os três ocorrem com o dedo indicador estendido, correspondendo iconicamente à maneira prototípica de Apontar.

Cabe ressaltar também que, nas ocorrências menos prototípicas, discutidas e ilustradas na seção de discussão dos dados, houve veiculação de metáforas e Esquemas Imagéticos (EI), sendo que é possível detectar uma gradualidade da Metaforicidade dessas ocorrências; considerando-se o falante como centro dêitico (Marmaridou, 2000), a ocorrência 3 (Figura 3) corresponde à mais próxima do uso prototípico do locativo. Já a ocorrência 5 (Figura 4) corresponde àquela em que o locativo não corresponde ao contexto imediato em que se encontra o falante, mas a um contexto locativo mais amplo, tendo sido veiculado o EI “Trajetória”. Por fim, a ocorrência 4 (Figura 5), veicula a metáfora conceptual “Ideias são objetos”, que corresponde a uma metáfora ontológica, em que o Domínio-fonte (Entrevista), implícito na fala, é abstrato, enquanto o

Domínio-fonte, veiculado no gesto, corresponde ao El “Objeto”.

Portanto, a análise de dados multimodais permite que encontremos metáforas que se efetivam apenas nesse contexto, uma vez que os gestos, por sua especificidade visual/imagética, têm a capacidade de encenar o Domínio-fonte da metáfora, enquanto a fala encena apenas o Domínio-alvo. Isso permite comprovar que a Metaforicidade é um fenômeno cognitivo amplo, e não apenas linguístico. Quanto à questão da prototipicidade, a análise de dados reais de análise, ao invés de dados imaginados a partir da intuição dos pesquisadores, tal como ocorria nos estudos iniciais sobre o assunto, permite que categorias intermediárias do *continuum* prototípico sejam discutidas de maneira mais ampla, pois revelam possibilidades não antes hipotetizadas pelos pesquisadores, possibilitando, em contrapartida, um enriquecimento à teoria proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bressem, J. (2013). A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: Müller, C.; Cienki, A.; Fricke, E.; Ladewig, S.; McNeill, D.; & Tessendorf, S. (Eds.), *Body – Language – Communication, 1*, 1079-1098. De Gruyter Mouton.

Cienki, A. (2007). Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In Geeraets, D., & Cuyckens, H. (Orgs.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, 1079-1098. Oxford University Press.

Cienki, A. (2013). Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: Müller, C.; Cienki, A.; Fricke, E.; Ladewig, S.; McNeill, D.; & Tessendorf, S. (Eds.). *Body – Language – Communication, 1*, 1079-1098. De Gruyter Mouton.

Cienki, A. (2017). Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: E. Semino, & Z. Demjén (Eds.). *The Routledge handbook of metaphor and language*, 131-147. Routledge.

Evans, V.; Bergan, B.; & Zinken, J. (Eds.). (2007). *The Cognitive Linguistics Reader*, 40-41. Equinox Publishing Co.

Ferrari, L. (2017). Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59(1), 73-89.

Johnson, M. (2007). *The meaning of the body: Aesthetics of human understanding*. The University of Chicago Press.

Kendon, A. (2004). *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge University Press.

Lakoff, G. (1987). *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. The University of Chicago Press.

Lakoff, G.; & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press.

Marmaridou, S. (2000). On Deixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. John Benjamins.

McNeill, D.; Cassell, J; & Levy, E. (1993). Abstract deixis. *Semiotica*, 95(1), 5-19. Walter de Gruyter.

Sloetdjes, H.; & Wittenburgh, P. (2008). *ELAN*. Version 4.8.1, retrieved 20 November 2014 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands.

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL PARA LIBRAS: CONCEITOS ABSTRATOS DE AUTONOMIA

Elávia Medeiros Álvaro Machado¹

Universidade Federal do Estado do Espírito Santo

RESUMO

O presente texto foca a temática da atuação do Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais (TILS), pesquisando os processos cognitivos de tradução da Língua Portuguesa (variedade do Português do Brasil) para Língua Brasileira de Sinais (*Libras*) Neste contexto, toda prática tradutória e interpretativa envolve várias competências e, entre elas, algumas específicas que podem ser compreendidas e desenvolvidas a partir das contribuições da Linguística Cognitiva. Os processos de categorização humana, com base no processo de “corporificação” (*embodiment*), têm elucidado fenômenos relativos à influência de modelos cognitivos e culturais sobre o modo como categorias conceptuais se estruturam e atuam no processo de “fazer sentido” das experiências biossocioculturais em situações variadas de interação comunicacional (Lakoff, 1987; Lakoff & Johnson, 1999). A investigação configura-se em um estudo empírico em situação controlada, utilizando recursos de filmagem e transcrição linguística. Investiga-se o conceito abstrato AUTONOMIA nos processos tradutórios e interpretativos do Português do Brasil para *Libras*. O objetivo visa identificar os processos linguísticos e cognitivos nas atividades do TILS. Com isso, os procedimentos metodológicos foram divididos em seis etapas, experimentando o mesmo microtexto, em duas versões: (1.º) o TILS não tem o conhecimento prévio do microtexto e realiza diretamente a interpretação simultânea e, (2.º) o TILS teve o conhecimento prévio do microtexto para, depois, realizar a interpretação simultânea. As evidências identificadas contribuem para o aperfeiçoamento das competências e habilidades do TILS durante os processos de tradução, compreensão e interpretação simultâneas das ocorrências lexicêmicas. Os resultados revelam que a *performance* do TILS, quando “refinada” numa segunda versão, após obter o conhecimento prévio do texto, permite ao TILS alcançar mais referências sobre as escolhas feitas cognitivamente no ato tradutório, e, posteriormente, selecionar lexemas de uma língua

¹ Doutora em Letras (UCS/UniRitter), professora permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL) e professora adjunta no Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo (DLL/UFES).

para outra numa atividade interpretativa.

PALAVRAS-CHAVE: Conceitos Abstratos; Tradução/Interpretação; TILS; Língua Portuguesa (Português do Brasil); *Libras*/Língua de Sinais; Linguística Cognitiva

ABSTRACT

The present text focuses on the Translator and Interpreter of Sign Language (TILS) performance, researching the cognitive translation and simultaneous interpretation processes from Brazilian Portuguese to Brazilian Sign Language (*Libras*).. In this context, every translational and interpretive practice involves several competences among which some specific ones that can be understood and developed from the contributions of Cognitive Linguistics. The human categorization, based on the embodiment process, have elucidated phenomena related to the influence of cognitive and cultural models, on how conceptual categories structure and act in the process of “making sense” inv biossociocultural experiences in communicational interaction situations (Lakoff, 1987; Lakoff & Johnson, 1999). The research is designed as an empirical study in a controlled situation, using filming resources and linguistic transcription system. Of experimental nature, the abstract concept of AUTONOMY which appropriates the translatory and interpretative processes of Brazilian Portuguese for *Libras* is investigated. The goal is to identify linguistic and cognitive processes in TILS activities. Therewith, the methodological procedures were divided into six stages, using the same microtext, in two versions: (1) TILS did not have knowledge of the microtext prior to performing the simultaneous interpretation directly, and (2) TILS had knowledge of the microtext prior to performing the simultaneous interpretation. The identified evidence contributes to TILS competences and abilities improvement during the processes of translation, comprehension and simultaneous interpretation of lexemetic occurrences. The results reveal that TILS performance, when “refined” in a second version, having had previous knowledge of an interpreting text, allows the TILS greater availability of cognitively made options in the translation act, and the subsequent choice of lexemes from one language to another in the interpretive activity.

KEYWORDS: Abstract Concepts; Translation/Interpretation; TILS; Portuguese Language: Brazilian Portuguese; *Libras*/Sign Language; Cognitive Linguistics

1. INTRODUÇÃO

A presente proposta visa analisar o processo de tradução e interpretação de conceitos abstratos da língua portuguesa (LP) para língua brasileira de sinais (Libras), por parte do TILS², de Libras para Libras e de Libras para língua portuguesa (LP) escrita por parte de sujeitos surdos. O objetivo da pesquisa é analisar as particularidades lexicais e semânticas dos conceitos abstratos da LP nos processos tradutórios e interpretativos da língua de sinais (LS). A pesquisa, de caráter empírico, em situação controlada, que envolve sujeitos oriundos de duas regiões do Sul do Brasil, com a participação de seis TILS graduandos e graduados, que atuam com acadêmicos universitários surdos do ensino superior. A pesquisa implica em identificar os processos cognitivos da LS através da ação mediada da prática tradutória e interpretativa, transcrevendo a informação da LS para LP usando o *software* do ELAN para verificar, através da análise linguístico-cognitiva, as competências necessárias para tradução cognitiva bilíngue do TILS da LP na modalidade visuo-gestual. A tarefa permitiu analisar as disposições da prática regional do ato tradutório cognitivo na mediação do TILS da língua-fonte para língua-alvo, identificando os aspectos interlinguísticos intervenientes na ação do TILS durante a tradução em Libras registrada pelo sujeito surdo. Sendo assim, a avaliação se deteve na competência pragmática dos processos de compreensão e interpretação do texto fonte na intenção comunicativa do locutor, em que este mantém a lógica de seu discurso, e a competência semântica a partir das marcas linguísticas do discurso do locutor e do interlocutor ao elaborarem construções que expressam conceitos abstratos que, por sua vez, possuem correspondentes lexicais na língua portuguesa, mas não, necessariamente, em Libras.

Esta investigação caracteriza-se como um estudo empírico em ambiente controlado, ao mesmo tempo que se serve do que a literatura teórica e aplicada disponibiliza sobre os aspectos linguísticos e cognitivos (de linguagem em uso) do referido sistema de comunicação (LP e Libras).

Para a transcrição e análise do *corpus* obtido do processo de análises, utilizou-se o *software* ELAN – *Eudico Language Annotator* – programa de computador, ferramenta profissional para anotar e transcrever gravações de áudio ou vídeo de forma manual e semiautomática. Tal ferramenta

² TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais.

permitiu inserir trilhas conforme necessidade da pesquisa e transcrever em glosas as particularidades lexicais, com ênfase nos conceitos abstratos dos aspectos semântico-pragmáticos da interpretação simultânea da LP para Libras.

Com essas análises visa-se responder às seguintes questões: (1) Como se dá a tradução cognitiva de conceitos abstratos em LP para Libras? (2) Por que as escolhas realizadas durante a interpretação simultânea de conceitos abstratos impactam na compreensão do leitor-surdo? Das respostas (1) e (2), quais competências e habilidades o TILS necessita desenvolver para tornar mais eficaz a tarefa interpretativa da língua-fonte para língua-alvo?

2. LÍNGUA DE SINAIS E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Há algumas décadas, não se considerava o fato de as línguas de sinais serem uma língua natural ou uma língua com semelhanças linguísticas como outro idioma das línguas orais (LO). Durante muito tempo, acreditou-se pelo viés linguístico que os sinais manuais seriam apenas mímicas, pantomimas e/ou gestos isolados. Segundo Quadros (1997), as línguas de sinais são utilizadas pela comunidade surda do mundo inteiro, tendo as mesmas características que as línguas orais apresentam linguisticamente. Todavia, as línguas de sinais são captadas através de experiências visuais das pessoas surdas e, portanto, nesse aspecto, se tornam distintas das línguas orais.

As línguas de sinais são sistemas [linguísticos] que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade [linguística]. (Quadros, 1997, p.47).

Segundo Fernandes, definindo as línguas espaço-visuais que se diferenciam das línguas orais-auditivas, esclarece:

As línguas são denominadas orais-auditivas quando a forma de recepção não grafada é a oralização. De outro lado, são espaço-visuais quando a recepção se dá pelo sentido da visão. Nos dois casos, mesmo diferentes os canais de recepção, cumprem a função de permitir a comunicação e a interação entre membros de um grupo cultural. A língua a ser utilizada – oral-auditiva ou espaço-visual – é adequada para

o caso de comunicação entre ouvintes e surdos, respectivamente, pois atingirá os canais de recepção [linguística] específicos a cada sujeito, em seu contexto cultural. (Fernandes, 2003, p.17).

Esse estudo proposto busca examinar os aspectos da LS e sua estrutura semântica cognitiva. Segundo Quadros (1997, p.119), “a língua de sinais [sic] envolve movimentos que podem parecer sem sentido para muitos”, mas que, para os surdos, “significam a possibilidade de organizar [ideias], estruturar pensamentos e manifestar o significado da vida [...]”. Dessa forma, os sujeitos surdos conseguem estabelecer uma forma de comunicação mediante a aquisição e contato da LS. Como nas línguas orais, a LS se constitui distintamente, de acordo com suas culturas, permitindo a construção natural das identidades culturais que as comunidades surdas criam e recriam numa intenção comunicativa. As pesquisadoras reforçam “que uma língua de sinais não é transparentemente inteligível por surdos monolíngues de outra língua de sinais” (Quadros & Karnopp, 2004, p. 32), isto é, cada região tem a sua língua construída e constituída culturalmente. Por exemplo, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 32), no Brasil, “o sinal manual para <NÃO>, apesar de ser considerado icônico”, poderá apresentar um significado completamente diferente para a Libras, como também para Língua de Sinais Americana (ASL). Com isso, os sinais manuais para <NÃO> e <ONDE> são diferenciados pela marcação das expressões de negação e interrogação do usuário da LS. O sinal manual para <NÃO> tem o significado de negação no Brasil, mas, para ASL, o sinal manual de <NÃO> representa o significado linguístico-cultural para <ONDE>, conforme a ilustração:



Figura 1. Sinal manual do Léxico <NÃO>



Figura 2. Sinal manual do Léxico <ONDE> (ASL)³

A LS exerce forte influência sobre a construção da identidade surda, seja no Brasil ou fora dele. Nesse sentido, as pesquisas relatam que entre os membros da comunidade surda existe a consciência de que o sinal deve evocar a ideia ou representar um significado cultural em sua comunidade de uso da LS. Com isso, a língua carrega a marca linguística e cultural (identidade) de seus usuários, o que representa um elemento fundamental de coesão na construção intersubjetiva de traços identitários. Nesse sentido, a Libras tem um papel fundamental na comunidade surda, como uma comunidade linguística. Segundo Gumperz (1984):

comunidade linguística é todo aglomerado humano caracterizado por uma integração regular e frequente por meio de um conjunto de signos verbais compartilhado por todos os indivíduos desse aglomerado, distinto de outros aglomerados semelhantes por causa de diferenças no uso na linguagem (Gumperz, 1984. p.269).

Assim, no todo do léxico linguístico ainda há muitas variáveis de lexemas em Libras, ou seja, uma variação linguística e cultural. O usuário dessas variedades compreende os significados de cada sinal manual de forma a contextualizar o que a comunidade surda manifesta em sua cultura. Já uma língua oficial é uma entre as variedades linguísticas de uma nação. Segundo Heredia (1989), numa comunidade linguística:

³ Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 32).

seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência. (Heredia, 1989, p.179).

Essas normas constituem um sistema de convenções que se representam por “glosas com palavras do português nas transcrições” (Quadros & Karnopp, 2004, pp. 37-38). No sistema de transcrição da LS, em alguns casos, é utilizada uma notação quando são “antecedidos de um asterisco a sentença ou o sinal é agramatical, ou seja, não é possível de ser gerada/o na língua de sinais[...]”, sendo representados de uma forma simplificada na Libras. Conforme as autoras, “o movimento, a mudança da expressão facial e a mudança na direção do olhar” necessitam encontrar novas convenções fonéticas para realizar com precisão uma transcrição nas trilhas constituídas no ELAN. Por isso, símbolos são criados especificamente para transcrever em glosas da LP para Libras, relacionando o uso das expressões que se apresentam, por exemplo, em um único sinal manual.

A construção das sentenças possui regras gramaticais independentes das línguas orais, seguindo as representações (arquitetura) mentais das percepções visuais e espacial, como, por exemplo, no sintagma em LP traduzido/interpretado para Libras:

LP.: O menino vai para casa. **Libras:** [<menin@+homem> casa ir]

A aquisição de um sistema linguístico supõe a organização/reorganização de todos os processos mentais do sujeito. Como afirmam Quadros (1997) e Góes (2002), a linguagem constitui-se em instrumento fundamental para o conhecimento humano, e com isso o homem pode superar o limite da experiência sensorial, individual e formular generalizações ou categorias mentais. Pode-se dizer que sem a linguagem o homem não terá formado o pensamento abstrato. A linguagem, na sua forma estruturada de língua, apresenta-se, assim, como fator de formação da consciência, permitindo pelo menos três mudanças essenciais à criatividade consciente do homem em ser capaz de duplicar o mundo perceptível, assegurando o processo de abstração e generalização, e sendo veículo fundamental de transição e informação (Bernardino, 2000; Brito, 1995).

A LS é uma língua de estrutura natural para comunicação da comunidade surda, considerada como a primeira língua (L1). Para Quadros e Karnopp (2004, p. 30), a língua natural é definida “como um sistema linguístico legítimo e não como um problema surdo ou como uma patologia da linguagem”. As autoras afirmam com isso (*apud* Stokoe, 1960) que “[...] a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. De acordo com Stokoe (1960), (*apud* Quadros, 1997, p. 84)

A [Libras] é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato [com] sinalizadores, sem ser ensinada [...], conseqüentemente deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com a L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda.

Porém, a aquisição da segunda língua (L2) para a comunidade surda é gerada através do contato com o usuário ouvinte da LP, sendo a Libras, para o ouvinte, sua L2.

3. CONCEITOS ABSTRATOS EM LÍNGUA DE SINAIS: CONTEXTUALIZAÇÃO, COMPREENSÃO E TRADUÇÃO

Entende-se que as línguas orais e as línguas auditivas são complexas em seus aspectos linguísticos e culturais. Para Dascal (2006, pp. 106-107), a fala é entendida desta forma:

[a] fala normalmente é utilizada para transmitir *uma* interpretação pragmática, e o sucesso na comunicação é medido pela capacidade de o destinatário alcançar essa interpretação. Isso, quando ocorre, é o que o termo ‘compreensão’ geralmente abrange. Observem que a compreensão é sempre uma compreensão pragmática. Não se trata apenas de compreender as palavras do falante (determinando o significado da sentença), nem de compreender tais palavras em sua específica referência ao contexto da elocução (determinando o significado da elocução), e, sim, de alcançar a intenção do falante ao proferir tais palavras naquele contexto (determinando o significado do falante).

A interpretação consiste em encontrar 'pistas' de significados implícitos, em entender a polissemia dos itens lexicais que expressam conceitos abstratos e em determinar, em cada enunciado, o que expressam em função do contexto linguístico-situacional. Além disso, há uma capacidade individual de estruturar conhecimentos, numa habilidade própria de organizar as experiências cognitivas. Bernardino (2000, p. 66) ressalta que “a linguística cognitiva se tem dedicado ultimamente [...] [a] produção linguística com relação aos aspectos processuais ou representações mentais da mente”.

Em função disso, quando o TILS se depara com a tarefa de sinalizar conceitos abstratos, surge uma variedade de problemas de escolhas interpretativas a serem resolvidos em frações de segundos de uma língua para outra. Por exemplo, para certos conceitos lexicalizados em LP não há sinais manuais que sejam equivalentes em Libras. Além disso, há dependência estrita dos contextos especializados em que o TILS atua como, por exemplo: Contexto Comunitário (educacional, jurídico e clínico), Contexto de Conferência (reuniões de cúpulas) e outros. Assim, numa tradução cognitiva de LP para Libras, observa-se os conceitos abstratos que recebem diferentes interpretações, como, a título de exemplo, o conceito abstrato de REFLETIR. Esse conceito tem seu significado dependente do uso semântico-pragmático do uso sintagmático. Em Libras, o sentido do verbo 'refletir' pode ser configurado como um sinal manual sem contextualizar o sentido, conforme a Figura 3:



Figura 3. Sinal manual para Conceito Abstrato REFLETIR⁴

⁴ Ressalta-se que o sinal manual conforme a figura 3 pode ser realizado no uso sintagmático como, por exemplo: em algumas regiões do Brasil esse lexema manual também pode ser traduzido/interpretado com o sentido de <IMAGINAR> ou <SONHAR>.

O sinal manual realizado nesse lexema faz parte do léxico específico da Libras, sendo possível encontrar variações linguísticas para essa ocorrência lexemática. Observando o enunciado da sentença em LP (α-LP):

(α-LP): “[...] a crise econômica ‘refletiu’ em alguns nichos do mercado[...]”⁵

O conceito abstrato de REFLETIR no enunciado se acarreta, durante uma tradução/interpretação para Libras, com o sentido de os lexemas ‘influenciar’ ou ‘incidir’ na sentença em LP (α-LP). No entanto, as escolhas interpretativas da LP para Libras foram realizadas com o sentido de ‘prejudicar’, conforme transcrições registradas em glosas que foram realizadas pelo TILS com o surdo:

(α-Libras): “<problema sério economia ‘prejudicar dentro trabalho + pessoas>”

Em Libras, o item lexical ‘prejudicar’, quando seguido de um único sentido cognitivo, pode distanciar do sentido polissêmico do conceito abstrato REFLETIR. No entanto, se a escolha interpretativa para o sentido de ‘prejudicar’ na sentença em LP (α-LP) seguir com o significado de que algo ‘afetou’ no trabalho (mercado de trabalho) amplia cognitivamente para o leitor-surdo o sentido. Sendo assim, o sentido de ‘prejudicar’ na sentença (α-Libras) é um sinônimo para o lexema de ‘afetar’, o que se aproxima e correlaciona ao sentido para o conceito abstrato de REFLETIR da sentença em LP (α-LP). Portanto, a tradução e/ou a interpretação com a ocorrência lexemática em Libras para ‘prejudicar’ pode ser configurada em mãos conforme apresentado na Figura 4:



Figura 4. Sinal manual de ‘prejudicar’

As particularidades lexemáticas do conceito abstrato REFLETIR e

⁵ Enunciado extraído de uma palestra proferida na semana acadêmica do curso de graduação de Administração na Universidade de Caxias do Sul, a qual foi aplicada aos procedimentos metodológicos da pesquisa deste artigo.

sua expressão lexical em LP ficam evidentes em (a-LP), em que toda tradução e/ou interpretação são guiadas por uma estratégia semântico-pragmática. E isso se deve ao fato do léxico da LS ter propriedades diferenciadas do léxico das línguas orais e vice-versa. Segundo a hipótese (versão fraca) de Sapir-Whorf aceita pelos estudiosos de Linguística Cognitiva, a língua influencia a maneira de pensar de uma cultura (Sapir, 1958). Portanto, não se pode negar que o modo de pensar do usuário de LP se diferencia daquele do usuário em Libras, e esses universos cognitivos permanecem em diálogo constante no ato tradutório.

O uso da datilologia, conhecido também como a “soletração manual [...] direta do português, é uma forma de representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português” (Quadros & Karnopp, 2004, p. 88); é um recurso de mediação entre esses universos linguístico cognitivos. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 88), “o léxico não-nativo contém palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira”. Os TILS soletram palavras do português em uma variedade de contextos, pois, quando surgem terminologias especializadas e não se encontra um lexema manual equivalente, tomam como empréstimo o código linguístico da LP, o alfabeto manual.

De acordo, com Bernardino (2000, p. 66), “o problema está em explicar como esses conhecimentos [conceitos] se integram para formar a cognição como um todo”. Por isso, enalta-se que todo o TILS necessita compreender (traduzir cognitivamente) o conceito em sua língua materna para dar sentido lexemático à língua interpretante. Porém, em muitos casos de tradução ou interpretação não há recursos para um conhecimento prévio do assunto a ser simultaneamente interpretado da LP para Libras. Assim, a autora enfatiza que a compreensão de um léxico não deriva simplesmente do significado do lexema em LP para o lexema em Libras, por isso

[...] as pessoas não podem entender palavras que ouvem somente selecionando significados a partir de uma lista do léxico [...]. Elas devem criar significados a partir de informações que acreditam serem comuns entre elas e o falante. A compreensão da palavra, então, pode ser vista como uma mistura de seleção e criação de significados. Em um processo

centrado no contexto, os ouvintes usam a situação e o contexto da sentença para a compreensão do que o falante quer dizer. Quanto mais informações o contexto provê, maior é a confiança conseguida na construção do significado. (Clark, 1992; *apud*, Bernardino, 2000, p. 66-67).

Compreender o conceito abstrato em uma tradução e/ou interpretação é fundamental para que o TILS realize uma tradução/ interpretação mais refinada e contextualmente próxima ao sentido da língua de partida para língua de chegada, evitando, assim, traduções e/ou interpretações com distanciamento de sentidos, o que por falhas na comunicação ocorre, gerando os problemas de compreensão decorrentes dos usuários dos léxicos da LP e Libras. No caso específico desta pesquisa, enfatiza-se que as competências de compreender, interpretar e traduzir itens lexicais da LP são polissêmicas e expressam os conceitos abstratos relativamente complexos, mesmo para os usuários de LP como L1.

4. O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LS: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Na medida em que a Libras passou a ser reconhecida como língua de uso, os surdos passaram a ter garantias, desde o acesso à informação, educação e comunicação, por meio da prestação dos serviços do TILS, profissional esse que acessibiliza a comunicação entre surdos e ouvintes. As instituições de ensino e empresas já vêm se adequando e garantindo a presença do TILS em diferentes contextos linguísticos e culturais da pessoa surda. Quadros afirma que todo o “[...] processo histórico deste profissional se deu a partir de atividades espontâneas que foram sendo valorizadas enquanto atividades de trabalho no decorrer do tempo em que os surdos foram construindo seu espaço de cidadania.” (Quadros, 2002, p.13).

As competências e habilidades que envolvem a tradução e interpretação, assim como a aplicação de modelos teóricos ligados à formação dos tradutores e intérpretes das LS, pautam-se, conforme Hurtado Albir (2005), na seguinte afirmação:

[e]mbora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo o bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que

singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores (p. 19).

Essa competência se vincula a um “processo tradutório”, pois, segundo Robinson (2002, p. 133),:

a tradução é um ciclo constante de aprendizado que passa pelos estágios do instinto (disposição indistinta), experiência (trabalho no mundo real) e hábito (“prontidão para a ação”) e, dentro da experiência, pelos estágios de abdução (conjecturas), indução (criação de modelos) e dedução (regras, leis teorias).

O tradutor/intérprete realiza mediação comunicacional entre ouvintes e surdos em diferentes interações com um ou mais interlocutores, tais como: consultas médicas, audiências jurídicas, trâmites, e outros eventos em que se necessita de uma acessibilidade comunicacional, sendo que, mesmo assim, constantemente se enfrenta e resolve os problemas que surgem durante a tarefa da tradução e interpretação de maneira analítica consciente. (Robinson, 2002, p. 133).

Mesmo com o crescente investimento na formação de tradutores e intérpretes de LS, ainda persiste uma grande falha de entendimento da real função do TILS. Muitas pessoas ainda consideram a interpretação de LS como um serviço caritativo ou uma habilidade simples, comparável à mímica. Outros tantos se autodenominam intérpretes sem nunca terem passado por qualquer formação que os capacitem e os habilitem para essa atividade de mediação comunicacional. Acredita-se de fato que é imprescindível que, além dos tradutores/intérpretes das línguas orais, os TILS também precisam obter as competências tradutórias bilíngues; embora ainda seja possível encontrar pessoas consideradas bilíngues, porém não possuem competências tradutórias, como bem alerta Hurtado Albir (2005).

Além disso, o TILS precisa ser fluente em determinado sistema linguístico, já que precisa interpretar simultaneamente da língua de partida para língua de chegada. Assim, segundo Pereira e Russo (2008, p. 12), o TILS:

precisa ter seu espaço próprio, que suas funções não sejam mescladas e confundidas com as dos professores, monitores, auxiliares ou qualquer outra função. Nossa tarefa é de sermos mediadores linguísticos e culturais

em diversas instâncias, atuando como interpretes de conferências em palestras, seminários, congressos e congêneres; interpretes acompanhantes em entrevistas, trâmites burocráticos, consultas médicas e jurídicas, tradutores quando os surdos sinalizam e temos que colocar na língua escrita e também como intérpretes educacionais nas instituições de ensino. (Pereira & Russo, 2008, p. 12).

Com as pesquisas crescendo na área da tradução e interpretação, problematiza-se o que se tem encontrado em depoimentos publicados em obras de referências na área da surdez que deixam transparecer um grau de desconfiança sobre a capacidade da atuação do TILS. Identifica-se que uma das limitações é a falta de avaliação da tarefa do TILS em diferentes contextos. Para Sá (1999), ainda persiste a necessidade de mais pesquisas sobre a tarefa de traduzir e interpretar línguas de modalidades distintas na sua estrutura gramatical e cultural. Em suma, a competência tradutória abrange um amplo “conhecimento especializado”, gerado por uma soma de competências e habilidades que implica na identificação profissional do “tradutor e o distingue de outros falantes bilíngues não tradutores.” (Albir, 2005. p. 15).

5. CONCEITOS ABSTRATOS: CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA (LC)

Os conceitos abstratos projetam a realidade de acordo com nossas experiências. Uma categoria conceptual agrupa um conjunto de entidades e as representa em estruturas mentais. Segundo Delbecque (2008),:

o mundo não é uma realidade objectiva em e por si mesma. Ela aparece-nos sempre de uma forma ou de outra por meio de nossa actividade que consiste em categorizar com base em nossa percepção, nos nossos conhecimentos, no nosso estado de espírito; em suma, a partir de nossa condição humana. Isto não quer dizer que a realidade assim criada seja subjectiva, uma vez que conseguimos chegar a acordo sobre as nossas experiências intersubjectivas. Com efeito, viver em sociedade significa partilhar experiências comuns. (p. 35)

Essa visão é chamada de “experencialista” (cf. Lakoff, 1987; Feltes, 2007). Como observado, os conceitos como FRUTA, MESA, LIVRO envolvem processos de categorização que são resultados da interação de nossa percepção, conhecimentos socioculturais e situacionais (da

língua em uso). Embora pareçam menos problemáticos, eles implicam, em sua construção e uso, em uma série de operações cognitivas e acordos com a comunidade de fala. Outros conceitos como VIOLÊNCIA, LIBERDADE, AMOR, VIDA, JUSTIÇA (cf. Feltes, 2007) são mais complexos em sua construção e aplicações a contextos de fala, pois são afetados pela natureza das instituições sociais, jurídicas, religiosas, entre outras, as quais variam sobremaneira de cultura para cultura e de subcultura para subcultura em uma mesma comunidade. São considerados abstratos à medida que implicam mais operações de abstração, em que crenças e valores introduzem não apenas maior variação, mas também mais negociações de sentido em eventos de fala.

Seguindo a proposta da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987), conceitos e categorias têm sua estrutura motivada por modelos cognitivos e culturais. Estes são construções que organizam o pensamento através das relações humanas e culturais, porque temos o corpo que temos e interagimos no mundo de modo a compartilhar certas experiências. Como construtos, são idealizados porque não “representam” o mundo de forma objetiva, são relativamente estáveis, mas sujeitos à variação em função da dinâmica das relações socioculturais historicamente determinadas, ou seja, “[o]s modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experiencialmente determinada, são resultado da capacidade de categorização humana” (Feltes, 2007, p. 89). E mais, os “MCI são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências, para entender o mundo para dele construir sentido”. (Feltes, 2007, p. 127). A autora, fundamentando sua posição a partir de Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999), salienta que:

[...] cada indivíduo pertence, simultaneamente, a diferentes grupos, em diferentes níveis simultâneos de “localidade” (mais alta ou mais baixa numa hierarquia; mais imediatos ou menos imediatos). Ao mesmo tempo, não existe um repositório separado de conhecimentos linguístico ou cultural fora de qualquer comunidade e linguística. Entretanto, os esquemas individuais, a serem construídos, agregam detalhes individuais relativamente ao que é percebido como normas ou formas culturais relevantes, principalmente porque o indivíduo é, em certo nível, consciente ou “conscientizável” de seus próprios desejos, percepções e sentimentos, existindo à parte de e em contradistinção a essas comunidades que imputam as normas e formas de linguagem e cultura (Feltes, 2007, p. 90).

As categorias conceptuais, por sua vez, ao inscreverem-se na língua tornam-se categorias linguísticas, de modo que, conforme Delbecque (2008, p. 35),:

a comunidade “tradu-las” em signos linguísticos. Uma visão mais abrangente da língua como sistema de signos ultrapassa o tipo de ligação entre a forma e o significado de um signo linguístico. Este é então ligado ao “conceptualizador” humano e ao mundo que é o seu, isto é, tal como ele o vive. O conceptualizador, as categorias conceptuais e os signos linguísticos estão ligados entre si (p. 35).

Essa interligação é mais complexa quando se examinam conceitos abstratos. Mais ainda quando se colocam em contato sistemas linguísticos por processos tradutórios. Isso porque, se as categorias linguísticas de um sistema e outro estão afetadas aos processos de conceptualização/categorização cognitiva e socioculturalmente orientados e, ainda, pela hipótese Sapir-Worf, sistemas linguísticos influenciam a forma como o “mundo” é organizado, há que se colocar em relevo as negociações que têm lugar quando sujeitos que têm Libras como L1 são introduzidos num universo de significações que parte da LP, reorganizando-as de acordo com as categorias conceptuais e linguísticas dessa L1.

Segundo a semântica experiencialista, que é o fundamento da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, “[o] significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência da atuação como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo.” (Lakoff, 1987; *apud* Feltes, 2007, p. 126).

Nos estudos sobre a significação, sobretudo naqueles que se dedicam à investigação de conceitos abstratos, destaca-se o fenômeno da polissemia: um item lexical pode ter vários significados. Conforme Lakoff (1988, *apud* Feltes, 2007, pp. 182-183),:

[o]s sentidos se multiplicam porque a mente constrói na experiência, numa experiência com os outros, uma experiência reconstruída pela memória dessas experiências ou pelo sentido das interações que geraram esses sentidos, que os transformaram e que, de um modo ou de outro, em diferentes graus de consistência, orientaram nossa vida interior e nossos modos de convivência.

De acordo com Croft (1999, *apud* Feltes, 2007, p. 183), a “análise polissêmica, por sua vez, é sustentada pela ideia de que ‘dois usos’ de uma forma são semanticamente relacionados um com o outro por um processo semântico [...]”. Na mesma sequência, para Deane (1998, *apud* Feltes, 2007, p. 183), “as propriedades da polissemia surgem diretamente das características da cognição humana”, fundamentado seu posicionamento em três problemas encontrados na teoria da polissemia: (1) seleção de sentido, (2) parentesco semântico e (3) identidade da categoria. O problema (1) está intrinsecamente ligado à ambiguidade lexical, ou seja, “reflete claramente a flexibilidade do pensamento humano” (Feltes, 2007, p. 183). O problema (2) vincula-se a “uma função da estrutura da memória humana” – “[u]m pequeno conjunto de estruturas conceituais básicas relaciona sentidos ao conectá-los ao conhecimento compartilhado do mundo pelas pessoas [...]” (Feltes, 2007, p. 184). O problema (3) revela “a dificuldade em determinar se a polissemia envolve uma palavra ou duas” (Feltes, 2007, p. 184). Em suma, a polissemia envolve as “questões de flexibilidade cognitiva, organização da memória e categorização” (Feltes, 2007, pp. 184-185). No ponto de vista de Deane (1998), “a polissemia nada mais é do que uma consequência natural da interação e da flexibilidade das estruturas conceptuais.”

Em linhas gerais, é esse o ponto de vista que tomamos da LC para a condução de nossa investigação sobre processos tradutórios e interpretativos que envolvem os conceitos abstratos na interação entre LP-Libras-LP.

6. MÉTODO E PROCEDIMENTOS

A pesquisa caracteriza-se como estudo empírico por meio de um experimento em situação controlada, com projeto aprovado pelo Comitê de Ética do grupo de pesquisa. Como não se trata de testar métodos de tradução ou interpretação, mas de verificar quais são os recursos explorados na tradução cognitiva por TILS proficientes, com uso de textos originalmente elaborados em LP para interpretar em Libras numa situação de comunicação com surdos, não se lança mão de grupo de controle e grupo experimental, nem de etapas pré e pós-teste. As etapas do procedimento empírico são as seguintes:

- 1. Elaboração de textos pragmaticamente contextualizados:**
envolve a construção de um conjunto de textos contextualizados

com condições mínimas, necessárias e suficientes, para que sejam compreendidos pelo TILS, traduzidos cognitivamente e, então, interpretado simultaneamente para Libras. Ou seja, devem ser suficientemente contextualizados para garantir sua coerência semântico-pragmática. Em sua constituição semântico-lexical há conceitos abstratos que possuem, em LP, um lexema estabelecido, em geral, polissêmico. Por essa razão, serão explorados lexemas cujo sentido varie em cada enunciado, podendo, num mesmo texto, empregar-se o mesmo lexema com sentidos diferentes de acordo com a intenção comunicativa de cada enunciado em que aparece na sentença. Os conceitos VIOLÊNCIA, AUTONOMIA e RADICAL são candidatos para o experimento. Porém, fará uso para esse artigo o conceito de AUTONOMIA.

2. **Seleção dos sujeitos participantes do experimento:** participam do experimento dois grupos de TILS de dois Estados Brasileiros, onde ambos os TILS são proficientes, graduandos ou graduados em Letras-Libras: bacharelado de tradução e interpretação, habilitados conforme a legislação referida no Decreto de n. 5.626/2005.
3. **Condução do procedimento de tradução e interpretação:** são seis as etapas de pesquisa: **(1ª)** O TILS realiza a interpretação simultânea dos textos elaborados em sintaxe da LP para sintaxe em Libras.⁶ **(2ª)** O sujeito surdo, ao final de cada interpretação, expressa em Libras o que compreendeu da interpretação simultânea realizada pelo TILS. **(3ª)** O sujeito surdo, em seguida, expressa em LP na modalidade escrita o que compreendeu da interpretação realizada pelo TILS nessa primeira versão. **(4ª)** O TILS traduz cognitivamente o mesmo texto utilizado anteriormente; em seguida, realiza novamente a interpretação simultânea da LP para Libras. **(5ª)** O sujeito surdo, ao final da interpretação simultânea, expressa em Libras o que compreendeu dessa segunda versão interpretada simultaneamente. **(6ª)** O sujeito surdo, em seguida, expressa em LP na modalidade escrita o que compreendeu da interpretação realizada do mesmo texto numa segunda versão.

⁶ A tradução e interpretação fez uso apenas dos recursos linguísticos que a estrutura gramatical de Libras determina e não foram empregadas técnicas específicas para esses procedimentos.

4. **Registro do processo descrito em 3.:** o experimento é filmado se utilizando três câmeras digitais, sendo duas: a 1ª virada com ângulo direcionado para o surdo; a 2ª virada com um ângulo direcionado para o TILS, e a 3ª câmera direcionada para capturar as imagens dos interlocutores num campo de visão abrangente em relação às demais câmeras, conforme ilustrado na Figura 5:

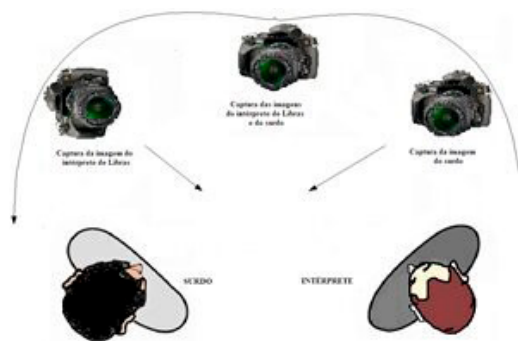


Figura 5. Ilustração do procedimento de captura das imagens

5. **Transcrições da LP para Libras⁷:** dentre os softwares disponíveis, foi escolhido para esta pesquisa o ELAN, sistema criado pelo *Instituto Max Planck* de Psicolinguística. Nas palavras de Quadros e Pizzio (2009, p. 22), o ELAN (*EUDICO – Linguistic Annotator*):

é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia. ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes. (Quadros & Pizzio, 2009, p. 22)

⁷ Segundo Quadros e Pizzio (2009) a transcrição é a forma de representar os discursos, as falas e os sinais, através de uma lista de símbolos especiais. Conforme Quadros e Pizzio (2009), "[p]or meio da transcrição, podemos estudar todos os níveis de análise de uma língua (fonológico, morfológico e sintático). No caso das línguas de sinais, o estudo [linguístico] é recente e se comparado às línguas orais". (p. 20). Conforme advertem Quadros e Pizzio (2007, *apud* 2009, p. 21): "a grande dificuldade ainda está nos sistemas de notação, ou seja, nas formas de representar os sinais nos sistemas de transcrição de dados (McCleary & Viotti, 2007). Isto porque cada grupo de pesquisa utiliza uma notação diferente ou adaptações de um mesmo sistema de notação, de acordo com seu objeto de estudo, dificultando assim a padronização e a possibilidade de armazenar seus trabalhos em um único banco de dados, acessível a qualquer pesquisador."

No sistema de transcrição da Libras é necessário adicionar 'trilhas' linguísticas que definem os atributos com que se irá trabalhar. Em nosso *corpus* de pesquisa serão focalizados os sinais empregados pelos TILS para expressar os conceitos abstratos a partir dos textos elaborados e aqueles empregados pelos sujeitos surdos em sua compreensão expressada em Libras. Assim, para “[c]ada trilha é atribuída a um tipo linguístico. Cada tipo linguístico especifica um número de restrições que se aplicam para todas as trilhas atribuídas a esses tipos” (Quadros & Pizzio, 2009, p. 27).

A linha das glosas será seguida pelos sinais regionais dos dois estados brasileiros, visando à comparação das variedades linguísticas que há em Libras. Registrou nas trilhas as informações das particularidades lexicais dos conceitos abstratos, permitindo uma sistematização dos registros e das análises naquilo que é objeto desta pesquisa. É importante ressaltar, com relação à questão do modelo de transcrição, que McCleary e Viotti (2007) propõem outro modelo no qual existem diferentes trilhas para anotação de cada movimento – trilha de sinal manual, glosas, unidades entoacionais, cabeça, linha dos olhos e outros. Porém, o sistema de Quadros e Pizzio (2009) é perfeitamente adequado para os objetivos da pesquisa.

A partir do sistema de transcrição, o ELAN oferece duas etapas: (1.ª) **TRANSCRIÇÃO – LP para LIBRAS:** consta registros selecionados em cada trilha – (a) o uso lexical, (b) a interpretação semântica e (c) os conceitos abstratos utilizados nos textos. (2.ª) **ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS:** a partir dos registros coletados foi realizada a análise do processo de tradução cognitiva do TILS durante a interpretação simultânea e a compreensão conceitual dos surdos participantes desse experimento.

6.1. ANÁLISES DO CONCEITO ABSTRATO DE AUTONOMIA

O conceito de AUTONOMIA para o experimento controlado foi a escolha, pois compreende-se que se trata de um conceito complexo que surge em situações de tradução e interpretação na atividade do TILS. Observando nos debates sobre os PCNs, foi possível encontrar inúmeros conceitos abstratos que ilustram a importância desses itens lexicais de 'autonomia':

Exemplos de 'autonomia'

[a] “[...] Modelos de professores: em busca da **autonomia**

profissional do docente, são discutidos três modelos tradicionalmente aceitos com respeito à profissionalidade dos professores, a saber: o especialista técnico, o profissional reflexivo e o intelectual crítico.”

[b] “Paulo Freire nos ensina a ensinar partindo do ser professor; ele reflete sobre saberes necessários à prática educativo-crítica fundamentados numa ética pedagógica e uma visão de mundo [...], **autonomia** que faz da própria natureza educativa. Sem ela não há ensino, nem aprendizagem.”⁸

Os microtextos desenvolvidos foram construídos de forma a representarem, mesmo que na forma escrita, algumas estruturas similares⁹ às que podem ocorrer na oralidade. Para o experimento, seguem abaixo os microtextos elaborados:

Conceitos abstratos para AUTONOMIA

As instituições que atuam no setor particular exercem com AUTONOMIA₁ a execução de diretrizes e normas que se relacionam com as demandas externas. Em contrapartida, o poder público atua nas deliberações de normas legislativas, jurídicas e executivas, que regulamentam e protegem os interesses fundamentais da sociedade. Assim, o cidadão no direito mais amplo e genérico de AUTONOMIA₂ designa com perspectiva o planejamento familiar e social. Para cada contexto escolar, a necessidade de defender uma pedagogia de AUTONOMIA₃ está implicada nas ações éticas e políticas. Tal pedagogia é consolidada pelo professor que exerce com AUTONOMIA₄ as inúmeras estratégias que se relacionam entre a teoria e prática. Na oportunidade educacional os alunos atuaram com AUTONOMIA₅ nos diferentes espaços sociais.

Tomando como base o microtexto, o conceito abstrato de AUTONOMIA, elaborado especificamente, precisa recorrer ao sentido do lexema no dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 1999). O

⁸ Ver Machado (2012, p. 32).

⁹ Dessa maneira, os microtextos foram estabelecidos para atender aos objetivos da pesquisa, por isso, ao mesmo tempo que carrega uma certa artificialidade, em função de apresentar cinco lexemas em cada microtexto com sentidos diferentes, não adiciona uma dificuldade especial para tarefa do TILS, pois compreende-se que no cotidiano da função profissional do TILS é comum encontrar situações variáveis.

conhecimento deste dicionário está relacionado ao estudo da semântica lexical, que permite encontrar o significado das palavras.

A LC defende que não é possível dissociar o conhecimento lexical do conhecimento de mundo. A LC afirma que o conhecimento linguístico está intrinsecamente associado aos aspectos semântico-pragmáticos de qualquer língua natural, seja esta de modalidade oral ou gestual. Identificou-se que, para cada conceito abstrato de AUTONOMIA, há vários significados, ou seja, o significado depende do contexto do enunciado. As palavras são interpretadas em relação ao conhecimento estruturado ou pelo domínio da experiência. Apesar disso, buscou-se em dicionário acepções para o item lexical como ponto de partida. Para 'autonomia' temos:

- **AUTONOMIA₁** – (“execução de diretrizes e normas”) = (s.f.) **Livre:** faculdade de governar suas próprias leis;
- **AUTONOMIA₂** – (“planejamento familiar e social”) = (s.f.) **Livre:** faculdade de reger-se por leis próprias; de se governar por si mesmo;
- **AUTONOMIA₃** – (“pedagogia [...] implicada nas ações”) = (s.f.) **Liberdade:** ensinar a pensar certo;
- **AUTONOMIA₄** – (“professor que exerce [...] estratégias”) = (s.f.) **Liberdade:** conquista que se alcança na medida em que se luta pela libertação de si, do outro e do mundo;
- **AUTONOMIA₅** – (“alunos [...] nos diferentes espaços sociais”) = (s.f.) **Independência:** faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação.

Atende-se para o fato de que apesar de AUTONOMIA₁ e AUTONOMIA₂ remeterem à ideia de LIVRE, esta se aplica diferentemente a “legislação” e “planejamento”, o que sugere habilidades e competências diferentes. Da mesma forma, AUTONOMIA₃ e AUTONOMIA₄ remetem à ideia de LIBERDADE, mas também se aplicam diferentemente à “pedagogia” e ao “professor”, o que também sugere habilidades e competências diferentes.

De acordo com os significados encontrados para cada item polissêmico dos conceitos abstratos de AUTONOMIA (do microtexto), observa-se que não há um significado fixo de sentido em cada lexema.

É possível encontrar muitas ocorrências polissêmicas de uso, permitindo aos TILS realizarem escolhas de acordo com seu conhecimento linguístico e cultural.

No caso dessa pesquisa, verificou-se que traduzir e interpretar um enunciado é, portanto, um exercício de compreensão cognitiva com referência a determinado texto, ou seja, é a apropriação de um sentido possível de uma compreensão linguística e cultural. É fundamental compreender o que se está traduzindo cognitivamente para posteriormente interpretar de uma língua para outra, pois um conceito abstrato pode relacionar-se a diferentes escolhas lexicográfico-gramaticais, e é nessas dimensões que a tradução e interpretação oportuniza descortinar o discurso do enunciado, seja este por linguagem escrita ou por linguagem falada.

Considerando as teorias destacadas nessa dissertação, o contexto representa propriedades para formação de categorias mentais. A principal relação está nas experiências pessoais dos seres humanos através de seus corpos, numa ação de base fundamental para as atividades cognitivas de percepção, conceptualização, memorização, raciocínio, linguagem, emoções, consciência, entre outras ações que o ser humano estabelece naturalmente. (Gibbs, 2008).

O procedimento experimental conduzido em um cenário controlado, se, por um lado, se reveste de certa artificialidade, por outro lado, é uma alternativa que permite prestar atenção a aspectos específicos da situação de comunicação, o que não é possível, em muitos casos, em ambientes de situações espontâneas ou ditas "naturais". A manipulação de variáveis em procedimentos experimentais permite isolar **componentes** da comunicação, analisá-los e compará-los criteriosamente.

Em LC "[o]s sentidos se multiplicam porque a mente constrói na experiência, numa experiência com os outros, uma experiência reconstruída pela memória dessas experiências ou pelo sentido das interações que geraram esses sentidos", (FELTES, 2007, p. 183), ou seja, são nossas experiências que determinam nossa maneira de pensar, de expressar criativamente.

Sendo assim, todo o ato tradutório/interpretativo implica em complexas operações cerebrais, pois envolve uma variedade de circuitos cognitivos. Com isso, a prática dos TILS envolve várias competências e

habilidades, algumas bem específicas, que podem ser compreendidas e desenvolvidas a partir das contribuições da Linguística Cognitiva (Semântica Cognitiva). Todavia, segundo a LC, a linguagem que se usa para falar sobre nossas experiências reflete na maneira de conceptualizar o cotidiano. Entretanto, o pensamento e a linguagem, para os cognitivistas, pelo ponto de vista de Lakoff (1988), argumentam que o pensamento, o conhecimento e o significado são correspondentes de um conceito estabelecido por modelos cognitivos idealizados (ICM), ou seja, o conceito abstrato depende da cultura, comunidades e de contextos linguísticos. Gibbs (2008) exemplifica que *a priori* o sentido dos conceitos abstratos é aderido à hipótese cognitiva, ou seja, ao experimento controlado, pois verificam-se aspectos cognitivos que formam o pensamento e a linguagem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que é objeto deste artigo certamente contribui para aspectos fundamentais da competência tradutória e interpretativa, especificamente nas particularidades da tradução cognitiva e interpretação simultânea dos conceitos abstratos cuja expressão em língua portuguesa e Libras é tão variada quanto complexa dadas as diferenças linguísticas nos níveis lexicais e sintáticos entre os dois sistemas. Ao focalizar o recorte de questões semântico-pragmáticas que são problemáticas, mesmo que numa pequena amostra de conceitos abstratos, é possível perceber que o TILS, quando não obtém o conhecimento prévio da língua de partida para língua de chegada, diante de lexemas conceituais demonstra que, em sentidos espontâneos, durante uma interpretação simultânea, acaba realizando escolhas imediatas que nem sempre expressam o mesmo sentido semântico-pragmático do conceito abstrato da língua de partida. A investigação contribui para o aperfeiçoamento e formações especializadas do TILS que atua diretamente na acessibilidade comunicacional da LP para Libras e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albir, A. (2005). A Aquisição da competência tradutória: Aspectos teóricos e didáticos. Pagno, A., Magalhães, C., & Alves, F. (Orgs.). *Competência em tradução: Cognição e discurso*. UFMG, 17-59.

Bernardino, E. (2000). *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística*. Profetizando Vida.

Brasil. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>.

Brito, L. (1995). Por uma gramática de língua sinais. *Tempo Brasileiro*. UFRJ, Departamento de Linguísticas e Filologia.

Dascal, M. (2006). *Interpretação e Compreensão*. Unisinos.

Delbecque, N. (2008). *A Linguística Cognitiva: Compreender como funciona a linguagem*. Piaget.

Feltes, H. (2007). *Semântica Cognitiva: Ilhas, pontes e teias*. Edipucrs.

Fernandes, E. (2003). *Linguagem e Surdez*. Artmed.

Gumperz, J. (1984). Communicative Competence Revisited. In Schifffrin, D. (Ed.). *Meaning, Form and Use in Context: Linguistic Applications*. Georgetown University Press.

Heredia, Chr. (1989). Do bilinguismo ao falar bilíngue (de Celene, M. et al., Trans.). In Vermes, G., & Boutet, J. (Orgs.). *Multilinguismo*. Unicamp, 177-260.

Lakoff, G. (1987). *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. University of Chicago Press.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.

McClearly, L., & Viotti, E. (2007). Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In Salles, H. (Org.). *Bilingüismo e surdez: Questões lingüísticas e educacionais*. Cãnone Editorial, 73-96.

Pereira, M. Cr., & Russo, A. (2008). Tradução e interpretação de Língua de Sinais: Técnicas e dinâmicas para cursos. *Cultura Surda*, 1, 90.

Quadros, R. (1997). *Educação de Surdos: A aquisição da linguagem*. Artes Médicas.

Quadros, R. (2002). *O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa*. MEC. https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/acessibilidade/tradutor_libras_mec_2004.pdf.

Quadros, R., & Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Artmed.

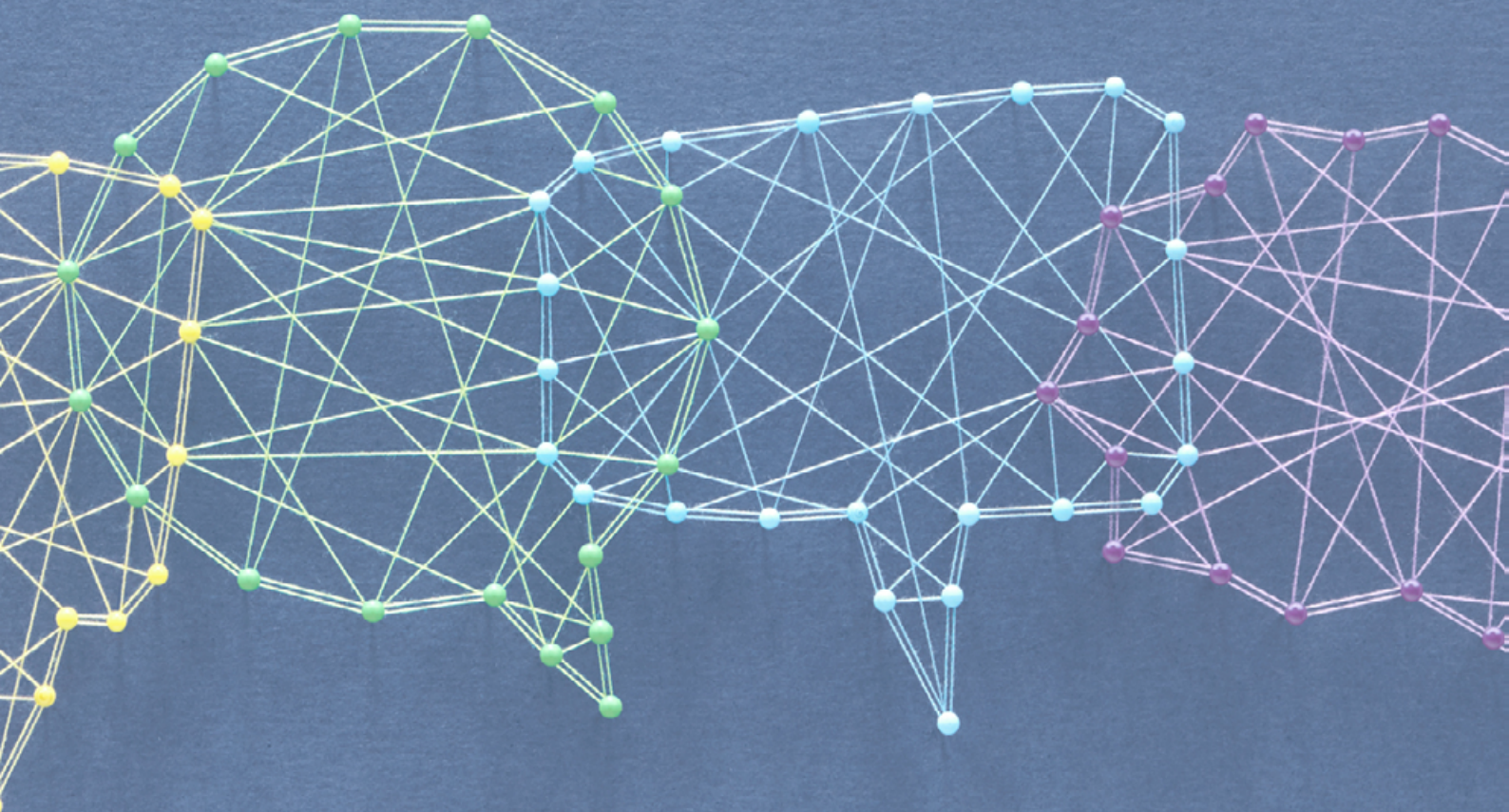
Quadros, R., & Pizzio, A. (2009). *Língua Brasileira de Sinais IV*. Curso de graduação de Letras Libras. CCE/UFSC.

Robinson, D. (2002). *Construindo o tradutor*. EDUSC.

Sá, N. (1999). *Educação de Surdos: A caminho do Bilingüismo*. EDUFF.

Sapir, Ed. (1958). *Selected writings of Edward Sapir in language, culture and personality*. Mandelbaum, D. (Ed.). (1958). University of California Press.

2.3. DIÁLOGOS COM LITERATURA E TRADUÇÃO LITERÁRIA



DO RETRATO À IMAGEM MENTAL: A ÉCRASE NA OBRA *DIE ÄSTHETIK DES WIDERSTANDS* DE PETER WEISS

Ana Margarida Abrantes
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

RESUMO

Enquanto forma de representação intermedial, a écrase é uma estratégia relevante para a análise a partir de uma perspetiva cognitiva. Ver “com os olhos da mente” uma obra de arte real ou imaginada a partir de uma descrição simbólica é um processo que tem lugar na imaginação durante o processo de leitura. O presente artigo parte da consideração da écrase no romance *Die Ästhetik des Widerstands* (*A Estética da Resistência*), do escritor alemão Peter Weiss. Pretende-se avaliar a finalidade das longas incursões ecrásticas no desenho programático do romance através da análise dos elementos estilísticos e dos efeitos de significado gerados na leitura destas passagens. Do ponto de vista cognitivo, a écrase reveste-se de interesse no sentido em que retrata não apenas uma representação, mas toda uma reconstituição da experiência de perceção da própria representação visual. Nesta medida, ela espelha o processo de construção de sentido, estabelecendo uma continuidade entre a situação retratada na obra visual, a perceção dessa obra narrada na representação escrita e a situatividade do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Écrase, Poética Cognitiva, *Ästhetik des Widerstands*, intermedialidade, imagem mental

ABSTRACT

As a form of intermediate representation ekphrasis is a relevant strategy from a cognitive perspective. Seeing “with the mind’s eye” a real or imagined work of art from a symbolic description is a process that takes place in the imagination during the reading process. The present article starts from the consideration of ekphrasis in the novel *Die Ästhetik des Widerstands* (“The Aesthetics of Resistance”), by the German writer Peter Weiss. The aim is to evaluate the purpose of the long ekphrastic incursions in the programmatic design of the novel by analysing the stylistic elements and the effects of meaning generated in the reading of these passages. From a cognitive point of view, ekphrasis is relevant in the sense that it portrays not only a representation, but also a reconstitution

of the experience of the perception of the visual representation itself. In this sense, it mirrors the process of meaning construction, establishing a continuity between the situation portrayed in the visual work, the perception of that work as narrated in the written representation and between this narrative and the situation of the reader.

KEYWORDS: Ekphrasis, Cognitive Poetics, *Die Ästhetik des Widerstands*, mediality, mental image

1. INTRODUÇÃO

Enquanto descrição de uma obra de arte visual, real ou imaginada, a écfrase é uma forma de representação intermedial, em que uma experiência perceptual é desencadeada através da expressão simbólica. Na perspectiva da Poética Cognitiva, entendida como o estudo do texto literário enquanto manifestação de processos cognitivos gerais e elemento desencadeador da emergência de sentido, a écfrase é vista como mais do que um tropo de retórica; é uma construção linguística que desencadeia um processo de representação mental, emancipado do canal perceptual da experiência evocada. Ver “com os olhos da mente” a partir de uma descrição simbólica é um processo que tem lugar na imaginação durante o processo de leitura. A visualização, assim desencadeada, tem por primeira base a linguagem da obra literária, pelo que é da sua análise que parte a experiência da construção de sentido de um estímulo sensorial, que pode ou não ter uma contrapartida material.

O presente trabalho propõe uma análise da écfrase no romance *Die Ästhetik des Widerstands (A Estética da Resistência)*, do escritor alemão Peter Weiss. Este *opus magnum*, um tríptico publicado entre 1975 e 1981, é um relato do período do Nacional-Socialismo, contado a partir do ângulo biográfico de um narrador ficcional, e que versa a perspectiva dos vários movimentos e protagonistas históricos da resistência política e intelectual deste período. A densidade da obra, composta por extensos blocos de escrita em que os parágrafos se estendem por várias páginas, é a expressão na forma da exaustividade intencional do conteúdo: o relato da resistência ultrapassa o tempo e o espaço históricos em causa abrangendo outros momentos de luta de poder transmitidos na história e retratados na arte. Através da narrativa ecfástica a partir de testemunhos estéticos de resistência expressos em diferentes meios – da pintura à arquitetura, da escultura ao filme –, Peter Weiss demonstra

a dimensão multimedial da representação da condição existencial de resistência. Este efeito de significado da obra, porém, só é possível porque a resposta ao texto não é inteiramente subjetiva, mas antes motivada e orientada pela construção linguística do próprio texto.

2. ÉCFRASE: GENEALOGIA DO CONCEITO, ENTRE RETÓRICA E COGNIÇÃO

A palavra écfrase deriva do verbo grego *ekphrazein* (*ek* significando 'fora' e *phrazein* 'falar'). Na retórica clássica, a écfrase era uma descrição vívida de um objeto, visando apresentá-lo ao olhar interior do ouvinte, com o objetivo retórico de persuasão. Na literatura, a écfrase evoluiu de um sentido amplo – “uma descrição detalhada de qualquer objeto ou cena, reais ou imaginados, ou de uma ideia abstrata, imagem mental ou estado emocional” (Verdonk, 2005, p. 233) – para um sentido restrito, “associado à poesia, abordando não apenas obras de arte visual, tais como pinturas, tapeçarias e esculturas, mas também arte arquitetônica e objetos funcionais”¹ (*ibid.*). Este sentido mais restrito de écfrase viria a estabelecer-se na literatura, levando à consideração de alguns aspetos. O primeiro é o de que a écfrase se pode centrar em objetos reais ou fictícios, o que se exprime na distinção entre “écfrase real” e “écfrase nocional”² (Hollander, 1995, p. 4). Além disso, mesmo que a écfrase seja frequentemente associada à poesia, “podem encontrar-se em muitas narrativas em prosa representações verbais de escultura, pintura, tapeçaria, obras gráficas e fotografias, reais ou imaginárias”³ (Clüver, 1989, p. 62).

As diferentes abordagens à écfrase têm propósitos distintos: James Heffernan sublinha a natureza meta-representacional da écfrase, que a distingue de outras formas de representação, como o pictórico ou a iconicidade: “O que a écfrase representa em palavras tem de ser representacional.”⁴ (Heffernan, 1991, p. 300). Claus Clüver (1989) centra-se no meio (*medium*) ao considerar a écfrase uma transposição de um

¹ Tradução livre, da responsabilidade da autora do presente artigo. Ao longo do texto transcrevem-se em rodapé as citações na língua original. Aqui: “[A] detailed description of any real or imagined object or scene, or of an abstract idea, mental image or state of emotion. [...] [A]ssociated with poetry addressing not only works of visual art, such as paintings, tapestries and sculpture, but also architectural art, and functional objects.”

² “Actual ekphrasis” vs. “notional ekphrasis”.

³ “Verbal representations of sculptures, paintings, tapestry, graphic works and photographs, real or imaginary, are found in many prose narratives.”

⁴ “What ekphrasis represents in words, therefore, must itself be representational.”

texto visual para um texto verbal; o autor afirma que a écfrase é um exemplo de transposição intersemiótica, apoiando-se no conceito de tradução intersemiótica de Roman Jakobson (1959). Já Wendy Steiner (1982) propõe uma abordagem à écfrase, entendendo-a como um “modo” (*mode*) da literatura, que permite reconhecer as marcas de um determinado período, defendendo assim a sua natureza essencialmente histórica. Murray Krieger (1992) explora a relação do tempo e do espaço na representação com respeito à natureza dos signos, ou seja, como as palavras ordenadas no tempo representam imagens no espaço.

Estas abordagens revelam que a écfrase é um conceito de fronteira entre a retórica, a literatura e a história da arte. Além disso, enquanto representação verbal da representação visual, a écfrase levanta várias questões, que vão da natureza da mimese ao caráter representacional dos signos (Klarer, 2001, p. 19).

De um ponto de vista histórico, um dos primeiros textos a lidar com a diferença entre representação visual e escrita é o ensaio, de 1766, *Laokoon oder über die Grenzen der Mahlerey und Poesie*, de Gotthold Ephraim Lessing. Baseando-se na comparação entre a escultura helenística que representa Laocoon e os seus dois filhos sucumbindo a um ataque de serpentes e o mesmo episódio narrado por Virgílio, Lessing (1766) apresenta ideias importantes do ponto de vista semiótico. A primeira é a de que as artes visuais e a literatura usam sinais diferentes e, por isso, são respetivamente mais adequadas para formas específicas de representação: enquanto as artes visuais transmitem elementos que coexistem no espaço e emergem num único momento (Lessing designa esses elementos genericamente por “corpos” (*Körper*), a literatura, por ser baseada na linguagem, adapta-se melhor à representação de elementos que formam uma sequência no tempo, ou seja, as “ações” (*Handlungen*). Esta distinção, no entanto, não é clara, como o próprio autor refere: os elementos que existem no espaço também têm uma existência temporal, isto é, a sua aparência momentânea é o resultado de momentos anteriores e pode ser a causa dos seguintes, pelo que estão, portanto, incluídos numa cadeia de ação. Neste sentido, as artes visuais podem representar ações, pelo menos através da sugestão. As ações, por sua vez, são dependentes dos agentes, pelo que a literatura pode também representar figuras, ainda que indiretamente, através das ações. Outra importante ideia de Lessing é a de que as artes visuais, pela

sua contingência espacial, só podem representar um único momento da ação, e por isso escolhem o mais incisivo (*prägnant*), a partir do qual os anteriores e os seguintes são mais facilmente acessíveis.

Central para a diferenciação de Lessing entre representação visual (icónica) e linguística (simbólica) é o tempo: as artes visuais são mais adequadas para representar momentos singulares, também porque os seus signos são inteiros e podem ser percebidos como imagens (*Gestalten*) instantâneas. No mesmo sentido, a literatura adequa-se à representação de sequências de momentos, e a natureza dos seus signos (linguagem) é, em certo sentido, motivada: as frases só podem ser percebidas sequencialmente.

Heffernan (2015) tira uma conclusão distinta da diferenciação de Lessing entre artes visuais e literatura ao afirmar que o impulso mimético cede ao relato narrativo dos momentos que o precedem e dos que o seguem: ou seja, a éfrase cria histórias a partir da imagem. Nas suas palavras (Heffernan, 2015, p. 35) “a éfrase é um tipo de escrita que torna as imagens em palavras narrativas.”⁵

Estas narrativas dizem respeito, em primeiro lugar, às instâncias representadas, mas não raramente estendem-se também às circunstâncias da própria representação (por exemplo, a produção e receção das obras visuais). Um texto efrástico pode, assim, exprimir um produto, uma obra, no sentido em que é a representação de uma representação visual, mas também um processo, uma vez que pode recriar a experiência de perceção da própria representação visual e, para além disso, também a forma como “o espectador responde a uma cena”⁶ (Clüver, 1989, p. 55). Um texto efrástico pode transmitir um comentário, uma interpretação ou uma crítica, além da própria representação.

Nesta relação entre imagem e palavra, um aspeto deve ser realçado: os sinais materiais usados numa representação visual não pertencem ao mesmo sistema nem operam da mesma forma que as unidades significantes de linguagem. Porém, a ambas está subjacente um processo de *interpretação*, de relação dos signos aos sistemas de referência que

⁵ “[E]kphrasis is a kind of writing that turns pictures into storytelling words.” (Heffernan, 2015, p. 35).

⁶ “[T]he way responds to the scene.”

informam os seus processos de significação.⁷

Em síntese, a écfrese, enquanto descrição de uma representação, tem subjacentes dois sistemas semióticos diferentes, dois modos temporalmente distintos de perceção e interpretação. Esta dimensão metacognitiva da écfrese consiste na representação de uma realidade e no retrato do processo de fazer sentido dessa representação. Numa complexa arquitetura de atenção partilhada, poder-se-ia dizer que o narrador nos convida a olhar sobre o seu ombro para o pintor, enquanto este fixa na tela o instante central de uma realidade imaginada, em que se espelham conhecimento histórico, afetividade empática e intencionalidade.

3. A JANGADA DA MEDUSA: GÉRICault NA ESCRITA ECFRÁSTICA DE PETER WEISS

O catálogo de obras de arte discutido em *Die Ästhetik des Widerstands* é vasto. A leitura do romance parece convidar a uma inventariação exaustiva de todas as obras referidas, comentadas e descritas ao longo de quase mil páginas.⁸ Este museu virtual atravessa o tempo e o espaço: vai da Antiguidade aos Surrealistas, da Europa à América do Norte ou ao Camboja. Mesmo nele dominando exemplos da pintura, o romance também se concentra em outros meios e formas artísticas, como a arquitetura, a escultura e, ocasionalmente, também o cinema. Tal como acontece com muitas referências políticas e históricas, algumas destas manifestações artísticas são apenas mencionadas na obra de forma esquemática, o que certamente contribuiu para a impressão geral de “arrogância autoral” (Raddatz, 1981), seja ao assumir o conhecimento do leitor sobre obras de arte ou personagens históricas, seja exigindo uma atitude de leitura proativa, incentivando a disponibilidade do leitor para procurar além do que está escrito no romance. Em outros casos, porém, a análise das obras é mais precisa e extensa, interrompendo

⁷ Clüver (1989, p. 60) ilustra a diferença com um exemplo: “Qualquer que seja o poder significativo que uma marca circular de giz vermelho num pavimento possa ter, ele não deriva das regras de um sistema de sinais que rege os círculos e as marcas da qualidade ‘vermelho’ ou o giz e a textura dos pavimentos. Em vez disso, o significado depende de o espectador inserir a marca no sistema de sinais de um alfabeto, de construção de estradas, de representação pictórica ou de jogos de rua para crianças.” [“(W)hatever signifying power a circular, red chalk mark on a pavement may possess does not derive from the rules of a sign system governing circles and redness and chalk marks and the texture of the pavements. Instead, it depends on whether the viewer inserts the mark into the sign system of an alphabet, of road construction, of pictorial representation, or of children’s street games.”]

⁸ Veja-se, por exemplo, a lista apresentada por Badenberg (1995).

o fluxo narrativo com longas passagens descritivas sobre os motivos retratados e as técnicas de representação. Estes episódios, de particular precisão no romance, são momentos de écfrase no seu sentido mais amplo, ou seja, de “representação literária da arte visual” (Heffernan, 1991, p. 297).⁹

No centro da análise das passagens ecfásticas em *Ästhetik des Widerstands* está a comparação entre as passagens textuais e os próprios objetos visuais, uma vez que todas as descrições da arte visual no romance têm contrapartidas reais (ou seja, estamos a lidar com a écfrase real, nas palavras de Hollander (1995). Além disso, o conhecimento das obras visuais interfere necessariamente na receção da sua transmissão literária: a consciência sobre a obra de arte visual pode contribuir para identificar marcas de perspectiva subjetiva na descrição linguística; por outro lado, a passagem ecfástica pode alterar a representação inicial do objeto visual; ou ainda, concentrando-se em aspetos não observados anteriormente, pode reorganizar a obra numa nova interpretação.

Um exemplo saliente de escrita ecfástica em *Ästhetik des Widerstands* é a descrição da *Jangada da Medusa*, pintura a óleo de Théodore Géricault, realizada entre 1818 e 1819, que retrata o naufrágio da fragata Medusa, em 1816.¹⁰ Esta obra é a mais amplamente discutida no romance: inicialmente, no final do primeiro volume, depois, nas primeiras trinta páginas do segundo volume, em que o narrador alterna a representação da própria pintura com longas considerações sobre a situação representada, ou seja, o naufrágio da fragata Medusa e a situação extrema dos sobreviventes abandonados na jangada, bem como as circunstâncias em que a pintura foi executada, a existência do artista durante o processo e a receção contemporânea da obra. Deixando de lado estas linhas narrativas paralelas, consideraremos, para já, as passagens puramente descritivas que incidem sobre a própria representação visual:

⁹ “[T]he literary representation of visual art.” (Heffernan, 1991, p. 297)

¹⁰ O navio dirigia-se para o Senegal com o intuito de restabelecer o domínio francês do território na sequência da Primeira Paz de Paris, assinada com Inglaterra em 1814. A incompetência do capitão, nomeado para o cargo num processo de promoção política, causou o naufrágio por colisão com um banco de areia ao largo da Mauritânia. Dezenas de sobreviventes resgatados numa jangada apressadamente improvisada, abandonados pelas outras embarcações de resgate da fragata, passaram 13 dias à deriva, sob condições extremas de sobrevivência, tempestades, desidratação, morte, canibalismo, antes de serem descobertos por acaso. O significado desta tragédia depressa assumiu uma dimensão social e política. O episódio ficou imortalizado no quadro de Géricault, precedido de numerosos estudos que testemunham a sua quase obsessão com a representação do desespero, do abandono e da morte.

Os sobreviventes na jangada estendiam-se num movimento conjunto, afastando-se dos mortos em primeiro plano, subindo mais e mais até às costas do negro erguido, a quem o vento rasgava o pano da mão que acenava. A composição seguia o princípio da dupla diagonal, reforçando a estrutura da grande superfície e produzindo uma deslocação de duas perspetivas. O grupo, atropelando-se em gestos agitados, alongava-se de baixo à esquerda, para cima, à direita, visando o pequeno mastro, que seria imediatamente coberto por uma onda que se aproximava; de baixo, à direita, iniciando no braço de um morto suspenso sobre o mar, a outra linha ascendia, rasgada pela vela insuflada em direção ao canto mais alto à esquerda, de modo que a direção desenhada pela dimensão das figuras se cruzava com a direção de viagem da jangada. Isto causava uma sensação de vertigem. A jangada deslizava não em direção ao navio distante, mas passando-lhe ao largo, e a esta percepção juntava-se uma outra inquietação perante a visão de uma vaga, à qual todos na jangada estavam alheios e que se erguia em torre frente à proa vazia, prestes a derrubar os restantes.¹¹ (Tradução nossa).

Inicialmente, o narrador centra-se nos elementos figurativos da pintura e na sua distribuição, tanto no espaço representado como na superfície da tela. Para isso utiliza o artigo definido na referência à obra, assumindo a familiaridade do leitor com o duplo referente: o naufrágio e a sua representação por Géricault. Ele menciona a técnica de composição (*Doppeldiagonale*) e os efeitos que ela produz: uma dupla perspetiva transmitindo duas direcionalidades opostas. Estes efeitos não fazem parte do objeto em si, mas emergem da interação do espectador com o objeto visual. Por outras palavras, ao mencionar a perspetiva, o narrador vai gradualmente deslocando o foco da atenção e do relato,

¹¹ "Die Überlebenden auf dem Floß streckten sich in einer gemeinsamen Bewegung hervor, von den Toten im Vordergrund weg, mehr und mehr sich aufrichtend, bis zum dunkelhäutigen Rücken des Hochgehobenen, dem der Wind das Tuch in der winkenden Hand zur Seite riß. Die Komposition folgte dem Prinzip der Doppeldiagonale, womit sowohl die Struktur der großen Fläche gefestigt, als auch eine Verschiebung zweier Perspektiven hergestellt wurde. Von links unten dehnte sich die Gruppe, in ihrer erregten ineinandergreifenden Gestik, nach rechts oben aus, zielend auf den winzigen Mast, der gleich von einer heranrollenden Welle verdeckt werden würde, von rechts unten, ansetzend am über Bord hängenden Arm eines Toten, stieg die andere Linie auf, vom geblähten Segel der linken Höhe entgegen gerissen, so daß die Richtung, die von der Maße der Figuren beschrieben wurde, die Fahrtrichtung des Floßes durchkreuzte. Dies weckte die Empfindung von Schwindel. Nicht auf das ferne Schiff zu, sondern daran vorbei glitt das Floß, und diese Wahrnehmung erfuhr eine weitere Beunruhigung durch den Anblick der Woge, die, von niemandem auf dem Fahrzeug beachtet, sich turmhoch vor dem leeren Bug erhob, um auf die Übriggebliebenen niederzuschlagen." (ÄdW, Vol. I, p. 344)

do referente da representação para a experiência da percepção. Como agente deste processo, ou seja, como espectador, ele torna-se cada vez mais presente na sua própria representação textual à medida que revela as respostas físicas e emocionais à percepção visual (“uma sensação de vertigem”, “uma outra inquietação”). O relato desta resposta física e emocional evidencia o narrador enquanto espectador da pintura.

A inquietação é um sintoma de *suspense* e este é uma técnica narrativa que se baseia na forma como um determinado conjunto de eventos é encadeado numa sequência. Assim, na sua percepção visual, o narrador não só reconhece as figuras e a sua contiguidade no espaço, como tem consciência do momento mais incisivo (*prägnant*) escolhido na representação como decisivo numa sequência de acontecimentos. No texto, esta percepção é sugerida pelo advérbio *gleich* (“imediatamente”), e pelos verbos de ação como *vorbei glitt* (“deslizava”), bem como pelos indicadores do futuro (no original, o pretérito imperfeito é interrompido na passagem pelo conjuntivo, que ali assume sentido de futuro – *der gleich von einer heranrollenden Welle verdeckt werden würde* – e em português é o condicional na passiva que assume este valor – “que seria imediatamente coberto por uma onda que se aproximava”; a conjunção final *um...zu* aponta para um acontecimento posterior, sugerindo assim também a sequência: “a vaga erguia-se para, a seguir, derrubar os sobreviventes da jangada”).

Esta passagem denota uma mudança progressiva entre três níveis: da situação na jangada (“os sobreviventes na jangada”) para o nível de representação pictórica (“a composição”, “a dupla diagonal”) pelo pintor como agente implícito e, depois, para o nível da experiência de visualização desta representação (“inquietação”), que, de certa forma, remete para o primeiro nível: o advérbio “imediatamente” denota uma mudança deíctica do enquadramento temporal do narrador para o enquadramento temporal da situação na jangada. Isto significa que a passagem efrástica não é exclusivamente descritiva, permitindo uma pausa narrativa. Pelo contrário: o que começa como uma descrição de um objeto de contemplação torna-se cada vez mais uma narrativa da experiência e da atividade perceptiva do sujeito que o contempla.

À medida que o texto avança, o relato do narrador sobre a pintura e sua experiência ao observá-la é acrescido de um outro aspeto: a

interpretação da pintura, quer da situação representada (os sobreviventes na jangada), quer das escolhas do pintor ao descrevê-la:

Delacroix tinha voltado as suas figuras de frente para o visitante, o seu apelo à participação, à discussão, era amortecido pela sua própria postura meio hesitante, meio coquete. Géricault renunciara a essa agitação direta, os náufragos viravam-se quase todos para trás, estavam completamente sozinhos; voltado para a frente estava apenas um homem sentado, a mão abraçando um morto, imerso em exaustão e tristeza; podia observar-se a jangada como se a partir do olhar de um homem a afogar-se, e a salvação era tão remota, que parecia que teria de ser primeiro inventada. Uma decepção, uma alucinação parecia ser essa ajuda que surgia ao longe e para a qual se voltavam as últimas forças, despertando gradualmente e levantando-se pouco a pouco; essa ajuda estava num futuro distante do mundo em que se encontravam os espectadores. A catástrofe isolada tornava-se o símbolo de um estado de vida. Cheios de desprezo e voltando as costas aos conformados, os náufragos representavam os estilhaços de uma geração à deriva, que conhecera ainda na juventude a queda da Bastilha. Encostavam-se e apoiavam-se uns nos outros, todos os conflitos que os poderiam ter juntado no navio tinham passado, a luta, a fome, a sede, a morte em alto mar, tinham sido esquecidas, tinha-se gerado entre eles uma união, apoiada pela mão de cada um, e agora pereceriam ou sobreviveriam juntos, e o facto de aquele que acenava, o mais forte deles, ser um africano, talvez trazido a bordo para a Medusa para ser vendido como escravo, levava a pensar na libertação de todos os oprimidos. [...] Tal como nós, as figuras pintadas erguiam-se da destruição, deitavam-se, ajoelhavam-se, rastejavam sobre montanhas de cadáveres. O pintor tinha retirado um segundo de resistência à destruição avassaladora e

colocara-o na intemporalidade.¹² (Tradução nossa).

Da perspectiva pessoal na passagem anterior, expressa no relato da resposta física e emocional à pintura, a narrativa ganha aqui uma aparente onisciência, pela qual o narrador transmite tanto os pensamentos e estados mentais dos homens na jangada (“agora pereceriam ou sobreviveriam juntos”), como a intencionalidade do pintor nas suas escolhas para a composição (“Géricault renunciara a essa agitação direta”).¹³ Esta passagem representa novamente a pintura em relação à configuração das personagens no espaço (“os naufragos viravam-se quase todos para trás; [...] voltado para a frente apenas um homem sentado”), e depois centra-se numa narrativa de ações, descrita numa moldura temporal (“essa ajuda que surgia ao longe [...] essa ajuda estava num futuro distante”). Subtilmente, o narrador representa a pintura como ato comunicativo entre as personagens retratadas na tela e os espectadores desta obra. A disposição espacial das figuras, de costas voltadas para o público, é “lida” pelo narrador como uma atitude intencional de desdém (“Cheios de desprezo e voltando as costas aos conformados”). O público que observa a pintura é intemporal, e estes “conformados” podem referir-se tanto aos espectadores que viram a pintura quando ela foi exposta pela primeira vez, e que eram, portanto, contemporâneos dos naufragos representados, como ao público contemporâneo do narrador. A atitude crítica codificada

¹² “Delacroix hatte seine Gestalten frontal dem Besucher zugewandt, sein Aufruf zum Mitstreiten wurde durch seine eigne halb zögernde, halb kokettierende Haltung gedämpft. Géricault verzichtete auf diese direkte Agitation, die Schiffbrüchigen drehten sich zum größten Teil nach rückwärts, sie waren völlig für sich, der nach vorn gekehrt Sitzende, die Hand um einen Toten geschlungen, war in Erschöpfung und Trauer versunken, wie vom Blick eines Ertrinkenden war das Floß gesehen, und die Rettung war so entlegen, daß es schien, als müsse sie erst erdacht werden. Eine Täuschung, eine Halluzination konnte diese auftauchende Hilfe sein, der sich die letzte wachwerdende, gradweise sich steigernde Kraft zuwandte, in einer Zukunft lag sie, weit weg von der Welt, in der die Zuschauer sich befanden. Aus der vereinzelt Katastrophe war das Sinnbild eines Lebenszustands geworden. Voller Verachtung den Angepaßten den Rücken zukehrend, stellten die auf dem Floß Treibenden Versprengte dar einer ausgelieferten Generation, die von ihrer Jugend her noch den Sturz der Bastille kannte. Sie lehnten und hingen aneinander, alles Widerstreitende, das sie auf dem Schiff zusammengeführt haben mochte war vergangen, vergessen war das Ringen, der Hunger, der Durst, das Sterben auf hoher See, zwischen ihnen war eine Einheit entstanden, gestützt von der Hand eines jeden, gemeinsam würden sie jetzt untergehen oder gemeinsam überleben, und daß der Winkende, der Stärkste von ihnen, ein Afrikaner war, vielleicht zum Verkauf als Sklave auf die Medusa verladen, ließ den Gedanken aufkommen an die Befreiung aller Unterdrückten. [...] So wie wir selbst es taten, hoben sich die gemalten Figuren von der Vernichtung ab, lagen, knieten, krochen über Berge von Leichen. [...] Der Maler hatte eine Sekunde des Nochlebens der übermächtigen Zerstörung abgewonnen und in Zeitlosigkeit versetzt. (ÄdW, Vol. I, pp. 344-345)

¹³ A aparente onisciência na passagem resulta da gestão dos diferentes níveis narrativos: o episódio histórico da Medusa e o nível do pintor no seu tempo. Esta impressão de onisciência é salientada no romance pelas longas incursões sobre a jangada e sobre a vida e obra de Géricault.

no substantivo é o resultado da interpretação de um traço figurativo particular e é proporcional à simpatia, até mesmo à identificação do narrador (e do coletivo em que ele se inclui através da invocação do pronome “nós”) com os homens na jangada, com a sua situação difícil e com a sua unidade na busca de uma esperança: “Tal como nós.” Esta receção da pintura é altamente motivada: é claramente uma leitura política. A disposição das figuras sobre a tela, todas juntas como uma massa uniforme, orientadas para o navio distante no horizonte, sugere unidade de ação e pensamento. Essa unidade é interrompida por uma única figura cuja postura transmite dúvida e capitulação. A obra retrata duas atitudes contrastantes numa situação exemplar, e, como tal, a pintura torna-se um modelo intemporal no qual se pode ler mais do que a situação única da jangada da Medusa: “A catástrofe isolada tornava-se o símbolo de um estado de vida. [...] O pintor tinha retirado um segundo de resistência à destruição avassaladora e colocara-o na intemporalidade.” O modelo de unidade que as personagens do quadro representam não é, portanto, apenas lido de acordo com o seu próprio passado como testemunhas da Revolução Francesa (“os naufragos representavam os estilhaços de uma geração à deriva que conhecera, ainda na juventude, a queda da Bastilha”); é antes uma unidade exemplar que pode ser representativa de qualquer outro contexto de solidariedade, incluindo aquele que o narrador está a viver como jovem comunista e revolucionário. O final da passagem revela o ponto de vista personalizado que sempre persistiu. Ao deslocar o centro da atenção da descrição objetiva da pintura para o paralelo entre a situação representada e a sua experiência, o narrador revela gradualmente a sua presença, abertamente afirmada no final da passagem.

No início do segundo volume, o narrador relata a sua visita ao Louvre. Desta vez está diante do original de Géricault, e não da reprodução nos *Cahiers D'Art*. A experiência é a ocasião para novas considerações sobre as características formais da pintura:

Gradualmente podiam distinguir-se alguns tons amarelados, azuis e esverdeados na superfície aparentemente monocromática da imagem. A característica dominante já não era a sensação de uma tensão extremamente elevada perante a descoberta do navio no horizonte, mas um medo, um sentimento de desespero. Agora só se liam a dor e o abandono na composição forçadamente contida; era como se, com a

pincelada de tinta transformada em crosta e escória, tudo o que podia ser apreendido de um ponto de vista documental tivesse desaparecido do quadro e apenas ficasse a mensagem da catástrofe pessoal do pintor.¹⁴ (ÄdW, Vol. II, 21-22). (Tradução nossa).

A cor é o elemento-chave para a nova experiência da pintura. O contraste cromático leva o narrador a experienciar de novo o trabalho e a mudar a sua leitura inicial. O que ele tinha anteriormente percebido como o motivo mais marcante – a orientação espacial das figuras enquanto representação da sua unidade na crença e busca de salvação – já não prevalece. Em vez disso, a cor realça uma nova figura: medo, dor, desespero. O narrador relata ainda um outro efeito potenciado pela cor, nomeadamente a onnipresença da experiência, independentemente das circunstâncias dos seus agentes, que coincide com a sua observação anterior de que a situação transmitida por esta pintura é intemporal e não histórica ou episódica.

A passagem final relativa à representação desta pintura é dedicada a aspetos formais, designadamente ao efeito de elevação na orientação das personagens, desde os corpos deitados, em primeiro plano, até à postura gradualmente erguida, transmitindo profundidade à composição, culminando no homem de pé, à direita:

O braço do homem morto à esquerda tinha-se originalmente estendido até ao pé do jovem moribundo na borda da frente, vestígios do antebraço e da mão cobertos por nova pintura ainda eram visíveis. Abaixo das costelas, o corpo parecia ter sido arrancado, ou estar preso entre as tábuas, parecia dobrado numa cavidade, ou ter sido comido até metade. Quatro cadáveres estavam à frente, em fila, atrás deles três figuras agachadas viradas para longe dos outros, um ao mastro, com o rosto enterrado nas mãos, seguiam-se quatro corpos meio erguidos, atravessando-os um outro caído de costas, depois quatro em pé, densamente agrupados, e finalmente os três, dos quais dois apoiavam o que se erguia mais alto. Sobre a pele de todos havia um

¹⁴ "Allmählich ließen sich auf der monochrom wirkenden Bildfläche einige gelbliche, bläuliche, grünliche Töne unterscheiden. Vorherrschend war nicht länger die Empfindung einer äußerst gesteigerten Spannung bei der Entdeckung des Schiffs am Horizont, sondern eine Beängstigung, ein Gefühl der Ausweglosigkeit. Nur noch Schmerz und Verlorenheit waren aus der gewaltsam gebändigten Komposition abzulesen, es war, als sei mit der Verschörfung und Verschlackung des Farbauftrags alles dokumentarisch Greifbare aus dem Bild gewichen und allein eine Kunde der persönlichen Katastrophe des Malers übriggeblieben." (ÄdW, Vol. II, pp. 21-22)

brilho amarelo-esverdeado.¹⁵ (Tradução nossa).

O que se destaca nesta passagem, se comparada com a primeira, é o anonimato com que o narrador se refere às figuras. Palavras como “sobreviventes” ou “náufragos”, que as descrevem como personagens de uma narrativa, são substituídas por substantivos objetivados e distantes: “mortos”, “corpos”, “figuras.” O narrador está mais distante do nível da situação na jangada, mais focado na apresentação do que no conteúdo representado. Esta mudança é consistente com a abordagem da pintura no segundo volume do romance, que retrata o narrador em Paris. Esta circunstância aproxima-o do processo de produção da pintura e sugere-lhe uma nova interpretação, menos baseada na sua própria identificação com as personagens e mais nas técnicas de representação e efeitos potenciados, bem como nas possibilidades da arte.

Só ao confrontar a obra, ao tornar-me testemunha e ao apreender aquele acontecimento na sua originalidade, é que se tornou possível entender que tipo de ação era a pintura. Comecei a compreender como o arranjo das formas resultava do equilíbrio dentro de uma elevação, e como a uniformidade era composta de contrastes. O desenho preciso do escuro colidia com o claro; o contorno iluminado de um perfil, de um dorso, de uma perna passava para um tecido, para tecido ou madeira ou carne sombreados, ou o recorte negro de uma cabeça, de uma mão, de uma anca destacava-se do tecido, do céu, da água que brilhavam. A contenção, o controlo nesse entrelaçamento transmitia a sensação de resistência, essa qualidade era reforçada pelo facto de que a perseverança era simultaneamente abraçada como um pesar profundo. A mais constante de todas as emoções, porque associada ao irrecuperável, estava expressa numa única figura na frente, e encontrava-se aqui e ali como um reflexo numa testa, numa têmpora, na curva de um rosto. E agora a expressão, que se havia voltado com tanta energia para a possibilidade de sobrevivência, mudava novamente; a expectativa de salvação era marcada pela ansiedade,

¹⁵ “Der Arm des Toten links hatte sich ursprünglich bis zum Fuß des verendeten Junglings an der vorderen Kante ausgestreckt, Spuren des übermalten Unterarms und der Hand waren noch zu erkennen. Unterhalb der Rippen war der Leib wie abgerissen, entweder war er eingeklemmt zwischen den Bohlen, abgeknickt in der Vertiefung, oder zur Hälfte verzehrt worden. Vier Leichen lagen vorn in einer Reihe dahinter hockten drei Gestalten abgewandt von den übrigen, einer am Mast, das Gesicht in den Händen vergraben, es folgten vier halb aufgerichtete Körper, quer ein Zurückgefallener darüber, dann vier Stehende, dicht zusammengedrängt, und schließlich die drei, von denen zwei den am höchsten aufgerichteten stützten. Auf der Haut aller lag ein grünlich gelber Schimmer.” (ÄdW, Vol. II, p. 27).

a espera prevalecia como quando se deve quebrar a ansiedade de um sonho e evocar o despertar. Aqueles que pensavam ter visto o que estava para vir estavam afastados do espectador, os rostos menos reconhecíveis carregavam a rigidez do olhar voltado para o interior. O único que estava completamente exposto ao exterior, que tinha um espaço aberto à sua frente, era o de pele escura, o africano; aqui também vibrava o contorno, as linhas do ombro, a face vista de trás, do cabelo prestes a fluir para a nuvem; no seu ponto mais alto, começava a dissolução, o desaparecimento do grupo. Tanto quanto podia ver, em nenhum outro lugar havia este ligeiro borrão, este tremor do contorno, o elemento desfocado teria sido conscientemente colocado como um sinal quase imperceptível do atravessar o limite do perceptível. Ao mesmo tempo, era aqui onde começava a transcendência, que o corpo tinha sido mais fortemente esculpido.¹⁶ (Tradução nossa).

O narrador percebe o contraste cromático da pintura, que agrupa os diferentes elementos da composição – humanos e materiais –, desencadeando a impressão de um todo unificado. O anonimato das figuras, mencionado anteriormente, é agora ainda mais acentuado. As personagens já não são percebidas como gestos discretos inteiros, mas sim em termos das suas partes, dispostas de acordo com a presença ou ausência de luz: “o contorno iluminado de um perfil, de um dorso, de uma perna [...] o recorte negro de uma cabeça, de uma mão,

¹⁶ [E]rst bei der Konfrontation mit dem Werk, da ich zum Augenzeugen wurde und das Geschehnis in seiner Ursprünglichkeit aufnahm, ließ sich verstehen, welche Handlung das Malen war. Ich begann zu begreifen, wie sich die Anordnung der Formen beim Auswägen innerhalb einer Steigerung ergab, und wie die Einheitlichkeit sich zusammenfügte aus Kontrasten. Dunkles stieß, genau gezeichnet, an Helles, immer leitete die beleuchtete Kontur eines Profils, eines Rückens, einer Wade über zu beschattetem Stoff, Holz oder Fleisch, oder der schwarze Schnitt eines Kopfs, einer Hand, einer Hüfte hob sich ab von schimmerndem Tuch, Himmel, Wasser. Das Gebändigte, Beherrschte in dieser Verflechtung vermittelte die Empfindung von Ausdauer, diese Eigenschaft wurde dadurch verstärkt, daß die Beharrlichkeit gleichzeitig wie von einer schweren Trauer umfungen wurde. Diese beständigste aller Emotionen, weil verbunden mit dem Unwiederbringlichen, kam vorn in einer ganzen Figur zum Ausdruck, und lag hier und da mit ihrem Abglanz auf einer Stirn, einer Schläfe, einem zurückgeneigten Jochbein. Und jetzt veränderte sich auch wieder der Ausdruck, der sich mit so viel Energie der Möglichkeit des Überlebens zugewandt hatte, von Bangigkeit war die Erwartung der Rettung geprägt, ein Warten herrschte vor, wie in der Situation, da die Beklemmung eines Traums durchbrochen und das Erwachen hervorgerufen werden soll. Diejenigen, die das Kommende zu sehn meinten, waren vom Beschauer abgewandt, die weniger erkennbaren Gesichter trugen die Starre des nach innen gerichteten Blicks. Der einzige, der sich ganz dem Außen stellte, der vor sich offenen Raum hatte, war der Dunkelhäutige, der Afrikaner, hier vibrierte auch der Umriß, die Linien der Schulter, der von hinten gesehenen Wange, des Haars standen im Begriff, in das Gewölk einzufließen, an ihrem äußersten, höchsten Punkt begann die Auflösung, die Verflüchtigung der Gruppe. Soweit ich erkennen konnte, war sonst nirgends dieses leicht Verwischte, dieses Zittern der Kontur zu finden, das Verschwimmende mußte bewußt angelegt worden sein, als kaum merkliches Zeichen für ein Überschreiten der Grenze des Wahrnehmbaren. Hier, wo das Transzendieren einsetzte, war das Körperliche gleichzeitig am stärksten skulptiert. (ÄdW, Vol. II, p. 28)

de uma anca.” (Cf. Nota de rodapé 1). A figura do homem sentado, à qual não foi dada atenção significativa antes, é agora percebida como saliente e como um elemento-chave na nova interpretação da pintura. A sua postura é vista como a representação da tristeza, do desamparo diante da situação. O narrador percebe a contiguidade cromática como a extensão da representação destas emoções, e, por isso, revê a sua primeira leitura da pintura: “agora a expressão que se havia voltado com tanta energia para a possibilidade de sobrevivência mudava novamente.”

A posição das figuras, de costas voltadas para o espectador, já não é entendida como uma expressão intencional de desdém, mas como o reconhecimento do desespero da sua situação. A dinâmica da direcionalidade figural é agora vista como um medo paralisante, a espera em vão. A resignação, um acontecimento marginal na primeira interpretação, torna-se agora a impressão geral da qual se destaca apenas a figura do homem africano. Mais uma vez, esta nova saliência figural é motivada por técnicas de composição, agora relacionadas com a forma: “aqui também vibrava o contorno [...] era aqui, onde começava a transcendência, que o corpo tinha sido mais fortemente esculpido.”

O narrador está bem ciente da intencionalidade destes efeitos. E mesmo que esta nova leitura da pintura não seja tão marcadamente política como a primeira, ele ainda consegue relacionar esta cena com um exemplo mais genérico de experiência, que pode ser individual ou coletiva: “a espera prevalecia, como quando se deve quebrar a ansiedade de um sonho e evocar o despertar.”

Em síntese, há uma progressão na representação verbal desta pintura e da percepção da mesma. A primeira leitura do narrador destaca não só a unidade e a esperança, por oposição à resignação, mas também uma atitude de resistência ativa à conformação. Todos estes traços são representados por figuras humanas. Numa segunda leitura, o que tinha sido percebido como perseverança e esperança evolui para a percepção de uma verdade esmagadora, a consciência do desespero, representada por efeitos pictóricos, como a contiguidade cromática. E, no entanto, no final, uma figura contrasta com esta tendência de derrota: o elo aparentemente mais fraco – um africano, como o narrador mais uma vez aponta – é aquele que consegue resistir à situação e

transcender o cenário de derrota inevitável. De facto, esta sequência de oposição e luta, de desesperança paralisante e de luz de um idealismo transcendente, descrita nestas passagens eufónicas não é arbitrária ou casual; ela corresponde ao guião (*script*) de opressão e resistência repetidamente retratado na obra. *Die Ästhetik des Widerstands* (Abrantes, 2010, p. 292).

4. CONCLUSÃO

Em *Die Ästhetik des Widerstands*, a éfrase assume uma extensão considerável. A narrativa sobre os eventos históricos é frequentemente interrompida por longas passagens descritivas. Contudo, as extensas considerações descritivas sobre representações visuais não interrompem propriamente o fluxo narrativo, mas ocorrem quando a narrativa é incapaz de lidar, por si, com os eventos históricos. A dissolução das Brigadas Internacionais é um duro golpe para a resistência contra o fascismo e para a crença numa solidariedade internacional. Depois de o relatar, o narrador mergulha numa longa descrição de obras de Géricault, Picasso, Goya e Delacroix. Ao fazê-lo, evita os acontecimentos imediatos e mergulha em outros episódios locais de resistência. Mais importante ainda, procura na arte os modelos para a continuação dos ideais que partilha com a sua geração. A arte é, portanto, uma promessa de sentido quando os acontecimentos externos parecem levar a um beco sem saída: "A arte, dizia Hodann, começa onde a filosofia e as ideologias acabam."¹⁷ (*ÄdW*~, vol. III, p. 134). Nesta perspectiva, em *Die Ästhetik des Widerstands*, a éfrase é um exemplo de hermenêutica, tanto artística como política.

Mas a arte como refúgio não é tudo o que sobra numa estética programática de resistência, e as passagens eufónicas fornecem mais do que a descrição dos trabalhos. São a narrativa da sua perceção, da consciência dos referentes e das técnicas utilizadas para a sua apresentação e, além disso, dos efeitos potenciados por estas técnicas. Mais do que a representação verbal de uma representação visual, estas passagens são também a narrativa do processo de fazer sentido, ou seja, de interpretação. Além de descreverem as obras, os objetos, as passagens revelam o próprio processo de interpretação. Sob este ponto de vista, a declaração de arrogância autoral, referida no início

¹⁷ "Die Kunst, sagte Hodann, setze dort ein, wo alle Philosophien und alle Ideologien aufhören."

deste texto, merece certamente uma revisão. A narrativa ecfástica “transforma a obra de arte – estática ou em movimento – numa história que espelha a mente de uma personagem.”¹⁸ (Heffernan, 2015, p. 48). Ao fazê-lo, é reveladora do processo de fazer sentido a passagem cognitiva e hermenêutica do retrato na tela à imagem na mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes, A. M. (2010). *Meaning and Mind. A Cognitive Approach to Peter Weiss' Prose Work*. Peter Lang.

Badenberg, N. (1995). Die Ästhetik und ihre Kunstwerke. Eine Inventur. Honold, Alexander and Ulrich Schreiber (Eds.). *Die Bilderwelt des Peter Weiss*, (pp. 163-230). Argument Verlag.

Brosch, R. (2015). Images in Narrative Literature: Cognitive experience and Iconic Moments. In Rippl, G. (2015). *Handbook of Intermediality. Literature – Image – Sound – Music*, 343-360. Walter de Gruyter.

Clüver, Cl. (1989). On Semiotic Transposition. *Poetics Today*, 10(1), 55-90.

Heffernan, J. (1991). Ekphrasis and Representation. *New Literary History*, 22(2), 297-316.

Heffernan, J. (2015). Ekphrasis: Theory. In Rippl, G. (Ed.). *Handbook of Intermediality. Literature – Image – Sound – Music*, 35-49. De Gruyter.

Hollander, J. (1995). *The Gazer's Spirit: Poems Speaking to Silent Works of Art*. The University of Chicago Press.

Jakobson, R. (1959). On Linguistic Aspects of Translation. Fang, A., Brower, R. (Eds). *On Translation*, 232-239. Harvard University Press.

Klarer, M. (2001). *Ekphrasis. Bildbeschreibung als Repräsentationstheorie bei Spenser, Sidney, Lyly und Shakespeare*. Max Niemeyer Verlag.

Krieger, M. (1992). *Ekphrasis: The Illusion of the Natural Sign*. Johns Hopkins University Press.

Lessing, G. (1766). *Laokoon oder über die Grenzen der Malerei und Poesie*. Projekt Gutenberg, <http://gutenberg.spiegel.de/lessing/laokoon/laokoon.htm> (última consulta: 28.07.2019).

¹⁸ “[T]urns the work of art – whether still or moving – into a story that mirrors the mind of a character.”

Raddatz, Fr. (1981, 8 de maio). Abschied von den Söhnen? Kein Fresko, sondern ein Flickerteppich: Zum Abschluß der Romantrilogie. Peter Weiss: "Die Ästhetik des Widerstands". Die Zeit. 8.5.1981. https://www.zeit.de/1981/20/abschied-von-den-soehnen?utm_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com

Steiner, W. (1982). *Colours of Rhetoric. Problems in the Relation Between Modern Literature and Painting*. The University of Chicago Press.

Verdonk, P. (2005). Painting, poetry, parallelism: Ekphrasis, stylistics and cognitive poetics. *Language and Literature*, 14 (3), 231-244.

Weiss, P. (1991). *Die Ästhetik des Widerstands*. In: *Werke in Sechs Bänden*, 3. Suhrkamp Verlag.

CENAS E GUIÕES NA OFICINA DO TRADUTOR LITERÁRIO – ESTUDO DE CASO

Teresa Fernandes Swiatkiewicz
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Grupo 5: Interculturalidade Ibero-Eslava

RESUMO

Reconhecendo a importância da Linguística Cognitiva nos Estudos de Tradução de um modo geral, o presente artigo, que parte da *Scenes-and-frames semantics* (SFS) de Charles Fillmore (1977, 2001, 2012), explora a ideia proposta por Krzysztof Hejwowski (2004) de aplicar a SFC à teoria e prática da tradução. Assim, o objetivo do estudo será testar a aplicabilidade da SFC no trabalho do tradutor literário.

Após a exposição da relevância da teoria da cena e do guião para a tradução literária, explora-se um estudo de caso baseado num *corpus* de quatro poemas: dois textos de partida, *Szkielet jaszczura* e *Żywy*, incluídos na antologia *Widok z ziarkiem piasku* [Vista com grão de areia], de Wisława Szymborska (1996), e os respetivos textos de chegada, *Esqueleto de salamandra* e *Vivo*, traduzidos por Júlio Sousa Gomes, integrados no volume *Paisagem com grão de areia*, de Szymborska (1998). A língua de partida é o polaco e a língua de chegada o português europeu. Os métodos de pesquisa são o cotejo dos textos e a análise linguística e cognitiva, seguidos da descrição e explicação dos fenómenos tradutórios. Observam-se nas traduções opções lexicais que deixam transparecer uma conceitualização deficiente da cena, o que conduz a desvios do guião (erros de tradução), sendo alguns deles percebidos pelo próprio leitor e outros impeditivos da compreensão integral dos textos.

Como conclusão, o presente estudo de caso pretende despertar, na Didática da Tradução, a necessidade de ensinar estudantes e profissionais de tradução a realizar exercícios de carácter cognitivo de modo a estimular a conceitualização das cenas a traduzir e a elaborar guiões adequados a essas cenas. Sendo polivalente, o mister da tradução envolve não só a tradução de palavras, frases, textos, culturas e mundividências autorais, mas também a tradução de cenas e dos respetivos guiões.

PALAVRAS-CHAVE: Cenas e Guiões; Tradução Literária; Erros de Tradução; Didática da Tradução

ABSTRACT

Recognizing the importance of Cognitive Linguistics in Translation Studies in general, this article, based on *Scenes-and-frames semantics* (SFS) by Charles Fillmore (1977, 2001, 2012), explores the idea proposed by Krzysztof Hejwowski (2004) of applying SFC to translation theory and practice. Thus, the aim of the present study will be to test the applicability of SFC in the work of the literary translator.

Firstly we present the relevance of scene and script theory for literary translation, then we explore a case study based on a corpus of four poems: two source texts *Szkielet jaszczura* [Dinosaur skeleton] and *Żywy* [Alive], included in the anthology *Widok z ziarkiem piasku* [View with grain of sand] by Wisława Szymborska (1996), and the respective target texts, *Esqueleto de salamandra* and *Vivo*, translated by Júlio Sousa Gomes, included in the anthology *Paisagem com grão de areia* by Szymborska (1998). The source language is Polish and the target language European Portuguese. The research methods are the close comparison of both source and target texts, linguistic and cognitive analysis, followed by the description and explanation of translatory phenomena. In the translations, we can observe lexical options that reveal a deficient conceptualization of the scene, leading to deviations from the script i.e. translation errors, perceived by the reader himself/herself and which do not allow for a full understanding of the texts.

In conclusion, the present case study aims to make Translation Didactics aware of the need to teach translation students and professional translators to carry out cognitive exercises in order to stimulate the conceptualization of the scenes to be translated and build suitable scripts for these scenes. Being versatile, translation involves not only rendering words, phrases, texts, cultures, and worldviews from one language into another, but also the translation of scenes and the respective scripts.

KEYWORDS: Scenes and Scripts; Literary Translation; Translation Errors; Translation Didactics

1. INTRODUÇÃO

Reconhecendo que os conceitos da Linguística Cognitiva constituem importantes ferramentas de análise nos Estudos da Língua, Literatura, Cultura e Tradução, o presente artigo parte da *Scenes-and-frames semantics* (SFS), de Charles Fillmore (1977, 2001, 2012), para explorar

a recente proposta de Krzysztof Hejwowski (2004) que defende ser possível aplicar a SFC à teoria e prática da tradução. Por conseguinte, o objetivo deste estudo será testar a aplicabilidade da SFC no trabalho do tradutor literário.

Desde a viragem cognitiva dos anos 70, a Linguística, até então centrada numa perspetiva estruturalista e formal, começou a estudar a língua em termos do significado das palavras e da sua relação com a experiência física, cultural e histórica dos falantes. A nova abordagem, assente na convicção de que o significado é construído pelos falantes através de processos cognitivos de categorização que implicam analogias e semelhanças, abre espaço para a comparação entre as línguas no âmbito da sua conceitualização. Tal é particularmente relevante no ofício da tradução não só para reconhecer potenciais problemas de tradução, mas também para os resolver.

Por seu lado, os Estudos de Tradução, uma área científica igualmente emergente na década de 70 e oficializada com a comunicação "*The Name and Nature of Translation Studies*" apresentada por Holmes (1972) no 3.º Congresso Internacional de Linguística Aplicada em Copenhaga, são hoje reconhecidamente uma interdisciplina (Snell-Hornby, 1994; Gentzler, 2014) com conexões que vão desde a Linguística até aos Estudos de Cultura.

Ao longo de dois milénios de discurso tradutológico, os teóricos têm reelaborado a essência da prática da tradução. As primeiras teorias da tradução dão-nos conta de que o mister da tradução é *traduzir palavras* (época das primeiras traduções do grego para o latim realizadas por intérpretes); mais tarde, alargou-se a ideia para afirmar que, em tradução, importa, sim, *traduzir o sentido das frases* (Cícero, Horácio, São Jerónimo); posteriormente, defendeu-se que, em tradução, se *traduzem textos, discursos* (Nida, 2004) e, mais recentemente, que *traduzir significa traduzir culturas* (a viragem cultural de Bassnett & Lefevere, 1990) e *estabelecer um processo de comunicação* (Nord, 1991; House, 2016). Em verdade, no ofício da tradução, todas estas valências participam na negociação do processo tradutório, porquanto traduzir implica ponderar escolhas e tomar decisões que levem em linha de conta fatores que se situam entre a força das palavras, o sentido das frases, a mensagem do texto, a marcação cultural e a mundividência autoral.

Embora as recentes abordagens culturais tenham relegado para segundo plano os modelos de análise linguística no estudo da tradução, não nos devemos esquecer de que, na base do processo de tradução se encontram sempre, e à partida, duas línguas, a matéria-prima primordial do mister da tradução, e um sujeito, o obreiro das operações lexicais, sintáticas, discursivas, culturais, etc. Por um lado, a complexidade e o dinamismo do processo de tradução, que culmina com um produto inacabado por natureza (os tradutores estão sempre a corrigir e a alterar as suas traduções a cada revisão que fazem), e acabado por força dos prazos e dos fins a que a tradução se destina, são ilustrados pelo número de áreas disciplinares implicadas na formação e na prática de um tradutor (conhecimento de duas línguas e de duas culturas, bem como de teoria da literatura, capacidade de comunicação interlinguística e de mediação da informação, domínio das ferramentas auxiliares da tradução, etc.). Por outro lado, os modelos aplicados para estudar a tradução divergem amplamente, com enfoques direcionados para abordagens linguísticas (Catford, 1965), funcionais (Nord, 1991), descritivas (Toury, 2012), culturais (Bassnett & Lefevere, 1990), etc. Pelo facto de os Estudos de Tradução serem uma interdisciplina que combina, entre outras, abordagens linguísticas e culturais, nela existe ainda espaço para acolher novas disciplinas, tais como a Linguística Cognitiva.

Rojo e Ibarretxe-Antuñano (2013, p. 21) defendem que «*Cognitive Linguistics provides a set of methodological tools that allow Translation Studies researchers to analyse in a more rigorous and systematic manner a set of traditional translation phenomena which demand a more unified and theoretically sound explanation*».¹ Para ilustrar o seu argumento, as autoras citam algumas áreas da Linguística Cognitiva já aplicadas por alguns investigadores aos Estudos de Tradução, designadamente, as noções da gramática cognitiva, os esquemas imagéticos, a noção de significado enciclopédico, a metáfora concetual e a metonímia.

Outros conceitos da Linguística Cognitiva também se afiguram produtivos no âmbito dos Estudos de Tradução, por exemplo, a categorização da realidade que, enquanto fenómeno cognitivo-linguístico, se reflete no léxico e na gramática das línguas. Dado que

¹ «A Linguística Cognitiva faculta um conjunto de ferramentas metodológicas que permitem aos investigadores dos Estudos de Tradução analisar de modo mais rigoroso e sistemático um conjunto de fenómenos tradutórios tradicionais que exigem uma explicação mais uniformizada e teoricamente mais sólida» (Tradução nossa – doravante, Tn.).

cada povo constrói representações mentais de acordo com a sua experiência, as línguas não são correspondências, apresentando, por vezes, categorizações da realidade diferentes como, por exemplo, os nomes coletivos referentes a tipos de florestas, que são diferentes em português e polaco, fruto dos territórios onde as duas línguas nasceram. Assim, em português, temos o *olival*, o *pinhal*, o *eucaliptal*, o *souto* e o *montado* (nomes do género masculino), ao passo que em polaco existe *leszczyna* [conjunto de aveleiras], *brzezina* [conjunto de bétulas], *olszyna* [conjunto de amieiros], *jedlina* [conjunto de abetos] e *bukowina* [conjunto de faias], nomes coletivos do género feminino. O facto de não haver equivalentes linguísticos para estes itens lexicais em ambas as línguas, levará o tradutor a optar por técnicas de tradução que envolvam a expansão ou a explicitação.

De igual modo, as expressões idiomáticas refletem a experiência corpórea e social dos falantes, o que transparece em diferentes concetualizações dessa mesma experiência de vida, tal como no exemplo que seguidamente se apresenta. Em polaco diz-se: *wszyscy jedziemy na tym samym wozie* [todos seguimos na mesma carroça], o que em português se traduz por *todos navegamos no mesmo barco*. Este exemplo ilustra uma unidade fraseológica que transmite diferentes experiências culturais de polacos e portugueses. A ligação do imaginário polaco à *carroça* é visível noutros provérbios, cuja palavra-chave é a *carroça*: *Baba z wozu, koniom lżej* [mulher fora da carroça, cavalos mais leves]; *Co z woza upadło, to przepadło* [o que caiu da carroça, perdeu-se], etc.. Por seu lado, o mar e a proximidade ao mar tiveram grande influência na identidade, cultura e língua portuguesas. Daí que os meios de transportes por água estejam igualmente patentes numa série de provérbios do português: *Barco parado não faz viagem*; *Barco precário, todo o vento é contrário*; *Barcos virão, novas trarão*; *No arrumar da barca se vê o pescador*, etc. Face a estas diferenças na concetualização da experiência, o tradutor terá à escolha a tradução literal – equivalência formal (Nida, 2004) ou estrangeirização (Venuti, 1998), possível em alguns casos, mas não em todos – ou a tradução através de uma expressão equivalente na língua de chegada – tradução dinâmica ou funcional (Nida, 2004) ou domesticação (Venuti, 1998).

Outra noção particularmente útil para a tradução literária é a de domínio, que Langacker (1987, p. 147) define como «*necessarily cognitive*

entities: mental experiences, representational spaces, concepts, or conceptual complexes»². Os domínios (cognitivos ou conceituais) são, portanto, estruturas através das quais os falantes organizam cognitivamente e linguisticamente o conhecimento. Por exemplo, palavras como *lento* e *veloz* designam conceitos do domínio de VELOCIDADE, e nós só compreendemos na íntegra o significado destas palavras com referência ao sistema cognitivo deste domínio. O conceito de domínio (cognitivo) encontra-se ligado ao de campo lexical, «conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual» (DT); logo, traduzir significa evocar e cotejar diferentes experiências cognitivas e diferentes representações mentais, tanto mais que o significado das palavras está ancorado na experiência da linguagem-em-uso (Batoréo, 2004) e relaciona-se com o conhecimento enciclopédico do mundo; este pode ser comum a todos os homens, mas também pode ser exclusivo de determinadas comunidades ou grupos, sendo partilhado social e culturalmente. Surpreendentemente, a noção de domínio presta-se para explicar determinados tipos de procedimentos tradutórios, como o empobrecimento do léxico afeto a certo domínio, e alguns erros de tradução que consistem em trocar algarismos, ou itens lexicais, no seio do mesmo domínio conceitual como, por exemplo: trocar *cave* por *sótão* ou *vale* por *planície*.

Por fim, pelo facto de a metáfora não ser apenas uma figura de retórica, mas também de pensamento, e ocorrer amiúde no texto literário, os Estudos de Tradução poderão beneficiar da *Conceptual Metaphor Theory* na resolução de diferentes problemas tradutórios associados às metáforas, bem como na sua análise através do mapeamento conceitual dos domínios fonte e alvo, que amiúde se relacionam com a experiência dos povos e, portanto, evidenciam diferenças culturais. Por exemplo, a metáfora conceitual HUMAN BEING IS AN ANIMAL [O SER HUMANO É UM ANIMAL] mapeia partes do corpo humano com animais, sendo expectável que em línguas diferentes possa não haver correspondência entre os domínios-alvo e os domínios-fonte. Para efeitos de tradução, a estratégia balizar-se-á novamente entre domesticação ou estrangeirização (Venuti, 1998), ou seja, respetivamente, substituir a metáfora original por uma metáfora em uso na língua de chegada

² «os domínios são entidades necessariamente cognitivas: experiências mentais, espaços representacionais, conceitos ou complexos conceituais». (Tn).

ou manter a metáfora original, introduzindo um elemento forasteiro na língua de chegada. A título de exemplo dos dois casos, cite-se a expressão polaca *sokole oko* [olho de falcão], empregue por Szymborska (1996, p. 90), que foi traduzida para português como *olho de águia* (Szymborska, 2004, p. 181) e *olho de falcão* (Szymborska, 1998, p. 171).

Estas são algumas das muitas aplicações possíveis dos conceitos da Linguística Cognitiva, não só nos Estudos de Tradução, mas também na Didática da Tradução, a explorar em posteriores trabalhos; neste artigo, porém, o enfoque recai sobre a aplicabilidade da SFS na análise, na prática e no ensino da tradução.

2. ESTUDOS DE TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA COGNITIVA

Partindo dos objetivos traçados por Holmes (1972/2004, p. 176) para os Estudos de Tradução – «(1) *to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted*»³ –, a Linguística Cognitiva pode constituir uma mais-valia para a descrição quer do processo quer do produto da tradução. Primeiro, porque a Linguística Cognitiva pode ajudar a descrever a tradução enquanto processo cognitivo, contribuindo para a aproximação e interligação de aspetos linguísticos e culturais com aspetos afetos à cognição e, em segundo lugar, porque pode facultar aos Estudos de Tradução um novo paradigma concetual aliado a novas ferramentas de análise que permitam descrever e estudar as traduções enquanto processo e produto, em que um sujeito, duas línguas e duas culturas se defrontam. Além disso, a Linguística Cognitiva pode ainda ter um papel relevante no cotejo de aspetos respeitantes à concetualização de mundos diferentes em línguas diferentes, com vista à resolução de problemas tradutórios.

A tradução não é uma simples substituição de palavras e de frases de uma língua para outra, regida por regras linguísticas, suscetível de avaliação em termos de certo ou errado; é, sobretudo, um processo de interpretação, negociação, mediação e comunicação entre dois mundos concetuais diferentes. Reconhecer a natureza cognitiva da

³ «(1) descrever os fenómenos do traduzir e da(s) tradução(ões) tal como eles se manifestam no mundo da nossa experiência, e (2) estabelecer os princípios gerais através dos quais estes fenómenos possam ser explicados e previstos». (Tradução nossa).

tradução implica compreender, descrever e explicar os processos mentais que ocorrem na mente do tradutor. Por outras palavras, significa perspetivar a relação entre processo e produto da tradução como uma relação, em que o comportamento do tradutor tanto é regulado por normas de tradução intersubjetivas como por estratégias cognitivas subjetivas (Toury, 2012, pp. 61-92).

As perguntas que norteiam a investigação cognitiva prendem-se, entre outras, com a questão de saber como é que os tradutores traduzem, *i.e.*, como criam significados contextualizados em novos textos, como selecionam as estratégias e as técnicas de tradução, como é que o produto da tradução pode refletir a sua competência linguística e cultural e pode deixar transparecer a sua compreensão e interpretação dos textos.

Como a Linguística Cognitiva incorpora um diversificado conjunto de abordagens cognitivas com conceitos e instrumentos de análise próprios (a teoria dos protótipos, a metáfora concetual, a semântica cognitiva, etc.), algumas das suas áreas já são aplicadas aos Estudos de Tradução, conforme anteriormente se explicitou. Na Polónia, Hejwowski (2004) publicou uma obra de referência que agrega princípios da Linguística Cognitiva e dos Estudos de Tradução: *Kognitywno-komunikacyjna teoria przekladu* [Teoria da Tradução cognitivo-comunicacional]. Nela, o capítulo intitulado *Błędna interpretacja sceny lub scenariusza* [Interpretação errada da cena ou do guião] constitui uma proposta de aplicação da teoria da SFS de Fillmore (1977) à análise do produto da tradução. No presente artigo, parte-se da SFS de Fillmore (1977, 2001, 2012) com o objetivo de explorar e aplicar a proposta de Hejwowski (2004), testando, assim, a sua aplicabilidade à teoria e prática da tradução literária e, conseqüentemente, consolidando a convicção da importância da concetualização das cenas no processo de tradução, com vista a evitar desvios indesejáveis que infrinjam a observância dos respetivos guiões.

3. CENAS E GUIÕES EM TRADUÇÃO

No seu artigo seminal intitulado *Scenes-and-frames semantics*, Charles Fillmore (1977) delineou os primórdios de uma teoria linguística do significado que contemplasse a descrição do significado das palavras em termos de *cenas* e *esquemas prototípicos*, no seio dos quais as mesmas

ocorrem. Inicialmente, o linguista americano propôs a distinção entre *cenas*, que eram um constructo cognitivo ou conceitual, estreitamente relacionado com a experiência humana, e *esquemas*, uma entidade linguística; mais tarde, Fillmore (1982, p. 111) define *frame* como “any system of concepts related in such a way that to understand any of them you have to understand the whole structure in which it fits”⁴.

Um esquema é, portanto, uma representação mental estruturada que se relaciona com determinadas situações de interação, enraizadas nas respectivas escolhas linguísticas que formam guiões. Um dos exemplos mais citados para ilustrar *frame* é o do restaurante, onde se entra para comer (e não, por exemplo, para ver um filme) – o que constitui a *cena* no sentido de Fillmore –, enquanto a relação do cliente com o empregado de mesa é regida por um guião construído com base em escolhas linguísticas que começam quando se entra e se pede uma mesa, e terminam com o pedido de pagamento da conta. Uma palavra evoca um conjunto recorrente de conhecimentos e de experiências necessário à sua compreensão – tudo isto constitui uma *semantic frame* [quadro semântico].

A teoria de Fillmore, estreitamente relacionada com o chamado conhecimento enciclopédico do mundo, sugere que só podemos compreender o pleno significado das palavras se conhecermos o contexto da sua ocorrência. Posteriormente, e face à proliferação terminológica, Fillmore apresenta uma definição englobante:

The idea behind frame semantics is that speakers are aware of possibly quite complex situation types, packages of connected expectations, that go by various names – frames, schemas, scenarios, scripts, cultural narratives, memes – and the words in our language are understood with such frames as their presupposed background (Fillmore, 2012, p. 712).⁵

No entanto, a distinção entre *scenes* e *frames* continua a ser explorada e a revelar-se funcional nos Estudos de Tradução. Hejwowski

⁴ «qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que para compreender qualquer um deles há que compreender toda a estrutura em que se encaixam» (Tradução nossa).

⁵ «A ideia subjacente a *frame semantics* [semântica de quadros/enquadramentos/esquemas] é a de que os falantes estão conscientes da existência de situações-tipo possivelmente muito complexas, pacotes de expectativas relacionadas, conhecidos sob várias designações – *frames* [enquadramentos], *schemas* [esquemas], *scenarios* [cenários], *scripts* [guiões], *cultural narratives* [narrativas culturais], *memes* [memes] – e que as palavras da nossa língua são entendidas em relação a esses esquemas e aos seus contextos implícitos» (Tradução nossa).

(2004) retomou-a, reformulou-a e adaptou-a para fins da sua aplicação à análise descritiva do produto da tradução. Designando o binómio em polaco como *scena* e *scenariusz*, aqui traduzidos como *cena* e *guião*, Hejwowski (2004, p. 133) restringe *cena* ao conhecimento visual, corpóreo, individual e social que o falante tem do mundo, e entende *guião* como o conjunto de meios lexicais e sintáticos disponíveis para referir e construir uma *cena*, a qual pode ser uma situação, um estado ou um evento:

Certos enunciados conduzem-nos a associações inevitáveis com cenas ou guiões típicos: quando ouvimos “faca e garfo”, ativamos de imediato cenas e guiões relacionados com comida; a expressão “bater um recorde” leva-nos a pensar em cenas e guiões desportivos. Nas situações típicas do quotidiano, a nossa vida é grandemente facilitada, pois temos automaticamente à disposição todo o nosso conhecimento relativo a um determinado tema. Contudo, em situações não típicas (o que frequentemente acontece na literatura, já que esta geralmente não se dedica a descrever aquilo que é típico) podemos cair na armadilha de uma interpretação errada (Hejwowski, 2004, p. 133). (Tradução nossa).

Os conceitos de *cena* e *guião* constituem valiosos instrumentos de análise das traduções, pois permitem equacionar a concetualização das cenas por parte dos tradutores, o que se reflete nos respetivos guiões. O presente artigo tem, portanto, como objetivo testar a proposta de Hejwowski no âmbito da descrição e explicação de fenómenos tradutórios por intermédio de ferramentas de análise, como as *cenas* e os *guiões*.

4. CENAS E GUIÕES – ESTUDO DE CASO

O presente estudo de caso baseia-se num *corpus* constituído por quatro poemas: dois textos de partida (TP) *Szkielet jaszczura* e *Żywy*, incluídos na antologia *Widok z ziarkiem piasku* [Vista com grão de areia] de Wisława Szymborska (1996), e os respetivos textos de chegada (TC), *Esqueleto de salamandra* e *Vivo*, traduzidos por Júlio Sousa Gomes, no volume *Paisagem com grão de areia* (1998). A língua de partida (LP) é o polaco e a língua de chegada (LC) é o português europeu. Os métodos de pesquisa são o cotejo dos textos, ou seja, a leitura paralela e minuciosa do TP e do TC em busca de correspondências, equivalências

e erros de tradução com vista à subsequente análise linguística, seguida da descrição e explicação dos fenómenos tradutórios. Nos poemas cotejados e analisados, observar-se-á que as opções lexicais deixam transparecer uma conceitualização deficiente da cena e conduzem a erros de tradução, alguns dos quais são perceptíveis pelo próprio leitor e outros são impeditivos da compreensão global do texto.

a. A SALAMANDRA QUE ERA UM DINOSSAURO

Em tradução existem ocorrências que levantam dúvidas mesmo ao leitor que desconhece a LP, tal como acontece no exemplo abaixo transcrito. Para todos os exemplos são apresentados o texto de partida (TP), a glosa (GL) e o texto de chegada (TC).

(1)

TP	Szkielet jaszczura
GL	Esqueleto (de) dinossauro
TC	Esqueleto de salamandra

No poema *Szkielet jaszczura* [Esqueleto de dinossauro], traduzido como *Esqueleto de salamandra*, é descrito o esqueleto de um réptil desproporcionado e extinto, que o leitor facilmente identifica como sendo a descrição do esqueleto de um dinossauro exposto num museu de História Natural. A tradução portuguesa diz-nos, porém, que se trata do esqueleto de uma salamandra, um pequeno réptil. Eco (2005) analisa este tipo de ocorrências do seguinte modo:

[é] possível reconhecer o texto que ela [a tradução] pretende traduzir; significa também que um intérprete arguto pode inferir da tradução de um original desconhecido – evidentemente errada – o que aquele texto provavelmente dizia na realidade (Eco, 2005, p. 47).

Nestes casos, basta ao leitor atento acionar os seus conhecimentos do mundo, fazer algumas inferências sobre a situação descrita no texto, visualizar a cena e aplicar os seus conhecimentos linguísticos para detetar o erro. É o que sucede com o poema *Esqueleto de salamandra*, no qual o leitor, mesmo sem conhecer a LP e sem aceder ao TP, percebe que não se trata de uma *salamandra*, mas de um *dinossauro*.

(2)

TP	Oto szkielet jaszczura piętrzy się przed nami
GL	Eis esqueleto (de) dinossauro ergue-se diante (de) nós
TC	O esqueleto de salamandra à nossa frente

Na primeira estrofe do TP lê-se: «Oto szkielet jaszczura piętrzy się przed nami» [Eis o esqueleto de um dinossauro que se ergue diante de nós]. Por seu lado, a tradução diz: «O esqueleto de salamandra à nossa frente». A omissão do verbo polaco *piętrzyć się*, que significa à letra 'erguer-se em andares, em camadas cada vez mais altas', afeta a correta interpretação da cena, na medida em que a tradução omite a palavra que poderia desambiguar a opção entre *dinossauro* e *salamandra* e permitiria visualizar a verdadeira dimensão do esqueleto do réptil.

(3)

TP	Panie, Panowie, taka główka niczego nie mogła przewidzieć I dlatego jest główką wymarłego gada.
GL	Senhoras, senhores, Tal cabecinha nada não podia prever E por isso é cabecinha (de) extinto réptil.
TC	Senhoras e Senhores, esta cabecita, é a cabeça de um pobre réptil morto.

Na quinta estrofe, o TP diz: «Panie, Panowie, / taka główka niczego nie mogła przewidzieć / I dlatego jest główką wymarłego gada» [Senhoras, senhores, / tal cabecinha não era capaz de prever nada / e, por isso, é a cabecinha de um réptil extinto]. Já na tradução lê-se: «Senhoras e Senhores, / esta cabecita, / é a cabeça de um pobre réptil morto». Verifica-se aqui a omissão de alguns constituintes da estrofe e uma opção tradutória por sinonímia que não obedece ao guião linguístico da cena. Como o tradutor não compreendeu que se tratava de um *dinossauro*, considerou que o cicerone do museu descrevia um réptil *morto* (em polaco, *martwy* ou *umarty*) e não um réptil já *extinto* (*wymarły*).

A descrição dos desvios lexicais relativamente ao guião linguístico da cena [DINOSSAURO EM MUSEU], apurada na tradução portuguesa do poema de Szymborska, permite avançar com uma explicação fundamentada nas noções de cena e guião. Antes de mais, pode inferir-se que nem durante o processo de tradução, nem após a leitura

do produto final, o tradutor foi capaz de conceitualizar a cena descrita no poema. Para isso, seria necessário distanciar-se da letra do texto (palavras e frases) para visualizar o contexto, ou seja, imaginar a cena que decorre no museu de História Natural onde um cicerone descreve aos turistas o esqueleto de um dinossauro exposto. Seguidamente, seria preciso que o tradutor invocasse o acerbo linguístico afeto a essa cena, tal como Fillmore explica na seguinte passagem:

The interpreter of a text invokes a frame when assigning an interpretation to a piece of text by placing its contents in a pattern known independently of the text. A text evokes a frame when a linguistic form or pattern is conventionally associated with that particular frame (Fillmore, 1985a, p. 232).⁶

À problemática cognitiva acresce ainda a dificuldade linguística do tradutor que tomou duas palavras parónimas da LP como sinónimos. No poema de Szymborska, a palavra *dinossauro* é transmitida pelo vocábulo *jaszczur*, que designa répteis extintos da era mesozoica; em polaco, porém, existe ainda a palavra *jaszczurka* [lagarto / lagartixa] que, muito provavelmente, prevaleceu na mente do tradutor e o conduziu a uma série de desvios tradutórios em cadeia que puseram em causa a clareza da tradução.

b. A ARANHA, NOSSA PRIMA FIANDEIRA

O poema *Żywy* [Vivo] descreve o palco da evolução das espécies e compara o comportamento sexual das mulheres de hoje com o da viúva negra, a qual é – segundo Szymborska – a par de bétulas, lagartixas e outros seres do género feminino, uma das muitas antepassadas da mulher. A cena descrita no poema evoca aquele que é o traço distintivo da viúva negra: a fêmea alimenta-se do macho após a cópula. Este detalhe gera um conjunto de alusões no TP que se perdem no TC, porque o tradutor não soube conceitualizar a cena, nem a interpretar no âmbito do respetivo guião linguístico.

⁶ «O intérprete de um texto invoca um *frame* [enquadramento] quando atribui uma interpretação a um texto, colocando o seu conteúdo num padrão já conhecido, independentemente do texto. Um texto evoca um *frame* quando uma forma linguística ou um padrão estão associados convencionalmente a esse enquadramento particular».

(4)

TP	Ku zgorzeniu pajęczycy, krewnej naszej po kądzieli, on nie zostanie pożarty.
GL	Para afronta (de) aranhão, parente nossa após lado materno ele não será devorado.
TC	Para escândalo da aranha, nossa prima fiandeira não será ele devorado.
TC (inglês)	To the outrage of the black widow our relative of the maternal side he will not be devoured.

Na segunda estrofe, lê-se em polaco: «Ku zgorzeniu pajęczycy, / krewnej naszej po kądzieli, / on nie zostanie pożarty» [Para afronta da grande aranha / parente nossa pelo lado materno / ele não será devorado]; e a tradução portuguesa reza: «Para escândalo da aranha, / nossa prima fiandeira / não será ele devorado».

O poema *Vivo* coloca um problema de tradução, porque Szymborska não emprega a palavra *czarna wdowa* [viúva negra], demasiado explícita, mas uma alusão sinonímica: *pajęczycyca* [grande aranha]. O problema tradutório agrava-se porque o termo *pajęczycyca* também é utilizado metaforicamente em polaco para designar mulheres que, com as suas manhas, tecem teias onde apanham e dominam os homens. Verter *pajęczycyca* como simples *aranha* não favorece a visualização da cena por parte do leitor, nem a compreensão do poema. Atendendo à falta de uma correspondência lexical entre o português e o polaco, a alternativa seria empregar a técnica de tradução da particularização, que consiste em especificar de que aranha se trata, neste caso, da *viúva negra*. Embora, deste modo, o TC torne explícito o que no TP está implícito, tal é preferível à alternativa de o poema não ser compreendido pelo leitor.

Aliás, a versão inglesa, da lavra de Kryński e Maguire (Szymborska, 1981, p. 69), opta precisamente pela técnica da particularização: «*To the outrage of the black widow / our relative of the maternal side / he will not be devoured*». Os tradutores americanos identificaram no TC a espécie de aranha referida na cena descrita por Szymborska para que o leitor pudesse interpretar o poema adequadamente.

No caso da tradução portuguesa, tudo indica que o tradutor não soube conceitualizar a cena e não associou o verbo *devorar* à viúva negra. Julgando, provavelmente, que se tratava de uma comparação entre a mulher e a vulgar aranha, optou por uma tradução livre do segundo verso da estrofe: a aranha, que no TP é antepassada remota das mulheres na evolução das espécies – «parente nossa pelo lado materno» –, passa a ser, no TC, a simpática aranha que tece a teia, a laboriosa aranha que, tal como as mulheres, sabe fiar – «nossa prima fiandeira». A imagem da *aranha-fiandeira* não se coaduna com a cena descrita em que paira a visão da aranha-devoradora (de machos). O desvio lexical e semântico ocorrido nos primeiros versos do poema, que são essenciais para a conceitualização e desambiguação da cena descrita, põe em causa a interpretação do poema na tradução em português.

(5)

TP	Wygwizdane z misterium. Rozbrojone ze zbrodni. Wydziedziczone z żeńskiej grozy.
GL	Assobiadas de mistério. Desarmadas de crime. Deserdadas de feminina ameaça.
TC	Apupadas do mistério. Desarmadas do crime. Deserdadas do feminil pavor.

Neste poema observa-se igualmente que a conceitualização deficiente de uma cena acarreta desvios linguísticos em cadeia. Mais adiante, a poetisa explica a razão pela qual as mulheres, na evolução da espécie, perderam por completo o carácter tenebroso da sua antepassada, a viúva negra: «Wygwizdane z misterium. / Rozbrojone ze zbrodni. / Wydiedziczone z żeńskiej grozy» [Expulsas com assobios do mistério. / Desarmadas do crime. / Deserdadas da ameaça feminina]. Em português, lê-se: «Apupadas do mistério. / Desarmadas do crime. / Deserdadas do feminil pavor». A explicação de Szymborska passa por um tópico recorrente na sua poesia: o teatro, neste caso, o mistério medieval. Terá sido um público (imaginário) quem expulsou as mulheres do palco (da vida) com assobios de reprovação pela prática de antropofagia. Desprovidas da natureza devoradora com que aterrorizavam os machos, as mulheres tornaram-se inofensivas. Na tradução portuguesa, as mulheres foram deserdadas do «feminil pavor», uma ideia contrária à

do original. Ora, as mulheres, herdeiras da viúva negra, não eram vítimas de pavor; constituíam, sim, uma ameaça, sendo geradoras de terror.

(6)

TP	On juz zapomniat uciekać przed nami. Nie zna, co to na karku wielooki strach.
GL	Ele já esqueceu fugir de nós. Não sabe que (é ter) na nuca (de) muitos-olhos medo.
TC	Ele já se esqueceu de fugir de nós Não sabe o que é ter na nuca um avejão de mil olhos.

As antigas mulheres, geradoras de terror, não só levavam os homens a fugir delas com medo, como ainda os punham em constante estado de alerta, o que é transmitido metaforicamente pela expressão: «*na karku / wielooki strach*» [na nuca / um medo de mil olhos], expressão traduzida por «na nuca / um avejão de mil olhos», o que, mais uma vez, compromete a interpretação do poema em português, porque omite a palavra-chave *medo*.

(7)

TP	w uścisku przedawnionej śmierci.
GL	em abraço de prescrita morte.
TC	no amplexo de uma morte antiquíssima.

O poema encerra com uma explicação para o facto de as mulheres de hoje não devorarem os homens após o ato sexual, podendo estes adormecer «*w uścisku przedawnionej śmierci*» [no abraço de uma morte prescrita]. A tradução portuguesa diz-nos que o homem adormece «no amplexo de uma morte antiquíssima», uma ideia contrária à do original, porque o tradutor não reconheceu a alusão jurídica do particípio passado *przedawniona* [prescrita] e verteu a palavra através do adjetivo *antiquíssima* (provavelmente, confundiu duas palavras parónimas em polaco: *przedawny* [antiquíssimo] e *przedawniony* [prescrito]).

O final do poema invoca um abraço (que já não mata) entre um homem e uma mulher, possível hoje em dia, porque o tribunal da natureza e da evolução das espécies ditou a prescrição ou a abolição da lei que

permitia às fêmeas devorarem os machos após a cópula.

A descrição dos desvios lexicais ocorridos na tradução de Żywy, relativamente ao guião linguístico da cena [EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE], no qual a viúva negra e a mulher são protagonistas, leva-nos a inferir que o tradutor, demasiado ligado às palavras, não foi capaz de conceitualizar a cena descrita no poema e, como consequência, não obedeceu ao respetivo guião linguístico.

c. SISTEMATIZAÇÃO DAS CENAS, GUIÕES E DESVIOS

Para sistematizar as cenas aqui analisadas, apresenta-se abaixo uma tabela, inspirada no trabalho de Fillmore e Baker (2001), em que as cenas são acompanhadas dos guiões subjacentes, bem como dos respetivos desvios/erros tradutórios apurados no cotejo e na análise de dois pares de poemas.

Tabela 1. Cenas, guiões e desvios

CENAS	AGENTES DA CENA	DESVIOS AOS AGENTES DA CENA	GUIÃO – TRAÇOS PROTÓTIPICOS	DESVIOS AO GUIÃO
DINOSSAURO EM MUSEU	dinossauro	salamandra	ergue-se extinto	à nossa frente morto
EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE (viúva negra → mulher)	viúva negra	aranha (vulgar)	parente materna ameaça feminina medo de mil olhos morte prescrita	prima fiandeira feminil pavor avejão de mil olhos morte antiquíssima

5. NOTAS FINAIS

Os exemplos aqui analisados demonstram o que é uma cena e o respetivo guião. Evidenciam ainda que, quando o tradutor é incapaz de conceitualizar a cena, a tradução afasta-se do guião por meio de desvios ou erros linguísticos que comprometem a interpretação do TC por parte do leitor. Por fim, exemplificam como a liberdade do tradutor é condicionada pela cena e pelo guião subjacente.

O caso aqui analisado parece dar razão a Rojo e Ibaberretxe-Antuñano (2013, p. 20) que argumentam: “It [Cognitive Linguistics] also supports a more explanatory approach to account for many translation phenomena which remained unexplained or unclear such as transfer,

equivalence, translation shifts and translation norms".⁷ Acrescente-se a esta lista que a Linguística Cognitiva pode ainda ajudar a explicar alguns fenómenos tradutórios considerados erros e desvios lexicais, conforme demonstrado.

A questão, que seguidamente se coloca, já do foro da Psicolinguística, prende-se com as causas do comportamento tradutório conducente a erros e desvios. As causas poderão ser atribuíveis a diferentes fatores, tais como: insuficiência de conhecimentos linguísticos da LP; tradução realizada com enfoque na palavra que descure tanto a frase como o contexto; desconcentração; falta de tempo para ponderar e rever; dificuldade em visualizar mentalmente as cenas descritas; dificuldade em concetualizar e ativar as cenas com os respetivos guiões. No que respeita a esta última lacuna, a Linguística Cognitiva, que constitui uma útil ferramenta de análise, descrição e explicação de alguns erros em tradução, pode ainda contribuir para a formação de tradutores no âmbito da Didática da Tradução, um dos ramos dos Estudos de Tradução.

Se errar é humano, e a tendência para o erro em tradução é uma evidência, o estudo do erro deve ser encarado como contributo para compreender o processo de tradução e averiguar os perigos que espreitam a atividade tradutória, a fim de prever e evitar erros recorrentes. As irregularidades aqui apuradas funcionam como indicadores de áreas nevrálgicas a colmatar através de exercícios prévios ao processo de tradução.

No manual dirigido sobretudo a estudantes de tradução, Nord (1991) explica a necessidade de analisar profundamente os textos de partida antes de se proceder à sua tradução. Para tal, apresenta um modelo didático com a lista dos fatores extratextuais e intratextuais que o tradutor deve analisar previamente com vista a facilitar, a si próprio, o processo tradutório (e, conseqüentemente, a evitar erros e desvios). Apesar de se tratar de um modelo atual e funcional, o facto de adotar um enfoque de análise textual, deixa-nos espaço para adicionar uma abordagem cognitiva que permita contrastar as diferentes concetualizações do mundo em línguas diferentes em estreita relação com o repertório linguístico subjacente.

⁷ «Ela [Linguística Cognitiva] também providencia uma abordagem mais explicativa para dar conta dos muitos fenómenos da tradução que permaneciam por explicar ou clarificar, tais como, a transferência, a equivalência, as mudanças tradutórias e as normas de tradução» (Tradução nossa).

No âmbito da Didática da Tradução, o primeiro passo seria consciencializar os tradutores da importância de exercitar a mente e a imaginação a fim de visualizar as cenas descritas nos textos literários, em particular na poesia, porquanto traduzir não é só verter palavras, frases e textos. O segundo passo, já no âmbito da leitura e interpretação do TP, seria invocar as cenas ou os esquemas prototípicos e inseri-los num padrão de acordo com o nosso conhecimento enciclopédico e partilhado do mundo. Nesta fase, podem, ou não, sobressair diferentes conceitualizações do mundo em línguas diferentes que requerem estratégias de tradução diferentes da tradução literal. Por exemplo, a tradução de gestos e de linguagem corporal, que são formas de comunicação tão importantes como a expressão verbal, muitas vezes necessita de uma explicitação por parte do tradutor. O texto traduzido só evocará adequadamente uma cena se as escolhas linguísticas se associarem convencionalmente a esse esquema particular.

O estudo de caso aqui explorado, apesar de baseado na análise de erros de tradução e sua explicação, pretende contribuir para a dimensão positiva do treino e da prática de estudantes e profissionais de tradução através de exercícios de carácter cognitivo. Retomando a ideia inicial, podemos finalizar com a convicção de que o mister da tradução é polivalente, envolvendo a tradução de palavras, frases, textos, culturas, mundividências autorais e, ainda, cenas e respetivos guiões.

FONTES PRIMÁRIAS

Szyborska, W. (1981). *Sounds, Feelings, Thoughts: Seventy Poems*. (Kryński, M. J., & Maguire, R. A., Trad.). Princeton University Press.

Szyborska, W. (1996). *Widok z ziarnkiem piasku*. Wydawnictwo A5.

Szyborska, W. (1998). *Paisagem com grão de areia*. (Gomes, J. S., Trad.). Relógio d'Água. (Edição bilingue).

Szyborska, W., & Miłosz, C. (2004). *Alguns gostam de poesia*. (Milewska, E., & Neves, S., Trad.). Cavalo de Ferro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bassnett, S. & Lefevere, A. (1990). *Translation, History and Culture*. Printer Publishers.

- Batoréo, H.** (2004). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*. CD-ROM Galardado com O Grande Prémio Internacional de Linguística de Lindley Cintra 2005. Universidade Aberta.
- Catford, J.** (1965). *A linguistic theory of translation: An Essay in Applied Linguistics*. Oxford University Press.
- Fillmore, Ch.** (1977). Scenes-and-frames semantics. In Zampolli, A. (Ed.), *Linguistics Structures Processing*, 55-81. North Holland Publishing Company.
- Fillmore, Ch.** (2012). Encounters with language. *Computational Linguistics*, 38(4), 701–718. https://doi.org/10.1162/COLI_a_00129
- Fillmore, Ch., & Baker, C.** (2001). Frame semantics for text understanding. In *Proceedings of WordNet and Other Lexical Resources Workshop*. North American Chapter of the Association for Computational Linguistics (NAACL).
- Gentzler, E.** (2014). Translation Studies: Pre-Discipline, Discipline, Interdiscipline, and PostDiscipline. In *International Journal of Society, Culture & Language*, 13-24.
- Hejwowski, K.** (2004). *Kognitywno-komunikacyjna teoria przekładu* [Teoria cognitivocomunicativa da tradução]. Wydawnictwo Naukowe PWN.
- Holmes, J.** (1972/2004). The name and nature of translation studies. In Venuti, L. (Ed.), *The Translation Studies Reader*, 170-185. Routledge.
- House, J.** (2016). *Translation as Communication across Languages and Cultures*. Routledge.
- Molina, L., & Albir, A.** (2002). Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach, *Meta*, 47(4), 498-512.
- Nida, E.** (1964/2004). Principles of Correspondence. In Venuti, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*, 126-140. Routledge.
- Nord, Ch.** (1991). *Text Analysis in Translation. Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Rodopi.
- Rojo, A., & Ibarretxe-Antuñano, I. (Eds.)**. (2013). *Cognitive Linguistics and Translation: Advances in Some Theoretical Models and Applications*. De Gruyter Mouton.
- Snell-Hornby, M., Pochhacker, F., & Kaindl, K. (Eds.)**. (1994). *Translation Studies: An Interdiscipline*. J. Benjamins.

Toury, G. (1995/2012). *Descriptive translation studies – and beyond: Revised edition*. John Benjamins.

Venuti, L. (1998). Strategies of translation. In Baker, M., & Malmkjær, K. (Eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, pp. 240-244. Routledge.

